



35º colóquio da lusofonia - abril 2022 - Belmonte



ISBN 978-989-8607-18-8



9 789898 607188

ISBN 978_989_8607_18_8

ÍNDICE

1. [Temas do 35º colóquio](#)
2. [Comissões](#)
3. [Instruções de publicação](#)
4. [Lista de participantes](#)
5. [Horário das sessões](#)
6. [Discurso de abertura do 35º colóquio](#)
7. [Trabalhos finais, Biodados e sinopses dos participantes](#)

1. TEMAS

TEMA 1 AUTORES LOCAIS E TEMAS

- 1.1. HOMENAGEM a (Pedro Álvares) Cabral. Belmonte e o Brasil.
- 1.2. Autores nativos de Belmonte que se distinguiram em qualquer ramo do saber
- 1.3. Belmonte: o concelho, história, etnografia, geografia, tradições e cultura.
- 1.4. Judeus em Belmonte e no mundo
- 1.5. Outros temas locais

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)

- 2.1. Língua Portuguesa em Portugal, Brasil e no mundo.
- 2.2 Outros temas lusófonos, outras ciências do saber lusófono.

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

- 3.1 Arquipélago da Escrita - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos
- 3.2. Açorianos em Macau e em Timor – Cardeal Costa Nunes, D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.
- 3.3. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, –

TEMA 4 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES) TRADUZIR EM PANDEMIA

- 4.1. Tradução de Literatura lusófona
- 4.2, tradução de e para português

2. COMISSÕES

DIREÇÃO / COMISSÃO EXECUTIVA DO COLÓQUIO

PRESIDENTE,

Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção e da Comissão Executiva Colóquios

VICE-PRESIDENTES,

Helena Chrystello, S Miguel, Açores

Pedro Paulo Câmara, APRODAZ e UAç

VOGAIS: EMPDS (Joaquim Feliciano da Costa, Susana Miranda e Elisabete Manteigueiro) / Câmara Municipal (Presidente António Dias da Rocha)

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Açores

ADJUNTOS: Pedro Paulo Câmara, Açores / Luciano Pereira, ESE Setúbal / Rolf Kemmler UTAD e ACL

VOGAIS: EMPDS (Joaquim Feliciano da Costa, Susana Miranda e Elisabete Manteigueiro) e Câmara Municipal (Presidente António Dias da Rocha)

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE – TRIÉNIO 2017- 2020

Chrys Chrystello, MA, Academia Galega Da Língua Portuguesa, Presidente da Direção da AICL, Açores

Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil

Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instº Politécnico Setúbal, Portugal

Manuel Urbano Bettencourt Machado, Universidade os Açores (Jubilado)

Maria de Lourdes Crispim, FCSH (Universidade Nova)

Maria Helena Anacleto-Matias, ISCAP, INST.º Politécnico do Porto, Portugal

Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro, Portugal

Maria Helena Chrystello, Mestre, Vice-Presidente da AICL, Coordenadora Dept.º EBI 2,3 Maia, Açores

Rolf Kemmler, Academia de Ciências de Lisboa, Portugal

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz, Univ. NOVA FCSH e CHAM, Centro de Humanidades

Presidentes Honorários

EVANILDO C BECHARA

SÓCIOS Honorários

DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO 2015

JOSÉ M RAMOS-HORTA 2016

EVANILDO C BECHARA 2020

MESA DA ASSEMBLEIA-GERAL

PRESIDENTE - LUCIANO PEREIRA,
VICE-PRESIDENTE - ANA PAULA ANDRADE CONSTÂNCIA
VOGAIS (SECRETÁRIOS): URBANO BETTENCOURT, ALEXANDRE BANHOS, SUPLENTE JOÃO PAULO CONSTÂNCIA

DIREÇÃO

PRESIDENTE - J. CHRYS CHRYSTELLO
VICE-PRESIDENTES
 - M^a HELENA F. DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO
 - PEDRO PAULO CÂMARA
ADJUNTO DA DIREÇÃO
 - RUI FARIA
VOGAIS (SECRETÁRIOS) - CAROLINA CORDEIRO, ROLF KEMMLER, SUPLENTE MARIA JOÃO RUIVO

CONSELHO FISCAL

PRESIDENTE - FRANCISCO FERNANDES MADRUGA
VICE-PRESIDENTE - HELENA ANACLETO-MATIAS
VOGAIS (SECRETÁRIOS) - TIAGO ANACLETO-MATIAS, PEDRO ALMEIDA MAIA, SUPLENTE JOÃO PAULO CONSTÂNCIA

3. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO ATUALIZADO EM 04/05/2022 [HTTPS://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXV/INSTR%20PUBL.PDF](https://coloquios.lusofonias.net/XXXV/INSTR%20PUBL.PDF)

4. LISTA DE PARTICIPANTES CONSULTAR AQUI [HTTPS://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXV/LISTA%20PARTICIPANTES2022.PDF](https://coloquios.lusofonias.net/XXXV/LISTA%20PARTICIPANTES2022.PDF)

5. HORÁRIO DAS SESSÕES CONSULTAR AQUI [HTTPS://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXV/HORARIO%2035%20BELMONTE%202022.PDF](https://coloquios.lusofonias.net/XXXV/HORARIO%2035%20BELMONTE%202022.PDF)

6. DISCURSO DE ABERTURA DO 35º COLÓQUIO

DISCURSO DE ABERTURA BELMONTE 2022

Dizem os apologistas do apocalipse e os vendedores de medo, que há dois anos nos inundam os ecrãs de TV, que o fim está perto. Se não for a pandemia, um meteorito, um supervulcão, um tsunami gigantesco, o aquecimento global, a subida do nível dos mares e mais umas pragas piores que as da Bíblia. E depois do vírus, a comprová-lo, veio a guerra na Ucrânia que a todos afetará de formas inimaginadas por muito tempo. Com a virose covidesca enfraquecemos os sentimentos: deixamos de poder sair, viver, conviver, abraçar, sorrir e amar. A próxima pandemia será ainda pior já alertou a OMS.

Entretanto, a organização humanitária britânica Oxfam refere que “durante a pandemia houve uma redução de rendimentos para os mais pobres, **mais 160 milhões de pessoas na pobreza, 21 mil mortos por cada novo bilionário em cada dia**”.

O medo e a pandemia ainda não me preocupam pois acredito nos que saem dos estereótipos e visam alcançar algo de imaterial com as suas vidas, muitos dos quais têm encontrado abrigo nos colóquios, no seu caráter intimista e familiar.

Recordo que quando me conheceu em Bragança 2008 o professor Adriano Moreira se voltou para mim e disse “Você é um poeta.” E são os poetas, sonhadores, escritores, os únicos que pensam que são livres, e nessa realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade. Mas vale a pena ser poeta, nesta utopia que mantém os colóquios da lusofonia vivos ao fim de 35 edições em vinte anos. Se não fosse este abrigo cultural que os nossos encontros proporcionam a vida seria uma escravatura mais árdua. Nós somos a réstia de sol, que permite a todos os que aqui estão, pensar que cada ano de vicissitudes culmina na páscoa nos colóquios da bela Belmonte, a nossa segunda casa, acolhedora e amiga, onde podemos fugir dos apologistas do apocalipse e do medo e voar nas asas da liberdade literária de poetas como os mestres Eduíno e Álamo Oliveira, ou Luís Filipe Sarmiento e outros que usam a poesia como arma de libertação.

É essa a força de Belmonte e das suas gentes, desembaraçadas das grilhetas do passado atormentado de quinhentos anos, que nos irmana nestes dias. Da História nos falarão Sérgio Rezendes e José de Mello em representação da Câmara de Ponta Delgada. Estamos particularmente gratos ao Luís Filipe Borges esse corisco mal-amanhado que nos trará um pouco de humor de que todos carecemos. Todos os anos desde 2009 homenageamos um autor de mérito e em 2022 cabe a vez a Pedro Paulo Câmara de leitura obrigatória, de preferência ao som da mágica guitarra galega de Isabel Rei, com as imagens belas da exposição de Angola, Muxima, de Luís Gaivão e Luís Ançã que inauguraremos esta tarde. São estes e outros autores presentes, quem anualmente coloca Belmonte no mapa como capital da Lusofonia. Somos unânimes a agradecer ao Presidente Dias da Rocha e ao amigo Joaquim Costa por terem tido a visão de abraçar esta nossa utopia. Cito Jack Kérouac

“Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que não se adaptam às regras, Podemos citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não podemos fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemo-los como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.

O mundo está nas mãos
daqueles que têm a
coragem de sonhar e de
correr o risco de viver seus
sonhos.



Myriam Sánchez M.

1. ACADEMIA SÉNIOR DE BELMONTE – GRUPO CORAL DA UNIVERSIDADE SÉNIOR [ouça aqui](#)



JÁ ATUARAM NO 27º EM 2017, NO 29º EM 2018, NO 31º EM 2019, 35º BELMONTE 2022

2. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA, AÇORES AICL

(José Henrique do) ÁLAMO OLIVEIRA nasceu na Freguesia do Raminho – Ilha Terceira, Açores –, em 1945.

Depois dos estudos no Seminário de Angra, foi funcionário em diversos departamentos governamentais ligados à Cultura.

Como escritor, tem 36 livros publicados com poesia, romance, conto, teatro e ensaio.

Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa, em Portugal e no estrangeiro.

Tem poesia e prosa traduzidas para Inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

O seu romance *Já não gosto de chocolates* foi traduzido e publicado nos Estados Unidos da América e no Japão.

Até Hoje, memórias de cão (3ª edição), recebeu o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal, em 1985;

Solidão da Casa do Regalo (teatro) recebeu o prémio «Almeida Garrett», em 1999.

Em abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa – sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das Artes Plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros. Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insignia Autónoma de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

Representou a AICL no Parlamento Europeu, Bruxelas em out 2019

Bibliografia

1968. A minha mão aberta. Opúsculo, ed. autor

1971. Pão Verde, esgotado, ed. autor

1972 in 14 poetas de aqui e de agora (Antologia). Angra do Heroísmo. União Gráfica Angrense

1973. Poemas de(s)amor, poesia esgotado. Tip. Fernandes
1974. Morte ou vida do poeta. Teatro. Angra, Livr. Adriano G de Figueiredo
1974. Fábulas, poesia, esgotado ed. autor
1974. Um Quixote. 2ª ed. Teatro
1976. Os quinze misteriosos mistérios. Poesia, esgotado ed. autor
1977. Manuel, seis vezes pensei em ti, teatro ed. autor
1977 in Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira. Lisboa ed. Sá da Costa
1978. Manuel. seis vezes pensei em ti, peça em duas talhadas com dez pevides, posfácio de E Ferraz da Rosa, teatro, 2ª ed. Angra ed. autor.



sessões Hotel 26set2015



24º GRACIOSA 2015

30º PICO 2018

1978. Almeida Firmino, Poeta dos Açores. Ensaio, poesia, ed. DRAC. SREC, esgotado
1978 in Antologia panorâmica do conto açoriano, sécs. XIX e XX, org., prefácio e notas de João de Melo. Lisboa ed. Vega
1979. Cantar O Corpo. Poesia, esgotado. Angra. União Gráfica Angrense ed. autor
1980. Eu Fui Ao Pico Piquei-Me, poesia, esgotado, ed. autor
1982. Uma Hortênsia Para Brianda. Teatro, ed. Separata Atlântida
1982. Abordagem" (teatral) a "Quando o mar galgou a terra" de Armando Côrtes-Rodrigues, Ensaio, separata da "Atlântida". Angra do Heroísmo
1982. Burra Preta Com Uma Lágrima, ficção, ed. autor
1982. Itinerário das Gaivotas, poesia, ed. SREC. DRAC esgotado
1982. «Nota de abertura ou Almeida Firmino, um poeta a recuperar» in Firmino, Almeida. Narcose: obra poética completa. Angra do Heroísmo. SREC. pp. 9-20.



30º PICO 2018

BGA ANGRA 2017

1982. O presépio de esferovite: São Bartolomeu da Terceira com Etelvina Fraga, Manuel Fernandes, ed. DRAC. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra



19º MAIA 2013

30º PICO 2018

30º PICO 2018

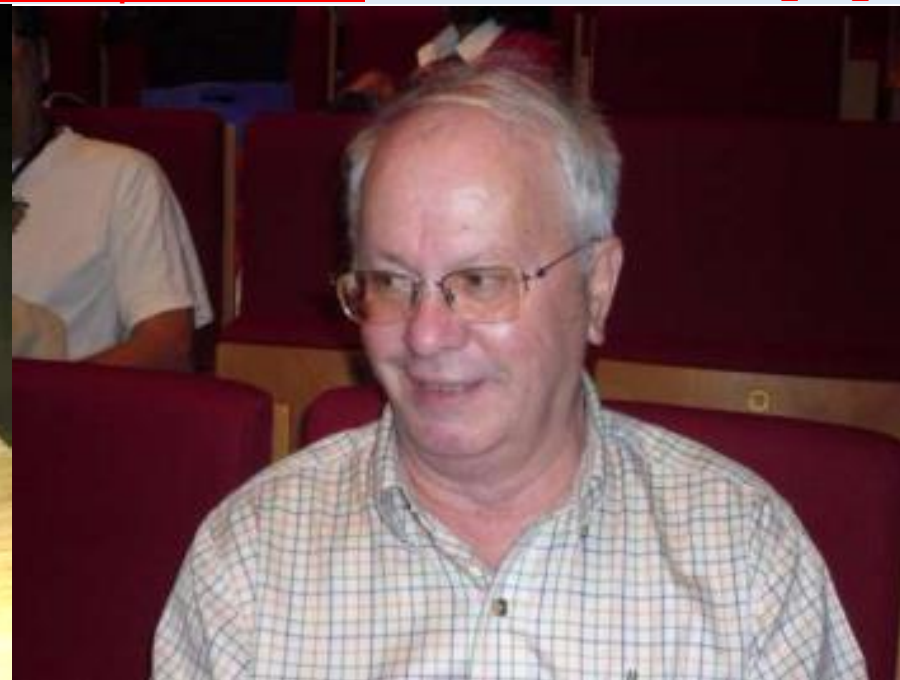
1983 in Antologia The Sea Within, a selection of Azorean poets, ed. Gávea-Brown. EUA
 1983 in 12 poetas dos Açores, org. e notas de Emanuel Jorge Botelho. Lisboa: IN-CM.
 1983. Nem mais amor que fogo, poesia, com Emanuel Jorge Botelho. Angra ed. autor
 1983. Em louvor do Divino Espírito Santo: fotomemória de Francisco Ernesto de Oliveira Martins, conto de Álvaro O. Angra. DRAC. D S Emigração. IN-CM
 1984. Missa Terra Lavrada. Teatro, ed. DRAC. SREC
 1984. Sabeis quem é este João? Teatro, peça sobre o beato João Baptista Machado, ed. Separata Atlântida vol. 29 pp. 3-68 IAC
 1984. Triste vida leva a garça. 1ª ed., Ulmeiro
 1985. «Terceirense e Pintor: José Lúcio» Atlântida vol. XXX 2º sem. Angra do Heroísmo IAC pp. 34. 35.
 1986. Até hoje, memórias de cão, Romance. 1ª ed. Ulmeiro, esgotado
 1986. Textos Inocentes. Poesia, ed. autor
 1987. O traje nos Açores, com João Afonso. 2ª ed. Angra. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais
 1987. Até hoje, memórias de cão, Romance. 2ª ed., Ulmeiro esgotado
 1987 Interação entre atividades culturais na região e ao nível local, correntes “ascendentes” e “descendentes”. Ponta Delgada. UAç
 1987. Erva-Azeda. Poesia. Angra do Heroísmo
 1988. Açores, com fotografia de Maurício Abreu, intro e seleção de textos de Álvaro Oliveira, inglês Joaquim Nascimento. Setúbal. Ed. M Abreu e V. Figueiredo
 1988. Até hoje, memórias de cão. Romance. 3ª ed. Angra, ed. Signo
 1990. O cenário de uma geração. Angra do Heroísmo, inédito 19 pp. Congresso de Literaturas Lusófonas de Expressão Portuguesa, Casa dos Açores de Lisboa.
 1990. A Madeira é um jardim, Raminho, ed. Álvaro Oliveira. Tip. Serafim Silva. Artes Gráficas. Maia
 1991. Contos Com Desconto. Contos. Angra do Heroísmo: IAC
 1992. Impressões de boca. Angra do Heroísmo: SREC DRAC, esgotado
 1992. Pátio d'Alfândega. Meia-Noite, romance, ficção. col. Chão da Palavra. Lisboa ed. Vega
 1992. Eugénio de Andrade nos Açores. Núcleo Açoriano da Fundação Eugénio de Andrade. Ponta Delgada. Câmara Municipal
 1994. Manuel, seis vezes pensei em ti. 2ª ed. Teatro, ed. Jornal de Cultura
 1994. Pai, a sua bênção: Antologia de textos de autores açorianos. Ponta Delgada. DRAC.
 1994. A história da Belárvore na cidade da Burocrácia, com desenhos de Virgílio Toste. Angra. Direção-geral de Organização e Administração Pública
 1994. Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Vanessa Seed, ed. de M Abreu e Victor Figueiredo. 1ª ed. Setúbal. Corlito
 1995. Burra preta com uma lágrima. 2ª ed., romance. Lisboa, ed. Salamandra.
 1995. Os sonhos do infante. 2ª ed., Teatro. Ponta Delgada. Jornal de Cultura
 1995. Impressões de boca. Ilustrações David Almeida, col Gaivota 76. SREC
 1995. Olá pobreza, textos de pompa e circunstância. Ponta Delgada. Ed. Éter
 1995. E choveu papel, com Luís Belerique e Miguel Silveira. Angra. Direção Regional da Organização e Administração Pública
 1995. Pai, a sua bênção. Antologia de textos açorianos, org por Álvaro, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, ed. Coingra. SREC. DRAC
 1996. O homem suspenso. Supl. Açoriano de Cultura nº 43
 1996. Olá. Pobreza! Ensaio, ed. Jornal de Cultura
 1996. Os sonhos do Infante, teatro. Angra. Grupo de teatro Alpendre
 1997. Com perfume e com veneno, contos. Lisboa, ed. Salamandra
 1998. Mar de baleias e de baleeiros, com João Afonso. Museu dos Baleeiros. Lajes ed. SREC
 1998. António, porta-te como uma flor, gravuras de António Dacosta. Lisboa, ed. Salamandra
 1999. Já não gosto de chocolates, romance. Lisboa, ed. Salamandra
 1999. Morte que mataste lira, com Carlos Alberto Moniz, Teatro, Lisboa ed. Dito E Feito
 1999. Almeida Garrett, ninguém, teatro. Alpendre Teatro, ed. autor
 2000. A Solidão da Casa do Regalo, Prémio de Teatro Almeida Garrett 1999, ed. Salamandra
 2000. Memórias de ilha em sonhos de história. Poemas sobre aguarelas de Álvaro Mendes, ed. Álvaro Mendes
 2000 in Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, I. Camões e Seixo Publishers
 2000. Valter Vinagre, espírito nas ilhas, com Valter Vinagre, Manuel Herminio Monteiro, ed. Instituto Camões. Ministério dos Negócios Estrangeiros
 2001. Cantigas do fogo e da água, quadras sobre aguarelas de Álvaro Mendes, teatro. Teatro do Ser, atuações 2002, 2003, 2006
 2002. Judite, nome de guerra de Almada Negreiro, Adaptação. Teatro
 2002. NEO 1 vol. 1 com Urbano Bettencourt, Adelaide Monteiro Batista, Carla Silva, Pedro Alvim Pinheiro, ed. Dept.º de Línguas e Literaturas Modernas. UAç
 2002. O homem que era feito de rede, com Katherine Vaz e Vamberto Freitas, ed. Salamandra
 2003. O meu coração é assim. Antologia editada por Diniz Borges, ed. Câmara Municipal de Angra do Heroísmo
 2003. Até hoje, memórias de cão. 2ª ed. Romance, ed. Salamandra
 2003. Angra. cidade do mundo. Sanjoaninas 2002. Terceira. Açores, foto de Carlos Garcia, ed. Fotoletras
 2004. Pedro da Silveira 1922-2003, um breve perfil. Boletim do N C Horta vol. 13



BGA ANGRA 2013



18º GALIZA 2012



29º BELMONTE 2017



2004. A Solidão da Casa do Regalo; Almeida Garrett. Ninguém. Teatro. 2ª ed. ed. Salamandra
2005. "As mulheres em 'Já não gosto de chocolates'" em M. Marujo, A. Baptista e R. Barbosa (ed.) Congresso A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa. The Voice and Choice of Portuguese Immigrant Women. Proceedings 1st Int'l Conference. Toronto. University of Toronto. Dept Spanish and Portuguese pp. 68-71 <http://www.museu-emigrantes.org/docs/conhecimento/conferencia-emigra%C3%A7%C3%A3o.pdf>
2005. Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Peter Ingham, ed. M Abreu e Victor Figueiredo. 2ª ed. Setúbal, Fotografia e Ed. Lda.
2006. I No Longer Like Chocolates. Trad. Diniz Borges. San Jose. PHPC
2007. Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
2007. Açores profundos, Profound Azores, com Paulo Filipe Monteiro e Madalena San-Bento, trad Patrícia Correa Costa. Porto. Caixotim Ed.
2007. Terceira, uma ilha sempre em festa, foto João Costa. Ed. bilingue. Praia da Vitória, ed. Blu
2007. O ciclo do Espírito Santo. The Holy Ghost Cycle com João Manuel Magina Medina, João António Martins, Ana Martins. Angra, ed. J M Medina
2008. "Já não gosto de chocolates" Ed. Japonesa Random House Kodansha
2008. Terceira, a ilha dos Impérios. Terceira Impérios Island com Mário Duarte e trad de Alexandra Grilo. Praia da Vitória, ed. Blu
2010. Andanças de pedra e cal 1ª ed. Praia da Vitória, ed. Blu
2010. Padre, Filho, Espírito Santo e o Futuro. IV Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo. PHPC. San Jose. Califórnia
- 2010 Passos de nossos avós, ed. Manuela Marujo, Aida Baptista.
2011. Caneta de tinta permanente na poesia popular, dedicado a Manuel Caetano Dias "Caneta". Nova Gráfica ed. autor
- 2011 in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
- 2011 in Antologia da Memória poética da Guerra Colonial. Roberto Vecchi, Margarida C Ribeiro (org.). Fotos: Manuel Botelho. Notas: Luciana Silva e Mónica Silva. 1.ª ed. Porto: Afrontamento. Poesia. ISBN 9789723611748. 648 págs.
- 2012 in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
2012. Quatro prisões debaixo de armas, Teatro, baseado no conto homónimo de Vitorino Nemésio, prefácio de A M Machado Pires, ed. autor
2013. Adelaide Freitas. Atas 19º colóquio da lusofonia. Maia. S Miguel. Açores
2013. Portugal pelo mundo disperso, coord de Teresa Cid. 1ª ed. Lisboa, Tinta da China
2013. Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
2013. Murmúrios com vinho de missa. 1ª ed. Angra. Letras Lavadas
2013. Murmúrios com vinho de missa. 2ª ed. Ponta Delgada. Letras Lavadas
2014. No centenário de nascimento do pintor António Dacosta 1914-2014, IAC, Atlântida vol. LIX
2014. Marta de Jesus. a verdadeira. Letras Lavadas.
2014. Madalena Férrin Atas 20º colóquio da lusofonia. Seia. Portugal
2015. Um escritor açoriano Manuel Machado Atas 24º Colóquio da Lusofonia. Graciosa. Açores
- 2015) "Um escritor açoriano Manuel Machado". 24º Colóquio da Lusofonia. Graciosa. Açores
- 2017). Pátio d'Alfândega, ed. Companhia das Ilhas
- 2017). Já não gosto de chocolates ed. Companhia das Ilhas
- (2017). José Pereira Cantador de Causas e de Casos Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2017). "A «Kritika Puétika», um texto de Urbano Bettencourt", 27º Colóquio da Lusofonia, Belmonte
- (2018). Até hoje, memórias de cão. Ed. Companhia das Ilhas
- (2018). Burra preta com uma lágrima ed. Companhia das Ilhas
- (2018). "Manuel Ferreira Duarte, escritor do Pico", 30º colóquio da lusofonia, Madalena do Pico
- (2019) "Eduíno de Jesus, o poeta" 32º colóquio da lusofonia, Santa Cruz da Graciosa
- (2019) Contos contados, ed. Companhia das Ilhas
- (2019) Murmúrios com vinho de missa. Ed. Companhia das Ilhas
- (2020) Poemas vadios, ed. Companhia das Ilhas
- (2020) Viagens, Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2020) Contos da América, ed. Companhia das Ilhas
- (2020) Telas e cores, ed. Companhia das Ilhas
- (2021) O sábio de Miragaia, ed. Companhia das Ilhas
- (2021) Versos de todas as luas, ed. Companhia das Ilhas

Dias de Melo (1925-2008), natural da Ilha do Pico. Escritor de tema único -- a baleação --, emprestou ficção a muita realidade, com a generosidade de proceder ao levantamento, fixação e estudo da população baleeira da Ilha do Pico

Dias de Melo é autor de uma obra vastíssima que abrange romance, novela, conto, crónica, poesia, ensaio. Não foi autor de escritos para a gaveta, mas, apesar de ter contado com várias editoras (algumas delas com razoável implantação no país), os seus livros nem sempre mereceram a divulgação crítica a que tinham direito.

Também apesar da diversidade de géneros que escolheu para fixar a sua escrita, são as ilhas dos Açores, com particular incidência a do Pico, que hão de conferir uma original autenticidade temática, quer pelo que se entende ser a insularidade quer pela inevitabilidade geográfica feita de solidão e limites físicos e psicológicos da própria ilha, a que se deve juntar uma pobreza básica, porventura, heroica. A leitura do espaço geofísico das ilhas feita por Dias de Melo encontra-se nas páginas de um tempo dramaticamente parado. Isto é: embora as ilhas se avistassem umas às outras, a mobilidade das pessoas era bastante restrita. Só o mar, mesmo quando em desassossego manso, deixava a sensação de um infinito finito.

Dias de Melo teve pelo mar uma espécie de amor perverso. Desde criança que o observava como se se tratasse de animal selvagem líquido. Se as calmarias lhe atiçavam a vontade de se embrulhar no mar, os temporais arrepiavam-no com o medo de quem viu que nem o barco escapa à destruição por afogamento.

Vivendo num lugar de baleeiros treinados pela coragem da fome e pelas dificuldades de sobrevivência, Dias de Melo fixou, nos seus livros, sobretudo nos de ficção e de crónicas, a vida desses «heróis do mar», utilizando um discurso direto, bebido em copos de conversa.

Durante alguns anos, Dias de Melo realizou dezenas de entrevistas aos homens do mar, procurando reconstruir um tempo onde a baleação dita, de forma quase exclusiva, a vida socioeconómica e cultural da população da ilha do Pico. Regrados por um contrato de premissas rigorosas, os baleeiros obedeciam a essa lista de princípios, embora fosse quase escandalosa a escala de valores financeiros a que a companhia estava sujeita. Quem mais perigos corria, menos recebia.

Este trabalho de pesquisa e recolha começou por ter uma divulgação interilhas com a publicação de *Vida Vivida em Terra de Baleeiros* – um apanhado de pequenos textos que tinham como função expor, como se de «patchwork» se tratasse, a evolução de uma profissão que, merecendo um bom investimento, não dava para fazer sair da fasquia da pobreza os baleeiros que até eram chamados, à faina, por um simples foguete. Mas esses homens lá iam a correr, disparados por uma canoa baleeira. E é deste pequeno livro que sai *Na Memória das Gentes* em três volumes. Neles, Dias de Melo fixou as entrevistas que fez bem como o léxico baleeiro que, com a proibição da baleação, corria o risco de desaparecer. Apesar da sua riqueza linguística, vai deixar de ser utilizado.

Reconheça-se o talento e a persistência de Dias de Melo para levar a cabo o propósito de historiar o período da caça à baleia na ilha do Pico e, por extensão natural, nas restantes ilhas, pois todas elas viveram períodos de baleação.

São estes conhecimentos que, de forma realista, Dias de Melo ficcionou. São cerca de quatro dezenas de títulos com o mesmo cenário (a ilha do Pico), com a baleação a deixar que as pessoas respirassem e desenvolvessem um trabalho que garantisse o pão que o diabo amassava. Apesar dos riscos que a companhia corria sempre que se fazia ao mar para ir à caça da baleia, a coragem, a força e as necessidades faziam esquecer os maus momentos.

Pedras Negras, que teve a 1ª edição em 1964, dá início à abordagem de um tema que, localizado numa das ilhas dos Açores, comportava sinais de universalidade, uma vez que a baleação se encontrava em franco desenvolvimento em vários pontos do Mundo, procurando conhecer métodos mais engenhosos, mais eficazes e menos perigosos. Nas águas do Japão, há muito que o arpão caíra em desuso. No entanto, pela semelhança de interesses na baleação, Kiwami Hamaoka verteu para japonês e fez publicar a sua tradução de *Pedras Negras* numa editora de Tóquio. Pelas mesmas razões e em relação à atividade da caça à baleia destinada às fábricas de New Bedford, Gregory McNab traduziu o mesmo livro para inglês, então editado pela Gávea-Brown em 1983.

Independentemente desta divulgação que, como já se referiu, foi escassa mesmo entre nós, é necessário lembrar que Dias de Melo foi escritor de disciplina rigorosa, com horário de trabalho meticulosamente programado e cumprido. Isso permitiu-lhe desenvolver um ritmo de escrita de resultados evidentes, um estilo sólido e escorreito, com um poder de sedução que conquistava e conquista leitores. Usando um bom vernáculo, o seu estilo narrativo é sábio e encantatório.

Dotado de grande sentido de observação e análise, deixo a referência a um dos seus livros que mais me surpreendeu pela sua leitura do que era a comunidade açoriana na Costa Leste dos Estados Unidos e, sobretudo, na Califórnia. Apesar do pouco tempo gasto nessa viagem, ele foi assertivo no entendimento do que as gentes açorianas emigradas conheceram de êxito sofrido e de sofrimento inglório. Dias de Melo deixou tudo isto escrito num dos seus livros sentidamente mais amados e mais pertinentes e, claro, menos conhecidos. Foi publicado em 1990, com o título de *Das Velas de Lona às Asas de Alumínio*.

Dito isto, é preciso ler e reler a obra de Dias de Melo.

Álamo Oliveira, Raminho, janeiro de 2022

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #5 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/1559/CADERNOS-ACORIANOS-5-ALAMO-OLIVEIRA.DOCX](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/1559/CADERNOS-ACORIANOS-5-ALAMO-OLIVEIRA.DOCX)
SUPLEMENTO DOS CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS #5 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/448/SUPLEMENTOS-CADERNOS-ACORIANOS/1588/SUPLEMENTO-5-ALAMO-OLIVEIRA.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/448/SUPLEMENTOS-CADERNOS-ACORIANOS/1588/SUPLEMENTO-5-ALAMO-OLIVEIRA.PDF)

VÍDEOS DO AUTOR:

[HTTPS://YOUTU.BE/ C8FCNB181C/](https://youtu.be/C8FCNB181C/) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FEEYIAKPWIQ](https://www.youtube.com/watch?v=FEEYIAKPWIQ)
[HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YG5KN9D0IX4](http://www.youtube.com/watch?v=YG5KN9D0IX4) / [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MZ-IULWC5IG](https://www.youtube.com/watch?v=MZ-IULWC5IG)

VÍDEO HOMENAGEM COMPLETA 2013

[HTTPS://YOUTU.BE/XZ2ZJUKV9GU?LIST=PLWJUYYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER1](https://youtu.be/XZ2ZJUKV9GU?list=PLWJUYYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER1)

VÍDEO HOMENAGEM 2013 MAIA [HTTPS://YOUTU.BE/XZ2ZJUKV9GU](https://youtu.be/XZ2ZJUKV9GU)

VÍDEO HOMENAGEM SEIA 2013 [HTTPS://YOUTU.BE/8H2TCUPZGR8](https://youtu.be/8H2TCUPZGR8)

É SÓCIO DA AICL.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO (GALIZA 2012), 19º MAIA (AÇORES) 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 25º GRACIOSA 2015, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 35º BELMONTE 2022

3. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, Galiza -



14º BRAGANÇA 2010



21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



30º MADALENA DO PICO



29º BELMONTE 2018



24º GRACIOSA 2015



28º VILA DO PORTO 2017



8º BRAGANÇA 2007



12º BRAGANÇA 2009

ALEXANDRE BANHOS CAMPO nasceu na cidade da Crunha no ano 54, É licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid. É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo.

Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega.

Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa.

É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.

É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego).

Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial.

É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC.

Nos anos 2000 a 2005 fez parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos.

Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ.

Tem publicado sobre direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social.

Além disso, trabalha nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.

São Portugal e a Galiza um mesmo povo? Portugal e a Galiza¹ são constituídos por um mesmo povo, são eles um só povo²? Alexandre Banhos da Fundação Meendinho no 35 Colóquio da Lusofonia Belmonte abril 2022

Porque galegos e portugueses somos um mesmo povo e como nos diferenciamos do resto dos peninsulares.

Que é ser um mesmo povo

a - Base genética

b - Base Cultural

c- Base histórica

Estados versus povos, a construção da/s nações

Primeira Parte³

1. A primeira questão que devemos colocar-nos, é se é possível, ou se algum dia teria sido possível, a existência de Portugal sem a existência da Galiza. Corria o século XIX, que entrava no seu último quartel, e num jornal do Porto, "O Primeiro de Janeiro", era entrevistado o grande historiador Alexandre Herculano. O jornalista demorava-se em pormenores do que estava nas origens de Portugal, e o historiador respondeu-lhe: "Portugal é a criação do génio galego"⁴.

2. Portugal não nasceu no ano 868 em que o nobre crunhês Vímara Peres, constituiu no lugar de Portuscale / Portugale o condado de Portugale, nem no ano 1143. Nasceu quando da queda do império romano no ventre do reino dos suevos⁵, que criaram as condições para que a província da Gallaecia (com forte personalidade diferencial) evoluísse, juntamente com parte da Lusitânia, de modo claramente separado do resto peninsular. É neste reino que se produzem e funcionam os mecanismos que farão que a nossa língua portuguesa nasça do latim e seja estabelecida no noroeste peninsular no velho solar da Gallaecia, no seu esqueleto fundamental no período que vai dos séculos VI ao IX.

3. Aí já temos os primórdios da nossa atual língua e o nosso funcionamento como povo diferenciado na península e no mundo europeu. É suficiente olharmos todas as crónicas muçulmanas peninsulares ou documentos referentes à península, das longínquas terras europeias do Mar do Norte, e lá estão os portugueses, trajados de galegos.

4. Que Portugal reino ainda não existia e por tanto não se chama assim, senão que se chama Galiza, tanto tem, pois chamando-se Galiza era já verdadeiro Portugal. Porventura quando, portugueses, ou galegos, ou galego-portugueses (como se gostar), estendiam o reino para o Sul, não estavam a fazer Portugal? O portuguesíssimo mosteiro de Lorvão fundou-se no ano 914, e assim figura nas atas fundacionais "in finibus Galleciae".

5. Que é Portugal, o nome da cidade mais galeguíssima da Galiza. Porto, é a velha Portuscale romana, e mais tarde Portucale (Portugale), a qual foi reduzido o nome para que pudesse usufruir dele o reino, o estado inteiro.

6. E quem eram os galegos⁶, a tribo celta achada por Décimo Júnio Bruto morando ali onde o Douro se mistura com o oceano, "em Portus Cale". Esses calecos de Cale no Douro deram o nome a todo o noroeste peninsular. CALECIA- GALAECIA- GALIZA.

7. O mundo deu tantas voltas, que há quem pensa que a Galiza é uma região espanhola que vêm caindo por cima de Portugal e na qual as pessoas falam um linguajar deturpado e feio como um castelhano com muitas palavras portuguesas.

8. A Galiza é na realidade grande parte de Portugal, de Santarém para cima, é aí que chegava o velho reino da Galiza como bem sabia Rodrigues Lapa. Haverá por acaso algo mais galego do que Braga, capital da Galiza romana, do reino suevo, da Igreja da Galiza até 1492. Após a batalha do Pedroso (1071), o rei Garcia, elimina o condado portugalense, e restaura em Braga todos os direitos dos que dispunha Lugo, por delegação da "verum caput" Braga. Braga foi durante 15 séculos a cabeça, como capital da Galiza romana; do *galiciense regnum*, conhecido popularmente como reino suevo; da Igreja da Galiza, que nascido o reino de Portugal, Braga soube conservar essa condição até que em 1492, quando após de longa guerra terrorista de submetimento da Galiza por Castela (guerra de Doma e Castração⁷) a monarquia castelhana corta todos os vínculos religiosos com Braga e submete a igreja da Galiza, a norte do Minho, ao mandato de Valladolid. Por ter sido Braga cabeça da Galiza, e por isso mesmo que é ainda a cidade primaz de Portugal.

1 Com o termo Galiza, estou-me a referir, -não a Galiza histórica, que ocupava a faixa ocidental peninsular e ia desde a Mar Cantábrico ao Tejo, da qual o cerne era Braga e que foi quem constituiu Portugal -; se não a parte da Galiza a norte do Minho, que acabou sob o domínio castelhano, porém foi quem acabou por usufruir o nome. O Norte de Portugal não tem nome, chama-se mesmo com uma simples definição geográfica, será por ser ele o cerne da Galiza, a Galiza mesmo, tal como é Portugal todo do Tejo para cima?
 2 Na Gália há até organizações que acreditam e agem sob essa palavra de ordem como a [COMISSÃO PARA A REUNIFICAÇÃO NACIONAL DA GALIZA E PORTUGAL: 2006 \(galizaunidaportugal.blogspot.com\)](#)
 3 A primeira parte aproveita um trabalho dum heterónimo meu, José Chão de Lamas
 4 In António Sérgio, Breve Interpretação da História de Portugal, Clássicos Sá da Costa
 5 <http://agal-gz.org/blogues/index.php/meendinho/2011/06/29/28-junho-2011-comemorando-na-crunha-o-1600-aniversario-do-reino-da-galiza>.
 6 Domingos Marques et alii: Em *Braga foi Portugal gerado*, Edição patrocinada pela Câmara de Braga 2010
 7 Segundo o celtista Higinio Martins, autor entre outras da *Gramática comparada do céltico antigo da Galiza*, galego é uma palavra celta que pode ser traduzida por -da terra -. Expressão bem nossa, de onde é o tal, ou o qual: Da Terra.
 8 É o nome dado pelo cronista aragonês Zurita, à guerra de razias que se desenvolve contra da Galiza entre 1476 e 1490. No primeiro de março de 1476, tem lugar em Toro, a batalha mais decisiva para o futuro da península ibérica e para a nossa história. Para o reino do norte quase mortal (ou mortal de todo se não despertamos e descobrimos com quem nos jogamos tudo), para o reino do sul, lá esteve a semente da sua ocupação por quem levava a coroa de Castela em 1580. Nessa batalha se desfez muita cousa, Ernesto Vasquez Souza diria: A desfeita do projeto ocidental, e virada da coroa de Castela para Aragão. (Os catalano-aragoneses pensavam que fizeram bom negócio...)
 9 E após essa batalha a Galiza sofre dura guerra de castigo que se prolonga por bem anos. O país é destruído bem a fundo, Sabiades que Ourense, repetidamente atacada, só foi submetido após um cerco de 11 meses, e que Ponferrada custou-lhe tão bem muitos meses o submetê-la aos castelhanos. Na Galiza reino ocupado, os cargos são reservados aos estrangeiros do reino dominador. E a Galiza reino, se lhe retira o voto e participação nas cortes da monarquia de Castela, e num processo de humilhação ao nosso povo, verdadeiramente inacreditável, os seus votos e representação nas Cortes são entregues à cidade de Samora.

9. Portugal é a criação dos homens do Norte, eles deram a língua (a sua alma coletiva essencial, a pátria verdadeira que dizia Pessoa), eles puseram os topónimos e designaram a(s) terra(s), por isso temos os mesmos nomes do Cantábrico ao Tejo. Por isso depois da Galiza, vem a Beira (a velha Beira da Galiza), depois a Estremadura (a extrema do reino da Galiza), e ao sul do Tejo estava o Além-Tejo. Com certeza que, se os alentejanos houvessem posto os nomes, para eles os 'alentejanos' seriam os da Beira.

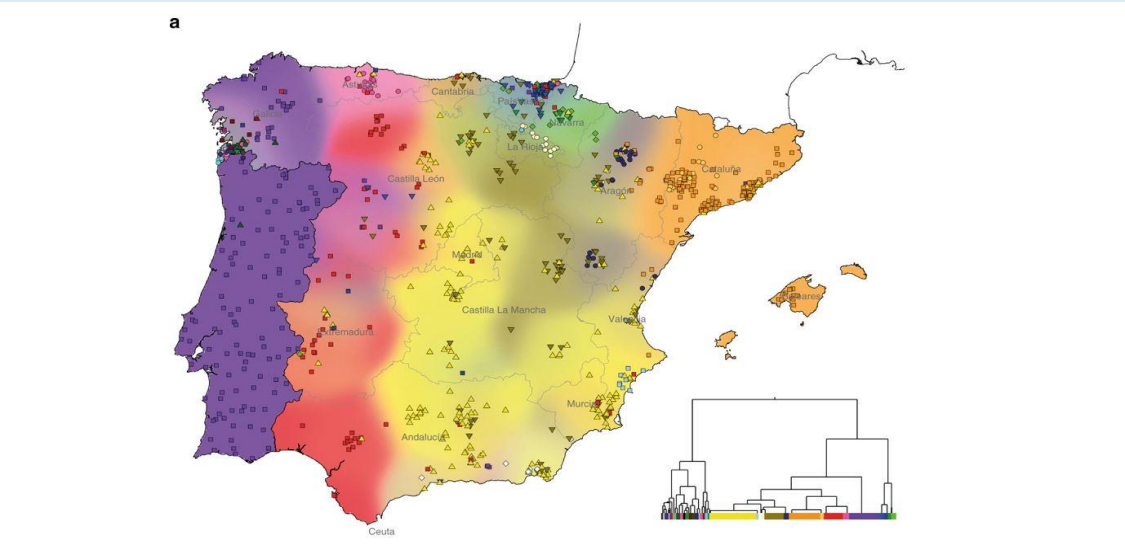
10. Rompeu-se a Galiza no século XII e continuaram em Portugal reino a serem galegos embora o reino se chama Portugal. (Ao norte do Minho, acabaram caindo na órbita de Castela, ao sul levou-se os estandartes e a língua pelo caminho de todos os mares). Continuou-se a chamar a língua do reino, de galego, e não vai ser até fins do século XIV, que começa a ser chamada polo nome do reino, como aliás era o costume por todo lado.

11. Quando os linguistas alemães e Carolina de Michaelis difundem a nossa literatura medieval, chamam à língua 'galego-português', isso não o faziam porque a língua não fosse português cem per cento, que o era; mas perante o facto de todos além e aquém Minho chamarem a sua língua 'galego'. Na corte portuguesa de Lisboa à língua que se falava ainda não se dera o nome do reino, simplesmente chamava-se-lhe galego. E os doutos criaram o 'galego-português' como expressão, ao parecer-lhes mais simples que explicarem à população que a língua portuguesa antes se chamava galega.

12. É isso da unidade é tão firme, que Portugal é o único estado da Europa, que tem uma região que não tem nome, chama-se simplesmente pola definição geográfica, Norte, mas esse não ter nome e pela questão esquisita de esse norte ser o cerne histórico da Galiza, e para a ideologia do poder de Lisboa o assunto é problemático.

Segunda Parte

1. Quando num território de longa data convivem as gentes num contínuo misturarem-se entre si, produz-se que o seu DNA leva inscrito caraterísticas que o identificam como um mesmo grupo humano, em termos modernos, um mesmo povo, e o diferenciam dos povos com os quais mantenham contacto e limitam. Produzem-se mutações que de forma recessiva estendem caraterísticas entre as suas populações. Galiza e Portugal compartilham no âmbito da genética um grupo de mutações exclusivas comuns. (Professor Anxo Carracedo⁸ USC), de ordem de 5, o que chama bem a atenção o seu número, quando se comparar com povos europeus isolados, como fineses ou islandeses etc. Olhemos isso em mapas⁹



A homogeneidade genética na península ibérica dá-se em faixas de norte a sul Galiza-Portugal somos uma unidade genética muito homogênea entre ela, e isso que nela se incorporaram desde o século IX e desde o XV genes de variada procedência, - muitos deles africanos - De oeste para leste as faixas verticais, vam-se afastando, quanto mais separadas as faixas, mais afastamento¹⁰.

O submetimento terrorista da Galiza a norte de Minho, não foi por eles se manifestarem a prol da rainha legítima Joana, alcunhada de Beltraneja (está enterrada em Lisboa e recente análise de ADN demonstram que era filha legítima do rei, e como tal herdeira. Isso figeram também não poucos castelhanos, mas por outro fator, em 1475 dom Afonso V de Portugal é proclamado, com grande contento rei da Galiza, e unifica na sua coroa a todo o povo. Isso de defender o rei de Portugal foi o que Castela não perdoava. E agiu com o divide e impera, porém destruindo tudo e todos.

A documentação toda no reino da Galiza era em galego, e se um fazia um testamento ou uma venda, era em galego, e os tabeliães tudo faziam em galego. Mas agora declaram que só vão valer as escrituras dos escrivães da escola de Toledo.

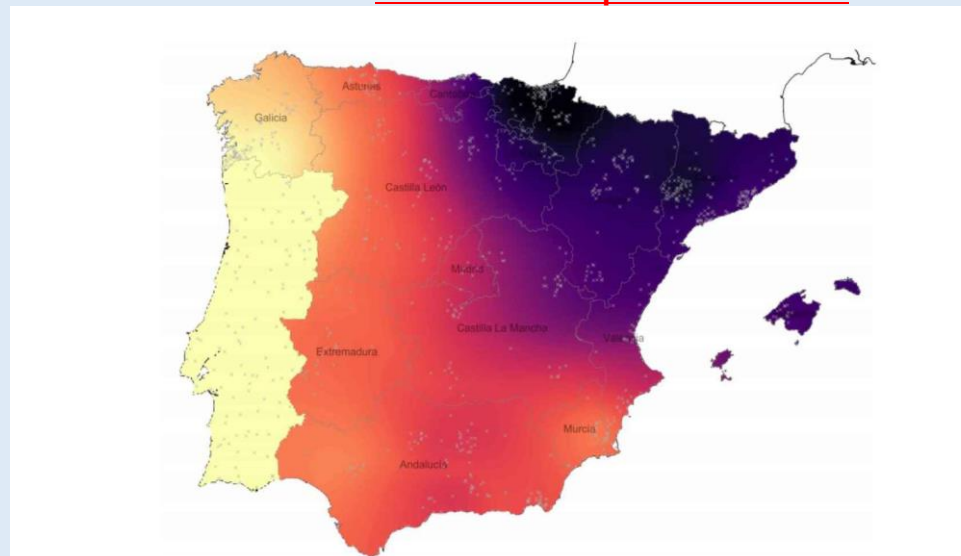
Dizem alguns néscios ao serviço do “amo”, que a nossa língua não se proibiu. Mas quem sabia ler e escrever? Os religiosos, os aristocratas, os burgueses. E onde iam apreender agora e com quem, e onde andavam etc.. Não sumiu a nossa língua por vontade dos galegos e galegas se não por imposição. A Galiza tornou-se agraça, e as novas realidades lhe chegam na língua do poder, o castelhano. E pouco a pouco vão apagando a nossa história dos carros e carros de documentos que existiam na nossa língua na Galiza, de que falava o padre Sarmento no sec. XVIII, e como se fossem um sonho; ainda que a nossa Língua, é a língua falada e vivida polo cento por cento dos galegos e galegas.

Em meados do século XIX renasce para a literatura uma língua socialmente estigmatizada, funcionalmente minorizada, banida das instituições oficiais e hostilizada pelo Estado. Popular e realmente falada, a língua galega começará a ser posta ao serviço dum movimento cultural e político que irá perfilando uma vocação que (com cautela, porém) poderíamos chamar nacional.

8 Anxo Carracedo, (Santa Comba, A Corunha, 12 de novembro de 1955), é catedrático de Medicina Legal, pesquisador e experto internacional em genética. É membro da Real Academia Galega de Ciências.

9 <https://www.nature.com/articles/s41467-018-08272-w/figures/5>

10 Há na península e nos Pireneus sul e norte, um território que não é uma faixa, que é uma ilha, o território basco



Quanto mais clara é a cor do mapa, maior existência de genes africanos e norte-africanos. Na parte oriental da península, Países catalães e Aragão a sua genética é junto com a vasca a mais distinta do resto da península. O reino de Aragão, na reconquista, foi fazendo uma absoluta limpeza étnica e acabou por expulsar as populações mouriscas. De facto não se produz conversão dos muçulmanos se não que permanecem em sociedade afastados. Os Países catalães eram os territórios com mais população mourisca, chegando a ser por cima do 30% no reino de Valência. Mas toda essa população acabou por ser expulsa da península em 1609¹¹

2. Na faixa ocidental, não houve nunca expulsão das populações muçulmanas, além de casos pontuais e o que houve foi assimilação e integração, não só isso, se não que o cristianismo da faixa ocidental santificou a Mohamed, sob o nome de São Mamede.

3. Bem antes de invadirem a península os exércitos muçulmanos, chegaram eles a Tingitana. No norte de África, a província da Tingitana, que era uma província romana que formava parte da Hispania desde a reforma do imperador Diocleciano, era uma das zonas mais cristianizadas do império romano. No ano 740 produziu-se uma importante rebelião dos cristãos berberes, estimulada por muçulmanos fanáticos jarijitas, o que deu lugar a fugida de cristãos, rematada a inicial tolerância muçulmana, móbil mais que suficiente como para provocar a fugida dos cristãos, seguindo a rota peninsular. Além disso, referido a Galiza lucense, (As Astúrias na altura formavam parte do espaço lucense), existem vários documentos dos anos 745, 747, 757, e 769, que nos falam do bispo de Lugo Odoário, e de outras autoridades da Galiza, que recolham e devam casa e terras a famílias cristãs do norte de África.

Que nos documentos se ler em relação ao Odoário como «arzobispo» bem pode ser uma ruim leitura da forma *aepiscopus*. Não existe motivo algum na altura para fazerem falsificações. Onega López tem demonstrado que estes documentos têm um fundo autêntico e parece ser que inúmeros cristãos norte-africanos foram acolhidos na parte da Galiza que ficara na península como o único território sem dominação muçulmana. O autor francês Barrau-Dihigo afirmava, com não-justificada ironia, que a conquista de África não era cousa recente, de modo que não se tinha motivo para a fugida. Porém não há lugar a ironia nenhuma quando um enfrenta a violentíssima reação muçulmana de imposição religiosa que se produz a partir de do 740¹².

4. Porém ao norte do Douro e nas Astúrias, zonas não ocupadas pelos muçulmanos, o professor Carracedo demonstrou, que há um fundo antigo de genes norte-africanos que chegaram ao território há uns 5000 anos, quando se intensificou a dessecação do Saara.

5. Todas as populações que, com anterioridade, chegaram à península ibérica, vieram desde o leste e através do Pirenéus. Ainda que a península ibérica está só a 16 km de África, porém a passagem do estreito é uma das mais difíceis, pois de jeito contínuo entra uma corrente marinha, um grande rio do Atlântico no mediterrâneo, que faz muito difícil a travessia. Os barcos e os submarinos podem entrar do Atlântico ao Mediterrâneo, com os motores apagados. A douscentos quilómetros ao leste do estreito, e a só 250 m. da costa, a velocidade da água ainda é de dous nós. Isso dificultava muito na antiguidade para os barcos conseguirem sair do mediterrâneo. Mas há uns 5000 anos, aqueles norte-africanos, conseguiram o grande sucesso de serem os primeiros a atravessarem o estreito de Gibraltar¹³, e desse ADN do que fala o professor Anxo Carracedo como substrato genético do noroeste, e que faz que todos os do noroeste da península amossem no seu DNA, uma pequeníssima percentagem, sempre inferior a um 0,3% como um remorso de há cinco mil anos, e muito menos significativo que o ADN muito mais moderno norte africano e africano, que está bem mais incorporado ao sul do Douro.

Terceira Parte

1. A língua é a pátria verdadeira que dizia Pessoa. As línguas são as almas coletivas dos povos, e são aquilo que por cima de qualquer outra cousa, nos faz sentir a fraternidade e comunhão duma mesma pertença¹⁴.

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Expuls%C3%A3o_dos_Mouriscos. É bem interessante ao respeito a análise que faz disso Joan Fuster, nessa obra extraordinária, que é Nossaltres els valencians, de leitura muito recomendável para ente derem não pouco o estado espanhol http://barcelona.indymedia.org/usermedia/application/13/Fuster_Joan_-_Nosaltres_els_valencians_%281962%29.pdf

¹² Barrau-Dihigo, L. (1989): 273-5, contra Onega López, J. R. (1986). *Tamém os considerava documentos autênticos* Cotarelo Valledor, A. (1933): 61-4. cf. Floriano, A. C. (1949-51): I, 40-59 y 62- 66.

¹³ Acessaram a península e acessaram a Sicília e ao sul da Itália.

¹⁴ Por isso é tão ativo por todo lado, as políticas linguísticas de estatalização linguística de o divide et impera, vide artigo a Estatalização linguística: [Boletim da AGLP nº 12 - 2019 \(academiagalega.org\)](https://doi.org/10.26434/chemistriae.2019.12.12)

2. Toda a linguística mundial, exceção dos trabalhos posteriores ao ano 70, no estado espanhol (a espanha -Castela/espanha- dominadora, não dá pontada sem fio, e converter a língua da Galiza em modalidade regional espanhola, e travar o relacionamento com os espaços onde ela é normal, é o seu), afirmou a unidade do romance ocidental peninsular, ainda que popularmente ao português na Galiza se lhe mantenha o nome medieval e popular de galego.

3. Após a guerra de Doma e castração (1476-1490), e o submetimento posterior a ferro e jugo, não se apagou essa unidade. Com certeza que o português da Galiza, desde o 1500 sofreu um processo de castelhanização, mas também desde o século XV esteve incorporando termos novos que iam aparecendo ao sul do rio Minho, muitos deles ligados à expansão colonial portuguesa.

4. As repetidas candidaturas para se proclamar pela UNESCO, o **património imaterial que é comum** a um lado e a outro da raia política, e que nasceram da associação transfronteiriça Ponte nas Ondas, de escolas de Portugal e da Galiza, onde constataram que tradições, expressões, jeito de olhar o mundo... é comum ao norte e sul do Minho, porém a Espanha trava, bem eficazmente esse reconhecimento, não é de admirar.

5. A fronteira de Portugal ao norte, não é mais fácil que a que tem ao leste, porém nenhuma é tão transitada. Todos os dias há umas trocas e circulação entre a parte da Galiza que ficou submetida por Castela/Espanha e Portugal, dum jeito que no caso galego dobra as que se produzem entre essa Galiza com o resto do estado espanhol. Para os galegos todos irem a Portugal é um pouco irem e estarem na sua própria casa. Como me dizia um dia uma vendedora na feira de Vila Real de Santo António, aqui vêm muito menos espanhóis do que se produz no norte, para os espanhóis que estão ao leste vir a Portugal e irem ao estrangeiro, os galegos não tem esse sentimento, para eles andar por Portugal é bem natural, já fosse isto Valença ou Barcelos...

6. A língua da Galiza, o português (da Galiza), é uma língua perfeitamente normalizada no mundo, que tem a pluralidade diatópica própria das línguas estendidas por todos os continentes, é dizer própria por tanto das línguas internacionais, que ainda que não seja oficial no estado espanhol sim que o é na União Europeia. Mas o problema com o português da Galiza, é que no estado espanhol dá-se uma situação de reconhecimento linguístico assimétrico no que uma das línguas tem caráter oficial pleno e a outra(s) cooficial, e essa cooficialidade é **regulada e limitada** entanto não existe nenhuma regulação dos usos do castelhano nos territórios das outras línguas.

7. A regulação do castelhano é o primeiro plano de qualquer política de sucesso normalizador dos usos das línguas. As políticas linguísticas em todo momento estão intervindo nessa realidade e regulando a minorização linguística da língua(s) não oficial do estado, ao que se soma o peculiar exercício interpretativo que fazem os tribunais, (não esqueçamos que no âmbito da judicatura não existe nenhum direito de uso das línguas “cooficiais”), e o próprio Tribunal constitucional limita essa regulação, com o que o assunto fica num exercício prometeico. Como diz o professor Sánchez Carrion "*La distorsión asimétrica consiste en el modo en que tiene una comunidad lingüística de percibir la misma situación como si fuera distinta*". Como dizíamos, o modelo espanhol é o do castelhano pleno e a outra(s) é uma língua cooficial com uma regulação em constante modificação, e se juntamos que ambas línguas tem distintas velocidades de circulação e penetram em âmbitos comuns mas com uma muito distinta intensidade, veremos que como consequência de isso assiste-se a constante descompactação e fracionamento dos falantes, e esse fracionamento é o mecanismo mais poderoso de minorização, ou melhor dito de que – os falantes da “língua nacional”, o castelhano, se percebam como tais.

8. No caso do português de Galiza, que dispõe de instrumentos enormemente válidos e mui produtivos para poder estar no mundo sendo ele próprio, com todas as variações diatópicas que se quiserem ressaltar, mas que não fazem mudar o discurso unitário da língua. Castela/espanha impus a rutura da unidade, a rutura do cordão umbilical com a língua galega internacional (o português), com a criação dum modelo de língua regional espanhola dependente do castelhano, a sua norma de correção¹⁵. Isso é um elemento chave do descompatamento da comunidade linguística e da minorização linguística¹⁶. De aí que as alternativas de mais êxito (as únicas que podem ter sucesso na Galiza) procurem restaurar essa comunicação como elemento de viabilidade social linguística.

9. Se a história de convívio na faixa ocidental peninsular é comum, pelo menos nos dous últimos milénios¹⁷, se desde o ponto de vista genético somos um espaço bem homogéneo dum jeito que só se acha em espaços humanos muito isolados, etc., e se a nossa cultura, língua e jeito de estarmos e olharmos o mundo é basicamente comum, quer dizer que somos um povo, um único e mesmo povo¹⁸.

Quarta parte¹⁹

1. Portugal é um estado, e como dizia Pierre Bourdieu no seu livro O Estado: **O estado é o único deus verdadeiro do nosso tempo**; e a parte da Galiza que ficou sob o domínio dos povos castelhanos está noutro estado, sob outro deus.

2. O estado conforma o seu universo comunicacional e nacionaliza as suas populações, e desde essa perspetiva a Galiza já não funciona como mais uma parte do povo português ou galego português, e sim como eu espremia em 1984, como uma espécie de território de fronteira.

¹⁵ [Carlos Garrido - Opinión - Páxina 1 - Nós Diario - Xornal de intereses galegos \(nosdiario.gal\)](#)

¹⁶ As organizações políticas que defendem essa alternativa regional espanhola, além do que elas afirmem e declarem, estão inseridas no universo hispano, e o seu projeto “nacionalista” se existir, acha-se num beco sem saída.

¹⁷ E mais, se um repara no megalitismo do noroeste e a sua especificidade e percorre o seu alcance territorial, rapidamente reparará que há um modelo caraterístico que abrange a faixa ocidental peninsular. Isso amossa que as nossas raízes comuns são bem fundas.

¹⁸ A grande vantagem nossa é termos uma Galiza que se chama Portugal e o seu universo, sem eles nós estaríamos nas condições dos asturo-leoneses, pouco mais que um remorso. Por isso para os posicionamentos neocompostelanismos e regionalistas o discurso da unidade ou da reivindicação da galeguidade portuguesa é tão desapontador, e fogem dele como diabos da água benta, Portugal para eles não existe pois não é espanha -estado atual - e nós para eles somos uma realidade exclusivamente espanhola.

¹⁹ Esta parte toma o essencial duma palestra minha em Lisboa em 1994

3. Uma parte da Galiza, a que se seguiu alargando para o Sul sob o nome de Portugal levou a nossa língua até o Alentejo e Algarve e polos quatro cantos do mundo, e não renunciava a unidade de todo o reino, cousa que começou já com dom Afonso Henriques, que interveio não poucas vezes a norte do Minho, e que levou a que três reis de Portugal vieram ser proclamados reis da Galiza: Fernando I, João I, e o último do Afonso V que antes citávamos.

4. Portugal estava, no período Baixo Medieval e Moderno, sempre. com a parte da Galiza que não constituiu o reino**20**, presente na sua ação política, com as classes altas portuguesas com estreitos laços de parentesco com as galegas, e virando-se umas vezes para o centro peninsular e outras para o além-mar, e quase sempre combinando ambos os posicionamentos, quer para cair na órbita de Castela, quer para procurar alianças e equilíbrios que a afastassem dela, esse período concluiu com a infeliz noite filipina, em que Portugal passa a ser mais um reino senhoreado por Castela, e no que a língua desapareceu da documentação política e da literatura, salvo a religiosa popular. Foi um período de forte contacto com o castelhano, e as palavras castelhanas entraram a milhares na língua portuguesa**21**

5. No 1 de dezembro de 1640 começa de novo a escrever a história por sim próprio o nobre povo lusitano. A energia e vontade do povo português, e, sobretudo, os interesses maioritários ainda diferenciados e vivos da classe dominante, fizeram com que a independência mudasse significativamente o sentido da integração no entorno peninsular da nação portuguesa**22**.

6. Portugal, recuperada a sua soberania, deixa de ser uma comunidade situada na periferia peninsular e, portanto, marginal a respeito do espaço central ou castelhano/espanhol e passa de facto a ser uma «ilha». O estado português como tal deixou de ter fronteira física com o resto da Península e torna-se um tudo em si próprio, o centro do seu mundo com a sua própria periferia, as suas colónias, e de ai a importância não apenas económica, mas também psicológica, da sua existência para a sua independência. De outro lado, vai manter relações com as potências dominantes do momento com o fim de conservar o seu estatuto de «ilha peninsular». No campo da língua enceta-se uma política de afastamento do romance central peninsular. Podem descrever-se episódios de Portugal relacionados com a Península Ibérica posteriormente a 1640, mas são todos aparentes, pois Portugal ainda quando se relaciona com ela, e ela era sempre Castela (não podia ser outra cousa), fazia-o de costas viradas**23**. Portugal virara de tal maneira as costas ao resto da Península que esta (Castela-Espanha) na praxe não existia. Os Portugueses concebiam o seu, como um país central, total e homogéneo, conceção promovida pela existência das suas colónias. Caso de olharem para outros Estados, os portugueses refletiam-se a si próprios, com apenas uma mudança de escala. Portugal podia relacionar-se com o outro Estado peninsular, mas era desde a sua ilha.

6. Essa posição de Portugal, esse estar o país no mundo, foi um elemento consciente e permanente da política portuguesa praticamente durante os últimos trezentos anos. Porém o 1 de janeiro do ano 1985, Portugal entra no espaço económico europeu e, quase que de golpe, descobre a «intelligentsia» portuguesa que na Península Ibérica existe um parceiro, muito coladinho e muito perto, e o país deixa de ser uma «ilha». O parceiro, nessa mesma data, entrava também no mesmo espaço económico. Portugal passou a ser assim, e não apenas geograficamente, um Estado peninsular, enquanto o outro Estado peninsular, Castela-Espanha, que nunca teve a Portugal como um igual, senão antes bem como um acidente histórico, descobriu subitamente que Portugal existia, achava-se ao seu lado, e podia introduzir nele os seus produtos, as suas finanças, os seus meios de comunicação, as suas imagens e as suas gentes. Para o velho Portugal «centro-lha» existiam as suas colónias e as potências dominantes, geralmente a Inglaterra, e muito menos a França, apesar do importante pouso da cultura gaulesa no país. Para esse «pais de centro» a Galiza não existia, era um nome que apenas ecoava acolá longe nos tempos das origens de Portugal, sem conseguir ocultá-lo com todos os mitos e milagres criados para explicar esta; e ainda não existindo, continuava a se perceber o arrecendo à Galiza na vida popular do Norte do Douro e na Beira. O que sim existia no velho Portugal eram os galegos, que desde sempre chegavam a “ilha” e faziam desde os socacos do Douro até qualquer duro trabalho que no país cumprisse. Faziam parte da paisagem urbana, a começar por Lisboa**24**. Para o velho Portugal os galegos eram uma espécie de etnia de brutos trabalhadores que falavam português à galega, quer dizer, rudemente. E ainda que sempre houve portugueses que souberem da Galiza, para a imensa maioria deles, incluída a “intelligentsia” ela não deixou de ser um mistério recluso na Espanha. A velha Castela acabara por se apropriar do nome de Espanha, e desde o Portugal homogéneo outra realidade resultava inconcebível.

7. Passados 37 anos desde 1985, hoje Portugal é um estado muito integrado na península, pode-se dizer que hoje todos os portugueses falam castelhano, a cada vez de jeito mais perfeito, e gostam de gabar-se disso a cada momento que acharem ocasião. O castelhano está muito presente até nos lares portugueses a meio dos diversos meios, e em Portugal produz-se um fascínio apavorante por Espanha**25**, dum jeito que não se dá em nenhum estado da Europa a respeito dum seu vizinho**26**. Muitos meios estão sob controlo económico espanhol, a dívida portuguesa é em grande medida espanhola, e a imagem que projetam da Espanha os meios sob o filtro e o desejo da propriedade, e bem político**27**. E a Espanha já está na CPLP, e não é um simples observador, que ninguém se engane.

20 O primeiro rei de Portugal Afonso Henriques, já teve muita atuação a norte de Minho, e nunca renunciou a ter aí influência e presença. Depois houve três reis de Portugal que foram proclamados reis da Galiza, Fernando I, João II e Afonso V. O encantamento da Galiza com a união na coroa de Portugal, levou a fúria castelhana da guerra de Doma e Castração., o objetivo era banir a comunhão do povo a norte e sul.

21 Fernando Venâncio, *Assim nasceu uma língua*

22 O levantamento de 1640, levou a um processo de simpatia e de anseio de união da Galiza a Portugal, mas por Portugal pronto foi percebido isso não como ajuda e sim como um problema, ao se estar falando de fronteiras que não eram as anteriormente reconhecidas do reino. Mas foram inúmeros os galegos a lutarem com Portugal e em não poucas batalhas, levas de galegos levados a lutarem contra seus irmão, desertaram e lutaram com eles como na batalha de Montes Claros. Na independência de Portugal foi um bom contributo a luta pela independência que começada um bocado antes, mantinha a Catalunha

23 A fronteira política, enquanto linha divisória, é sobretudo um filtro, e toda fronteira política é uma fronteira natural, se por natural se entender de nom-fácil trespassse (não se esqueça que, som muito mais infranqueáveis as fronteiras políticas que quaisquer barreiras naturais). A fronteira também é a linha de contacto de dous contínuos geográficos.

24 Na Lisboa atual, 1 de cada três moradores, tem raízes na Galiza a norte do Minho.

25 Como o fascínio que havia na minha infância nas aldeias da Galiza por Portugal, pois era na altura Portugal a cousa mas maravilhosa em todos os sentidos que se pode imaginar.

26 Isso entanto que para os portugueses ao norte do Minho, a Espanha garante e procura a inacessibilidade aos meios em português, aplicando a sua matraca legislativa-judicial

27 Ao final da década dos 90, pouco antes de se botar a caminhar uma certa regionalização em Portugal, participei numa jornadas sobre a regionalização de Portugal que organizara a câmara de Tomar. O texto da minha palestra, era *Um Projeto nacional de futuro para Portugal*. Nele explicava o porquê se necessitava um projeto nacional de futuro, e porque a regionalização devia consistir em converter a Portugal em duas regiões e como se articularia isso, e porque a importância do tamanho regional. Também afirmava que consentir nas atuais, (naquela altura e seguem) cimeiras ibéricas e aceitar o seu desenho por Portugal, era asneira, (poderia fazer um relatório de quantos roubos e golos se tem feito a Portugal nestas cimeiras, lembrem-se do mercado unificado elétrico...). E pedia desenvolver um novo modelo de relacionamento ibérico, menos ibérico... Incluso fazia uma proposta bem esquisita para o auditório, de construir uma nova capital, como parte do projeto nacional

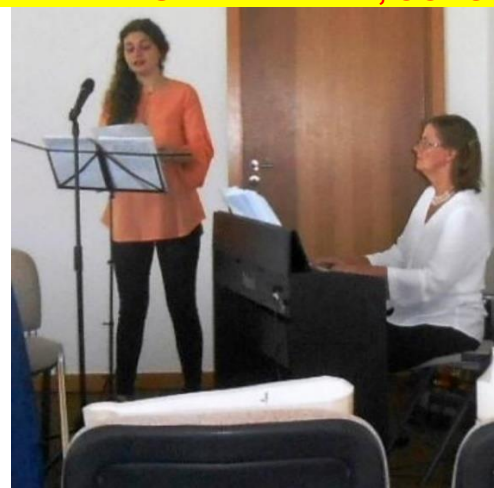
8. A Galiza que ficou sob o controle de Castela, está hoje num estado de degradação apavorante. Para as novas gerações a língua de instalação começa a ser o castelhano, e pode vir a Galiza a funcionar mais como um ariete de castelhanizar Portugal que outra cousa. Se Portugal não for quem de desenvolver um novo projeto nacional adequado a realidade do presente, e nesse projeto inserir a Galiza de algum modo, não olho o futuro deste nosso povo muito feliz, ainda que milagres não deixam de acontecer e sempre se albiscam esperanças, até onde menos se aguardam.

É SÓCIO DA AICL.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, PORTO FORMOSO 2014, GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, BELMONTE 2017, VILA DO PORTO 2017, BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 35º BELMONTE 2022

4. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AICL



24º GRACIOSA 2015



18º GALIZA 2012



BRAGANÇA 2009



23º FUNDAÇÃO 2015



COM A UDESC EM SANTA CATARINA 13º colóquio 2010



ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964) nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professoras Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora (Conservatório Nacional) tendo concluído o 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana.

Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos Estados Unidos), tocando como solista, com a orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em 2004 criou o Coro Infantil do Conservatório de Ponta Delgada mantendo-o ativo desde essa data. Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando de 2005 a 2019 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel) estreou mais peças do Pe. Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys C, com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio (Seia 13) estreou mais peças musicadas de autores açorianos, atuando com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010.

Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos nos colóquios de 2015 a 2017 e que foram apresentados em DVD no 28º colóquio em Vila do Porto.

As obras do Padre Áureo foram tocadas na Maia em 2013 e na Madalena do Pico em 2018. Posteriormente editar-se-á segundo CD.



12º BRAGANÇA 2009



14º BRAGANÇA 2010



29º BELMONTE 2021



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



17º LAGOA 2012

Ver HOMENAGEM 2018 (necessita ligação internet)

VERSÃO COMPLETA https://www.youtube.com/watch?v=yXVg2Fonugk&index=58&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s

VERSÃO CURTA <https://youtu.be/K-j5LNGU920>

EXCERDOS DE GRAVAÇÕES NALGUNS COLÓQUIOS - OUVIR AQUI

FLORIPA BRASIL 2010 <https://youtu.be/SRbPimP04dU?>

RECITAL MACAU 2011 (<https://youtu.be/dlCyM1iwz8E>) - HINO MACAU 2011

RIBEIRA GRANDE 2011 apresentação Crónica Açores https://youtu.be/wNQ_84RCITk

SANTA MARIA 2011 https://youtu.be/Yr_0bKgl_SE

LAGOA 2012 https://youtu.be/rnf_0f6lqls

MAIA 2013 <https://youtu.be/xrMB0McG8CE>

SEIA 2013 <https://youtu.be/czQi8Imp7wo>
 FUNDAÇÃO 2015 <https://youtu.be/MbPCx7BA0os>
 GRACIOSA 2015 <https://youtu.be/3TQgUAVRpQs>
 GRACIOSA 2015 com Francisco Lobão <https://youtu.be/Ya0tNVaBqRU>
 MONTALEGRE 2016 https://youtu.be/H5_rn0TfB_M
 LOMBA DA MAIA 2016 <https://youtu.be/53RWfHwbwX8>
 BELMONTE 2017 <https://youtu.be/WAAbuxdcQIA>
 MADALENA DO PICO 2018 https://youtu.be/FYZEFaxghdk?list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a



32º GRACIOSA 2019



16º STA Mª 2011



24º Graciosa 2015



30º MADALENA DO PICO 2018



15º colóquio IPM (MACAU) 2011



LINKS PARA TODAS AS GRAVAÇÕES QUE A AICL FEZ

34º PONTA DELGADA 2021

https://www.youtube.com/watch?v=fdPNDTo6sbQ&list=PLwjUyRyOUwOJXfW91m4BUdRyrE_5Rtf_F&index=1
https://youtu.be/svSOVCc5K_Q?list=PLwjUyRyOUwOJXfW91m4BUdRyrE_5Rtf_F

32º GRACIOSA 2019

<https://youtu.be/Mn3E7wOepgM>
<https://youtu.be/zJgRX1m5-pg>

31º BELMONTE 2019

https://www.youtube.com/watch?v=Ks3RxHk4j_Y&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=59&t=0s
https://www.youtube.com/watch?v=11tASjTx5_4&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=60&t=0s
https://www.youtube.com/watch?v=6R5I2V11Nzo&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=61&t=0s
https://www.youtube.com/watch?v=27IJtsAO4Q&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=62&t=0s
https://www.youtube.com/watch?v=A6339leHn_E&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=63&t=0s
https://www.youtube.com/watch?v=QxKOIRuXghs&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=64&t=0s

https://www.youtube.com/watch?v=7wXNqFWVGQA&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=65&t=0s
30º MADALENA DO PICO 2018
https://www.youtube.com/watch?v=fYZEFaxghdk&t=20s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=8
29º Belmonte 2018
https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2447-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-2.html / https://www.youtube.com/watch?v=ZsPqnW4Onlo&index=52&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2448-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-3.html https://www.youtube.com/watch?v=4S9MAayAjCg&index=53&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2449-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-4.html https://www.youtube.com/watch?v=Ro13UEmnocM&index=54&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a (https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=Ro13UEmnocM) Quando o Silêncio me Abraça https://www.youtube.com/watch?v=Za8LJ5fsDOg&feature=youtu.be
28º Vila do Porto 2017
https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2424-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-recitais-28-31-out-2018.html / https://www.youtube.com/watch?v=ejmr79lpwVU no ASAS DO ATLÂNTICO https://www.youtube.com/watch?v=gj9AwkXjzCl&t=0s&index=55&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
27º BELMONTE 2017
https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&t=237s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=10 https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2383-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-3-belmonte-2017.html https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2382-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-2-belmonte-2017.html https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2381-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-1-belmonte-2017.html https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=9 https://www.youtube.com/watch?v=xrBOJTURzMM&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&index=4&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2379-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-2-belmonte-2017.html https://www.youtube.com/watch?v=hQz60NLXjK4&index=7&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2380-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-3-belmonte-2017.html https://www.youtube.com/watch?v=rFKauX1UCPw&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2384-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%Basica-belmonte-1-belmonte-2017.html https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2385-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%Basica-de-belmonte-2-belmonte-2017.html
26º LOMBA DA MAIA 2016
https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2257-ana-paula-andrade-abertura-29set16.html / https://www.youtube.com/watch?v=53RWfHwbwX8
25º MONTALEGRE 2016
https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TFB_M&index=14&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2223-25%C2%BA-col%C3%B3quio-montalegre-2016-a-p-andrade-recital-em-vilar-perdizes.html https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TFB_M&t=1s&index=42&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
24º GRACIOSA 2015
https://youtu.be/3TQgUAVRpQs https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&index=19&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=JHUOEPKJEvl&t=3s&index=36&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=49s&index=37&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=gxCD2G2-7ZU&t=15s&index=38&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=9rmtHM-lmLE&t=8s&index=39&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=u34j-G-B8UI&t=0s&index=40&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI
23º FUNDÃO 2015-1
https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1943-2015-04-07-09-21-36.html https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1942-2015-04-07-09-06-15.html https://www.youtube.com/watch?v=2yLpM_IsAn8&index=82&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI https://www.youtube.com/watch?v=aDITGat5AOM&index=21&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1944-2015-04-07-09-28-21.html https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&index=22&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&t=1s&index=83&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI
20º SEIA 2013
https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1351-20%C2%BA-2013-seia-7-m%C3%Basica-ilhas-de-bruma.html https://www.youtube.com/watch?v=H1sKSQ-vK2U&t=1s&index=16&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=rX46kTudgRQ&t=0s&index=15&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&t=0s&index=17&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a https://www.youtube.com/watch?v=DhLaweHFsX0&t=0s&index=18&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
19º MAIA 2013
https://www.youtube.com/watch?v=0tOshvYW6G8&t=1s&index=85&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI https://www.youtube.com/watch?v=xrMBoMcG8CE&index=8&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=2s https://www.youtube.com/watch?v=FjsW_TAoHro&index=215&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI https://www.youtube.com/watch?v=uPqTWGWFD7o https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1348-19%C2%BA-2013-maia-9-1-m%C3%Basica-ilhas-de-bruma.html https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1347-19%C2%BA-2013-maia-9-2-m%C3%Basica-menina-dos-olhos-verdes.html https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1483-20%C2%BA-2013-seia-8-m%C3%Basica-recitais-todos.html https://www.youtube.com/watch?v=flhODrQYThQ&t=0s&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
17º LAGOA 2012
https://www.youtube.com/watch?v=JVz1sesWYhs&index=28&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s https://www.youtube.com/watch?v=JVZ1sesWYhs&list=PLwjUyRyOUwOJXfW91m4BUdRyrE_5Rtf_F&index=65

16º VIA DO PORTO 2011

<https://youtu.be/ejmr79lpwVU>
https://www.youtube.com/watch?v=Yr_0bKgl_SE&list=PLWjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=46
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1598-16%C2%BA-sta-maria-2011-ana-paula-andrade-ilhas-de-bruma.html>

15º MACAU 2011

https://www.youtube.com/watch?v=dICyM1iwz8E&index=11&list=PLWjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1349-15%C2%BA-2011-macau-8-2-m%C3%BAsica-chamarita.html>
https://www.youtube.com/watch?v=FP-S25f6gwI&index=27&list=PLWjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s

13º FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL 2010

https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=44&list=PLWjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a
https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=233&list=PLWjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

– VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPA DESDE 2008, BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 35º BELMONTE 2022

5. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA DO TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012)

António Callixto, Licenciado em Filologia Germânica. Filólogo e investigador linguístico.

Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012).

António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução.

Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos. Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira. Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe). Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia. Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco.

Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução.

Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.



GRACIOSA 2015



MONTALEGRE 2016



BELMONTE 2017



VILA DO PORTO 2017

Portugal e as laranjas

Qualquer português que tenha visitado a Grécia e/ou a Turquia lidou muito provavelmente com laranjas (viu, comprou, comeu, manuseou, etc.).

O fruto é tão comum nesses países que é improvável que não tenha tido com ele qualquer contacto. Se esse português tiver um certo ouvido, ter-se-á provavelmente apercebido de que “laranja” se diz “ποτοκάλι (portokáli)” em grego e “portakal” em turco. E se, além do ouvido, tiver também um certo interesse pelas línguas, talvez se tenha interrogado sobre a razão de tão curiosa designação.

O que o nosso português, leigo em questões linguísticas e/ou etimológicas, decerto ignora é que, numa grande extensão à volta das bacias dos Mares Mediterrâneo e Cáspio, em grande número de línguas e de países, o nome do fruto designado cientificamente por “citrus sinensis” (a laranja doce) deriva e está intimamente ligado ao nome do nosso país. A passagem em revista das referidas línguas e a razão de tal designação constituem o tema principal da presente comunicação, que acessoriamente dará ainda a conhecer a etimologia da palavra em outros grupos linguísticos.



Portugal e as
laranjas (AICL).pdf

VER POWERPOINT EM



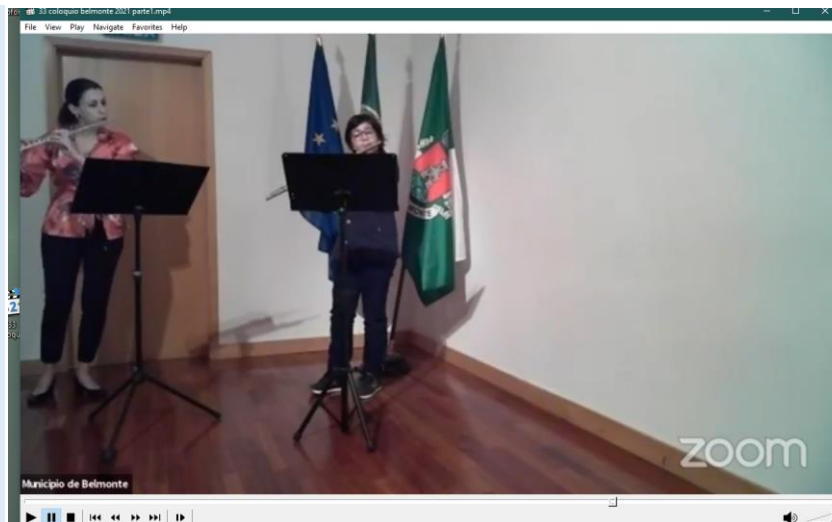
32º GRACIOSA 2019



É SÓCIO DA AICL.

- PARTICIPOU NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2004 E NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019, 35º BELMONTE 2022

6. ANTÓNIO COSTA



33º BELMONTE 2021

Toma parte numa sessão musical com a sua flauta



34º PDL 2021



11.6.2021



11.6.2021

JÁ PARTICIPARA NO 31 COLÓQUIO NO 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 34º PONTA DELGADA ONDE ATUOU COM A SUA FLAUTA. 35º BELMONTE 2022

7. CHRYS CHRYSTELLO. AGLP, AJA/MEEA, UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA. AICL PORTUGAL

CHRYS CHRYSTELLO, cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmontano.

Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972.

O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor (1974)

Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste.

Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82).

Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor na rádio e TV (Macau e HK).
 Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural.
 Foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais australianos.
 Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.
 Desde 2017 é JORNALISTA membro vitalício Honorário da MEEA-AJA [Australian Journalists' Association] por ter atingido 50 anos de profissão.
 Tradutor Profissional desde 1984 foi Fundador do AUSIT 1989.
 Lecionou Tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).
 Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05).



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



29º BELMONTE 2018



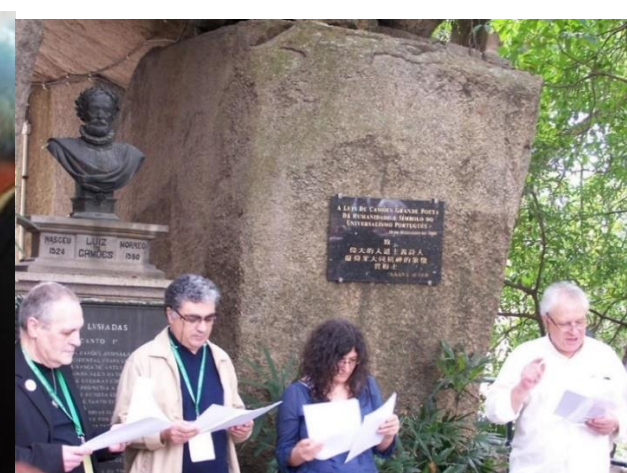
28º VILA DO PORTO 2017



15º MACAU 2010



12º BRAGANÇA 2008



POESIA, GRUTA DE CAMÕES 15º COLÓQUIO MACAU 2011



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019





15º MACAU 2011



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019



24º Graciosa 2015

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);

Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.

Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012);

Foi Consultor do Programa REMA, UAçores. (2008-12).

Académico Correspondente da AGLP desde 2012,

É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - OCEANIA - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo,

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (36 edições, 2 ao ano). <https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

Atual colunista do Diário de Trás-os-Montes desde 2005, do Diário dos Açores desde 2018 e Tribuna das Ilhas desde 2019 e LusoPress desde 2020

BIBLIOGRAFIA CHRYS CHRYSTELLO, LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

2019 Poema "Não quero saber o teu nome" in vol. XI da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado

2019. CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 4 – 2011-2018 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1175/chronicacores-2011-2019-vol-4-draft-sem-cortes.pdf>

2019. CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 3 – 2005-2018 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1024/chronicacores-VOL.-3-vol-2005-2018-rascunho-sem-cortes.pdf>

<https://www.academia.edu/s/22eafae916/chronicacores-uma-circum-navegacao-volume-3-chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores?source=link>

2018. Poema "Partir II" in vol. X da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED ISBN: 9789895243648

2018 FOTOEMAS foto Book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas> ISBN: 9781388351083

2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

2018. CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-\(3%C2%AA-ed-2018\).pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf)

2018, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores,-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf>

2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. AICL e Letras Lavadas Publicor, Ponta Delgada

2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. AICL e LIDEL

2017. Poema "Maria Nobody" in vol. VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED. ISBN: 9789895215423

2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Univ. Beira Interior, org. Alexandre da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório

2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016

2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Lisboa

2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café

2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia

2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/obras-do-autor/1007/cronicas-austrais-1978-1998-4%C2%aa-ed-2015.pdf>

2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016

2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. <https://www.scribd.com/document/3051472/cronicasaustrais>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf>

2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 vols, 40 anos de vida literária, ISBN 9789728985646 ED. AICL e Calendário de Letras 2012

2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf>

2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.

2012, vol. 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>

/ <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporeter-vol-2-193-1992>

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, CrónicaAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras

2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado <https://www.scribd.com/doc/39955110/chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores-volume-um-da-trilogia>

2009, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009

2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.
2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel” Victor Rui Soares, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho” de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> -
2004, tradução para português “A People’s War” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de “La familia: el desafío de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed., <http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit>
<http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>,
2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf,
<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>
2000, vol. 1 da trilogia (inglês) da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. <https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-> ,
<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf>
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf> ,
1999, vol. 1 da trilogia (português) da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3
1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>
1985 Crónica XI Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>
1981. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <https://www.scribd.com/document/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd> –
1974. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) abr 1974 Díli, Timor Português (esg) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>
<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf> (fac-símile do original)

A EULOGIA A CRISTÓVÃO DE AGUIAR “IN MEMORIAM”

Em 5.10.2021 dia da república faleceu Luís Cristóvão de Aguiar, Deixou 3 filhos, José Manuel, Artur e Luís que hoje nos honram com a sua presença.

Gostava de recordar momentos inolvidáveis que com ele passei nos colóquios da lusofonia e na sua casa do Pico. Recordo o que escrevi em 5.9.2009

Plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e ambos sabemos que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos, uma *raison d’être* nas nossas mentes conturbadas. Para ele, a escrita nunca será catarse pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha...e para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a catarse constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, e tampouco tiros. Encontro tanto sofrimento na escrita do Cristóvão que me apetece ir ao Pico consolar as suas velhas penas. Os Açores são uma réplica miniatral da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve e não reivindica verdades absolutas ou duradouras.

. **09.09.2009** - Isto das ilhas tem muito que se lhe diga. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes, a reprodução do mote popular “a minha festa é maior que a tua”.

Dos dias passados na sua casa no Pico em 2009 recordo leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Surgiam em catadupa nomes e obras dos últimos quarenta anos. Muito descobri naqueles dias com essa enciclopédia de conhecimentos que é Cristóvão de Aguiar. No último dia, andados uns passos rumo à sua casa deparei com uma camioneta de passageiros aguardando o começo da semana. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria uma aventura “pedir emprestada” a carripa, percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos passageiros. Pararia em todos os locais, para que fossem contadas as histórias e lendas do local. Que livro maravilhoso não dariam as histórias daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

12.8.2011 - Parado no aeroporto da Horta, não sou o Passageiro em trânsito do Cristóvão de Aguiar, antes deixo que os ponteiros do relógio caiam lentamente, por entre o linguajar dos que, comigo, esperam. Como sempre acontece, quando excursiono nestas ilhas atlânticas, nunca tenho vontade de partir: império, permaneço sentado, quase imóvel, no pátio de observação do aeroporto da Horta. Estou de frente para o Pico que me pisca o olho, sorrateiro, por entre as nuvens, escondendo-se, amiúde, dos meus olhos perscrutadores. Ao contrário do Cristóvão não carrego comigo a ilha e a que transporte não é outra. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento o desejo do regresso numa noite de luar como o de ontem. Parafraseando-o In Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito **MAIS, PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE, 2004**) direi da Língua de todos nós:

Amo-a sem o empecilho da palavra.

O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.

Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável, como tão eloquentemente escreveu, em título de livro, o Poeta Egito Gonçalves. Os poetas têm sempre razão!"

E há muita língua portuguesa e poesia na prosa do Cristóvão que espero os vindouros saibam honrar. Obrigado por existires, meu mestre.

APRESENTOU A SESSÃO DE POESIA A QUATRO VOZES COM PEDRO PAULO CÂMARA. ISABEL REI E LUCIANO PEREIRA

719 ESTA SOLIDÃO MASCARADA QUE ASFIXIA 2021 PEDRO PAULO C

ah! esta solidão mascarada que asfixia
este isolamento involuntário a que nos obrigam
esta segregação imensa que nos anquilosa
este drenar cerebral que nos impede de ler livros

ah! esta solidão mascarada que asfixia
esta lavagem covidesca ao cérebro
como se não houvesse mais doenças
as restrições e as proibições e as negações

ah! esta solidão mascarada que asfixia
as vacinas, os entubamentos
os mortos diários como folhas que caem das árvores
os internados, os positivos, os recuperados
os contaminados por esta lepra do séc. xxi

ah! esta solidão mascarada que asfixia
a economia morta, as famílias moribundas
o ensino de rastos, e a proibição de comprar livros
as igrejas abertas, ginásios fechados

ah! esta solidão mascarada que asfixia
as revistas não propagam o vírus porque entorpecem
os livros são perigosos porque abrem janelas
e proibições atrás de proibições
neste país de saudades salazarentas
de denúncias pidescas, de invejas mesquinhas
de pânico e medo que nos metralham
a toda a hora nos jornais, telejornais

ah! esta solidão mascarada que asfixia
neste carnaval em que não podemos despir a máscara
o humor ainda não foi vetado mas não é apreciado

ah! esta solidão mascarada que asfixia
e o vírus que me matou a mãe, primos e amigos
ainda não me matou a alma nem a poesia
nem a utopia e sonhos
nem a vontade de ser livre
nem me silenciou
nem me condenou ao cadafalso

ah! esta solidão mascarada que asfixia
e não há vacina que nos salve
desta solidão mascarada que asfixia

691. GALIZA MORRES SOZINHA (2017) ISABEL

(este parte, aquele parte e todos, todos se vão)

galiza morres sozinha
mataram-te a língua
roubaram-te a riqueza
vives só e à míngua
despovoada frágil presa

galiza morres sozinha
esqueceram a tua história
enterraram teus heróis
castraram-te a memória
já nem sabeis quem sois

galiza morres sozinha
nas tuas aldeias desertas
nas ruas e cidades colonizadas
no desprezo dos portugueses
nos livros que ninguém lê
na história que não despertas
memórias ancestrais apagadas

galiza morres sozinha
abri as portas e o coração
ressuscitei lendas e pedras
escrevi laudas e poemas

recordei a sueva coroação
 e acreditei que renascias
 autónoma sem problemas

galiza não morras sozinha
 deixa-me cantar-te
 e viverás só minha!

734. DOR DE ALMA 2022
 LUCIANO

acordei com dor de alma
 bem pior que dores nas cruzes
 sem analgésico nem vacina
 tentei manter a calma
 apaguei todas as luzes
 à espera da medicina

733 SORRISOS 2021
 PEDRO PAULO

há sorrisos que são janelas da alma
 outros são autoestradas
 e alguns especiais chegam a ser poemas

VEIO O OUTONO (MOINHOS, SETº 2018) CHRYS

quando os esbirros te cercarem
 que apenas beijos tapem a tua boca
 quando as espingardas te alvejarem ao coração
 que apenas rosas sejam disparadas
 quando os advogados vierem para te comprar
 que apenas saibas dizer sim ao amor
 quando os esbirros vierem para te algemar
 que apenas as lágrimas te aprisionem
 quando chegarem para te roubar o voto
 que só os teus sonhos sejam arrebatados
 quando vierem para te roubar a vida
 que apenas te levem o outono

732. PRAZO DE VALIDADE 2021
 ISABEL

não encontro o meu prazo de validade
 nem no cartão de cidadão
 nem no boletim de saúde
 ao menos os eletrodomésticos
 possuem prazo de garantia

730 AS DORES DO MUNDO 2021
 LUCIANO

não são minhas as dores do mundo
 nem de Schopenhauer
 cada um é feliz ou desinfeliz
 como pode e sabe
 e hoje nem temos tempo
 para nos inquietar
 para saber viver
 entre a dor e o tédio

729 SHANGRI-LA 2021
 PEDRO PAULO

shambhala só existe na minha poesia
 e em textos antigos tibetanos
 ninguém a encontrou
 nem os monges budistas
 em busca dos deuses de agharta
 da paz, felicidade, tranquilidade
 o shangri-la com que sonhamos.

727 NÃO HÁ ILHAS, AO P P CÂMARA 2021
 CHRYS

diz o p. p. câmara que não há ilhas
 nem há barcos nem aviões
 nem jangadas ou submarino
 capazes de nos transportar
 nas asas deste povo amordaçado
 colónia dum povo ultramarino

nove ilhas pequenas de raças anãs
 vogando ao sabor de terramotos e vulcões
 sem leme nem destino
 a reboque dumas fajãs

dentre a bruma se erguem
 poemas e prosa
 épicas gestas
 de gente religiosa

diz o p. p. câmara que não há ilhas
 e eu piamente acredito
 vivemos um sonho à deriva no mar
 demasiados egos para timoneiros
 tantos VIP que nem acredito
 com cursos de taberneiros
 discursando e uivando ao luar

não há ilhas no arquipélago
 nem cultura nem história
 das gestas idas nem memória
 nem de brianda virago

e ninguém sabe que Cipião
 disse antes morrer livres
 que em paz sujeitos
 pode ser que venha um vulcão
 e nos leve entre preitos

710. NÃO QUERO SABER O TEU NOME, 2019
 ISABEL

não quero saber o teu nome
 nem a tua idade
 nem o teu bairro
 nem o teu emprego

não quero saber a tua riqueza
 nem o teu carro
 nem as tuas férias
 nem a tua família

quero saber como tratas as estrelas
 e os animais

quero saber onde nasce teu sorriso
 e as tuas lágrimas

quero saber como tratas as nuvens
 e a bruma
 e o sol pôr

quero saber como sonhas
 onde moram teus sonhos
 e se neles há lugar para os meus

8. 720. O REGRESSO (O BURACO NEGRO DA MUDANÇA DE HORA) 2021
 PEDRO PAULO

tenho em mim todo o tempo do mundo

percorro calendários sem dias nem meses
 a minha ampulheta tem a duração das estrelas
 vagueio em cósmicas andanças
 moldei o tempo e o espaço
 em buracos de minhoca azul
 como einstein previa
 vórtices acelerados
 viajo por estrelas e nebulosas
 em túneis do hiperespaço
 buracos negros de singularidade
 matéria comprimida a tamanho zero
 e mesmo quando na terra a hora muda
 regresso sempre aos açores

9. 724. PARA UMA BIBLIOTECA UNIVERSAL DA FELICIDADE 2021
 CHRYS

(lembrando poema de fernando manuel bernardo
 cantado por manuel freire)

se poeta sou
 sei a quem o devo
 a meu pai
 que me ensinou
 a gostar de poesia
 dos clássicos aos neorrealistas
 da antologia da novíssima poesia
 da maria alberta meneres e m. de melo e castro
 à matura idade de mourão-ferreira
 quando só me apaixonava
 por quem gostava de poesia
 e sabia sonhar nas marés
 de paul eluard à autobiografia de maiakowki
 dos 40 anos de servidão de jorge de sena
 aos operários em construção de vinicius de Moraes
 fiz minhas as lutas dos trabalhadores
 espoliados escravos da ditadura
 e dos infantes que se opunham à guerra
 organizei concertos de música proibida
 marchei à frente dos cavalos da gnr
 dos poemas escolhidos de jorge luís borges
 e entre duas memórias de carlos de oliveira
 lavrei meu canto e lavei a minha alma
 mas quem me ensinou
 foram os livros que levei
 para timor, macau e austrália
 zeca afonso no livro proibido
 os cantares do single de 1964
 que ouvi ao vivo no tup no porto
 aprendi lawrence ferlinghetti
 em como eu costumava dizer
 revoltei-me e tornei-me animal político
 no uivo de allen ginsberg
 com todos subi às montanhas de bobonaro
 e boiei na areia branca de díli
 a vocação animal de herberto helder
 levou-me a imaginar sereias em Bali
 cabaias e ousados cheong sam
 de ninfas orientais nos casinos de macau
 os olhos de silêncio de ramos rosa
 fizeram-me sofrer amores incompreendidos
 a invenção do amor de daniel filipe
 ou a sua pátria lugar de exílio
 fizeram da minha poesia uma arma
 a antologia breve de neruda
 e a crítica doméstica dos paralelepípedos
 ou a noção de poema de nuno júdice
 e o canto e as armas de manuel alegre
 foram livros de cabeceira
 até à idade do meio

depois na idade matura descobri
 as maravilhas atlantes
 no fogo oculto de vasco pereira da costa
 dancei o tango nos mares do sul
 do eduardo bettencourt pinto
 e mergulhei nos poemas vadios
 de álamo oliveira
 e nos lugares, sombras e afetos
 do urbano bettencourt
 sem sair dos silos do silêncio
 de Eduíno de Jesus
 e tantos outros autores
 que aprendi a decifrar
 neles me perdi e encontrei
 com eles serei amortalhado
 para que ao morrer se evolue de mim
 o cheiro diáfano das palavras dos mestres
 e o mundo seja mais respirável
 e mais justo nas palavras dos poetas
 porque eu sei
 se poeta sou
 a eles o devo

10. 711. DESCULPA O ATRASO 2020
 LUCIANO

Meu amor desculpa o atraso
 Fiquei preso num poema
 Que nunca cheguei a escrever
 Que nunca cheguei a declamar
 Que nunca cheguei a dedicar
 E queria tanto ter chegado a horas
 Queria tanto ter escrito
 Queria tanto declamar
 Meu amor desculpa o atraso
 Fiquei preso num poema
 Com as palavras que nunca te disse
 Com o sentimentos que nunca te expressei
 Como se o amanhã existisse
 E queria tanto ter dito
 Queria tanto expressar esse amor
 Como se o amanhã fosse hoje
 Meu amor desculpa o atraso
 Fiquei preso num poema
 E só tu me podes libertar

APRESENTOU ILHAS DE VOZES: Um Arquipélago Prenhe De Vozes. - J. Chrys Chrystello (AICL e AGLP)

Uma viagem pessoal à escrita açoriana numa inglória tentativa de resumir os dois volumes de CrónicaAçores que aqui deveriam ser apresentados e que a pandemia atrasou. A ilha para Natália Correia é *Mãe-Ilha*, para Cristóvão de Aguiar *MarIlha*, para Daniel de Sá *Ilha-Mãe*, para mim é *Ilha-Filha*. Para amar, ver medrar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu, perdi sotaques mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as a reboque, colar multifacetado de mundos e culturas distantes. Primeiro nas raízes de Bragança, ilhoa esquecida do nordeste transmontano, ilhota esquecida da Europa no Estado Novo, seguido de um capítulo naufragado da História Trágico-marítima, em Timor, Bali e na ínsula de Macau, fechada da China nas Portas do Cerco, antes de arribar à vasta ilha-continente da Austrália, e por fim nas nove filhas de Zeus. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Para sentir melhor estas ilhas, terei de inventar como sair delas mais vezes, sem nunca as deixar para trás, e retornar de amor acrescido. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, acalento o perene desejo de regresso numa noite de luar e se houver estrelas quero que sejam as minhas, gargantilha de pérolas para afagar pescoços arquipelágicos.

A ilha para Natália Correia é *Mãe-Ilha*, para Cristóvão de Aguiar é *MarIlha*, para Daniel de Sá é *Ilha-Mãe*, para mim nem mãe, nem madrastra, nem MarIlha mas *Ilha-Filha*, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver medrar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu, perdi sotaques mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, insignificante ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, seguido de um capítulo naufragado da História Trágico-marítima, nas ilhas de Timor, de Bali e na [(pen)ínsula de] Macau (então fechada da China nas Portas do Cerco), antes de arribar à vasta ilha-continente da Austrália, criando raízes em Bragança, ilhoa esquecida do nordeste transmontano e por fim nestas nove filhas de Zeus. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento o perene desejo de regresso numa noite de luar como o de ontem. Para sentir melhor estas ilhas, terei de inventar como sair delas mais vezes, sem nunca as deixar para trás, e retornar de amor acrescido. Se houver estrelas no céu quero que sejam as minhas, gargantilha de pérolas para afagar pescoços arquipelágicos.

DE LENDAS E MITOS

Não existem provas de que os Açores sejam o remanescente da memória da mítica Atlântida, outrora próspera e culta, desaparecida sem rasto nas profundezas abissais. Curiosamente, no livro de banda desenhada “*Blake e Mortimer, O Enigma da Atlântida*”, S. Miguel era porta de saída da legendária civilização. Mesmo que os Atlantes aqui tenham habitado não foram encontrados indícios, faltando explorar as insondáveis profundezas dos mares. Mesmo aí, é dúbio que algo possa ser encontrado e que sucessivos tremores e erupções submarinas não tenham destruído. Pelo exemplo dos últimos quinhentos anos, dificilmente se poderão deparar com artefactos ou restos civilizacionais perdidos desde os escritos de Platão, sempre motivo de cogitações e explorações fantásticas. Não faltaram, recentemente, escritores, jornalistas, romancistas e cineastas, que reconstituíram, com imaginação, a arquitetura, o traçado e os materiais da capital da Atlântida. Confabularam o vestuário, o modo de vida da população; a economia, as classes sociais, a religião, os deuses; os imperadores; as orgias, a beleza estranha da soberana. Especulações e nada mais.

Quiseram geógrafos e historiadores ver na narrativa do filósofo grego uma alusão poética a um muito antigo conhecimento da América. O facto não é tão extraordinário como pode parecer, se considerarmos o arrojo marinho dos fenícios, e as recentes travessias do Atlântico por navegadores solitários em frágeis embarcações. As viagens comerciais de Fenícios e Cartagineses tiveram grande importância na Antiguidade, e as que poderiam ter levado a um reconhecimento dos Açores, foram a circum-navegação do continente africano, de Oriente para Ocidente, a mando do faraó Necho em finais do séc. VII a.C. e a viagem do cartaginês Annone, que perto do fim do século V a.C., abriu as velas de Cartago rumo ao Atlântico, ultrapassou as Colunas de Hércules (Gibraltar) e chegou ao Golfo da Guiné. É curioso que as referências ao conhecimento dos Açores, anteriores à chegada dos Portugueses, sejam fenícias e relativas à Ilha do Corvo.

AÇORES DE FEUDALISMOS E AUTONOMIAS POR CUMPRIR

Como escreveu Caetano Valadão Serpa²⁸

“Nos Açores, desde a injustiça social na distribuição das terras pelos capitães donatários até ao ruir das esperanças de progresso para a camada popular, esta nunca beneficiou grande coisa dos empreendimentos agrícolas, comerciais e industriais da vida das ilhas e sempre albergou em si a ânsia de se libertar duma vida onerosa em terras estagnadas, ricas é certo, mas duma riqueza tantas vezes nas mãos de gente indolente e falha de iniciativa, desejosos de se enriquecerem ainda mais, mas completamente alheios ao progresso da terra e mais ainda ao bem-estar daqueles que eram instrumento da sua prosperidade. ...”

Como disse Mariano Larra²⁹, escritor e jornalista espanhol do início do séc. XIX:

“Um povo emudecido é um povo de atordoados e medrosos, a quem um prolongado costume de calar entorpeceu a própria língua”.

Direitos garantidos constitucionalmente, dizem eles. Na prática, nada significam. Obedientes, comem e calam sem nada dizerem, com o medo implantado há séculos na sociedade. Já a Santa Inquisição fizera excelente trabalho na perpetuação desse temor, acrescentando a delação como característica a preservar pelos bons cristãos. São estes traços que distinguem os portugueses dos restantes europeus: a mediocridade, a delação e o medo, não por esta ordem hierárquica, mas como alicerces da sociedade e nisso os açorianos são muito portugueses.

A inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural pelas quatro partidas do mundo (da ponta mais oriental do Império (em Timor) até à mais ocidental, nestes cumes atlânticos no Grande Mar Oceano). No outro dia mal se vislumbra a costa da Bretanha em frente à janela do meu “castelo” na Lomba da Maia onde habito. O grande Mar de Atlas, como os gregos lhe chamavam no tempo de Heródoto (450 a.C.), confunde-se com o anilado ou acendrado céu, dependendo da cor das lentes com que se acorda. A janela desabrocha sobre o mundo. Enxergo mares. Lobrigo montes. Diviso nevoeiros que desaparecem sem rasto. Entrevejo vacas alpinistas, fiéis ao destino ruminante sem desfraldarem queixumes. Fantasio que a verdadeira autonomia se abaterá sobre o arquipélago criado a ferro e fogo. Aí se vislumbrará a tal ínsula nova que só surge com os nevoeiros de São João. Com ela devaneio. Se a antecipo encoberta componho os óculos, arregalo a íris, foco o invisível. As ondas e as nuvens também conspiram para a ocultarem. Careço de um cartógrafo como Ptolomeu e portulanos das Escolas de Maiorca ou de Sagres, para a mapear corretamente pois só descortino os contornos como se a visse em Braille e não em representação de Mercator como Ortelius fez.

la jurar tê-la observado por entre um belo arco-íris da Lomba da Maia à semienconhecida Bretanha, mas o arco da velha sumiu. Quiçá tê-la-ei antevisto (mas também há quem jure ter visto D. Sebastião nas brumas)! Todavia o mar confunde-se com o firmamento, num horizonte indistinto, em constante mutação, ora pardo ou azuláceo. Perde-se no alcance da visão. Quando fito o grande lençol de água, estou expetante em vislumbrar a ilha nova a delinear-se. Fantasio e divago com ela, ora encoberta ora invisível. Acredito piamente que exista para lá do limite impercetível do horizonte. Por vezes, as próprias formas e cores das nuvens afiançam esse mistério que os mapas não cartografaram. Confio devotamente. Sei que virá ao meu encontro, como a ilha Sabrina de antanho e as que surgiam e desapareciam das cartas de marear na época de S. João. Esta é especial. Sempre que posso, perscruto o futuro em busca dela na realidade que me escapa e, no entanto, está lá. Quando a vir, reivindicarei o direito a denominação patenteada. Designá-la-ei Autonomia.

Enquanto essa mágica ilha não advém, para a povoar, na paz rural e bucólica que me rodeia, os vaqueiros prosseguem no seu afã ancestral, levantam-se trevas cerradas e acamam-se, cansados, no negrume da noite. Rotinas entrecortadas pelas festas, romagens, procissões, sem queixumes pela má sorte que lhes reproduz destinos ingratos. Resignação amargurada, lobrigada nas comissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, tragando um copo de três ou um abafado. Os campos continuam a ser arados, as vacas mungidas, chova ou faça sol, feriado, dia santo de obrigação ou fim de semana. A terra e as vacas são os atributos mensuráveis da riqueza. Hoje, as ilhas transformaram-se em vacaria ou imensa leitaria. Estes vaqueiros mourejam sem terem ouvido falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros (todos os dias, meses, anos). De tantas em tantas horas estão a mungi-las, levá-las de um pasto para o outro, que no inverno a ilha é sempre verde. O quotidiano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutrem a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sem calendário (a não ser dias santos e das festas), religiosamente acatados por homens e mulheres (apesar de poucas, também por aí andam algumas nas vacas e supõe-se que interrompam as lides aquando da gravidez, ao contrário

²⁸ (in “A Gente dos Açores pp. 45”)

²⁹ (in Prado, Décio de Almeida, “Prefácio em forma de peça”1979 pp. 24, citado em Anais XXI CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS, O HUMOR NA LITERATURA pp. 102

dos chineses onde até as crianças nascem nos arrozais em plena colheita). Os rendimentos são inferiores aos ibéricos (a que chamam o Continente) mas há sempre mais subsídios para rações, para produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram ou a que os de cá forçaram com a sua insistência inesgotável, e as suas queixas diárias de que vão todos falir....

No século XVIII ninguém pudera prever a data do fim da exportação das laranjas, agora há anos que se sabia do fim das quotas mas em vez de conversão, aumentou-se a produção anual de leite sem escoamento possível. Claro que os pastos não se podem converter em terras de cultivo enquanto o Diabo esfrega um olho, e os trezentos mil animais não se desvanecem num ápice por mais subsídios ao abate que se inventem, sem que haja do Governo, das autarquias ou das gentes da pecuária (sempre tão lestras a pedirem apoios e subsídios) qualquer ação, individual ou coletiva, que acautele o futuro de pobreza e miséria que poderão advir. Reservo-me sempre o direito de emitir opiniões e ser controverso quando afirmo que nos meios rurais, os açorianos continuam tão escravos, como os antepassados, mesmo sem o saberem. Há quem alegue que a servidão hodierna é mais humanizada e de matizes mais esbatidos (decerto nunca foram escravos mas isto é o país de brandos costumes). Seguem fados tradicionais sem os questionarem. O fatalismo insular pode ser explicado pela brutal aspereza dos elementos: o fogo e as manifestações telúricas. A energia positiva dos vaqueiros é muitas vezes dirigida para ações cotejadas com o culto cristão eivado de paganismos, como as romarias. Existem alternativas, fugir, emigrar, ou então (e de forma mais simplista) mandar a escravidão às urtigas e viver do rendimento de inserção social.

Nas zonas rurais os filhos, que já não abundam como dantes, vão à escola nos intervalos da labuta nos campos. Se faltam às aulas e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Se deixam de estudar é para irem para as vacas. Sempre foi assim, o açoriano vive do imediatismo. O futuro nunca se pensa nem planeia, nada arrisca nem previne, e o presente é como a navegação, com terra sempre à vista.. Este açoriano, é bem diferente do antepassado que, no século XIX (com menos estudos nem universidade), criou a Sociedade da Agricultura Micaelense, quicá o movimento mais importante da história. O comércio da laranja extinguiu-se vitimado por doença quando a exportação estava em ampla expansão. O que esses antepassados anteviram (e precaveram-se) foi que a riqueza não seria duradoura devido aos avanços da produção e do transporte na Europa e, em especial na Península. Mas desta vez todos avisaram esta geração do séc. XXI de que as vacas iriam acabar como o ciclo do pastel acabou...mas ninguém os preparou, as vacas são a única ocupação que conhecem e nem concebem outra...Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar. Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis. Fatalismo ou destino, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Esgotados os fundos europeus para a excessiva produção de leite nas ilhas (e no resto do mundo) ficarão sem nada.

Depois do fim da gesta heroica e brutal dos baleeiros, que Dias de Melo retratou, aproxima-se o fim da era do leite que nenhum escritor romantizou. Virão dias de fome e de aflição. Nos EUA há quem aproveite o estrume do gado para energia ecológica...será que estes campos podem produzir biodiesel? Por outro lado, como a terra é fértil, quando se acabarem as vacas leiteiras poderiam diversificar, aproveitar os solos úberes para criarem outros produtos para mercados de nicho e exportar para o mundo. Mas a única coisa que se vê, todos os dias no telejornal é o dono das vacas a pedir mais subsídios (porque choveu, porque está uma seca e não choveu, porque o furacão estragou isto, a tempestade tropical estragou aquilo, apoio ao seguro agrícola, eu sei lá 1001 pedinchices por vezes ameaçadoras). Não fala em dar formação aos associados, nem a converter as vacarias, só lhe interessam subvenções de cá e da UE. Não penaliza os que produzem leite a mais, pede mais subsídios. Os tempos mudaram, cá e na Europa, mas, império, permanece na sua, encravou na gravação. Creio que a única coisa para que não pediu dinheiro foi para compensar o nevoeiro cerrado, como hoje, mas, cuidado que posso estar a dar-lhe ideias.

Os políticos vivem em torres de marfim limitados ao ritmo da reeleição e não têm visão para “idealizar” os Açores em 5, 10, 20 ou 30 anos, sempre na mira da próxima contagem de votos, nada tentam (além de obras de betão com nome na placa de inauguração), nem parece que o fizessem se soubessem. Se optassem pela verdadeira autonomia da emancipação total seria tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou Nauru. Cristóvão de Aguiar aventou, em tempos, que teriam de ser nove independências. Com a tradição colonial centenária e para evitar muita perturbação, opino que quatro bastavam: S. Miguel e a colónia de Sta Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a colónia do Pico e de S. Jorge e, por fim as Flores e a ilha adjacente Corvo.

Não há autonomia sem meios próprios, assim como não há democracia sem capital. Karl Marx nunca o soube. Só com poder de compra se pode ser livre. Sem posses, os pobres não podem almejar a liberdade, nem os escravos, a alforria. A emigração foi sempre a face visível da emancipação açoriana. Lisboa e o Terreiro do Paço são Miguelistas, governam como se nunca tivéssemos saído da monarquia absolutista. Nem os cães ladram quando a caravana passa. Até os cachorros são indolentes. Mimetizam as pessoas, conformistas e aburguesadas, pobres burgueses e burgueses pobres. O insuportável e fedorento colonialismo paternalista de Lisboa permanecerá a menos que miraculosamente as turbas despertem da letargia acomodada e saiam à rua. Aí sim, pode haver autonomia, ou não. Mas é mais fácil ser dependente de subsídios e atribuir todas as culpas ao Terreiro do Paço. Dado o desdém com que tratam os autóctones (ao ignorá-los), seria de esperar maior unidade e desejo autonómico. Compete aos açorianos decidirem o destino. De emancipação. Não da independência. Salvo raras exceções, poucos manifestam tais desejos face ao poder central, cego e cabeçudo, satisfeitos com a submissão das ilhas a Lisboa.

E arrisco ser, de novo, controverso. Há regionalismos autonómicos (como o açoriano) que deviam ser estimulados. O desprezo constante a que votam os ilhéus é quase tão mau como a forçada desertificação humana no interior profundo de Portugal. Para os continentais, em 2005, quando se falava dos Açores era como discursar sobre Timor Português quando fui para lá em 1973. Sabiam que eram ilhas e pouco mais, ou nem isso, falavam na ilha dos Açores. Quase como a anedota insólita da reportagem na TVI em 2007 “a senhora é dos Açores? mas é branca.” Não avisaram que a paisagem é verde, as pessoas não. Depois com as companhias de aviação, de baixo custo, tudo mudou, passamos a ser os melhores e maiores, na crista da onda, a funchalizar e construir hotéis, alojamento local, empresas de exploração turística e a converter São Miguel numa Disneylândia da natureza.

Desde tempos ancestrais, o orgulho em ser-se açoriano é profundo, arreigado ao húmus, mas difuso. Confunde-se com bairrismos de ilha, insularismos de freguesia. É prejudicado pela idiossincrasia micaelense de chamar Açores às outras ilhas. Como se S. Miguel fosse Lisboa perpetuando dependências e vassalagens obsoletas. Fruto da herança ancestral, do obscurantismo de 48 invernos salazarentos e primaveras bafientas da 3ª República entorpecente e anestesiante, alegadamente democrática... A história sempre ilustrou a luta entre a Terceira e S. Miguel pela supremacia dos capitães donatários, titulares da efêmera nobilidade de "capital do arquipélago". Estes vícios repetem-se ainda hoje em bairrismos e invejas insulares. A autonomia vive-se em círculos muito circunscritos, em escritores e expatriados. Surgirá - cremos, - não à mesa do café, mas da escrita, de uma "elite esclarecida" (à falta de melhor adjetivação, mas quando foi a última vez que uma elite fez uma revolução?). Haverá elites pensantes para além das que se emproam em reuniões de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos se entendem. Ufanos por encherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na Avenida Marginal ou o Pátio da Alfândega tal como os antepassados de 1890. Nos Açores, compete aos mestres da palavra indoutinarem e apontarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, granjeando a liberdade. Com a sageza da sua açorianidade sonharão o momento de emancipação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem. Citarei agora, bem a propósito, Zack Magiezi:

“Causa mortis: traumatismo craniano. Fruto de mergulho profundo em pessoas rasas.³⁰”

LITERATURA AÇORIANA

Grandes vultos nasceram nos Açores: Gaspar Frutuoso (1522-1591), historiador; o conde de Ávila, marquês e duque de Bolama; Manuel de Arriaga (1840-1917), Antero de Quental (1842 -1891) filósofo e poeta; Teófilo Braga (1843 -1924), escritor e presidente da República; Roberto Ivens (1850-1898) explorador; Tomás Borba (1867-1950), mestre de quase todos os compositores portugueses do século XX; Francisco de Lacerda (1869-1934), musicólogo, compositor e maestro; Canto da Maya (1890-1981), escultor; Domingos Rebelo (1891-1975), pintor; Vitorino Nemésio (1901-1978), escritor e António Dacosta (1914 -1990), pintor, para mencionar apenas alguns.

Interessa lembrar agora que o debate em torno da expressão “literatura açoriana” é antigo – e chegou a contaminar os próprios autores nos anos 80, quando se reuniam construindo a rede de amizades, afinidades intelectuais e intertextualidades do grupo. Acolho como premissa o conceito de *açorianidade* formulado por José Martins Garcia³¹ que, “*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura*”, admite a existência de uma literatura açoriana “*enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência.*” Em *Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana*, J. Almeida Pavão (1988 s/p) afirma:

“ [...] sobre a existência de uma Literatura Açoriana [...] assume-se com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de Pedro da Silveira, Ruy Galvão de Carvalho, Eduíno de Jesus, José Enes, José Martins Garcia, Carlos Faria, Ruy Guilherme de Moraes, João de Melo ... Literatura Açoriana sê-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradita, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas.”

Onésimo de Almeida escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema. Nesses anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura, mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas³². Citando J. Almeida Pavão (1988 s/p)

“ [...] de Onésimo de Almeida, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o Almeida Firmino de Narcose ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de *As Ilhas Desconhecidas*. Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de *insularidade e açorianidade* três extratos diversos de idiossincrasias:

- um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;
- o dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;
- e ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão.”

Mas muito antes do Onésimo, Eduíno Borges Garcia escreveu uma série de artigos sobre literatura açoriana, no semanário *A Ilha*, anos (19)50, e depois reunidos em opúsculo, no qual, e ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores a incluírem a vida concreta do povo e a deixarem-se de hortênsias e banalidades como festas do Santo Cristo, romeiros, etc. Queria que a literatura tendesse para o neorrealismo, refletindo a sociedade real. Ao sair “*Raiz Comovida*” (Cristóvão de Aguiar), Borges Garcia, que nunca conheceu pessoalmente o autor, telefonou-lhe dizendo: “*Até que enfim que leio um escritor micalense que realizou o sonho que expendi no opúsculo Para uma Literatura Açoriana.*”

No 11º Colóquio da Lusofonia, Lagoa 2009, Cristóvão de Aguiar rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que “*faz parte da produção literária lusófona. O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa*”, afirmou à agência Lusa o escritor, na opinião do qual o conceito foi criado para que alguns escritores locais se pudessem destacar, já que não tinham lugar na literatura portuguesa. “*Açorianices, que rimam com tolices*”, diria Cristóvão.

Machado Pires³³ sugeriu *literatura de significação açoriana*, discursando sobre o fenómeno descontínuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo

“... autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto” (p. 57). “Por isso, preferimos usar a expressão de *literatura de significação açoriana* quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incaraterizante a designação de ‘açoriana’.” (p. 59).

Outros preferem o termo *matriz açoriana*. Há vários tipos de autores, os residentes no seio do arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros (como eu) que escrevem sobre os Açores (em português ou não). Falta destriçar quais se podem incluir nessa designação açórica.

“*É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa*” acrescenta Eduardo Bettencourt Pinto, um angolano que se tornou *escritor açoriano* por escolha própria. Pedro da Silveira (*Flores 1922-2003*) foi perentório:

“Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana. (Silveira, 1977: 11). O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como *ser* moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável

³¹ José Martins Garcia, Vitorino Nemésio, Lisboa, Vega, p. 109.

³² Em 1975, Vitorino Nemésio deixou-se utilizar pela independentista *Frente de Libertação dos Açores* (FLA), como candidato a Presidente da futura República e contra a vontade da maioria, os separatistas insistiram em usar a literatura como símbolo da identidade nacional.

³³ *Páginas sobre açorianidade* / António M. B. Machado Pires. - Ponta Delgada: Letras Lavadas, D.L. 2013.

a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina³⁴.

Hoje, é questão aceite e arrumada para a maioria. Eu ainda sou um recém-chegado a estas ilhas, com menos de vinte anos de aprendizagem, mas tive a honra e o privilégio de aprender as idiossincrasias (inicialmente, micalenses e picoenses) quando traduzi obras açorianas, para Inglês, de Daniel de Sá, de Manuel Serpa, Victor Rui Dorés e outros. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald³⁵, “*A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte*”. A tradução do livro de Manuel Serpa *Da pedra se fez vinho* foi um exercício inesquecível em que, apesar da ajuda de vários picarotos houve ocasiões em que as explicações à guisa de glossário se sobrepunham, aumentando as profusas notas de tradutor. Para um leitor doutras paragens, o texto seria incompreensível, era imperiosa uma intertradução, do falar picoense para o falar continental, antes de ser vertido num inglês pouco shakespeariano. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que a língua continental lhes apõe nos dicionários. Tratou-se, nalguns casos, de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. Muitas vezes um livro dum autor sofre drasticamente quando, em vez de ser considerada como obra, é erigida ao estatuto regionalista, que não pretendeu. Podem deduzir-se da leitura destes autores, algumas características relevantes para a açorianidade:

1. O modo como o clima inculca um caráter de torpor e vagar onde a pressa é amiga da morte;
2. O modo como a História define os habitantes ainda quase tão apartados da metrópole como há séculos atrás;
3. A forma como se recortam os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a revolução dos cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. O modo como a proximidade da terra se manifesta de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.³⁶

Neste universo tão idílico não busquei - ao traduzir as obras - a essência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua diferença específica, neste caso a açorianidade. Estando esta presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera atividade de um tradutor, por mais empenhado ou apaixonado que possa estar pelo objeto da sua tradução. Pedro da Silveira (1923-2003) captou “*as mundivindências açorianas*”, abrangendo na sua poesia “*as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social*”³⁷, eu apenas tive a oportunidade de captar uma fotografia da alma dos escritores que traduzi.

Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo minguia de quantidade. Na maioria, sem projeção para além das ilhas, com exceções contemporâneas. Falta destrinçar, entre centenas, os que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os que se serviram do rótulo da açorianidade para terem visibilidade que, de outro modo, não teriam. A solução foi ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar, com a ajuda dos que conhecíamos e em quem confiávamos. Daí as escolhas das antologias que serão alargadas à medida que os formos descobrindo, sob o enorme guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga. Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fernando Aires e Eduíno de Jesus surgem os que podemos designar como a Maria das Capelas, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional ou local, mas nunca sob um rótulo de literatura.

Em 2010 criamos projetos (Edição de Antologias, Cadernos Açorianos, Curso de Açorianidade, Tradução de excertos açorianos) para dar voz aos escritores destas ilhas mágicas a que chamo minhas, abanando as consciências súbditas e resignadas, acenar-lhes com o mundo que, intimamente, queria conhecê-los e lê-los, sem saber que existiam, contentados com a audiência limitada das ilhas. Era mais uma ideia destinada a granjear inimigos e invejas, quem sabe se não me iriam votar definitivamente ao ostracismo. Ninguém me contratara e todos haviam sobrevivido até então, sem as minhas boas intenções megalomaniacas. Já eram conhecidos nos círculos insulares restritos e gozavam de boa reputação no seio dos expatriados. Que mais era preciso? 300-500 livros era (em 2005) uma excelente tiragem (best-seller) para a maioria das edições desses autores que o mundo infelizmente desconhecia e eu me ia empenhar a revelar. Era urgente e imperioso. Tinham de ser ouvidos, lidos e estudados antes de tragados por um cataclismo como o que afundara a Atlântida.

Depois, em março 2009 publiquei o volume 1º da "CrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores" cronicando as minhas viagens em volta do mundo e a descoberta da Açorianidade, e, em 2011 surgiu um segundo volume, que motivou a inquietante questão: “Como se pode optar por ficar nestas ilhas e descurar os mundos que existem para lá deste arquipélago?” fiquei ilhanizado como Almeida Firmino em “A Narcose”, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano. Mas nada do que escrevi tinha paralelo na, enormemente rica e diversa, literatura açoriana que lentamente ia conhecendo com cada livro que traduzia. Toda a minha vida foi uma circum-navegação. Se nos anos 70 designei para pátria a Austrália nunca deixei de conjugar a de Fernando Pessoa, a língua portuguesa. Depois, tive como mátria Bragança, mas aos açorianos o devo pois foram eles que me ensinaram o amor às raízes. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de exhibir as minhas origens.

Não se é ilhéu por se nascer numa ilha e não é ilhéu quem quer. É essencial partir à descoberta de cada ilha. Desci à Praia da Viola na Lomba da Maia, onde vivo, subi aos sempiternos verdes montes micalenses, vi as vacas alpinistas e desfrutei do mar, ora chão, ora alteroso, para entender o que nos leva a escrever e é fonte de mil açorianidades. Depois, viajei às nove filhas de Zeus para entender os maroços do Pico ao sabor do seu Verdelho, a brancura da Graciosa nos seus moinhos, apreciar os carabelhos com que no Corvo se fechavam as portas, extasiar com mil cascatas nas Flores, descortinar vestígios ancestrais desde o Neolítico na Terceira de Dona Brianda (bastião contra castelhanos por três anos), descer às fajãs de São Jorge, nadar frente ao ilhéu do Topo, calcorrear o Barreiro da Faneca antes de mergulhar na baía de São Lourenço, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e admirar a rica história da sua marina e dos cabos submarinos.

Quando cheguei desconhecia quase tudo sobre as ilhas, e descobri no Dicionário do Moraes os termos “chamados” açorianos. Tudo começou no dia em que traduzi tais autores e descobri neles a vida e a imortalidade que julgava inexequíveis. São os tais infinitos mutantes que surgem nos quotidianos. Uma pessoa ou se conforma com a mediocridade da democracia ou luta contra tudo e passa a ser visto como

³⁴ (Açores, Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel Iniciativas Editoriais 1977 s/p)

³⁵ “Translation, like writing, is both art and craft, with a touch of alchemy. When translator and author get to meet, the result can be inspired. Nuance is what translates language into art.” Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor. She has received accolades for her playwriting, acting and writing. Her play Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet) won the Governor General's Award for Drama, the Chalmers Award for Outstanding Play and the Canadian Authors' Association Award for Drama. She won a Gemini Award for her role in the film Where the Spirit Lives and was nominated for a Genie for her role in I've Heard the Mermaids Singing. Her first novel, Fall on Your Knees, was published in 1995 to much critical acclaim in Canada and abroad, in CrónicaAçores uma circum-navegação 2011, pp. 33

³⁶ In CrónicaAçores, uma circum-navegação, 2011, pp. 31

³⁷ In (1977), *Antologia de poesia açoriana do século XVIII a 1975*. Lisboa, Sá da Costa [Prefácio datado em Lisboa, Maio de 1976].

diferente, maluco. São indivíduos assim, uns mais loucos, outros mais poetas, que se tornam perigosos para as sociedades acomodadas pois assumem uma postura vocal crítica no meio de vozes insatisfeitas, mas incapazes de se organizarem e rebelarem contra o sistema. Um escritor raramente se alcandora à fama dos efêmeros jogadores de futebol que tentam arrebatam as multidões, como velhos deuses gregos descidos do Olimpo, o escritor é a antítese deles, em sobriedade, honestidade, integridade e humildade. Não se julgam salvadores do mundo, nem tampouco enviados por uma qualquer divindade para gravarem palavras no magma sagrado e perpetuar uma civilização de lava. Nesse espaço, traçavam no alvo papel os hieróglifos, num fluir ritmado das palavras ao som das ondas e mares, entremeadas pelo cíclico abalar dos solos numa lembrança de Hefesto, Deus do fogo, dos metais e da metalurgia, filho de Zeus e Hera. Ou seria recordando Hades, irmão de Zeus e Posêidon? Enquanto o primeiro detém os Céus e o segundo os Mares, Hades é senhor do mundo subterrâneo, o Inferno local, genérico para a moradia dos mortos.

Foi preciso pressagiar com Dias de Melo as agruras e fome dos baleeiros, reler paulatinamente o “Mau Tempo no Canal”, parar num qualquer aeroporto e encontrar o “Passageiro em Trânsito” do Cristóvão de Aguiar, apagar as chamas da poesia do “Fogo Oculto” de Vasco Pereira da Costa, “Viajar com as Sombras” ou com o “Tango nos Pátios do Sul” de Eduardo Bettencourt Pinto, visitar a Ilha-Mãe e as pedras arruinadas do “Pastor das Casas Mortas” de Daniel de Sá e milhentas outras obras de autores açorianos, açorianizados, expatriados e descendentes³⁸ cuja enumeração seria fastidiosa, mas relevante para provar a vitalidade e a universalidade desta escrita dos autores açorianos que flui como lava incandescente, como o magma descendo a 25 de junho de 1563, da Serra de Água de Pau para destruir Vila Franca do Campo, todas as casas, igrejas e ermidas. Três dias depois houve a erupção do Pico das Berlengas e surgiu a enorme cratera da Lagoa do Fogo, inundações torrenciais arrastaram para o mar tudo o que havia ficado de pé na Ribeira Grande, incluindo os moinhos. Imagens catastróficas que sempre me conduziram à escrita de Cristóvão de Aguiar, há pouco compiladas em dois volumes. Dito isto, uma declaração de interesse:

“Sou amigo incondicional do Cristóvão, meu mentor na casa do Pico onde me recebeu e à minha mulher, como se de amigos de longa data se tratasse, nós que éramos de amizade recente surgida em 2009”.

Fica-se refém da sua escrita, que não sendo fácil, enleia e se insinua na tentativa de forçar o leitor a buscar a compreensão do que lhe está subjacente. Durante tempos cavaqueei longamente com ele, éramos exaltados contra a iniquidade, essa quimera ensinada em verdes anos. Aprendi a canga que os cachacos insulares carreavam, muitas vezes, sem o saberem. Embrenhei-me noutros escritores que fui desbravando. Falei e escutei a maior parte deles e já nos deixaram, entretanto, alguns³⁹. Depois, tropecei num fenómeno típico de sociedades insulares e bairristas, a existência de “capelinhas”, cliques e clagues, em torno das quais gravitavam uns eleitos. Nem todos de qualidade despicienda, mas dependendo dessas cliques para artigos de jornal ou recensão crítica.

Para um escritor arquipelágico há sempre o dilema da pequenez das ilhas, um autor só se afirma se reconhecido fora delas, daí a atração pelo mais vasto mercado continental como forma de asserção e alforria literária criando um misto de desligamento e aportuguesamento dos autores que se mudaram de armas e bagagens para fora, a que se contrapõe a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, ou a emancipação de outros que venceram nos EUA e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo porfiam para se alcandorar a um reconhecimento externo. O que não acreditavam era que por serem açorianos podiam aspirar a ser universais, em mercados mais vastos do mundo, não apenas insulares ou portugueses. Podiam chegar mais longe e libertar-se da prisão invisível da pequenez das ilhas. Para isso, havia que mondar mercados novos e virgens, dessa selva amazónica antes dos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que descubrem hoje o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e valores primordiais que tão arredados das escolas andam.

“Não pode haver intelectuais se não há leitores” disse Jürgen Habermas,⁴⁰

A terra é um mero escolho, como grão de poeira no deserto, no meio deste Mar Oceano, a colorir o mar em tons de verde que é a cor desta ilha. A terra é finita e bem mais nova que o mar, saída das entranhas do fogo, em eflúvios de magma, a mágica lava que encanta e seduz quem a vê à distância segura de um qualquer abrigo. O mar, condescendente, acedeu a envolver a ilha num manto de espuma, fez dela o seu brinquedo, entretendo-se a burilar as abruptas escarpas, nalgumas baías acedendo mesmo a depositar uns grãos de areia fina e tismada sem jamais deixar de lavar, pôr e tirar a seu bel-prazer, sem nunca as deixar brancas. Para preservar o divertimento evitou dotar a ilha de angras ou portos naturais de fácil acesso a forasteiros e corsários, evitando que a viessem perturbar com seus botes piratas. A ilha quer-se sozinha, sem invasores, e assim ao longo dos tempos repeliram as investidas de mouros e berberes, corsários ingleses, franceses e outros, repetidamente remetidos à proveniência sem mais danos do que raziarem as terras, tomarem cativos para venderem como escravos e usando as mulheres para outros fins soezes como era hábito. Os que ficaram, tementes a deus, tornaram a cultivar, arando os solos que a fúria dos fogos e tremores das entranhas ia vomitando, tentando aplacar a fúria e o castigo divino com preces, procissões e romarias. Na ilha de São Miguel, de costas voltadas ao mar, como a maioria das suas igrejas, todos passam o ano a olhar para o próprio umbigo, seja de vacas leiteiras que poluem montes, lagoas e ribeiras, ou de campos de milho, batatas, beterraba, inhame ou outros frutos da terra que as generosas chuvas insistem em regar de forma copiosa, em mais do que uma colheita ao ano. Enquanto nas ilhas do Triângulo, vivem do mar e para o mar, aqui, de costas para ele, ignoram-no, descurando ser o único passaporte de saída para a alforria do feudalismo que imperava e as agrilhoava.

Na pequena baía dos Moinhos de Porto Formoso sem cachalotes, golfinhos ou tubarões, as ondas cumprem o seu ritual lunar, e eu, quedo, a vê-las e ouvi-las enfeitado pelo ritmo, a cadência incerta que as alonga para onde só o pensamento conta e a vontade dos homens não domina. Hoje, não me sinto naufrago nem perdido, mero marinhante de águas profundas embalado pelos ténues ventos que me levam à deriva. Ah! Como gostava de perpetuar momentos destes e torná-los permanentes, libertar-me da escravatura consumista que nos impõem. Neste paraíso que o inverno transmuta, agreste, as palavras fluem como turbilhões e desaguam na alva folha. A mente liberta-se das peias do quotidiano e navega ao sabor do mar, como se viver fosse útil ou até necessário. Por vezes, é preciso sair das ameias do meu “castelo”

³⁸ Adelaide Baptista, Álamo Oliveira, Alexandre Borges, Ângela Almeida, Aníbal Pires, Aníbal Raposo, Anthony de Sa, António Bulcão, Armando Côrtes-Rodrigues, Avelina da Silveira, Caetano Valadão Serpa, Carlos Faria, Carlos Tomé, Carlos Wallenstein, Carolina Cordeiro, Carolina Matos, Célia C Cordeiro, Chrys Chrystello, Cisaltina Martins, Conceição Andrade, Conceição Maciel, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Daniel Gonçalves, David J Silva, Deolinda Adão, Dias de Melo, Diniz Borges, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduardo Jorge Brum, Eduíno de Jesus, Elmano Costa, Emanuel Félix, Emanuel Jorge Botelho, Emanuel Melo, Fernando Aires, Frank X. Gaspar, Gabriela Silva, Graça Castanho, Helena Chrystello, Isabel Condessa, Ivo Machado, Ivone Chinita, J H Santos Barros, Joana Félix, João de Matos Bettencourt, João Luís Medeiros, João de Melo, João Paulo Constância, João Pedro Porto, José Andrade, José Carlos Teixeira, José de Mello, José Martins Garcia, Judite Jorge, Katharine Baker, Katherine Vaz, Laura Areias, Lélia Nunes, Lucília Roxo, Luís Filipe Borges, Machado Pires, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Manoel Tomaz, Manuela Marujo, Marcolino Candeias, Maria Dores Beirão, Maria João Dodman, Maria João Ruivo, Maria Luísa Ribeiro, Maria Luísa Soares, Mário Cabral, Mário Machado Fraião, Mário Moura, Miguel Real, Natália Correia, Natália de Almeida, Norberto Ávila, Nuno Costa Santos, Onésimo Teotónio de Almeida, Pedro da Silveira, Pedro Almeida Maia, Pedro Paulo Câmara, Renata Correia Botelho, Roberto de Mesquita, Rui Machado, Sérgio Rezendes, Sidónio Bettencourt, Sónia Bettencourt, Susana Teles Margarido, Teresa Tomé, Tiago Prenda Rodrigues, Tomaz Borba Vieira, Urbano Bettencourt, Vamberto de Freitas, Vasco Pereira da Costa, Vilca M Merízio, Vítor Rui Dores, Vitorino Nemésio, e no passado Gaspar Frutuoso (século XVI), Antero de Quental (séc. XIX), etc.

³⁹ Adelaide Baptista, Armando Côrtes-Rodrigues, Carlos Wallenstein, Daniel de Sá, Dias de Melo, Emanuel Félix, Fernando Aires, Ivone Chinita, J H Santos Barros, José Martins Garcia, Madalena Férin, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Mário Machado Fraião, Natália Correia, Natália de Almeida, Pedro da Silveira, Roberto de Mesquita, Vitorino Nemésio)

⁴⁰ In https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html (para a figura do intelectual, tal como a conhecemos no paradigma francês, de Zola até Sartre e Bourdieu, foi determinante uma esfera pública cujas frágeis estruturas estão experimentando agora um processo acelerado de deterioração. a pergunta nostálgica de por que já não há mais intelectuais está mal formulada. eles não podem existir se já não há mais leitores aos quais continuar alcançando com seus argumentos.)

e sentir-me liberto neste cárcere sem grades que as ilhas tendem a ser. Podemos ser livres dentro da prisão sem precisar de voar como os pássaros, nem nadar como os peixes, basta uma dose de mar e sol, e deixar a mente vaguear, vogando no salgado das ondas ... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar....

Ouçõ as ondas aqui
onde o mar é rei
e senhor de todas as horas.
fui ao lado outro da ilha
lá onde nunca ninguém vai
e vi que era verdade
só há mar, nada mais
por todos os lados menos por um⁴¹

criação dos cadernos de estudos açorianos

Servi-me dos colóquios da lusofonia para levar a tradução de excertos dos autores açorianos a mercados e leitores insuspeitos, incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há gosto e apetência por escritores lusófonos. Criamos os Cadernos de Estudos Açorianos, um curso de Açorianidades⁴² e uma série de Antologias, (uma bilingue para o mercado norte-americano e canadiano, outra maior monolinguê, em dois volumes, uma coletânea de textos dramáticos para o ensino secundário e uma antologia no feminino⁴³. Projetos didáticos para disseminar a leitores neófitos a escrita açoriana, de autores persistentes como tenazes foram os homens da Ribeira Grande no século XVI, durante quatro décadas quando labutaram na sua reconstrução. Não se deixavam vencer nem pela doença nem pela natureza. Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram tudo, limpando as terras, recompondo os moinhos, refizeram as casas, repararam os templos, erguendo a ermida de N. Sra. de Guadalupe, depois incluída na Igreja de S. Francisco onde forma a capela do Senhor Santo Cristo da Coluna.

Embora os autores açorianos tenham os livros lidos por umas poucas, centenas de pessoas no arquipélago e na diáspora, continuavam, ano após ano, a arar as palavras como se fossem terreno pedregoso sem húmus, mais duro que o basalto e mais inóspito que o Pico. Estavam assim esses autores tão olvidados como a população que esquecera já as erupções mais célebres do arquipélago. São todas diferentes as personalidades açorianas que escrevem livros e apresentam a fachada manuelina, bem compostinha embora, nalguns casos, se notem as fissuras da idade nos rostos martelados na pedra. Aprenderam com os estrangeiros a comportarem-se para ocultarem a terrível herança feudal que os condiciona ainda e quando o verniz estala tudo vem à tona. É uma canga pesada para que se libertem em apenas três décadas de democracia. Ocupam as cores do arco-íris nos quadrantes políticos e dizem-se todos amigos, uns dos outros, num círculo de inveja e maldizer.

Mas há autores que convirá não esquecer. Dias de Melo foi professor, operário, agricultor, pescador, músico, escultor que trabalhou, ceifou, pescou e esculpiu cada palavra, como se fosse um baleeiro do Pico, na referência constante de Mestre José Faidoca, nas histórias que presenciou como homem do mar, mestre de lancha. Escreveu como se da janela da casa, no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras. Andei na descoberta da sinceridade da sua obra, numa paixão literária, dessa escrita que flui e se embrenha como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam na luta inglória e injusta contra os patrões para sobreviverem se não se finassem na arpoação. Sempre o resumi a uma INJUSTIÇA. É da sua denúncia que trata ao abordar temas como a emigração, a vida no Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão no Estado Novo, e para além dos dramas humanos na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça. Cumpre-nos não deixar que a sua memória se esvaneça e porfiar para que os seus livros sejam lidos por todas as novas gerações.

Concebo ainda os livros do Daniel de Sá, a fugir todas as noites até Santa Maria. Será que saem silenciosamente da casa na Maia (S. Miguel), paredes meias com o Solar de Lalém e vão primeiro à Travessa dos Foros onde viveram décadas para matarem saudades antes de se aventurarem por mares alterosos e regressarem à Ilha-Mãe, em busca das pedras de antigas casas mitológicas que preencheram os sonhos do autor e serviram de motivo para o pastor das Casas Mortas. Estou a imaginá-los em fila açoriana, em busca do Santo Graal que tais pedras encerram. Felizmente, os tempos são outros, pois no tempo do pai do Daniel era preciso uma espécie de “passaporte” para se ir de ilha a ilha. No verão deve ser mais fácil aos livros aventurarem-se, que os invernos trazem ventos e marés de virar barcos pesados e alguns desaparecem sem rasto. Talvez os livros só passeiem entre a Maia micaelense e Santana mariense no estio, e tenhamos de ficar à espera para saber que novas histórias podem contar ao regressarem calma e silenciosamente às bibliotecas, já que não foram escritos para apanhar pó nem para embelezarem uma qualquer estante.

E em S Miguel Arcanjo (no Pico), que Cristóvão de Aguiar adotou, fantasiei que os livros debandavam a sete pés na sua ausência, abalavam em correria desenfreada e não era rumo às Poças onde ele tomava o seu banho matinal. Porque fugiam? De quem alvoravam? Disseram que ele era o inferno na terra, seria por isso que se escapuliam? Quis aproximar-me, mas não pude, estou náufrago dessa amizade perene, quando ele se encontra enclausurado nas quatro paredes opacas da sua memória enciclopédica ora perdida. De repente apercebi-me de que os livros em fuga não eram os dele, mas de outros autores numa roda-viva, em acesa discussão sobre a açorianidade que ele sempre denegava. Afinal, as tertúlias que tive em casa dele no ano de 2009 haviam passado para os livros que decoravam - como se de mobília se tratasse - a sua falsa no Pico.

No regresso, parei no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo e, andados uns quantos passos rumo à casa do escritor deparei com uma velha camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo da semana. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria a aventura de “pedir emprestada” a carripiana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os lugarejos habitados para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de memórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Certamente com a criatividade da Engenharia, Etnografia, Arquitetura e Historiografia tais ideias podem transformar qualquer uma na verdadeira Ilha da Fantasia, enriquecendo os atrativos para habitantes e visitantes, gerando mais e bons empregos, mais comércio, mais impostos, e será essa a verdadeira voz das ilhas.

⁴¹ Chrys Chrystello, inédito Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6

⁴² (O CURSO ACABOU CRIADO NA UNIVERSIDADE DO MINHO MAS A UNIVERSIDADE DOS AÇORES NUNCA MOSTROU INTERESSE EM ADOTÁ-LO EM ENSINO À DISTÂNCIA)

⁴³ As autoras são sistematicamente esquecidas numa comunidade conservadora e machista como é a açoriana

Bibliografia

- Aguiar, Cristóvão de. *Raiz Comovida* vol. I, Edições Afrontamento 1978
- _____. “O homem açoriano é um mito e a expressão «literatura açoriana» é um equívoco”, in Onésimo Teotónio de Almeida, *A questão da literatura açoriana – recolha de intervenções e revisitação*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 110-114. 1983 [1979], Passageiro em Trânsito Edições Salamandra 1994
- Almeida, Onésimo. *A Questão da Literatura Açoriana*, Secretária Regional de Educação e Cultura, 1983
- _____. *Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço*, Direção Reg dos Assuntos Culturais / Secretaria Reg da Educação e Cultura , 1986
- _____. “Açores, Açorianos, Açorianidade” *Signo*, 1989
- _____. *Açores, açorianos, açorianidade. Um espaço cultural*, 2ª ed., revista e ampliada, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura 2011
- Batista, Adelaide M. *João de Melo e a literatura açoriana*, Lisboa, D. Quixote 1993,
- Bettencourt, Urbano. *Uma outra açorianidade. Um texto esquecido de Nemésio*, in Vitorino
- Nemésio 1º Centenário do Nascimento 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura. 2001,
- _____. *Literatura açoriana – Da solidão atlântica à perdição no mundo*, in
- Luiz Antonio de Assis Brasil e Jane Tutikian, Mar horizonte: literaturas insulares lusófonas, Porto Alegre, EDIPUCRS. 2007,
- Carvalho, Ruy Galvão de, *Possibilidades de uma literatura de significação açoriana*, in
- Onésimo Teotónio de Almeida (org. e sel. de), *A questão da literatura açoriana – recolha de intervenções e revisitação*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 68-73. 1983 [1956],
- Castro Gabriela, Berta Pimentel Miúdo, Magda Costa Carvalho, (coord.), *Reflexão sobre mundividências da açorianidade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores. 2010,
- Chrystello, J. Chrys. *ChrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores*, vol. 1 VerAçor 2009
- _____. *ChrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores*, vol. 2 ed. Calendário de Letras 2011
- _____. *Do outro lado da ilha*, inédito in Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6
- Costa, Vasco Pereira da. *Fogo Oculto*, ed. Calendário de Letras, VNGaia 2011
- Dores, Vítor Rui, *Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel*, **NO PRELO 2009**
- Firmino, Almeida. *A Narcose*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Cultura. 1977
- Garcia, Eduíno Borges. *Para uma Literatura Açoriana*. 1953
- _____. *Por uma autêntica literatura açoriana*, in Onésimo Teotónio de Almeida (org. e sel. de), *A questão da literatura açoriana – recolha de intervenções e revisitação*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 43-67. 1983 [1953],
- Garcia, José Martins. *Para uma literatura açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores. 1987
- Gouveia, Margarida Maia, *Teoria da literatura açoriana*, in Enciclopédia Açoriana. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=8182> (acedido em 26/7/2020)
- Habermas, Jürgen in https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html acesso 26.7.2020
- Jacobs, Edgar P. *As Aventuras de Blake e Mortimer - O Enigma de Atlântida*, Editora Meribérica / Liber 1983
- Jesus, Eduíno de, *O que se deve entender por uma literatura açoriana*, Correio dos Açores, Ponta Delgada, 25 de março 1948,
- _____. *Para uma teoria de literatura açoriana*, Atlântida, vol. I, nº 4, Angra do Heroísmo, Institutuo Açoriano de Cultura, 201-205. 1957
- MacDonald, Ann-Marie *The Way the Crow Flies*, Harper Perennial 2003
- MELO, Dias de, *Mar rubro*, 3ª ed., Ponta Delgada, VerAçor editores. 2008 [1958], _____,
- _____. *Pedras negras*, 4ª ed., Ponta Delgada, VerAçor editores. 2008 [1964], _____,
- _____. *Mar pela proa*, 4ª ed., Ponta Delgada, VerAçor editores. 2008 [1976],
- Nemésio, Vitorino, *Por que não temos literatura açoriana? – Uma entrevista com o moço escritor e poeta açoriano Vitorino Nemésio*, Diário dos Açores, 2 maio 1923
- _____. *Açorianidade II*, in Urbano Bettencourt, *Uma outra açorianidade. Um texto esquecido de Nemésio*, 1º centenário do nascimento 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura. 2001,
- _____. *Mau Tempo no Canal*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1944
- Pavão, J Almeida *Colagem dos Tempos*, ensaio, Ponta Delgada: Universidade dos Açores
- _____. *Constantes de Insularidade numa definição de Literatura Açoriana* in:Conhecimento dos Açores através da literatura, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 31-47. 1988
- Pinto Eduardo Bettencourt. *Viajar com as Sombras*, Libros Libertad Pub. 2008
- _____. *Tango nos Pátios do Sul*, Seixo Publishers. Pitt Meadows. Canadá 1999 - 2ª ed. Campo das Letras 2001
- Pires, A. M. Machado, *Para a discussão de um conceito de literatura açoriana*, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. XLI, Angra, 842-858. 1983
- _____. *Para uma Autêntica Literatura Açoriana*, Suplemento Literário de A Ilha, Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 1987,
- _____. *Para um conceito de literatura açoriana* in Raul Brandão e Vitorino Nemésio. Ensaios. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, col. “Temas Portugueses”, 1987
- Sá *Daniel de*. *Santa Maria ilha-mãe*, VerAçor 2007
- _____. *O Pastor das Casas Mortas*, VerAçor 2007
- _____. *São Miguel: A Ilha esculpida*, VerAçor 2009
- _____. *Ilha Terceira Terra de Bravos*, VerAçor 2009
- Serpa, Caetano Valadão. *A Gente dos Açores*, Lisboa: Prelo Editora, 1978.
- Serpa Manuel. *Da pedra se fez vinho*. VerAçor 2008
- Silveira, Pedro da. *A Ilha e o Mundo*, poemas. Lisboa, Centro Bibliográfico, 1953
- _____. *Antologia de Poesia Açoriana – do século XVIII a 1975*. Lisboa, Sá da Costa, 1977.
- _____. *Açores*, in João José Cochofel (dir. de), *Grande dicionário de literatura portuguesa e de teoria literária*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 35-46. 1979

Álamo Oliveira e Maria João Ruivo fizeram a pré-apresentação do livro de poesia celebrando 50 anos de vida literária “CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL”

Texto Mª João aqui “Crónica do Quotidiano Inútil”(Uma breve abordagem)

Quando um amigo nos pede o impossível, há duas reações quase imediatas – primeiro vem a apreensão e logo de seguida sentimo-nos lisonjeados por alguém confiar em nós até esse ponto. Depois é aquela sensação de que não vamos conseguir e só então pomos mãos à obra.

“Vê lá se me fazes uma pré-apresentação do livro, coisa de 3 ou 4 minutos”, pediu-me o Chrys há meia dúzia de dias, com aquela determinação própria dele de quem pensa: Ok. Menos uma coisa para me preocupar. Vou negar este pedido ao chefe da nossa banda? É claro que não. Mas como poderei eu, em três ou quatro minutos, falar de um livro que reúne 50 anos de poesia? Melhor, como poderei ser útil perante esta *Crónica do Quotidiano Inútil*?

Mas vou mesmo ser muito breve. Este texto não tem pretensões críticas. Aliás, a crítica é sempre arriscada, porque limita à lógica do leitor aquilo que o escritor quis expressar. Não vou mentir, como os meus alunos, e dizer que li o livro todo. A poesia não se lê como se de um romance se tratasse, mas li o suficiente para perceber que o seu autor foi registando, em letra de forma, o percurso de toda uma vida – no seu pensar e no seu sentir.

Quem conhece o Chrys encontra-o, claramente, nesta obra. A vida jorra dele e transborda torrencialmente nestes textos, poemas em prosa, com aquela energia incontrolável que o caracteriza.

O livro vai-se construindo com pinceladas sobre o seu quotidiano e as suas vivências interiores. Destaca-se claramente o seu sentido crítico, a sua proverbial irreverência, a busca quase febril de algo novo, que signifique, que venha ocupar o lugar das convenções, do preestabelecido. Há, em muitos destes poemas, uma espécie de grito de resistência contra a vida sempre igual, contra as injustiças e as violências a que nos acomodamos. E há um apelo evidente a que nos rebelemos com ele, a que não nos deixemos amarfanhar pela vida ou pelo sistema instituído, porque ele acredita que é nessa resistência que nos fazemos gente.

Ao mesmo tempo, há contrastes que se evidenciam à medida que vamos lendo. Por um lado, temos uma linguagem forte, também ela irreverente, chocante até, por vezes, a que se opõem passagens como estas “primaveras” que dedica à Helena (na pág. 188):

*trazias primaveras nos cabelos
e verões no olhar
demos as mãos
rumámos ao futuro
voamos nas asas do vento
(...)*

Também a Pátria é tema óbvio deste livro. Vista de fora e de longe, suscita-lhe, por um lado, fortes críticas à mesquinhez, à mediania, às hipocrisias, à corrupção, mas, ao mesmo tempo, essa lonjura traz-lhe a saudade e o sentimento de ternura, quando diz, por exemplo:

*LISBOA chão que piso, imagem de sol que amo
este sentir de perto o longe tão longe*

Contrastante é, também, o seu sentir da Revolução de abril, tão ansiosamente esperada e a que dá as boas-vindas de peito aberto, não deixando de sentir, ao mesmo tempo, o sabor amargo do desalento ao aperceber-se de que esta Revolução sonhada não foi a que ele queria que fosse. Os ventos de mudança deram-lhe, momentaneamente, algum ânimo, para logo constatar que, e cito, da Nota Introdutória ao Volume II:

Algumas observações de ordem política eram tão atuais em 1972 como o são agora, o que mostra apenas que a retórica e a demagogia são as características principais desta democracia à portuguesa que se vive desde 1974.

E bem a propósito dos momentos que vivemos agora nesta nossa Europa, surgem poemas sobre os terrores da Guerra, do Vietname, por exemplo. A isto vem juntar-se a denúncia da desumanização, a dolorosa consciência das injustiças sociais e a defesa dos mais desprotegidos: mendigos, prostitutas, estropiados e as crianças, (e cito), esses

*“meninos sem casa, crescendo por entre a vida,
onde vão fazer amor com as raparigas sem futuro?”*

Inevitável é também a crítica a toda a forma de tirania e o destaque dado à sua segunda pátria (ou será a primeira?) – a Liberdade. Aliás, os anos 70, são marcados neste livro por textos que revelam a preocupação de um jovem com o clima de opressão e de falta de horizontes em que se vivia, agravado pelo espectro da Guerra Colonial. Como devem calcular, são muitos os poemas, autênticas crónicas, em que se expressa sobre esta questão e em que se vislumbra, claramente, a sua mão de jornalista.

Mas esta Crónica do Quotidiano passa também pelas “estórias da sua terra”, eu diria das suas terras, pois ele, qual Marco Polo, deambulou pela Austrália e por Díli, por Macau, por Timor e por tantas outras paragens. Lugares, paisagens, gentes, pensares e costumes de Ceca e Meca desfilam nestes poemas, levando-nos a perceber que é desse vaguear que ele se foi fazendo.

Até que arribou aos Açores e descobriu os encantamentos e as agruras de ser-se Ilhéu, comprovando o ditado “Em Roma sê romano”. A partir de certa altura, temos a “Descoberta” destas Ilhas nos seus textos.

*no início era o fogo
e se fez verbo
vieram os abalos
e se edificaram ilhas*

Fala das paisagens e dos costumes, dos pássaros, das procissões e das devoções, do isolamento e da lancha do canal, e presta a sua homenagem aos nossos escritores e poetas, nomeando-os como se de uma grande família se tratasse. Escreve sobre o viver na Ilha e o sair da Ilha, como vemos nesta estrofe que ilustra o ficar e o partir seja de que lugar for (e cito):

*partir!
cortar amarras
como se ficar fosse já um naufrágio.
ficar como quem parte. nunca
partir como quem fica nas asas do tempo*

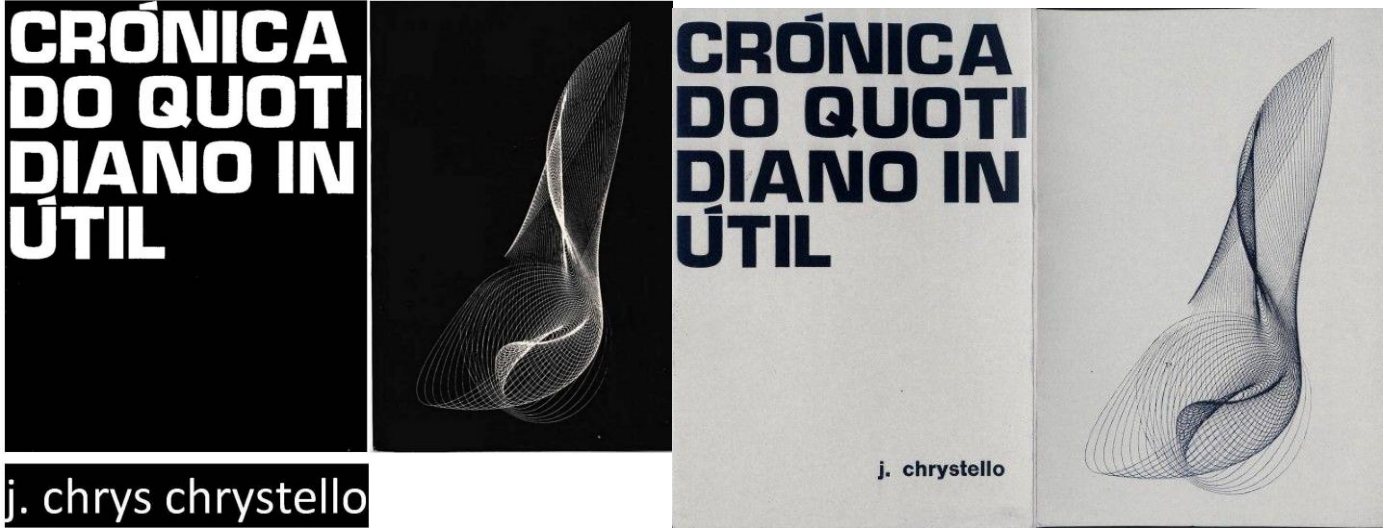
Nos dois últimos volumes, dá-me a ideia de que se torna mais lírico. Vêm à tona pinceladas de memórias saudosas, uma certa nostalgia da infância e a velha angústia do fluir do tempo.

Inevitavelmente, a par de tudo isto, declara inúmeras vezes o amor à Helena, em poemas como “maria nobody”, que creio que todos conhecemos e, noutro poema, a jeito de homenagem, diz-lhe o seguinte:

*quando te conheci
cheiravas a flores silvestres
hoje sabes a frutos maduros
entretanto houve primaveras nos olhos
e outonos nas mãos*

Esta leitura leva-nos por inúmeros caminhos que não conseguiria percorrer aqui em tão pouco tempo. É, como ele lhe chamou, uma *pré-apresentação*, que fica muito aquém da dimensão da obra. Termino com uma frase dele, que corresponde ao seu desejo enquanto autor: “Comecei como poeta e assim quero acabar”. E eu, desta forma, acabo também.

Belmonte, 9 de abril de 2022
Maria João Ruivo



2009 RTP 1 hora no 11º colóquio LAGOA https://youtu.be/xPtsdTXiaNA?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl (DEMORA 10 segundos a iniciar)

2010 13º colóquio na academia brasileira rio 2010 https://youtu.be/1zmdwp1b6JU?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2010 RTP 13º em FLORIPA https://youtu.be/CtBeJxBook8?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2011 5º em MACAU <https://youtu.be/MoDyWJp2Ffi>

2011 15º em macau – poesia na gruta de CAMÕES https://youtu.be/MNGwj_RnH_Q?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl –

2011 RTP na apresentação do CRÓNICA CORES vol 2 https://youtu.be/x93R7pVnWKQ?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2012 RTP 17º lagoa https://youtu.be/BYHcdO-XDho?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2012 17º na lagoa 2012 concha dedica poesia com nomes de poesias de Chrys https://youtu.be/ABAJiRQfvoA?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2013 chrys diz POESIA https://youtu.be/7ptLKOhJxQ?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2013 chrys diz Cristóvão de AGUIAR https://youtu.be/PE1iZ3RQbN8?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2014 21º colóquio poesia nos moinhos 2014 https://youtu.be/DjO96teeJ28?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2015 23º colóquio poesia fundão 2015 https://youtu.be/0FgfXzw2wXA?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2015 24º graciosa 2015 RTP https://youtu.be/PO8V7agLXns?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2015 24º colóquio graciosa 2015 https://youtu.be/vADEDJp1hHq?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2015 24º colóquio graciosa 2015 POESIA a 4 https://youtu.be/5n3tKmQJopw?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2016 chrys diz cais da saudade de EDUÍNO https://youtu.be/G5iWY8Rltmw?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2017 poesia no 27º Belmonte https://youtu.be/U9QfJT6S9sk?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2017 mais poesia Belmonte 2017 https://youtu.be/RPh4SrTm1_w?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2017 S MIGUEL TV <https://youtu.be/xsdaS0pbG2U> chrys entrevistado in a voz dos AÇORES <https://youtu.be/xsdaS0pbG2U>

2017 poesia no 28º colóquio vila do porto https://youtu.be/gi9AwkXjzCI?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2017 poesia no 28º colóquio vila do porto asas do ATLÂNTICO https://www.youtube.com/watch?v=gi9AwkXjzCI&t=2s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl&index=33

2017 apresentação BGA https://youtu.be/xTRrs_i6shc?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2018 poesia Timor 29º em Belmonte 2018 https://youtu.be/lyuO7rCsPs?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2018 poesia ao meio-dia no 30º na Madalena do Pico https://youtu.be/wDOZ-7CIsbM?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRl

2019 poesia a capela <https://youtu.be/CT70nh4IRgA>

2021 POEMAS DECLAMADOS <https://www.lusofonias.net/mais/poemas-declamados.html>

2021 poesia em Belmonte <https://youtu.be/rkE4W4BIOIQ>

2021 lusa q tv Canadá <https://youtu.be/rFyYTul7-1Y>

2021 RTP açores https://youtu.be/fWcE9Dm2_M

2021 Nellie Pedro EUA gente da nossa <https://youtu.be/wlePe3Xjp6M>

2021 Timor on Milwaukee Wisconsin University by chrys chrystello <https://youtu.be/kYVrj4KE7D0>

SÓCIO FUNDADOR,
MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO,
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DOS COLÓQUIO,
PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE.
- PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS,

8. **CORO ANIMATO** ouça aqui



OUÇA AQUI

JÁ ATUARAM NO 27º BELMONTE EM 2017 E 29º BELMONTE 2018, BELMONTE 2022

9. **EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES AÇORIANOS, AICL, AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2019**

Eduíno Moniz de Jesus nasceu em 1928, na Ilha de S. Miguel, onde completou o curso do Magistério Primário, e está radicado no Continente desde 1951.

Cursou Filologia Românica nas Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa, tendo-se licenciado por esta última com uma dissertação em Linguística e Literatura.

Foi Professor durante 52 anos, os últimos 20 na Faculdade de Letras de Lisboa.

É Poeta, dramaturgo, contista e ensaísta. Da sua obra poética publicada em livro e dispersa por jornais e revistas ou inédita, a Imprensa Nacional editou na “Biblioteca de Autores Portugueses” a antologia *Os Silos do Silêncio / Poesia (1948-2004)*, Lisboa, 2005.

Além disso, há poesias suas em mais de duas dezenas de antologias publicadas em Portugal, Bélgica, Brasil, Canadá, Estados Unidos da América, Eslováquia e Letónia.

Do seu teatro, apenas uma comédia em 1 ato está publicada em livro: *5 Minutos e o Destino*, Ponta Delgada, 1959.

Os seus ensaios e artigos (de estética, história e crítica literária, de teatro e de artes plásticas) encontram-se dispersos por jornais e revistas ou publicados em obras coletivas, prefácios, enciclopédias e dicionários de cultura. Em 2021, publicou *Como Tenuíssima Espuma de Luz*, uma seleção de poemas seus e desenhos do Artur Bual, numa Edição da Nona Poesia, das Letras Lavadas.

Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura.

Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.

Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade.

No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados.

Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros.

Pertenceu, em 1977-78, à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português) e foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86).

Paralelamente, colaborou na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura 'Verbo', 22 vols., de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado mais de um milhar de verbetes, e na enciclopédia de literatura Biblos, da mesma Editorial Verbo, 5 vols.

Foi, igualmente, colaborador do *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, do Instituto Português do Livro e da Leitura, 5 vols., Lisboa, Publicações Europa-América, 1985-2000.

Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde).

Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio). Atual presidente da delegação de Lisboa da "Associação Dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental" e presidente da A.G. da Casa dos Açores em Lisboa.



28º VILA DO PORTO 2017



26º LOMBA DA MAIA 2016



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019



17º LAGOA 2012



17º LAGOA 2012



26º LOMBA DA MAIA 2016



28º VILA DO PORTO 2017

BIBLIOGRAFIA EDUÍNO DE JESUS

POESIA 1:

- Caminho para o Desconhecido, Coimbra, col. Arquipélago, 1952;
- O Rei Lua, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- A Cidade Destruida durante o Eclipse, Coimbra Editora, 1957;
- Os Silos do Silêncio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- .(2021) Como tenuíssima espuma de luz, poética fragmentária. Ilust. Artur Boal, ed. Nona Poesia

TEATRO 2:

- Cinco Minutos e o Destino. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

ENSAIO 3.1 Em Prefácios e posfácios:

- In Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo, Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds);
- In Maria Madalena Monteiro Férrin, Poemas, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In António Moreno, Obra Poética, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta, Lisboa, Editorial Verbo, 1971. (tem outras eds.);
- In Natércia Freire, Os Intrusos, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;
- In António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos. Lisboa, Salamandra, col., 200 etc.,

ENSAIO 3.2 em obras coletivas:

- Costa Barreto (dir.), Estrada Larga, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;
- Onésimo Teotónio Almeida (org.), A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;
- In António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Lisboa, Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.

ANTOLOGIAS POÉTICAS em que está selecionado 4:

- Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, Lisboa, Morais Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961;
- António Salvado, A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa, Lisboa, Polis, 1969;
- Orlando Neves e Serafim Ferreira, 800 Anos de Poesia Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973;
- Pedro da Silveira, Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975, Lisboa, Livraria. Clássica Ed., 1977;
- Ruy Galvão de Carvalho, Antologia Poética dos Açores, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80;
- Onésimo Teotónio Almeida, The Sea Within. A selection of Azorean Poems (trad. de George Monteiro), Providence, 1983;
- Maria de Lourdes Horta, Poetas Portugueses Contemporâneos, Recife (Brasil), 1985;
- Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, Pai, a sua Bênção! (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família);
- Eduardo Bettencourt Pinto, Os Nove Rumores do Mar, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed. (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000;
- Ivan Strpka e Peter Zsoldos Zakresl'ovanie do mapy. Azory a ich básnici, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000;
- Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, Lisboa com seus Poetas, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- valter hugo mãe, O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas, Porto, Edições Quási, 2001.
- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, Encantada Coimbra, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- Diniz Borges, On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, 20 Poemas (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, Nem Sempre a Saudade Chora, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007:
- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, Azoru Salu. Dzejas Antologija, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música. Viseu, Tip. Guerra, 2009

VÁRIA 5

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: Convergência (1969-1972), depois reformulado e chamado Livros & Autores (1072-1974).

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras Contravento. (ed. Contravento, 1968-71) e dirigiu a Revista de Cultura Açoriana (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-91).

Tem colaboração na enciclopédia de literatura Biblos (da Editorial Verbo) e no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura (Publicações Europa-América).

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica). Assim:

- Fez crítica de teatro durante vários anos na revista Rumo (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ‘Verbo’, de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar).

Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos. Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista Panorama (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969). Além disso fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969).

Tem feito conferências e participado em Congressos e Colóquios literários em diversas universidades e outras instituições em Portugal (incl. Açores), nos EUA, no Canadá e no Brasil.

Todas as obras

, (1957), “Rimas infantis da ilha de S. Miguel”. Ponta Delgada, *Insulana* ICPD: 400-405

. (1948). “Breves reflexões sobre Antero de Quental e Baudelaire”. *Correio dos Açores*. Ponta Delgada 11 setº: 2

. (1948). “O que se deve entender por literatura açoriana”. *Atlântida* vol. 1 nº 4 Angra IAC: 201-205

Jesus, Eduíno de, (1948), “O que se deve entender por uma literatura açoriana”, *Correio dos Açores*, Ponta Delgada, 25 de março

. (1948). “Apontamento à margem de *Mau tempo no Canal*”, *Diário dos Açores* 15/4/1948 Ponta Delgada,

. (1952). *Caminho para o desconhecido*. Coimbra. Tipografia Casa Minerva

. (1953). “Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade”. *Estrada Larga* nº 3. Porto Ed.

. (1953). “Breve notícia sobre Fernando de Lima” in *Página Açoriana nº 2. Revista d’aquém e d’além mar* ano 3 nº 32.

. (1955). *O Rei Lua*. Poesia. Coimbra, Oficinas Gráficas da Coimbra Ed;

. (1956). “Notícia crítica e autobiográfica de Armando Côrtes-Rodrigues” in *Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues*. Coimbra. *Atlântida col. Arquipélago*

. (1956) in Virgílio de Oliveira: *Rosas que vão abrindo*. Coimbra, col. Arquipélago

. (1957). A Cidade destruída durante o eclipse. Poesia. Coimbra Ed.

. (1957). “Para uma teoria de literatura açoriana”. *Atlântida* 1. 4: Angra IAC: 201-205.

. (1957). “Ensaio” in Madalena M Férin: *Poemas*. Coimbra col. *Arquipélago*.

. (1959). “Cinco minutos e o destino”. Teatro. Comédia em 1 ato. Ponta Delgada, *Separata de Açória* nº 2.

. (1959) in Maria Alberta Menéres, E. M. de Mello e Castro: *Antologia da novíssima poesia portuguesa*. Lisboa, Morais Ed.

. (1960). “Crítica a *O Verbo* e *a morte*” in *Rumo* ano 3 nº 36. Fevº. Lisboa

. (1960). “Estudo crítico à *Obra poética* de António Moreno”, Coimbra ed. *Atlântida col. Arquipélago*.

. (1960) “Interpretação de um movimento poético açoriano” *Atlântida* vol. 4 nº 2. mar abril. Angra

. (1961) in Maria Alberta Menéres, E. M. de Mello e Castro: *Antologia da novíssima poesia portuguesa*. Lisboa, Ed. Morais, 2ª ed.

. (1969) in António Salvado: *A Paixão de Cristo na poesia portuguesa*. Lisboa. Polis

. (1971) in António Manuel Couto Viana: *Pátria Exausta*. Lisboa. Ed. Verbo. (tem outras eds.);

. (1971). in Natércia Freire: *Os intrusos*. Lisboa. Sociedade de Expansão Cultural (tem outras eds.);

. (1973) in Orlando Neves e Serafim Ferreira: *800 Anos de poesia portuguesa*. Lisboa. Círculo de Leitores.

. (1977) in Pedro da Silveira: *Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975*. Lisboa. Livraria Clássica ed.

. (1978). “A crisálida do “bicho harmonioso” ou Vitorino Nemésio avant la lettre” in *Açores* 30 abr. Ponta Delgada,

. (1978). “Recensão” crítica a Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira”. Revista Colóquio-Letras nº 42: 85-87

(1978), in Costa Barreto (dir.). *Estrada Larga*. 3 vols. Porto. Porto Ed; [s.l.];

. (1979) in Ruy Galvão de Carvalho: *Antologia Poética dos Açores. 2 vols*. Angra. col. Gaivota 80

. (1983) in *Diário de Notícias* 16 jun

. (1983) in Onésimo Teotónio Almeida (org.): *A Questão da Literatura Açoriana*. Angra. SREC;

. (1983) in Onésimo T. Almeida: *The sea within. A selection of Azorean Poems*, trad. de George Monteiro. Providence;

. (1985) in Maria de Lourdes Horta: *Poetas portugueses contemporâneos*. Recife (Brasil);

. (1989) Seleção e prefácio: Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues. Ponta Delgada, ICPD

. (1994) in Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha: *Pai, a sua bênção! Antologia de textos de autores açorianos*. Angra. SREC, Ed. comemorativa do Ano Internacional da Família;

. (1996) in *Nove Rumores do mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, org; Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas. Seixo Publishers, Canadá;

. (1997), in António Manuel Couto Viana: *Teatro Infantil e Juvenil*. Lisboa. Ed. Nova Arrancada.

. (1998) in António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.): *Vitorino Nemésio, vinte anos depois*. Lisboa e Ponta Delgada, ed. Cosmos.

. (1999) in Eduardo Bettencourt Pinto: *Os nove rumores do mar*, 2ª ed. (aumentada). Lisboa, Instituto Camões

. (2000) in Eduardo Bettencourt Pinto: *Os nove rumores do mar*. 3ª ed. (corrigida). Lisboa, Instituto Camões;



17º LAGOA 2012



26º LOMBA DA MAIA 2016



32º GRACIOSA 2019



- (2000) in Ivan Strpka e Peter Zsoldos *Zakresl'ovanie do mapy Azory a ich básnici*. Bratislava, Eslováquia, ed. Kalligram.
- . (2001) in António Manuel Couto Viana: *12 Poetas Açorianos*. Lisboa. Salamandra.
- . (2001) in valter hugo mãe: *O Futuro em Anos-luz. 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas*. Porto. Ed. Quási.
- . (1999). "Dias de Melo: génese do escritor" *Atlântida*. Angra IAC vol. 47: 247-252
- (2003), in Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira: *Encantada Coimbra*. Lisboa. ed. D. Quixote.
- . (2003) in António Manuel Machado Pires: *20 Poemas* vol. integrado no *álbum XX3x20 in 20 Pinturas | 20 Melodias* | 20 Poemas. Angra. Direção Regional da Cultura.
- . (2003) in Diniz Borges: *On a leaf of blue, Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry*. Berkeley Institute of Governmental Studies Press. University of California.
- . (2004) in Diniz Borges: *Nem sempre a saudade chora*. Horta. Direção Regional das Comunidades.
- . (2005). *Os silos do silêncio*, poesia 1948-2004. Lisboa. IN-CM
- . (2005) in Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt: *Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense*. Blumenau. Santa Catarina (Brasil).
- . (2006) in Maria Aurora Carvalho Homem, Urbano Bettencourt (sel.), Diana Pimentel (org.): *Pontos Luminosos: Açores e Madeira. Antologia de Poesia do séc. XX*. Porto. Ed. Campo das Letras.
- . (2007) in António Soares e Paulo Bacedônio: *Poetas açorianos e gaúchos*. Porto Alegre (Brasil).
- . (2007) in *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
- . [s.d.; s.i.]. "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade" in *Estrada Larga* vol. 3. Porto Ed.
- . (2009) in Leons Bredis e Urbano Bettencourt: *Azoru Salu. Dzejas Antologija*. Riga (Letónia). Ed. Minerva.
- . (2009) in Mário Mesquita (org.) *A oposição ao Salazarismo em S. Miguel e em outras ilhas açorianas 1950-74*. Lisboa. Tinta-da-China
- . (2009) in Inês Ramos: *Os dias do amor. Um poema por cada dia do ano*. Viseu. Ed. Ministério dos Livros.
- . (2009) in Amadeu Baptista: *Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música*. Viseu. Tipografia Guerra.
- . (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
- . (2012). "Poetas açorianos no "sismo" modernista e suas réplicas". 17º *Colóquio da Lusofonia*. Lagoa. Açores
- . (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia.
- . (2014), Edgar – Poe(mas) em estórias de Eduíno de Jesus, ed. Eduardo Bettencourt Pinto
- . (2016), "Antero e o Divino Paradoxo", 26º colóquio da lusofonia, Lomba da Maia
- . (2017). "Antero e o divino paradoxo". 26º *Colóquio da Lusofonia*. Lomba da Maia. Açores
- . (2017). "Antero e o divino paradoxo" in *Antero, 125 depois*, AICL, Associação de antigos alunos do Liceu Antero de Quental
- . (2018) "Um punhado de areia nas mãos" de Maria João Ruivo, 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico
- . (2020) *Viagens*, Ponta Delgada, Letras Lavadas
- . (2021) Como tenuíssima espuma de luz, poética fragmentária. Ilust. Artur Boal, ed. Nona Poesia

APRESENTA Sobre o Conceito de Literatura Regional

1.

Pesquisar marcas específicas na produção literária dos autores oriundos de uma região infranacional, tem, sem dúvida, interesse, na medida em que se torna possível, através da interpretação dos dados recolhidos nessa pesquisa, chegar, por um lado, ao reconhecimento, nas obras pesquisadas, daquilo que Brunetière chamava o *caráter essencial* da literatura de um povo, e, por outro lado – admitindo que, num trabalho deste género, a indução seja legítima –, a um melhor conhecimento da índole do povo da região de onde são naturais, ou a que, como quer que seja, estão vinculados, os autores dessas obras.

Digo "a índole do povo" para simplificar, pois também podia dizer, e até com mais propriedade, o modo de esse povo estar e se afirmar no mundo, o seu psiquismo coletivo, aquilo – seja lá o que isso for – que os românticos alemães chamavam o *volksgeist* e que, traduzido, é a alma ou espírito do povo ("espírito" aqui talvez no sentido hegeliano do termo), ou seja, o imaginário, a ideologia, a mundividência ou figura de mundo, os valores, a identidade de uma nação.

Tudo isto, ia eu dizendo, tem, sem dúvida, interesse. Mas não é a via principal, nem sequer a via certa, ou, no mínimo, não é o primeiro passo na via certa para se chegar à identificação da produção literária dos autores de uma região como sendo *uma literatura regional*, entendendo-se aqui por *uma Literatura* um determinado sistema diacrónico de realização de obras estéticas de expressão verbal e tomando *uma Literatura regional* num sentido homólogo daquele em que dizemos uma *Literatura nacional*.

A produção literária de uma região infranacional pode ser distinta da produção literária nacional de que é parte, sem, apesar disso, constituir *uma* literatura própria. Em Portugal, fala-se, por exemplo, do lirismo *limiano* como típico da poesia de autores oriundos (e influenciados pela paisagem) da Ribeira-Lima, desde alguns trovadores medievais a António Feijó e outros líricos daquela região, mas jamais alguém se lembraria (acho eu) de dizer que, pois os poetas da Ribeira-Lima se distinguem dos do resto do país por um lirismo com estas e estas características, então existe uma literatura limiana.

Isto aplica-se a outras (entenda-se: a todas as) regiões de Portugal ou de qualquer nação do mundo, das quais não se pode dizer que possuem uma literatura só porque alguns dos autores que lhes estão ligados pelo nascimento ou que nelas se fixaram e as adotaram como pequena pátria ostentam na sua obra (se isso se verifica) aspetos peculiares devidos à influência do meio geográfico e humano que lhes, de

alguma forma, moldou o espírito. O caso de Aquilino Ribeiro, escritor oriundo da Beira Alta, em Portugal, sempre citado a propósito, não prova que existe uma literatura beirã, por mais que as peculiaridades da sua escrita e do universo das suas ficções retratem fidedignamente a terra e a *alma* da gente daquela província. Decerto um escritor não é uma *literatura* no sentido do termo que estamos a usar aqui.

Não será preciso dizer que outro tanto é aplicável às literaturas nacionais. De facto, a sua existência (das literaturas nacionais) não depende igualmente das características que apresentam as obras literárias de tal ou tal nação, quer nas suas ficções quer no seu suporte verbal. A longa introdução de H. Taine à sua *Histoire de la Littérature Anglaise*, em que se procura não só descrever as características dessa velha literatura mas também explicá-la geneticamente, não tem como objetivo provar que a Literatura Inglesa existe (o que seria, no mínimo, ridículo), mas antes, tomando a sua existência como um dado, procurar os fatores da sua quiddidade, o seu *carácter essencial*, no sentido desta expressão em Brunetière. Quando nos dispomos a procurar numa Literatura "quel est l' état moral qui la produit", é óbvio que o fazemos "étant donné une littérature" (v. Taine, *ob. cit.*), ou seja, tomando essa literatura como um dado e só a partir daí pesquisando nela o *estado moral que a produziu*. Foi o que também fizeram para a Literatura Portuguesa Almeida Garrett, Francisco Freire de Carvalho, José Silvestre Ribeiro, Borges de Figueiredo, Teófilo Braga, Fidelino de Figueiredo, João de Castro Osório, Jacinto do Prado Coelho e outros. A importância dos seus estudos está fora de causa, mas seja como for esses estudos não servem (nem a isso se destinam) para provar que existe uma Literatura Portuguesa. Teófilo Braga, por exemplo, para quem as literaturas exprimem o *génio* dos povos (princípio geralmente admitido pelos mais), achava que o Classicismo tinha despersonalizado a literatura portuguesa, que só com os românticos voltaria a encontrar o seu carácter nacional. Todavia, não excluía da Literatura Portuguesa os três séculos que durou a nossa admirável literatura clássica, de Camões à Arcádia, submissa ao cânone clássico transnacional como todas as grandes literaturas ocidentais.

Conclusão: Uma literatura (nacional ou regional, tanto faz) tem as suas características uma vez que existe (como tudo o que existe, obviamente), e não o inverso.

Por isso (e retomo o que comecei por dizer) não se pode provar que existe uma literatura açoriana pela verificação de traços distintivos na produção literária de autoria açoriana, ou que existe uma literatura de qualquer região ou país pela verificação de traços distintivos na produção literária dos autores dessa região ou país.

2.

Outro nos parece dever ser o traço fundamental da produção literária do povo de uma região infranacional que a pode determinar (se existir) como “uma” *Literatura regional*: esse traço fundamental será a sua historiabilidade. (O mesmo, de resto, para o caso da determinação como *Literaturas nacionais* as produções literárias de quaisquer povos de quaisquer regiões ou países).

A historiabilidade da produção literária de um povo geográfico-politicamente demarcado de uma região como de uma nação, ou mesmo de um espaço supranacional – como quando dizemos, por exemplo, “uma” *Literatura europeia* ou “uma” *Literatura ocidental* –, decorre do processo evolutivo intrínseco dessa produção, o qual (por definição de “evolutivo”) implica numa continuidade: Continuidade que, porém, não se manifesta só pela simples persistência no tempo, mas que, além disso, decorre de uma relação genealógica entre as *performances* dessa Literatura, que, assim, constituem uma espécie de *phylum* literário. Deste modo, uma Literatura não é propriamente comparável ao organismo de um ser vivo que se desenvolve, mas a uma *espécie* que evolui, isto é, a uma espécie cujos espécimes (os textos, neste caso) se transmitem sucessivamente os genes que lhes garantem lugar nessa cadeia evolutiva. Claro está que, também na Literatura, são possíveis cruzamentos exógamos, casos de disgenesia, degenerescências, diásporas, retornos às raízes, renascimentos, etc., que fazem da cadeia filogenética literária um fluxo não cristalino nem suave, mas em que a limpidez e a correnteza alternam com turbações e precipitações ao longo do percurso: Todavia, com todas as bifurcações, afluências exógenas, desvios e transbordos, o fluxo não perde o contacto com a nascente.

3.

Será que a produção literária de autoria açoriana constitui um *phylum* neste sentido que acabo de dizer?

De qualquer modo, se se pretende provar que existe uma literatura açoriana, é por aí que se deve começar: pela verificação e demonstração da sua historiabilidade. Porque, depois, as suas características específicas (se as tiver), distintivas em relação à corrente principal procedente da mesma fonte, serão as que tiver, e não as que nós, *a priori*, achamos ou pretendemos que devia ter para que existisse. Até poderia ser que uma literatura açoriana existisse e não tivesse características temáticas nem formais diferentes das que apresenta a literatura portuguesa, o que até nem seria de estranhar, nem caso, tão-pouco, para concluir, unicamente de aí, pela sua inexistência.

Isto não quer dizer que seja irrelevante apurar se, além de constituir um *phylum* literário evoluindo de si mesmo, a produção literária de autoria açoriana possui características específicas, quer ao nível da linguagem (vocabulário, ritmo, boleio da frase, imagística, etc.) quer ao nível do universo ficcional ou expressivo do discurso (temática, imaginário, figura de mundo). Sem dúvida que sim, que isso é importante. Mas não para fundamentar a tese da existência ou da inexistência de uma literatura açoriana na existência ou na inexistência dessas características específicas.

De qualquer modo, a meu ver, provar, por qualquer via, que a produção literária açoriana constitui “uma” *Literatura regional*, não deve ter como objetivo isolá-la da literatura portuguesa, mas apenas conhecer e compreender melhor a literatura que se faz nos Açores e, porventura – e não menos importante – o génio do povo que se exprime através dela.

Eduíno de Jesus

CADERNO AÇORIANO Nº 12 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/1525/CADERNOS-ACORIANOS-12-EDUINO-DE-JESUS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-de-estudos-acorianos/1525/cadernos-acorianos-12-eduino-de-jesus.pdf)

VÍDEO HOMENAGEM GRACIOSA 2019 [HTTPS://YOUTU.BE/7VUO3BPMDU8](https://youtu.be/7VUO3BPMDU8)

VÍDEO HOMENAGEM BELMONTE, 2019 [HTTPS://YOUTU.BE/HUYLYDKQLXW](https://youtu.be/HUYLYDKQLXW)

VÍDEO HOMENAGEM 2016 LOMBA DA MAIA [HTTPS://YOUTU.BE/OQYUNTNNXZ8](https://youtu.be/OQYUNTNNXZ8)

VÍDEO HOMENAGEM 2015 GRACIOSA [HTTPS://YOUTU.BE/AAP5KRWEIMES](https://youtu.be/AAP5KRWEIMES)

VÍDEO HOMENAGEM 2014 MOINHOS DE PORTO FORMOSO [HTTPS://YOUTU.BE/R1VVUIPKXRU?LIST=PLWJUJRYOUWQJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY](https://youtu.be/R1VVUIPKXRU?list=PLWJUJRYOUWQJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY)

VÍDEO HOMENAGEM LAGOA 2012 [HTTPS://YOUTU.BE/R1VVUIPKXRU](https://youtu.be/R1VVUIPKXRU)

CHRYDIZ CAIS DA SAUDADE DE EDUÍNO [HTTPS://YOUTU.BE/G5IWIY8RITMW](https://youtu.be/G5IWIY8RITMW)

17º NA LAGOA 2012 POESIA CONCHA, EDUÍNO E URBANO [HTTPS://YOUTU.BE/ABAJIRQFVOA?LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKERI](https://youtu.be/ABAJIRQFVOA?list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIPEZIF1C_4TVTKERI)

SÓCIO DA AICL.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO 2012 LAGOA, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022

10. ESCOLA DE MÚSICA DE BELMONTE



JÁ PARTICIPARAM NO 27º EM 2017, 29º EM 2018, 31º 2019, 33º BELMONTE 2021, 35º BELMONTE 2022

11. FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA, HOSPITAL DE OVAR, PRESENCIAL



MOINHOS 2014



VILA DO PORTO 2011



MONTALEGRE 2016

TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011, NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO EM 2014, 23º NO FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, MADALENA DO PICO 2018, 35º BELMONTE 2022

12. FRANCISCO F MADRUGA, EDITOR, AICL

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, Nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho.

Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Trabalhou no Jornal *norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal *A Voz do Nordeste*.

Editou em colaboração com a Revista BITÓRÓ a Antologia *Novos Tempos Velhas Culturas*.

Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos.

Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional.

Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau.

A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos Colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).

É o editor da Antologia (monolingue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Inglês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras.

Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, Mensageiro de Bragança e Informativo.

Editou os volumes de J. Chrys Chrystello “CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL” (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e ChrónicaAçores: uma circum-navegação - vol. 2 (2011)



13º BRASÍLIA 2010



15º MACAU 2011



24º GRACIOSA 2015



29º BELMONTE 2018



23º FUNDÃO 2015



15º MACAU 2011



13º FLORIPA 2010



26º PDL 2013



26º LOMBA DA MAIA 2016



17º LAGOA 2012



18º GALIZA 2012



20º SEIA 2013



GRACIOSA 2015



SEIA 2013



MONTALEGRE 2016



MARGARETE SILVA APRESENTA HISTÓRIAS (DE)VIDAS - **Trabalho final não-recebido**



**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL
PRESIDE AO CONSELHO FISCAL.
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE
TOMOU PARTE NO 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 35º BELMONTE 2022**

13. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL helena.chrystello@ebimaia.net

(Maria) HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês.

Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa;

Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail.

É Mestre (pré-Bolonha) em Relações Interculturais, subordinado ao tema *Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso*, pela Universidade Aberta.

Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.



BGA TERCEIRA 2017



PICO 2018



15º MACAU 2011



15º MACAU 2011 19º MAIA 2013



26º LOMBA DA MAIA 2016



16º VILA DO PORTO 2011



FLORIPA 13º BRASIL 2010



30º MADALENA DO PICO 2018



28º VILA DO PORTO 2017



34º PDL 2021

Lecionou, desde no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP - Prova de Aptidão Profissional).

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005).

Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988). Participou e foi oradora em vários congressos (Portugal, Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade. Pertenceu à extinta SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Está a aguardar a reforma da EB 2,3 da Maia, S Miguel onde lecionava desde 2005.

Na EB 2,3 da Maia foi Coordenadora do Departamento de Línguas (2010-2020) e exerceu funções de Avaliadora do Desempenho Docente.

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia 2007 a 2009 e 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 Judite Jorge.

Coautora com a Professora Doutora Mª Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura.

A edição bilingue (PT-EN) Antologia de (15) Autores Açorianos Contemporâneos foi lançada no 16º Colóquio em Vila do Porto 2011 e no 19º Colóquio (Maia 2013)

Posteriormente lançou nos 17º, 18º e 19º colóquios a edição monolingue da Antologia em 2 volumes.

No 21º colóquio (Moinhos de Porto Formoso 2014) lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”.

Prepara nova antologia de jovens autores açorianos a sair em 2022, didática, com apoio total da Direção Regional das Comunidades e será pré-apresentada neste colóquio



32º GRACIOSA 2019



32º Graciosa 2019



32º Graciosa 2019



16º VILA DO PORTO 2011



18º GALIZA 2012



APRESENTA NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS, ED AICL E DIR. REG. DAS COMUNIDADES

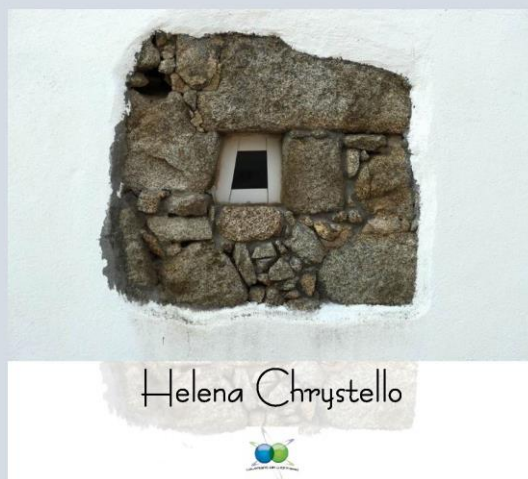
Queria agradecer ao Aníbal C. Pires pelo seu prefácio e à Direção Regional das Comunidades pelo apoio que permitiu publicar este volume. Agradeço aos autores, dentre os quais Maria João Ruivo, Luís Filipe Borges e Pedro Paulo Câmara, aqui presentes, pela ajuda que deram na obtenção das obras e na seleção dos textos.

Tomou-se para premissa o conceito de açorianidade formulado por **José Martins Garcia** que, «*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura*», admite a existência de uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência*».

Já **Pedro da Silveira** (1922-2003) era perentório:

«...nessa escrita, são visíveis as especificidades que identificam o açoriano como ser moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina.

nova antologia de autores açorianos



Helena Chrystello

Prefácio de Aníbal Pires

Por último, **Machado Pires** discursando sobre esse fenómeno descontinuo porque não há uma evolução ou uma linha histórica progressivamente afirmada, diz haver “Autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto” e sugeriu “a expressão **“literatura de significação açoriana”** para uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incaraterizante a designação de ‘açoriana.’”

Entendeu-se, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de insularidade e açorianidade dois extratos diversos de idiossincrasias:

- Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;
- O dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino;

Há portanto, vários autores, os residentes no arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores. Para destringir quais incluir na designação açórica optou-se por escolher os que aqui nasceram ou viveram e que são unanimemente considerados, pelos seus pares, como “autores açorianos”.

No tocante à estrutura da obra, e com o intuito de agilizar um manuseio eficaz, optou-se por ordenar alfabeticamente os Autores (primeiro nome), que são apresentados com uma ‘ficha’ biobibliográfica sumária.

Exaustiva não é, decerto, mas é indicadora de quanto se tem produzido literariamente e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado e trabalhado.

Os critérios adotados para a antologia foram os seguintes:

1. Critério antológico, propriamente dito, carreando quer a retoma de trechos antologiadados quer a inserção de fragmentos inéditos, conciliando tradição e inovação;
2. Critério genológico, incidindo na diversidade de géneros literários, como o conto, a novela, o romance, o poema, a entrevista, a crónica e o ensaio;

Defluindo destes critérios ressaltam os objetivos, sendo o primeiro a divulgação e subsequente homenagem a 17 autores.

O segundo objetivo, de carácter científico, consistiu em facultar o conhecimento parcial de uma obra vária a investigadores nacionais e estrangeiros.

O terceiro objetivo, de índole pedagógico-didática brotou da intenção de trabalhar os textos selecionados nas escolas básicas, secundárias e nas instituições de ensino superior.

Uma antologia mais não é do que uma amostra de Autores e textos, fragmentária e relativa, mero trampolim para a totalidade almejada em edições futuras. Aos Autores deste volume, agradecemos profundamente, tanto pela sua anuência à coleção dos textos antologiadados como pela colaboração interativa em muitos casos.

Excerto do prefácio de Aníbal Pires:

“Os autores, homens e mulheres, referenciados nesta antologia são ilhéus de nascimento ou de adoção (coração), mas a sua expressão literária não tem fronteiras, é do Mundo e para o Mundo fazendo jus à centralidade atlântica do arquipélago, mas sobretudo à sua universalidade, e, ao subjacente reconhecimento de que outras centralidades existem e têm igual importância. Esta opinião, como todas as outras, é passível de detonar algumas polémicas sobre uma tendência, não só, mas também, académica, de categorizar, compartimentar e de tudo hierarquizar.”

“...ao viajar pelas palavras dos autores, dados a conhecer pela Helena Chrystello nesta antologia, poderá o leitor deliciar-se com uma diversidade aprimorada de códigos linguísticos que individualizam os autores e lhes conferem um espaço e um público (leitores) diferenciados, sem que isso signifique qualquer hierarquização entre eles, ou do género literário no qual expressam a sua criação artística.”

Resta aguardar que esta Antologia seja um instrumento de consulta diária não só dos que se dedicam à didática e à literatura mas de todos os que buscam abrir essa janela imensa que é a literatura de matriz açoriana. Enquanto coordenadora da obra desejo que mais professores de português a adotem para enriquecer os conteúdos programáticos e a componente açoriana dos currículos que tanto descuraram até agora as peculiaridades do ser açoriano, português de nacionalidade mas vincadamente marcado pelas idiossincrasias deste arquipélago que tão isolado andou durante séculos e hoje se afirma possuidor de uma vasta e abrangente obra literária que cuida preservar e divulgar.

Muito obrigada



10º BRAGANÇA 2008



19º MAIA 2013



13º FLORIPA 2010



BRASÍLIA 13º 2010



13º FLORIPA 2010

2011 RTP ANTOLOGIA [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8L6NXRGUG8M&INDEX=174&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=8L6NXRGUG8M&INDEX=174&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2014 LER AÇORES #38 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V5SQCPJIRP8&INDEX=175&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=V5SQCPJIRP8&INDEX=175&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2010 RTP 13º COLÓQUIO EM FLORIPA 13º FLORIPA 2010 FLORIANOPOLIS2010 RTP 3 - YOUTUBE

2011 RTP ANTOLOGIA 16º VILA DO PORTO [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UBORWMU0CYG&T=1S&INDEX=259&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=UBORWMU0CYG&T=1S&INDEX=259&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

- SÓCIO FUNDADOR DA AICL. -

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020. –

É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.

PRESIDE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS EXCETO 29º BELMONTE 2018, POR DOENÇA REGRESSANDO NO 30º MADALENA DO PICO 2018,

14. HILARINO DA LUZ, CABO VERDE – Investigador Integrado CHAM e Departamento Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa



32º GRACIOSA 2019

HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ, Investigador da NOVA FCSH e Investigador Integrado do CHAM, Centro de Humanidades, onde foi Bolseiro de Pós-Doutoramento, de julho de 2015 a junho de 2018, é Doutor em Estudos Portugueses, especialização em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa (2013), Mestre em Estudos Portugueses, especialização em Estudos Literários (2008)

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Estudos Portugueses (2006), pela FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.

Além de artigos publicados e de uma vasta experiência profissional, nomeadamente como professor no ensino público português, tem organizado e participado em vários congressos internacionais em Portugal, Cabo Verde, Itália e Polónia.

Contributo dos judeus no desenvolvimento económico da Ilha de Santo Antão: o caso da Pónta d' Sol (Ponta do Sol) Hilarino Carlos Rodrigues da Luz - CHAM e Departamento Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa

Os judeus chegaram na Ponta do Sol, Pónta d' Sol segundo a linguagem da terra, ilha de Antão, Cabo Verde no século XIX. Fixaram-se na denominada Rua Direita, antiga Rua João Machado, onde fizeram grandes construções, consequentes do poderio económico que detinham. Sendo de uma classe privilegiada e devido aos seus princípios judaicos, numa fase inicial, não se misturavam com a população local. (FRANÇA, 2013). A dita Rua Direita, com as referidas construções imponentes, passou a ser do seu uso quase exclusivo, sendo que a população local só se podia caminhar nela em determinados horários do dia. A Ponta do Sol passou a ser um centro comercial de importação e exportação por excelência, facto que se deveu ao poder de investimento dos judeus, que, além do comércio, se dedicaram a outras áreas, como a educação, a agricultura e a administração, facto que os fizeram ter um papel de capital importância no desenvolvimento da referida ilha, mormente na, igualmente referida, Ponta do Sol, antiga Vila Maria Pia.

PALAVRAS-CHAVE: Cabo Verde; Santo Antão; *Ponta d'Sól* (Ponta do Sol); judeus; desenvolvimento.

*És pátria de belas fadas [...]
E hei de amar-te, pátria minha.
(Januário Leite, 2006).*

Pretendemos, com este artigo, abordar o contributo dos judeus no desenvolvimento económico da ilha de Santo Antão, mais concretamente na *Pónta d' Sol* (Ponta do Sol), segunda a linguagem da terra. Composta por três cidades - Paul, Ribeira Grande e Porto Novo), Santo Antão é uma ilha montanhosa que apresenta as maiores altitudes na região ocidental do Topo de Coroa, com 1979 metros. Conta com Roberto Duarte Silva (Ribeira Grande, Santão Antão, 1837 – Paris, França, 1889), como uma figura de referência. Trata-se de um químico que lecionou na Escola Física de Paris, onde “deu bem a medida do seu alto valor pedagógico: a direção confiada ao grande químico [Paul] Schützenberger. Tinha como colaboradores homens como Albert Levy e Rosé, matemáticos; os físicos Dommer, Pierre Curie, Hospitalier, mais tarde Féry; os químicos Hanriod, Étrard (REMEMORANDO O SÁBIO PORTUGUÊS ROBERTO DUARTE SILVA: 1934: [3]).

É sabido que Santo Antão, assim como as outras ilhas, se encontrava desabitada aquando da chegada dos portugueses, no século XV, apesar da existência de algumas narrativas que defendem que alguns povos, particularmente do Senegal e da China, comunicaram e comercializaram díspares produtos nas ilhas da Boa Vista e do Sal. Essa asserção, conquanto, não agrupa anuência (Luz, 2013). Assim, corroborando do parecer de Orlando Ribeiro, todas estavam “até então completamente desconhecidas [visto que] nenhum vestígio foi encontrado que [se] possa considerar anterior à ocupação portuguesa” (Ribeiro, 1988:90).

Jorge Barbosa (Santiago, 1902 – Cova da Piedade/Almada, 1971) numa das suas incursões na história de Cabo Verde, através da sua poesia, amparou essa asserção, no poema “Panorama”, dedicado ao professor, historiador, crítico e escritor António Aurélio Gonçalves (S. Vicente, 1901 - S. Vicente, 1984), ao ter referido que quando os descobridores chegaram no arquipélago não encontraram homens e mulheres “nus” e “nem setas venenosas” “ecoando sobre os montes” (Barbosa, 2002:99). Encontraram, segundo o próprio, apenas “aves de rapina / de garras afiadas / as aves marítimas / assobiando inéditas melodias. // [...]” (Barbosa, 2002:99-100). Esta asserção é, igualmente, atestada pela carta régia de 12 de junho de 1466, onde se pode ler que: “Haverá quatro anos que [...] começara a povoar sua ilha de Santiago [...] e que por ser tão alongada dos nossos reinos, a gente não quer a ela ir viver, senão com mui grandes liberdades e franquezas e despesas sua [...]” (*apud* Barcelos, 1899:21-23). Desta feita, segundo a dita carta, a ilha de Santiago começou a ser habitada por volta de 1462 e apresentava algumas reservas, já que, inicialmente, não era atrativa, facto que fez com que os moradores exigissem uma maior liberdade de movimentos de ação, mais regalias e que as despesas fossem pagas pelos donatários da ilha (*apud* Barcelos, 1899).

Após a conceção de alguns incentivos comerciais por parte da Coroa Portuguesa, mercadores reinóis e castelhanos fixaram-se em Santiago, mais concretamente na cidade da Ribeira Grande⁴⁴, atual Cidade Velha, dando início à organização de uma próspera comunidade de moradores e vizinhos (Luz, 2013). Deste modo, começou-se a desenhar a formação da sociedade cabo-verdiana, resultante de europeus e africanos. Quanto aos ditos europeus, destacamos a presença dos cristãos-novos (judeus ou “homens da nação”), que tinham o comércio como sendo a sua principal atividade. Não eram bem aceites pelos “principais das ilhas” (Baleno, 1991:151), motivando alguns conflitos entre eles, ideia sustentada, por exemplo, por um acontecimento insólito ocorrido em 1512 quando se incriminaram mutuamente junto do Rei de Portugal, D. Manuel I (Baleno, 1991). Foi esse acontecimento que fez Ilídio Baleno suspeitar que, em 1515, se tentou impedir, sem efeito, “a fixação de cristãos-novos nas ilhas sem licença especial [...]”. Tanto é assim que, em 1546, a Câmara da Ribeira Grande afirmava que quem mais mandava na terra eram eles e que se encontravam sobretudo na alfândega” (Baleno, 1991:151).

Assim, como a maioria da população branca, esses cristãos-novos concentraram-se na dita cidade da Ribeira Grande, ilha de Santiago, visto que o comércio era mais desenvolvido. Ilídio Baleno, anteriormente citado, parte da ideia de que os comerciantes “rumaram para a ilha de Santiago, na expectativa de poderem dedicar-se ao comércio com a Guiné” (Baleno, 1991:148-149). Os jesuítas também cumpriram missões religiosas em Cabo Verde, alicerçadas no facto de a igreja não se ter reduzido apenas ao “clero secular”. Ela foi constantemente neófita e robustecida aguçando a criação “de novas frentes de cristianização”. Os primórdios do século XVII assinalaram a chegada desses missionários no arquipélago, facto que alterou o quotidiano local, particularmente por serem temidos⁴⁵ e notados como um combinado de “deferência e respeito” (Santos & Soares, 1995:447). Neste âmbito, podemos mencionar os padres Baltazar Barreira, Manuel de Barros, Manuel Fernandes, João Célio, Sebastião Gomes, António Dias, João Delgado, Manuel Álvares, Pedro Fernandes (irmão de aludido Baltazar Barreira), Manuel Almeida e os irmãos João Fernandes e Pedro Neto (Santos & Soares, 1995). Maria Emília Santos e Maria João Soares consideram que:

A vinda de um contingente de missionários jesuítas para o arquipélago de Cabo Verde, mais propriamente na ilha de Santiago, veio acarretar para vida social local uma série de alterações. Contrariamente ao clero secular, que se incluía plenamente no processo de socialização insular, os recém-chegados jesuítas vão aí constituir-se como um grupo autónomo e exógeno relativamente aos outros estratos sociais, funcionando muitas vezes, fruto da sua habitual condição de ordem interventiva, como observadores externos da vida autóctone, que descrevem sob um prisma diferenciado e mais minucioso do que outros testemunhos (Santos & Soares, 1995:447).

Chegados em 1604, os padres, segundo as autoras anteriormente citadas, “acomodaram-se provisoriamente na Casa da Misericórdia e depois na Fortaleza de S. Filipe, na cidade da Ribeira Grande [da ilha de Santiago], tendo posteriormente comprado casas na cidade” (Santos & Soares, 1995:439). Nessa altura, a sua atividade no país, “base posicional e logística para dar o salto para a costa africana” (Santos & Soares, 1995:448), dividiu-se em dois momentos: (1) pacífico e cordial até por volta de 1620; (2) rutura com a sociedade local e término da missão em 1642 (Santos & Soares, 1995). O segundo momento ficou marcado por ininterruptos pedidos de abandono da incumbência por não receberem as “ordinárias” há muitos anos, deteriorando “as relações dos jesuítas com os oficiais régios e governador/provedor da Fazenda, aos quais [exigiam] os pagamentos frequentemente sob ameaça de censuras e excomunhões, incompatibilizando-se com eles, até porque muitas vezes os inacianos eram testemunhas temidas das suas irregularidades” (Santos & Soares, 1995:451).

Desta feita, em etapas e com fundamentações distintas, a presença judaica no arquipélago remonta aos primórdios da sua ocupação, por motivações sociais, económicas, religiosas e, sobretudo, devido a inquisição implementada na Península Ibérica no séc. XV. A sua entrada no país também foi verificada em outros momentos, havendo a sublinhar o século XIX. Nessa altura, fixaram-se nas ilhas de Santo Antão, Santiago, Boavista, S. Vicente e Brava (ficaram pouco tempo), em grande parte, como consequência de uma postulação de “proteção a todos os Israelitas do Império Marroquino”, que D. Luís I (Lisboa, 1838-Cascais, 1889), Rei de Portugal, concedeu a comunidade hebraica marroquina, em fevereiro de 1864 (Coutinho, 2020). Zlinda Cohen⁴⁶, com base nas historiadoras Ângela Coutinho e Cláudia Correia, apresenta uma lista de sessenta e um apelidos judaicos que entraram no país, como podemos verificar na seguinte transcrição:

1. Abecassis; 2. Abitbol; 3. Abohbot; 4. Afflaló; 5. Alves; 6. Amzalak; 7. Anahory 8. Athias 9. Auday; 10. Azancot 11. Azaniel; 12. Azevey; 13. Azulay; 14. Benahim 15. Benara; 16. Benatar; 17. Benazon (Benazou) 18. Benchimol; 19. Bendaham 20. Bendavid; 21. Benefraim; 22. Benoliel 23. Benrós 24. Levy Bentubo; 25. Benunas (Bedunas); 26. Boaruna; 27. Bodana; 28. Bohana (Bouanaz); 29. Brigham; 30. Buzaglo; 31. Cagy 32. Cardoso 33. Cohen; 34. Elasry; 35. El Baz 36. Elasry; 37. Elcaim; 38. Ezaguy; 39. Eznaty; 40. Gabay; 41. Imini; 42. Izaqui; 43. Lasene; 44. Lassarini 45. Levy 46; Malka 47; Maman; 48. Mor José; 49. Naury; 50. Niune; 51. Pairmy 52. Pimenta; 53. Pinto; 54. Ruah; 55. Sabbat; 56. Seruya; 57. Tarregano; 58. Urbin; 59. Wahnnon; 60. Zafrany; 61. Zagury (Cohen, 2021:1-2).

É de salientar que os judeus ingressaram na ilha de Santo Antão numa altura em que, segundo António Carreira, ela contava com um “visível depauperamento das forças vivas e à consequente instabilidade da sociedade local, assolada pela emergência de contendidas e de choques de interesses, sobretudo entre os detentores dos lugares cimeiros da administração pública” (Carreira, 1985:67-68). Isso porque a transição do século XVIII para o XIX foi marcada pela necessidade da adoção de medidas que pudessem aguçar a supressão dos despotismos e contravenções por parte dos poderes locais, guiando o autor, anteriormente aludido, a afiançar que “as acusações [se dirigiam] a todos os agentes locais e mesmo ao clero” (Carreira, 1972:127). A situação instável em Santo Antão desencadeou alguns levantamentos

⁴⁴Encontramos em Cabo Verde a Ribeira Grande de Santiago, atual Cidade Velha, e a de Santo Antão.

⁴⁵“ [O] jesuíta, pelo prestígio que auferia nas partes ultramarinas e pelas faculdades de comunicação direta que detinha com vários organismos centrais, será sempre em Cabo Verde uma personagem temida [...]”. (Santos & Soares, 1995:447).

⁴⁶A autora apresenta estes apelidos em forma de tabela, pelo que o formato aqui apresentado é uma adaptação nossa.

populares contra Francisco de Lima Melo, então Capitão-Mor da ilha. Em *Santo Antão no limiar do século XX: da tensão social às insurreições populares (1886/1894): uma perspetiva histórica*, José Évora justifica um desses levantamentos da seguinte forma:

[O] povo de Santo Antão, não encontrando justiça imediata em D. João V, resolveu fazer justiça pelas próprias mãos. A favor do Capitão-mor estavam oficiais da justiça e a milícia. Porém, os moradores que não os temiam, levantaram-se, dirigidos por um tal José Barranco, o que resultou numa morte e muitos feridos de ambos os lados. Saindo vitorioso, o povo prendeu o Capitão-mor pondo a ferros dois oficiais. O levantamento do povo contra as autoridades da ilha obrigou El Rei a tomar providências. Este ordenou ao Governador que pusesse como feitor de Santo Antão um morador da ilha, devendo a escolha recair num indivíduo tido como mais capaz (Évora, 2005:24).

Esses levantamentos eram motivados pelo estado de submissão que imperava na ilha. Os naturais eram, muitas vezes, excluídos dos empregos militares, civis e públicos, situação que se contrastava com a das outras ilhas. Entre outros acontecimentos impactantes na história de Santo Antão, destacamos a reforma administrativa ocorrida através do Decreto de 3 de abril de 1867. Foi dividida em dois concelhos: um sediado na Vila da Ribeira Grande, antes conhecida por Povoação de Santa Cruz, e, posteriormente, transferido para a Vila D. Maria Pia (atual Ponta do Sol), e, outro com sede na Povoação das Pombas, no Paul (Decreto de 23 de dezembro de 1885) (Évora, 2005).

A partir dessa divisão administrativa, a ilha viu-se envolvida em várias “peripécias” históricas até adquirir a divisão atual: Ribeira Grande, Paul e Porto Novo (inicialmente Porto dos Escravoeiros)⁴⁷, sobretudo o Paul que se envolveu em várias polémicas com a Ribeira Grande, por causa de algumas tentativas para a sua extinção⁴⁸ em finais do século XIX. Nessa altura, Santo Antão contava com terrenos agrícolas que, quando chovia, produzia uma variedade de produtos: hortaliças, legumes e cereais, plantas frutíferas, pastagens, farináceas, além de plantas tintureiras, como a urzela, o anil, e o dragoeiro, que muito contribuíram para o seu progresso económico (Évora, 2005).

Tendo o concelho da Ribeira Grande como centro económico e administrativo, e sendo uma ilha agrícola, o comércio assumiu um papel preponderante, apesar de se debater com a carência de vias de comunicação. Comercializavam-se produtos importados –, massa, açúcar branco, bacalhau, manteiga, farinha de trigo, vinho, azeite de oliveira, vinagre, arroz, feijão e petróleo, entre outros; e produtos locais – batata, azeite de purga, açúcar, mandioca, banana, pele de cabra, milho, aguardente (grogue), carne de porco e de vaca, feijão, café, mel, sal, urzela e farinha de mandioca, entre outros produtos (Évora, 2005). Os preços variavam mediante a regularidade da importação e das colheitas, que, como é sabido, dependiam da chuva. Veja-se o poema “A Terra”, de Jorge Barbosa, dedicado ao seu amigo Manuel Lopes (S. Vicente, 1907 – Lisboa, 2005):

Terra fértil / das bananeiras, das laranjeiras, / dos acajus, / dos cafeeiros, das uvas, dos batatais; / do milho que dá cachupa, o cuscuz, / a batanca, o gufongo; / das canas / que dão o grogue e o mel... // Terra fértil / - das oleaginosas, / das acácias, dos cardeais, / das roseiras, / dos marmeleiros, das goiabeiras, / das árvores de fruta, / das árvores de sombra... // Terra fértil / do queijo sadio... / Terra fértil... //. Se não cai a chuva, / – o desalento / a tragédia da estiagem! – // As encostas áridas, as planícies secas / sulcadas, / imitam ritos de uma dor profunda / e fantasiam carnes ao Sol Mumificadas... // – Ai o drama da chuva, / ai o desalento, / o tormento / da estiagem / – Ai a voragem / da fome / levando vidas! (... a tristeza das sementeiras perdidas...) / – Ai o drama da chuva! (Barbosa, 2002:43-42).

Há, ainda, a assinalar os momentos em que a chuva caía de forma “caudalosa”⁴⁹. Quando isso acontecia, ela carregava tudo o que encontrava à frente, provocando grandes prejuízos, chegando mesmo a colocar vidas humanas em perigo, conforme podemos atestar num relatório que o administrador do conselho da Ribeira Grande apresentou ao Secretário-Geral do Governo, no dia 13 de outubro de 1881:

[A]s águas tinham sido abundantes e as enchentes, por vezes, ainda que momentaneamente, interromperam as comunicações entre os três bairros que compõem a vila. [...]. [C]hoveu continuamente até às 4 horas da tarde, começando a esta hora a chuva a ser torrencial. As suas ribeiras foram engrossando e às sete horas da noite já se tinham transformado em caudalosos rios. As oito horas ouviram-se alguns gritos de socorro, e eu e alguns cavaleiros, tivemos de sair para a rua já completamente inundada. [...]. Mulheres desgrenhadas bradavam pela proteção divina! Crianças corriam como loucos pelo meio da água! [...] (*apud* Évora, 2005:31).

Apesar das dificuldades enfrentadas, a ilha seguia o seu percurso natural apontando um certo crescimento económico. Em 1880, o concelho da Ribeira Grande, da ilha de Santo Antão, tinha cerca de 104 casas comerciais, distribuídas por classes (1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a), da seguinte forma: 2 de 1.^a classe (loja de mercador por atacado e armazéns); 25 de 2.^a classe (comércio a retalho e permutação de fazendas e géneros comestíveis); 1 de 3.^a classe (estabelecimentos de cerveja, vinho e outras bebidas); 42 de 4.^a classe (tabernas onde se vendiam aguardente local e vinho); 34 diversas reunidas (casas de jogo onde se vendiam diferentes bebidas, café; tabaco importado; medicamentos, etc.) (Évora, 2005).

A entrada dos judeus na ilha emblema uma mutação positiva na vida dos naturais. O fim da Inquisição (1821) foi o principal fator que permitiu o seu regresso aos territórios portugueses⁵⁰ à procura de oportunidades comerciais, a par do Tratado de Navegação assinado entre Portugal e a Grã-Bretanha, no dia 3 de julho de 1842. Alguns fixaram residência em Cabo Verde em meios do século XIX, sendo que muitos viajaram com o passaporte britânico; outros acabaram por abandonar o país por razões diversas.

Ângela Coutinho, já referida, destaca que, em 1860, foram para Cabo Verde “quase uma centena de comerciantes judeus, sobretudo marroquinos, mas também naturais de Gibraltar [...]”. (Coutinho, 2020:228). Com base em Clarence-Smith, a mesma autora sustenta que o “movimento migratório” dos judeus é “bastante complexo” e aponta distintos fatores que se deve ter em conta, mormente “o facto de entre os impérios de Portugal e de Marrocos ter sido assinado um tratado [...] que dava liberdade comercial aos súbditos do Sultão de Marrocos para comerciar em portos portugueses [...]”. (Coutinho, 2020:228). Ocuparam uma posição proeminente no progresso de Cabo Verde, havendo a salientar o já referido caso da Ponta do Sol, que contou com a família Abrão Brigham como a primeira que se adentrou na Vila.

Com grande poder económico, muitos se instalaram na chamada Rua Direita ou, segundo alguns residentes locais, Rua às Direitas, antiga Rua João Machado. Ela era vista como sendo rua comercial e com grandes edificações. Ficou, ainda, notabilizada pelo facto de não se poder caminhar nela em determinados períodos do dia. Conforme supomos anteriormente, os judeus construíram emblemáticas casas

⁴⁷Porto dos Escravoeiros, Porto dos Carvoveiros e, atualmente, Porto Novo. Estas denominações resultam das principais atividades desempenhadas pelo mesmo. Assim, Escravoeiros porque, numa fase inicial, era o porto de entrada e saída de escravos em Santo Antão; Carvoveiros foi uma designação usada visando a eliminação de vestígios do tráfico de escravos; e Novo passou a ser usado após a construção do cais acostável.

⁴⁸O concelho do Paul chegou a ser extinto e retomado posteriormente.

⁴⁹A chuva ainda continua a causar prejuízos em Cabo Verde quando cai em grandes quantidades, ou mesmo quando não cai.

⁵⁰“No séc. XIX, depois da abolição da distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos (1773) e da extinção da Inquisição (1821), assistiu-se ao regresso de muitos judeus a Portugal. Voltavam a um país donde haviam saído em 1496. Em Lisboa surgiu uma sinagoga (a “Shaarei Tikvá”) e no Porto foram criadas a sinagoga “Kaddorie Mekor Haím” e uma “Yeshia” (Escola Religiosa) e o periódico “Há-Lapid”. Este renascimento hebraico muito ficou a dever a Samuel Schwarz, Francisco Carlos de Barros Basto, Abraão Amram, Joaquim Bensaúde, às famílias Levy, Ruah, Sequerra, Seruya, Anahory, Baruel, Benarus, Benoliel, Bensabat, Bensaúde, Esaguy, Abecassis e Amzalak” (OS JUDEUS PORTUGUESES EM 500 ANOS DE DIÁSPORA (1496-1996): HERANÇA DE UMA NAÇÃO, ESPERANÇA DE UM POVO: EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL (1996:9-10).

comerciais que ainda se consegue encontrar, apesar de nem todas estarem recuperadas. Encontramos, nela, algumas construções de famílias, como Brigham⁵¹, Cohen⁵² e Wahnnon⁵³. António Leite em entrevista ao Odair Lopes referencia os judeus da seguinte forma:

Ao chegarem, e por serem conhecidos como detentores de grande poder económico, [os judeus] começaram a investir. [Vê-se] pelas velhas e grandes emblemáticas casas comerciais, de famílias, e traços deixados na cidade. [Foi nessa] época que começa[ram] a chegar os Cohen, Wahnnon, Pinto, Fatudas, Auday Salomão, Benoliel e muitos outros. Ponta do Sol começ[ou] a ter pessoas de elite [que a viam] como um lugar de futuro (*apud* Lopes, 2014:47).

A presença judaica no país coincidiu com um ligeiro aumento da navegação marítima. Assim, entre 1876 e 1880, entraram na ilha cerca de 278 navios de alto bordo e cabotagem, segundo a seguinte distribuição: 35 navios de alto bordo e 243 navios de cabotagem, subdivididos em: 9 navios de alto bordo e 49 navios de cabotagem (1876); 4 navios de alto bordo e 47 de cabotagem (1877); 5 de alto bordo e 50 de cabotagem (1878); 9 de alto bordo e 50 de cabotagem (1879); 8 de alto bordo e 47 cabotagem (1880) (Évora, 2005). Eram comercializados produtos nacionais (café, açúcar, aguardente, sal, ovos, gado, milho, banana, batata inglesa, azeite de purga, couro, mandioca, farinha de mandioca, mel, etc.) e mercadorias importadas (petróleo, calçado, azeite, arroz, açúcar branco, bebidas fermentadas e destiladas, bolacha, feijão, manteiga, bacalhau, farinha de trigo, etc.).

Além da sua participação no comércio internacional, facto que alterou positivamente o tipo de comércio antes praticado, destacaram-se, igualmente, na comercialização de diferentes produtos e materiais de construção, havendo a destacar a cal, “um material composto por óxido de cálcio (CaO), podendo incluir óxido de magnésio (MgO) e/ou hidróxidos de cálcio e magnésio (Ca(OH)₂ e Mg(OH)₂), sob alguma forma física ou química)” (Marques, Sousa & Velosa, 2016: 87), que, numa fase inicial, entrava na ilha em estado bruto, proveniente da Boa Vista. Utilizada no branqueamento e proteção das casas, Vera Marques, Belany Sousa e Ana Velosa consideram que:

Os acabamentos que têm funções decorativas e de proteção dos revestimentos, eram realizados com caiação simples ou pigmentada, ou com tintas à base de cal. Os revestimentos e os acabamentos assumem uma importância relevante na conservação patrimonial, pois estes têm como função proteger a alvenaria das ações climáticas, dos choques mecânicos e da contaminação ambiental, influenciando assim, a durabilidade das construções. Com o passar do tempo, verifica-se que, a sua permanente exposição a ações potencialmente destrutivas, os revestimentos e os acabamentos vão-se deteriorando com consequências estéticas e de durabilidade (Marques, Sousa & Velosa, 2016: 101).

Desta feita, em 1880, cerca de 20 anos após a chegada dos judeus, assistiu-se uma nova vida na Ponta do Sol, nomeadamente na dita Rua Direita, fazendo o já referido José Leite referir que: Ponta do Sol viveu momentos áureos, porque vinham veleiros das ilhas para Ponta do Sol, visto na época ser a vila a porta de entra da ilha. Todo o tráfico que se fazia de bens e serviços passava por Ponta do Sol. Vinham barcos com cal da Boa Vista, com sal das salinas da ilha do Sal e do Maio, e consequentemente esses barcos levavam banana, produtos hortícolas para fazerem o comércio [entre as ilhas]. Com isto, Santo Antão começa a ter, efetivamente um desenvolvimento notório, e começou a ser frequentado por gentes de diversas origens (*apud* Lopes, 2014: 48).

Esse desenvolvimento foi reconhecido em 1887 quando a Ponta do Sol foi elevada a sede da Comarca de Barlavento, estatuto que perdeu para S. Vicente, em 1934. Em suma, a vila era, sem dúvida, o centro de desenvolvimento de Santo Antão, sobretudo porque contava com os judeus como sendo os principais responsáveis pela venda dos produtos considerados importantes e de qualidade (Lopes, 2014). Eles não se notabilizaram unicamente no comércio. Alguns investiram na pesca, na agricultura e exerceram cargos relevantes, nomeadamente na educação e na administração, havendo a realçar o caso da família Wahnnon, um apelido importante quer na Ponta do Sol quer no Paul. Para finalizar, diríamos que essa presença judaica na ilha, entre outros exemplos, pode ser notada em alguns vestígios ainda existentes, nomeadamente os cemitérios da Penha França e da Ponta do Sol, a suprarreferida Rua Direita e o ato de “caiação” de casas. Ambos os cemitérios foram recuperados, em 2018, no âmbito do Projeto Herança Judaica em Cabo Verde (PHJCV) em parceria com a Câmara Municipal da Ribeira Grande, sendo que no da Penha de França encontramos um túmulo de uma criança e seis de adultos (famílias Brigham, Benrós, Maman, Auday e Zagury), e no da Ponta do Sol sete túmulos (famílias Brigham, Cohen, Auday e Pinto).

BIBLIOGRAFIA

Baleno, Ilídio Cabral (1991). Povoamento e formação da sociedade. Albuquerque, Luís de et Santos, Maria, Emília Madeira. *História geral de Cabo Verde, vol. I*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga / Instituto de Investigação Científica e Tropical; Praia: Direção Geral do Património Cultural de Cabo Verde.

Barbosa, Jorge (org. Arnaldo França e Elsa R. dos Santos) (2002). *Obra poética*. Lisboa: INCM.

Barcelos, Cristiano José de Sena (1899). *Subsídios para a história geral de Cabo Verde e Guiné, parte I*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Carreira, António (1979). A navegação de longo curso e o comércio nas ilhas de Cabo Verde no século XIX. *Revista de História Económica e Social*, 4, 53-73.

Carreira, António (1985). Conflitos sociais em Cabo Verde no século XVIII. *Revista de História Económica e Social*, 16, 63-68.

Cohen, Ziinda (2021). Para lá dos túmulos e da herança patronímica: práticas judaicas nas ilhas Cabo Verde. Hansa: *journal of Judaic and Islamic Studies*, 7, 1-66. Disponível em <https://journals.openedition.org/hamsa/1345>. (Consultado em abril março de 2022).

Coutinho, Ângela (2020). Do mediterrâneo ao atlântico: comerciantes judeus de Marrocos e Gibraltar no arquipélago de Cabo Verde (1860-1900). Tavim, José Alberto R. Silva; Martins, Hugo; Ferreira, Ana Pereira, et al. (2020). *As diásporas dos judeus e cristãos-novos de origem ibérica entre o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://www.centrodehistoria-flul.com/abertura/novo-livro-as-diasporas-dos-judeus-e-cristaos-novos-de-origem-iberica-entre-o-mar-mediterraneo-e-o-oceano-atlantico-estudos>. (Consultado em março de 2022).

Domingues, Ângela (1991). Administração e instituições: transplante, adaptação, funcionamento. Albuquerque, Luís de et SANTOS, Maria, Emília Madeira *História geral de Cabo Verde, vol. I*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga / Instituto de Investigação Científica e Tropical; Praia: Direção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, 41.124.

Évora, José Silva (2005). *Santo Antão no limiar do séc. XIX: das tensões às insurreições populares 1886/1894 – uma perspetiva histórica*. Praia: Instituto do Arquivo Nacional.

Iria, Joaquim Alberto (1979). Judeus em Moçambique e Cabo Verde: epigrafia história. *Memória da Academia das Ciências de Lisboa*, 20, 143-188.

Lopes, Odair José Lima. (2014). *Na rota dos judeus: uma análise histórica e potencialidades para o desenvolvimento do turismo em Santo Antão*. Trabalho de Licenciatura apresentado ao Instituto de Ciências Económicas e Empresariais.

Luz, Hilarino (2013). *O imaginário e o quotidiano cabo-verdianos na produção literária de Jorge Barbosa*. Tese de Doutoramento apresentada à NOVA FCSH.

Marques, Vera Cibeles Neves; Sousa, Belany da Cruz & Velosa, Ana Luísa (2016). Produção da cal em Cabo Verde. Disponível em http://www.cta.ipt.pt/download/AntropeDownload/ANTROPE%205/texto_6.pdf. (Consultado em abril de 2022).

Os Judeus Portugueses Em 500 Anos De Diáspora (1496-1996): Herança De Uma Nação, Esperança De Um Povo: Exposição Documental (1996). Coimbra: Universidade De Coimbra.

Rememorando O Sábio Português Roberto Duarte Silva (1934). Porto: Litografia Nacional.

Ribeiro, Orlando (1988). *A ilha do Fogo e as suas erupções vulcânicas*, Lisboa, Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses.

Santos, Maria, Emília Madeira & Maria João Soares (1995). Igreja, missão e sociedade. Santos, Maria, Emília Madeira (coord.) *História geral de Cabo Verde, vol. II*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga Instituto da Investigação Científica Tropical. Praia: Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde.

51A primeira residência Brigham foi construída na Rua Direita em 1890. Continua com a mesma função inicial de habitação e comércio. Há também, por exemplo, uma outra residência da família Cohen, localizada na zona de Lajedos, Meia Laranja. Com a função inicial de Empresa Pública de Abastecimento inicial, foi construída em 1890 e atualmente é uma loja de artesanato.

52 Ainda da família Cohen, podemos destacar a casa de Lela Lopes e Elisa Cohen construída em 1920, com a função de habitação. Atualmente, é propriedade do Ministério da Justiça de Cabo Verde.

53Existe uma casa imponente da família Wahnnon datada de 1920. Com a classificação de interesse nacional continua com a mesma função inicial de habitação e comércio.

SÓCIO AICL EM 2019

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 32º NA GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 35º BELMONTE 2022

15. ISABEL REI SANMARTIN, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA E CONSERVATÓRIO PROFISSIONAL DE MÚSICA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Mulher, música guitarrista, galega. Pensa que a amizade é uma das cousas mais importantes da vida. Aprendeu a sobreviver sem o imprescindível. Aguarda, sem muita esperança, o retorno do amor. Entretanto isso não acontece, toca e escrevinha sob a chuva compostelana.

Isabel Rei começou os seus estudos musicais no Conservatório da sua vila natal, Estrada.

Anos mais tarde, em 1995, com 22 anos de idade rematou a sua carreira no Conservatório Superior de Música da Corunha, estudando com o professor António Rocha.

Posteriormente foi bolseira da Fundación “Segundo Gil Davila” e recebeu aulas magistrais de músicos como José Tomás, John Mills, David Russell, Fabio Zanon, Margarita Escarpa, Marco Socías, Miguel Trápaga, Alex Garrobé, Eduardo Isaac, William Kanengiser. Foi premiada no V Concurs per a Joves Intérpretes de Vila-Real (Castelló), no III Ciclo de Jóvenes Intérpretes da Fundação Pedro Barrié de la Maza, no Concurso Internacional de Guitarra de Cantabria (Comillas), no Concorso Internazionale di Chitarra Fernando Sor (Roma) e nos concursos internacionais de guitarra de Petrer (Alicante) e Linares (Jaén). Atualmente trabalha como professora de guitarra clássica no Conservatório Profissional de Música de Santiago de Compostela e cursou estudos de Posgrau na Hochschule für Musik «Franz Liszt» de Weimar com o professor e concertista Thomas Müller-Pering. Realizou diversas colaborações com a Fundação Pedro Barrié de la Maza e com as Universidades de Compostela e Lugo, dando recitais na Corunha, Lugo, Ourense e Ponte Vedra, assim como em outras localidades galegas e portuguesas, em Bruxelas (Bélgica) e na Itália, onde participou vários anos no *Festivale Internazionale di Chitarra di Udine*.

Colaborou na primeira edição do festival de música “Via Stellae” que comemora as diferentes rotas seguidas pelos peregrinos no seu caminho a Compostela.



13º BRASÍLIA 2010



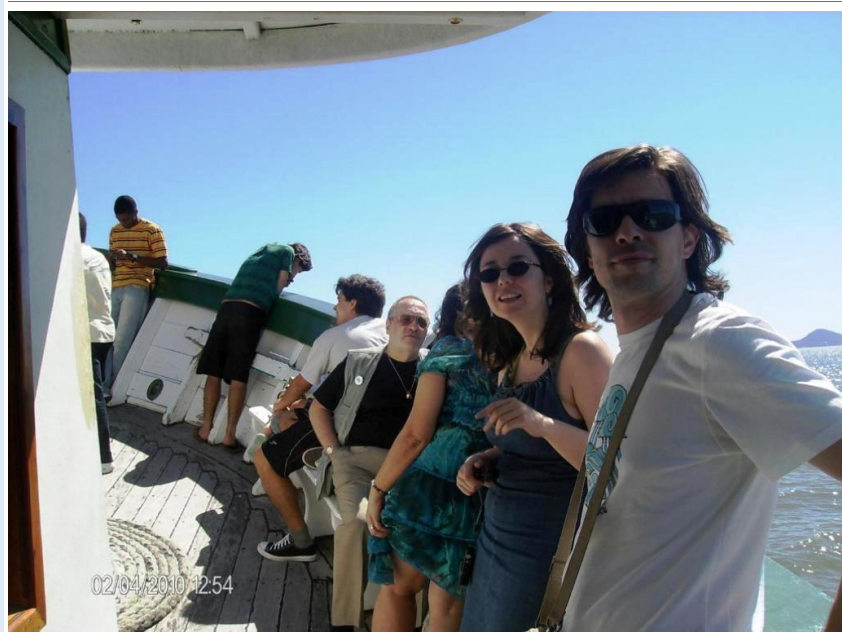
13º FLORIPA 2010



13º FLORIPA 2010



13º FLORIPA 2010



ROTA DAS FORTALEZAS STA CATARINA 13º FLORIANÓPOLIS BRASIL



13º RIO DE JANEIRO 2010



12º BRAGANÇA 2009



Autora de “o arquivo de música da família Valladares”. Em junho de 2019 participou no IV Simposium Internacional EDiSo (Associação de Estudos sobre Discurso e Sociedade), na Universidade de Santiago de Compostela, com a comunicação intitulada *Nova abordagem do discurso histórico sobre a guitarra/viola peninsular*.

Isabel Rei Samartim (1973) nasce na Estrada (Galiza). Titula-se no Conservatório Superior de Música da Crunha, na especialidade de Guitarra, instrumento do qual é destacada intérprete.

Estuda com os maestros David Russell, Thomas Müller-Pering (Hochschule für Musik «Franz Listz» Weimar, Alemanha) e com outr@s_grandes intérpretes.

É premiada em diversos concursos da Espanha e da Itália e convidada a festivais na Itália, Galiza e Portugal.

Estreou obras de vários compositores e realizou concertos em diversos países europeus e o Brasil.

Trabalha como professora no Conservatório Profissional de Música de Santiago de Compostela, atividade que trata de combinar com os recitais e as pesquisas sobre a música galega para guitarra. Publicou o Cancioneiro de Marcial Valladares "Ayes de mi país" junto com José Luís do Pico Orjais (Dos Acordes, 2010); Suíte Rianjeira (Barbantia, 2010); Suíte Céltica (Atas do Congresso Os Celtas da Europa Atlântica, Narão 2011); Proel e o Galo. Poesia e Prosa Galega Completa de Luís G. Amado Carvalho (Edições da Galiza, 2012).

Em 2014 lança o disco A Viola no Século XIX: Música de Salão na Madeira, patrocinado pelo Governo Regional da Madeira.

Participa regularmente em encontros portugueses de relacionamento com Galiza como o Congresso da Cidadania Lusófona (Lisboa), o Festival da Cultura Lusófona (Portalegre) ou o Munda Lusófono (Montemor-o-Velho). Recentemente visitou Sever do Vouga (Aveiro) para participar na sessão de encerramento do Festival Guitarras Mágicas.

Como reintegracionista e ativista social integrou a Sociedade Cultural Marcial Valadares da Estrada, a Sociedade Astronómica da Estrada (SADE) e o coletivo Assembleia da Língua (AL).

Em 2007 ajudou a constituir a Associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa, entidade encarregada da fundação e organização da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP) em 2008, de que é académica fundadora, e desde 2011, sócia do seu patronato.

Trabalhou na candidatura da academia para integrar, na modalidade de Observador Consultivo, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

É sócia fundadora da Associação Internacional 'Colóquios da Lusofonia' (AICL) que promove encontros anuais com participação galega.

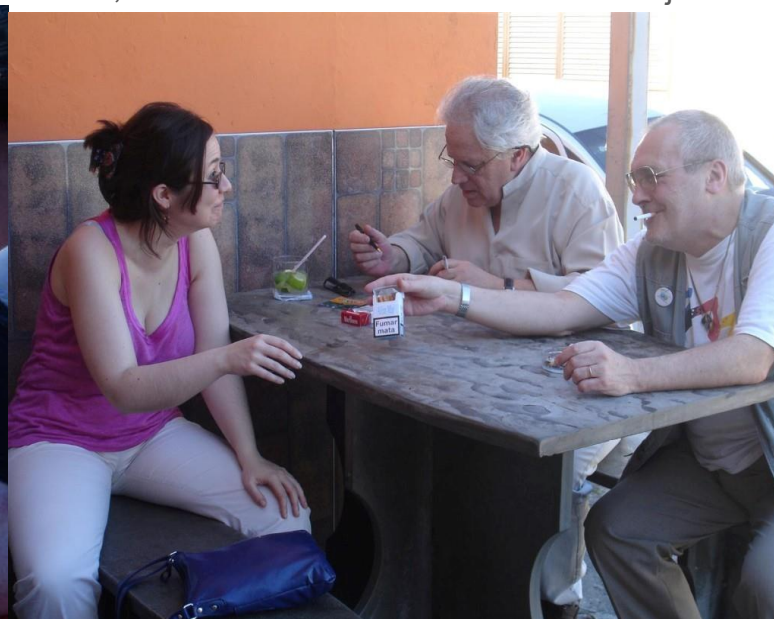
Colaborou no processo de recolha de assinaturas da Iniciativa Legislativa Popular Valentim Paz-Andrade, aprovada em março de 2014 no Parlamento Galego e publicada em abril desse ano como Lei para o aproveitamento da língua portuguesa e vínculos com a Lusofonia. Entre 2012 e 2016 coordenou a Equipa de Dinamização da Língua Galega (EDLG) do conservatório compostelano.

Escreve regularmente no Portal Galego da Língua (PGL).

Tem colaborado no blogue português A Viagem dos Argonautas, na revista brasileira Identidades e em jornais em papel como o Novas da Galiza.



13º SANTA CATARINA, BRASIL 2010



6º bragança 2006



8º Bragança 2007



12º Bragança 2009



O Diário Liberdade entrevistou Isabel:

Diário Liberdade –

A música clássica é percebida como elitista, mesmo frequentemente em contraposição à música popular. Por que?

Isabel Rei Samartim - Porque a construção de sentido até agora tem sido obra das elites. A música não escapa à narração da sua história por parte dos dominadores. O que entendemos por "música clássica" é, na maior parte, música de outras épocas e quase sempre doutros países diferentes ao nosso. Temos de decidir se assumimos o discurso da elite, se nos é suficiente com essa explicação macdonalizada da música, ou se decidimos encontrar-nos com ela de uma maneira mais autêntica. @s chamados grandes da música clássica costumaram ser pessoas humildes: Bach era um escravo que foi preso até cumprir um contrato, Mozart e Beethoven eram gente pobre que passou fome na sua vida. Isso sem esquecer o machismo da narração elitista. Desde Cristina de Pisano até às irmãs Boulanger, passando pelas Bárbara Strozzi e Clara Schumann, as mulheres tiveram de fazer-se a si mesmas, lutando contra tudo e contra todos para construir um espaço como mulheres e músicas. Elas também fazem parte disso que conhecemos como música clássica.

DL - Como podemos colocar a Galiza no mundo e uni-la com os seus pares através da música clássica?

IRS - A Galiza ocupa o seu lugar quando dialoga com aquelas partes do mundo que nos interpelam diretamente e por isso a língua é um espaço fundamental e um mapa orientativo. No âmbito da música popular nunca houve cisões quanto à consciência galego-portuguesa e sua extensão à música brasileira e africana. Mas a música erudita, refém das elites, cortou o cordão umbilical com tudo o que não fosse espanhol. Agora essa ligação na música clássica deve retomar-se com iniciativas e intercâmbios. Tenho amigos galegos a darem aulas em conservatórios portugueses. Eu sou sócia do Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (MPMP) e tenho gravado um disco com música da Madeira (A viola no século XIX: Música de salão na Madeira) graças às pessoas e instituições que se interessaram em fazer essa gravação em parceria com entidades galegas.

DL - Qual é o panorama atual da música clássica galega?

IRS - Tem melhorado a respeito dos últimos anos, o que não significa que a música clássica galega tenha uma vida saudável. Intérpretes somos muit@s, mas somos [pouc@s as](#) que nos dedicamos à interpretação aprofundada da nossa música. Compositores temos, mas pouc@s realizam um trabalho de criação baseado fundamentalmente na nossa música. A pesquisa musical desenvolve-se no voluntarismo mais comovedor, com todas as despesas por conta [d@s pesquisadores](#). É certo que isto não é exclusivo da música clássica, toda investigação musical sai-lhe grátis ao governo do nosso país.

Nas aulas a música galega ainda é uma anedota que o professorado leva para adornar o agora chamado Dia das Letras, ou para "completar" um programa, mas não como parte fundamental da formação do músico. A música não escapa ao seu contexto, se na Galiza falta pôr em valor quase tudo, na música galega acontece o mesmo.

Por desgracia, o facto de termos duas magníficas orquestras sinfónicas não tem incentivado como devera o interesse pela música sinfónica galega. No âmbito dos grupos de câmara as programações integrais de autoras galegas são quase inexistentes. Sofremos as consequências de não termos formado uma escola adequada às características da nossa música. Algo se tentou com a criação da jovem orquestra de Galiza nos '90, mas costuma acontecer que as cousas interessantes na nossa terra não acham continuidade.

DL - Entre outros, tens trabalhado em países lusófonos. Qual a receção do teu trabalho?

IRS - Nos últimos anos toco em Portugal e Brasil a música galega para guitarra que vou descobrindo nas minhas pesquisas que são quase sempre trabalhos coletivos a envolverem muitas pessoas. A música dos Valladares, do morracense Santos Sequeiros, do ourensano Gutierrez Parada, arranjos de música popular, a nossa música patrimonial e histórica para guitarra tem soado do Alentejo a Florianópolis. A música galega é muito bem recebida nos cenários lusófonos porque lhes diz respeito, de alguma maneira dialoga com eles, será pela nossa forma de tocar ou pela própria música, que tem algo que @s inspira.

DL - A música é a tua atividade profissional, mas também participas na Academia Galega da Língua Portuguesa. Qual é o espírito que suporta essa iniciativa?

IRS - Fundamos a AGLP em 2008 com a ideia inicial de ocupar o espaço académico que as instituições ditas democráticas desde a chamada Transição negaram ao reintegracionismo galego. A saída da RAG de Carvalho e de Marinho em 1990 era um sintoma do apartheid que avançava e se consolidava nos âmbitos académicos oficiais. O movimento reintegracionista tinha sido sistematicamente afastado dos centros de poder, reprimido desde as instituições, e mantinha-se na reivindicação de rua, no associativismo, nos centros sociais. Cientes de que toda transformação tem de abranger todos os espaços sociais sem excluir nenhum deles, a criação da AGLP, a nossa tão arrogante quanto rebelde autonomação como académic@s significava um passo à frente no campo de batalha da construção de sentido académico que estava nas exclusivas mãos dos isoladores. O projeto era organizar uma candidatura acreditada para integrar como entidade galega a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). E a isso, entre outras cousas, nos dedicamos entre 2008 e 2011. Por desgracia a política conservadora portuguesa não nos ajudou e após quatro anos de duro trabalho diplomático a candidatura passou à lista de espera, sendo superada por países como a ditadura da Guiné Equatorial em que não se fala nenhuma modalidade da nossa língua.

DL - Como leitora do Diário Liberdade, recentemente recebemos o teu apoio na [campanha de financiamento 2016](#). Quais os motivos que te encorajaram a apoiar?

IRS - O Diário Liberdade é um meio popular, feito por galeg@s, que introduz na Galiza notícias e colaborações com outros países lusófonos. Acho extremamente importante acompanharmos os assuntos de Portugal, entender o conflito no Brasil, saber das opiniões em Angola e Moçambique, ler artigos sobre Timor Leste, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. É fundamental para situarmo-nos no mundo desde as nossas coordenadas próprias e para sairmos do mormaço isolacionista a que nos condena tanto o centralismo espanhol quanto o ultranacionalismo galego. As notícias e colaborações em português de outros países introduzem um modelo de língua interessante para nos familiarizar com ele, por isso a vocação internacionalista do Diário Liberdade ajuda muito à normalização da língua. E ainda mais, a abordagem das notícias costuma ser inteligente, contribui à formação de pensamento ativo e crítico. Acho imprescindível manter alternativas num momento em que os meios de comunicação convencionais são desconfiáveis quase ao 100%, pois estão nas mãos de grandes empresas com interesses muitas vezes contrários ao jornalismo, as quais não têm reparos em perturbar a fidelidade nas informações ou impedir as perspetivas dissidentes se prejudicam os seus interesses financeiros e políticos. Perante o jornalismo de baixa qualidade, gosto das iniciativas autênticas e livres como o Diário Liberdade.

APRESENTA As orquestras de plectro na Galiza interior e exterior

Sinopse:

As orquestras de plectro, de guitarras ou de bandolins surgem no século XIX por toda a Galiza em número tão indeterminado quanto elevado, ao abrigo das sociedades filantrópicas e com o reforço dos estabelecimentos educativos para invisuais. É a partir da década de 1870 quando aparecem melhor documentadas. As orquestras de plectro, formadas por músicos amadores, operários e trabalhadores de ofícios gremiais, funcionaram como instrumento de formação de grandes músicos galegos como Reveriano Soutullo ou Germão Lago, e admitiam também flautas, violinos e acordeões. Todos estes agrupamentos vão desenvolvendo um repertório galego próprio e costumes performativas, como a prática de fazer uma seleção dos melhores intérpretes em pequenos grupos de câmara e solistas, para completarem os recitais com um toque do elemento mais virtuosístico, não diferenciando-se dos grupos e orquestras de plectro existentes em Portugal.

Texto:

No ano anterior, expus no Colóquio Internacional da Lusofonia que se realizou telematicamente por causa da Covid-19, umas notas sobre três mulheres guitarristas galegas que se inseriam num estudo maior sobre a guitarra, ou viola, na Galiza que me tinha ocupado os anos anteriores. Neste ano o tema será o das orquestras de plectro galegas, que a partir da década de 1870 aparecem cada vez melhor documentadas e transformam a vida musical na Galiza até bem entrado o século XX.

No seu estudo sobre a música da Madeira, o musicólogo e guitarrista português Paulo Esteireiro (2021, p. 85) informa de que entre 1870 e 1930 dezenas de grupos musicais amadores emergiram por toda a Ilha, criando um fenómeno que “revolucionou por completo a prática musical na Madeira”. No mesmo estudo, Esteireiro cita Rui Magno Pinto ao explicar que esta profusão de atividade musical podia ter relação com o reconhecimento da capacidade educacional da música “enquanto promotora de progresso e civilização, e atribuía mérito e reconhecimento aos detentores de capacidade artística”.

Com efeito, também achamos que a vontade educacional impulsionada desde os novos Estados, criados entre o final do século XVIII e ao longo de todo o XIX, apelou à música para poder chegar a qualquer recanto dos países. E quer na Madeira, quer na Galiza, quer no resto da Europa, as últimas décadas do século XIX são um fervilhar de atividades educativas, de agrupamentos, sociedades, recitais de música e também de todo o tipo de variedades do espetáculo.

Assim, do mesmo modo que em Portugal, surgem na Galiza numerosas sociedades filarmónicas, orquestras, tunas e outros agrupamentos ligados aos cordofones dedilhados. É na década de 1870 quando se manifestam mais intensamente, continuando por um período de mais de sessenta anos até à década de 1930. Estas orquestras, formadas por músicos amadores, normalmente operários e trabalhadores de ofícios gremiais, ainda que também por membros da burguesia, funcionaram como instrumento de formação de grandes músicos galegos como Reveriano Soutullo ou Germão Lago. Estas orquestras também usam doutros instrumentos populares como flautas, violinos e acordeões. Estes agrupamentos vão desenvolvendo um repertório galego próprio e costumes performativas, como a prática de fazer uma seleção dos melhores intérpretes em pequenos grupos de câmara para completarem os recitais com um toque do elemento mais académico e virtuosístico.

Em Compostela registam-se várias orquestras de plectro: a dirigida por Santiago Tafall em 1879, a conhecida por *Rondalla Regionalista* (1891-1892), a do Seminário (1895-), a do Recreio Escolar (1891-1899), a dirigida por Echevarri (1892), a dirigida por Laureano Villaverde (1897) e a do Círculo Mercantil (1898).

Na Corunha registam-se orquestras de plectro desde 1888, como o grupo que recebeu o orfeão *El Eco* à sua chegada depois de vencer no certame de Barcelona (*Crónica de Pontevedra*, 1888; Gómez e Cancela, 2017, p. 56). Os agrupamentos corunheses mais destacados foram o do *Sporting Club* (1890), Liceu Brigantino (1892), Circo de Artesãos (1895), *Blanco y Negro* (1886) e o do Círculo Católico (1898). Os regentes foram José Castro Chané, Mauricio Farto, Pío Arias, Julio Cristóbal e um tal Marinho.

No Ferrol de final de século havia várias sociedades que organizavam concertos. O Casino, o Centro Recreativo, o Círculo de Artesãos e a sociedade *La Peña* eram as mais importantes. Um dos primeiros nomes de guitarristas ferrolanos ligados à música popular é o de Francisco Martínez Saavedra, ativo em 1891 e falecido em 1920, no Ferrol. João Perez, Pastor Hernandez, e António Seoane Pampim foram outros grandes guitarristas ferrolanos e regentes de orquestras de plectro. A mais afamada e duradoura foi a *Airiños d'a miña terra*, dirigida por Seoane, fundada em 1900, com atividade até 1937, momento em que depois de iniciada a Guerra da Espanha não puderam continuar com a atividade musical.

Também nas vilas pequenas as orquestras de plectro não deixavam de aparecer e se renovar. Em Betanços, a orquestra chamada de *Rondalla 1895*, era dirigida pelo violinista Augusto Veiga Valenzano, filho do grande compositor galego Pascoal Veiga, que despregou uma intensa atividade musical nessa década e nas posteriores. No Centro de Música e Declamação de Betanços haveria também mais uma orquestra, e mais outra seria a chamada *La Unión Musical* (Álvarez López, 2004, pp. 15-16). Mais duas orquestras de plectro eventuais, formadas em 1901 para a festividade do Entrudo: *Os Jaus* e *Os Boers*. Havia também a orquestra de cordofones da Coletividade Obreira, e a afamada *Lira Brigantina*.

Em Mugardos, uma vila marinheira no Norte da Galiza, achamos o guitarrista Eugénio Deus Rezua, que devia ser marinheiro, pois tinha o cargo de Cabo 1º no exército da Marinha. Também a hemeroteca indica que uma orquestra de cordofones tocou em 1896 no evento organizado pelo Círculo Recreativo de Mugardos. Por essa mesma notícia sabemos que em Corme, uma outra vila vizinha, também havia um Círculo Recreativo.

A vila de Ribadeu tem a primeira das sociedades filantrópicas registadas por nós, a Sociedade Filantrópico-Dramática, fundada em 1835, e um amplo historial deste tipo de entidades filomusicais ao longo de todo o século XIX, a criação da Banda de Música entre 1867 e 1870, a Sociedade Coral Orfeão Ribadense em 1888, e uma intensa atividade de representação de zarzuelas no fim do séc. XIX e começos do XX (Álvarez Lebrede, 2007, pp. 16-21). Em 1889 temos notícia do concerto organizado pelo violinista luguês José Maria Carracedo que dirigia uma orquestra ribadense em que participou o duo integrado pelo bandurrista Astor e o guitarrista Salgado, apresentados como amadores que levantaram ruidosas palmas entre o público presente (*El Regional*, 1889; *La Idea Moderna*, 1898a).

Um tal Latorre dirigia em Viveiro, em 1894, uma orquestra formada por violinos, flautas, bandurras, guitarras e um coro, cujos membros eram moços da localidade que se preparavam para as festas do mês de agosto (*El Lucense*, 1894).

Em Pontedeume, em 1893 Fernando Veiga escreve a *Valsa Coreada* escrita para piano, com letra de Constantino Fernandez, e publicada modernamente por Xosé Paz na 2ª parte do seu *Cancioneiro Popular Eumés*. Esta publicação resulta duma ajuda magnífica para descobrir os percursos das guitarras nesta vila costeira do Norte galego, próxima à cidade do Ferrol mas também ligada a Carinho e Ortigueira, que são mais duas vilas costeiras de grande desenvolvimento guitarrístico. Também em Ordes havia, em 1900, uma sociedade de lazer que tinha uma “bem organizada” orquestra de plectro.

Na Ponte Vedra, as primeiras notícias sobre orquestras de plectro são as do pintor e violinista Benigno Lopes Samartim (Ponte Vedra, 1861-1928). Do feliz encontro entre Javier Pintos Fonseca e Samartim saíram os primeiros grupos camerísticos pontevedreses. Em 21 de novembro de 1888, Pintos anota no seu diário a composição do Septeto Samartim, conformado pelo próprio Benigno Lopes Samartim (v.), Isidro Puga (v.), Constantino Berridi (f.), Juan Serrano (f.), Torcuato Ulloa (p.), Ramón Señoráns (g.) e Victor C. Mercadillo (g.). Com esta formação de 2 violinos, 2 flautas, 2 guitarras e piano participaram na inauguração do

evento organizado pela *Sección Juvenil* interpretando a *Marcha turca* de Mozart e o *Minueto* de Boccherini. Depois Barros (2015, p. 393) indica que o septeto virou octeto, com a incorporação do contrabaixo de Federico Samartim.

Em 1893 o jornal *El Lucense* recolhe uma nota breve em que se anuncia a próxima constituição em Vila Garcia de uma banda de música e uma orquestra de plectro (*El Lucense*, 1893). Três anos mais tarde, em 1896 o escritor Juan Fernández Casal e o regente teatral Ricardo Urioste organizam uma outra orquestra intitulada *Odeão*, formada por moços da localidade (*Gaceta de Galicia*, 1896a). Com a chegada de José Arcos Moldes a Rianjo em 1891 começa a atividade de orquestras de cordofones nesta vila barbantesa. A atividade guitarrística já devia ter começado antes, pois o arquivo de música do Fundo Local conserva obras mais antigas, possivelmente pertencentes a músicos amadores que tinham dado os primeiros acordes durante o estudo da carreira na Universidade em Compostela. Da colaboração de Arcos Moldes e o compositor galego Henrique Paz Carbajal saem as *Brisas Rianjesas*, que são uma jota e uma valsa, com letras de Arcos Moldes, escritas para coro com acompanhamento de guitarras e bandurras. Paz Carbajal escreveu também para orquestra de plectro outras três obras, duas delas escritas em dous pentagramas em claves de Sol e Fá, e a intitulada *Recordo da miña terra*, rapsódia de cantos galegos, esta última para bandolins, alaúdes e dous pentagramas em clave de Fá para as guitarras.

Toda a atividade comercial de cordofones dedilhados, desenvolvida por Mariano Miguel Alonso desde 1877, depois por Andrés Gaos Espiro e finalmente por Francisco Sánchez Puga tinha de responder a uma demanda explícita e também que deixar pegada na formação das orquestras viguesas do fim do século. Em outubro de 1892 o orfeão *A Oliva* atua com a sua orquestra de plectro pelas ruas viguesas na celebração do centenário dedicado a Cristóvão Colombo (*Gaceta de Galicia*, 1892). Orfeão e orquestra assistiam juntas às festas de Braga, apresentavam-se aos concursos, participavam nas festas locais e organizavam rusgas de entrudo (*Gaceta de Galicia*, 1896b; *La Idea Moderna*, 1898b; 1899). Em Vigo também havia outras orquestras de cordofones como a dirigida pelo violinista João Ulibarri Rodríguez, que criou e dirigiu uma orquestra de muito sucesso composta maioritariamente por mulheres.

Em Tui há registo de uma orquestra de guitarras e bandurras em 1891. Reveriano Soutullo, ponteareano, foi um dos grandes pianistas galegos cuja iniciação à música aconteceu perto do mundo da guitarra. De 2 de maio de 1897 é a conhecida imagem do orfeão *Galicia* de Tui, regido por um jovem Reveriano Soutullo de 16 anos, a incluir os integrantes do conjunto onde podem ver-se duas guitarras e uma bandurra como exemplo desta secção musical.

Somente três anos mais tarde do nascimento de Reveriano Soutullo, nasce o que será o mais importante regente, transcritor e compositor de música galega para orquestra de plectro, Germão Lago Durão (1883-1967).

Noutros lugares como Redondela, Monforte, Ourense, Lugo, Porto Marim e Mondonhede também se verificam orquestras de plectro que, com mais ou menos constância, se mantiveram ao longo de décadas tocando música galega, europeia e latino-americana sempre que houver ocasião, além das atividades das sociedades artísticas, também a participação nos festivais de Natal, Entrudo, São João ou Solstício, as festas do verão como o Carme e as do outono como o Magusto. As Tunas universitárias, conjuntos de câmara, duos, trios, quartetos, etc. faziam parte das comemorações mais solenes e também das mais festivas e populares.

Desde o fim da 1.ª República e o início da Restauração canovista no refundado Reino da Espanha, o gotejo de artistas galegos que emigraram à América Latina foi constante. Entre eles, uma grande quantidade dos melhores valores musicais galegos acabaram em Cuba, Uruguai, Argentina ou Brasil. Boa parte deles eram guitarristas. A isto soma-se a criação na Galiza dos coros galegos, coros típicos que, além do canto, representavam cenas folclóricas galegas, vestidos com os trajes tradicionais e tocando instrumentos populares galegos. Na maioria dos casos, estes coros que se iniciam em 1883 com a criação de *Aires da Terra*, por iniciativa do farmacêutico e gaiteiro pontevedrês Perfecto Feijoo Poncet, esqueceram a guitarra como instrumento popular galego e ajudaram assim à assunção na Galiza da ideia da guitarra estrangeira que já vinha elaborando-se desde a Espanha. Na Galiza das últimas décadas do séc. XIX essa guitarra começava a ser chamada de ‘espanhola’, denominação que respondia principalmente ao repertório formado por música castelhano-andaluz e à origem espanhola dos intérpretes. Em paralelo, os guitarristas galegos compunham e tocavam música galega para guitarra, e intensificava-se a atividade das orquestras, núcleos fortes da composição de música galega para cordofones dedilhados.

Os Centros Galegos eram o lugar onde os galegos da diáspora se reuniam. A partir deles é que se organizavam e promoviam as orquestras de plectro como aconteceu na Havana, Montevideu, Buenos Aires e Madrid, que com a passagem do tempo em muitos casos foram continuadas pelos autóctones, contribuindo assim ao desenvolvimento cultural daqueles países. Também no Rio de Janeiro houve atividade guitarrística galega com o compostelano Julio Mirelis Garcia, diplomata, professor de música, autor de um dos métodos galegos para guitarra, antigo universitário, regente e possível fundador de um dos primeiros coros galegos no Brasil.

Referências bibliográficas

- Álvarez Lebrede, C. (2007). *Música e sociedade en Ribadeo (1900-2000)*. Lugo: Deputación Provincial.
- Álvarez López, M. (2004). *Rondallas brigantinas. 25 años de la agrupación musical "Carlos Seijo"*. Betanços: LUGAMI Artes Gráficas.
- Barros Presas, N. (2015). *La vida musical en la ciudad de Pontevedra (1878-1903)*, v. I. Tese de doutoramento. Oviedo: Universidad de Oviedo.
- Crónica de Pontevedra* (1888). El Orfeón "El Eco". Ponte Vedra: 20 de dezembro, p. 3.
- El Lucense* (1893). Lugo: 15 de junho, p. 3.
- El Lucense* (1894). Lugo: 12 de julho, p. 3.
- El Regional* (1889). Lugo: 6 de agosto, p. 2.
- Esteireiro, P. (2021). *História da música na Madeira*. Funchal: Associação Musical e Cultural Xarabanda. Câmara Municipal do Funchal.
- Gaceta de Galicia* (1892). Santiago de Compostela: 18 de outubro, p. 1.
- Gaceta de Galicia* (1896a). Desde Villagarcía. Compostela: 4 de novembro, p. 2.
- Gaceta de Galicia* (1896b). Santiago de Compostela: 23 de junho, p. 2.
- Gómez, S. e Cancela, A. (2017). *Chané. O nascimento da música popular galega*. Compostela: aCentralFolque. Centro galego de música popular.
- La Idea Moderna* (1898a). Lugo: 31 de maio, p. 2.
- La Idea Moderna* (1898b). Lugo: 16 de março, p. 2.
- La Idea Moderna* (1899). Lugo: 9 de junho, p. 2.

OUÇA-A AQUI <https://youtu.be/DLOX0RU1WN8>

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL

É AUTORA DO HINO DA LUSOFONIA CRIADO EM FLORIPA 2010 (LETRA: VASCO PEREIRA DA COSTA, CONCHA ROUSIA E ISABEL REI, MÚSICA ISABEL REI)

PRESENÇA HABITUAL NOS COLÓQUIOS ATÉ 2010 TENDO TOMADO PARTE NO 6º BRAGANÇA 2006, 8º BRAGANÇA 2007, NO 11º COLÓQUIO 2009 LAGOA, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 33º BELMONTE 2021, 35º BELMONTE 2022

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE <https://www.facebook.com/watch/?v=310243923745297>

DÁ RECITAL DE GUITARRA COM MÚSICA GALEGA E COLABORA NA POESIA.

16. JOANA CARVALHO, APRESENTAÇÃO MUSICAL

a fabulástica Joana Carvalho [primeiro esta composição de Zeca Afonso](#) OUÇA 1 ABR 13 2019 <https://youtu.be/fRjkZdcbenA> - 2 ABR 13 2019 <https://youtu.be/QpSSz6ZbNJo>
3 ABR 13 2019 <https://youtu.be/uOa1SAIUIYc> - 4 ABR 13 2019 <https://youtu.be/shwCdlpsvIw> out 2019 Graciosa <https://youtu.be/dEE5ukcEycc> - <https://youtu.be/LI8Y0zuD0Y8>
ouça-a aqui em Inquieta de Carolina Deslandes https://vimeo.com/373600968?ref=fb-share&fbclid=IwAR0YxV6dyELdDI_NCrqgR-tcsTzElaGLaUtX8d_f8HbWFivctcZnWygCAHU
ouça-a em Lua <https://vimeo.com/373887317?fbclid=IwAR3IfRDFhr01HSA183mOKFKDPTt4dDeCe73bwYz-D6znpR77Qh4KFhy4ic0> serenata ao vivo <https://youtu.be/okOB6A13Iz4>



ATUOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 31º EM BELMONTE 2019, DEPOIS ESTEVE NO 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 35º BELMONTE 2022

17. JOAQUIM FELICIANO DA COSTA, PRESIDENTE DA EMPDS, Empresa de Promoção e Desenvolvimento Social do Concelho de Belmonte



29º BELMONTE 2018

27º BELMONTE 2017

30º MADALENA DO PICO 2018

Kosher, uma dieta para a alma

COMIDA KOSHER

Comer os mesmos alimentos que o outro ou reconhecer-se nos alimentos que o outro usa na sua dieta, na forma de os preparar, nos horários e nos rituais de refeição, ou seja, identificar-se com as práticas alimentares dos outros, são comportamentos que gerem mecanismos de aproximação e de afeto.

Na nossa sociedade moderna vemos comportamentos que contrariam este simbolismo. O comer de pé, sem horários, etc.

Mas não nos faltam ocasiões de partilhar os mesmos alimentos, havendo reconhecimento de proximidade, de partilha: por exemplo no Natal, Páscoa, casamentos, batizados, jantares de amigos, jantares de coletividades, etc. É sabido que a religião judaica apresenta uma disciplina alimentar precisa com regras quanto à qualidade, preparação e ingestão dos alimentos.

O modo de preparação dos alimentos é alvo de uma ordenação específica: a separação do leite e derivados de carne, inclusive dos objetos que os utilizam (talheres, loiças). A separação absoluta da carne e do sangue nos animais (porque o sangue é fonte de vida, e essa a Deus pertence e deve-lhe ser consagrado).

A limpeza rigorosa dos utensílios, a preparação dos alimentos, o vinho, o pão as refeições preparadas por judeus.

O cristianismo reagiu criticamente aos preceitos alimentares judaicos, por os considerar como fazendo parte da lei “antiga”. Se nos colocarmos no presente, o cristianismo não apresenta preceitos alimentares e mesmo os que apresentam são pouco relevantes. Ex: abstinência da carne nas sextas-feiras da quaresma, o jejum prévio à Eucaristia, e mesmo estes hoje, poucos o fazem.

Gostava de falar das Cartas de S. Paulos porque dão um testemunho de uma controvérsia que teria abalado os primeiros anos do cristianismo: a dos alimentos permitidos aos cristãos. Tiago, Pedro e todos os outros Apóstolos vinham de tradições judaicas. Mas S. Paulo foi pioneiro a lidar com os primeiros conflitos. Na Carta aos Hebreus e na Carta aos Romanos, um verdadeiro tratado teológico,

S. Paulo defende a bondade, mas não a obrigatoriedade da abstinência do vinho e da carne. Quanto aos outros aspetos das regras alimentares, S. Paulo assume uma posição liberal, entregando ao destinatário a liberdade de decidir. Cada um deve comer conforme a sua convicção e consciência. E escreve: ...« se por causa dum alimento entristeces o teu irmão, já não andas segundo a caridade ». ...« Por causa da comida não destruas a obra de Deus ». ... «O Reino de Deus não consiste em comer ou beber mas em justiça, paz e alegria no Espírito Santo».

S. Paulo aconselha a uma atitude sensata adotando uma postura politicamente correta.

Tudo é permitido, mas nem tudo convém.

Escreve: ...« comei de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntar por motivo de consciência(...) se algum infiel vos convidar e vós quiserdes ir, comei de tudo o que vos for servido, sem nada perguntar, por motivo de consciência.

Portanto tudo é permitido, o comer e o não comer, mas deve-se evitar escandalizar Judeus e “gentios” ou seja, deve agradar-se a todos ,adotando os hábitos dominantes da comunidade em que se está inserido. Este também é o meu pensamento.



apresentação
Kosher uma Dieta p:

12 abril 2022 (Joaquim Costa)



34 PDL 2021



10.6.2021



10.6.2021

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

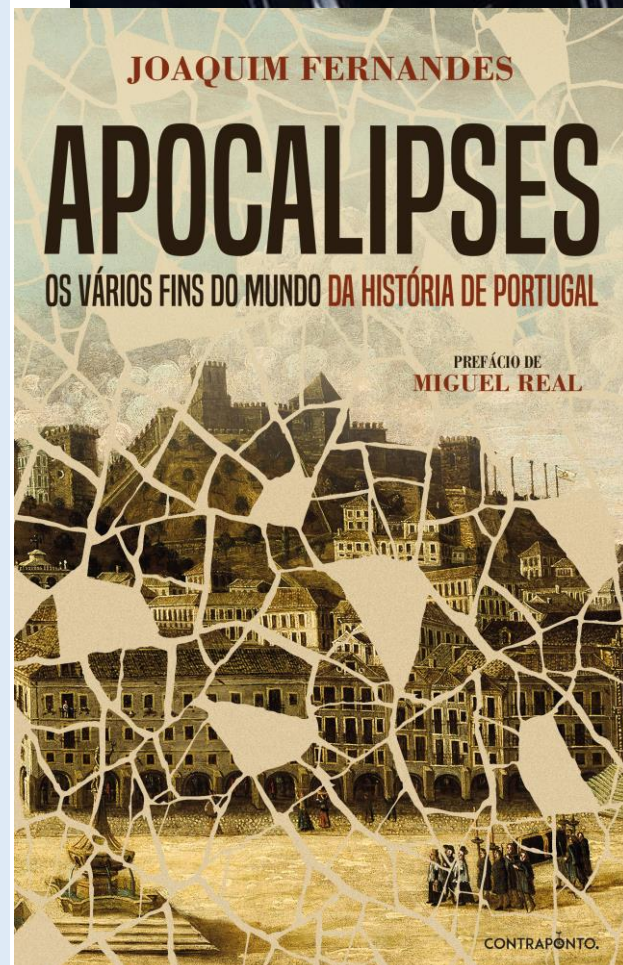
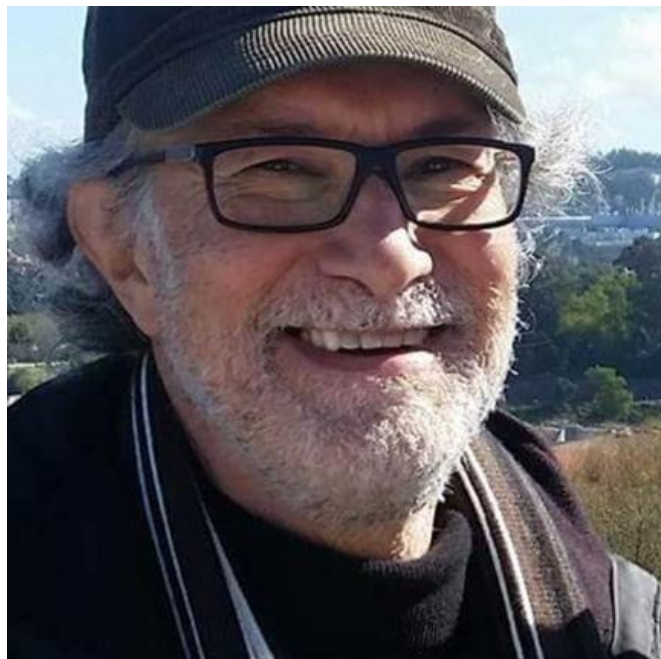
JÁ PARTICIPOU NO 27º COLÓQUIO BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019 - REPRESENTOU O PRESIDENTE DA CÂMARA DE BELMONTE, NO 30º COLÓQUIO

MADALENA DO PICO 2018 E NO 32º NA GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 34º PONTA DELGADA 2021, 35º BELMONTE 2022

É PARCEIRO INSTITUCIONAL DA AICL DE 2016 A 2026.

A EMPDS É SEDE DA AICL EM PORTUGAL PARA OS COLÓQUIOS DE BELMONTE E PARA O NÚCLEO DA LUSOFONIA NO MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS

18. JOAQUIM FERNANDES, CTEC UFP



«Nos livros de Joaquim Fernandes descobrimos uma espécie do “Retorno do Recalcado”, para utilizar uma expressão freudiana. O que a nossa civilização atirou para debaixo do tapete como superstição, credence, efeito de uma constante ignorância dos povos, de um pronunciado divórcio entre os comportamentos e a ciência, encapsulado por uma enformação cultural profunda e dogmaticamente religiosa, elevada a ideologia do Estado, é agora compendiado nos livros de Joaquim Fernandes, não de um modo sectário, mas procedendo segundo uma metodologia rigorosamente académica (...).

Assim começa Apocalipses: «A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido» (H. P. Lovecraft). A ciência e a tecnologia actuais, que tudo racionalizam, são incapazes de superar este medo entranhado nas nossas células, dando origem a “terrores celestes”, a castigos divinos, a pragas colectivas, às teorias relativas ao fim do mundo, a falsas encarnações de Cristo e de Anti-Cristo, a visões e aparições, à concepção de uma possível «morte da terra» e, em consequência, da Humanidade.»

Do Prefácio de Miguel Real.

www.contrapontoeditores.pt
contrapontoeditores
contrapontoeditores

«Um pensador heterodoxo, investigando o que ultrapassa os limites da santa racionalidade institucional construída pela nossa civilização.»
Miguel Real



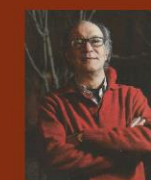
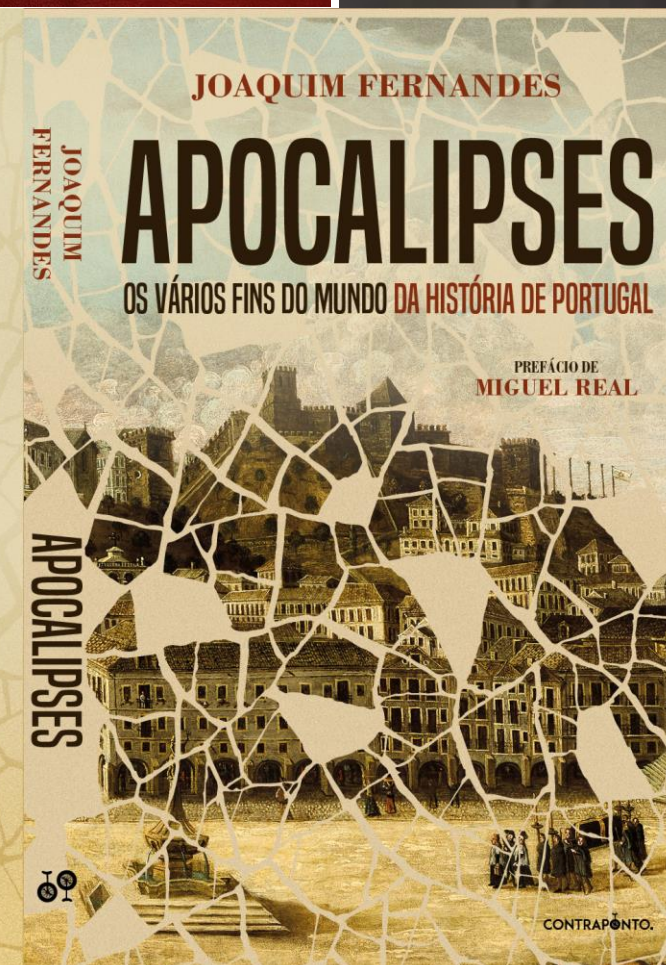
COMETAS, AURORAS BOREAIS, ECLIPSES, TERRAMOTOS, DILÚVIOS, PRAGAS, EPIDEMIAS, INVASÕES EXTRATERRESTRES E OUTROS MOMENTOS QUE ATERRORIZARAM O PAÍS.

Ao longo da história, e inclusive antes da sua fundação, Portugal foi por inúmeras vezes atormentado pelas angústias dos «fins do mundo» que as credences e superstições populares desde sempre associaram a calamidades de diversa ordem. De epidemias a secas e terramotos que provocaram maior ou menor grau de destruição no país, fenómenos astronómicos como passagens de cometas perto da Terra ou eclipses, ou mesmo acontecimentos imaginários como o desembarque de marcianos de que muitos ainda se recordam, foram muitos os momentos do «Juízo Final» que espalharam o terror pela população.

Com base numa pesquisa exaustiva de fontes diversas das épocas abrangidas, Joaquim Fernandes reúne neste seu mais recente trabalho alguns desses «apocalipses» e «fins do mundo». Momentos dramáticos como os vividos no seguimento do terramoto de 1755 ou durante a epidemia de gripe espanhola que dizimou dezenas de milhares de pessoas são aqui abordados. Mas também não faltam profetas e seitas, tenebrosas chuvas de «sangue», cometas em rota de colisão e até uma invasão extraterrestre que tantas dores de cabeça provocou à PIDE.

ISBN 978-989-860-262-2

CONTRAPONTO.



JOAQUIM FERNANDES

está biografado no Dicionário das Personalidades Portuguesas do século XX (Porto Editora). Doutorou-se em História com a primeira tese sobre a temática extraterrestre em Portugal e é cofundador do Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, (CTEC), da Universidade Fernando Pessoa. Interessa-se particularmente pela antropologia religiosa comparada, com destaque para os fenómenos da religiosidade popular e da espiritualidade, mitos e cosmologias e o debate entre ciência e religião.

É membro de vários organismos internacionais e coordenador internacional do MARIAN Project, que estuda as dimensões culturais e científicas dos fenómenos religiosos e aparicionais, como Fátima, tema a que dedicou várias obras, em coautoria com Fina d'Armada, igualmente traduzidas para inglês, castelhano e francês.

Na televisão, é um dos coautores do guião do telefilme *A Noite do Fim do Mundo*, que retrata as reações em Portugal à aproximação do Cometa Halley, em 1910. Para a RTP2, coordenou a série temática *Encontros Imediatos*, dedicada ao fenómeno OVNI em Portugal. Foi autor do guião e da apresentação do documentário *As Faces de Fátima*, produzido para o Canal História em 2017, e, no Porto Canal, coordenou a série *Conversas do Centenário* dedicada aos eventos aparicionais de Fátima.

Com uma vasta obra publicada, entre os seus títulos mais recentes contam-se *História Prodigiosa de Portugal. Mitos & Maravilhas* (2015) e *Portugal Insólito* (2016) e, no domínio da ficção, os romances históricos *O Cavaleiro da Ilha do Corvo* (2008) e *As Curandeiras Chinesas. Um motim que abalou a 1ª República* (2014).

Joaquim Fernandes, cofundador do Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, (CTEC), da Universidade Fernando Pessoa, doutorou-se em História com uma tese sobre “**O Imaginário Extraterrestre na Cultura Portuguesa – do fim da Modernidade até meados do século XIX**”, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a primeira da sua temática numa Academia portuguesa e europeia e editada sob o título “*Moradas Celestes*” (ed. Âncora Editora, 2014). Interessa-se particularmente pela antropologia religiosa comparada, com destaque para os fenómenos da religiosidade popular e da espiritualidade, mitos e cosmologias, e o debate entre ciência e religião.

É membro de vários organismos internacionais e coordenador internacional do “MARIAN Project que estuda as dimensões culturais e científicas dos fenómenos religiosos e aparicionais, como Fátima, tema a que dedicou várias obras, em coautoria com Fina d’Armada, igualmente traduzidas para inglês, castelhano, italiano e francês. Desde 1997 que tem promovido a realização de vários congressos internacionais

subordinados ao título genérico de “Fronteiras da Ciência”, na Universidade Fernando Pessoa. Colaborou na organização da conferência “Ciência e Consciência” integrada no programa do “Porto 2001, Capital Europeia da Cultura”. Em 2008 publicou o seu primeiro romance histórico, “O Cavaleiro da Ilha do Corvo”, a que se seguiram os ensaios “O Grande Livro dos Portugueses Esquecidos”, “Mundos, Mitos e medos - O Céu na Poesia Portuguesa” com a chancela da Temas & Debates / Círculo de Leitores.

Em 2010 escreveu em coautoria o guião do telefilme “A Noite do Fim do Mundo”, que retrata as reações em Portugal à aproximação do Cometa Halley, em 1910, integrado no ciclo dedicado ao Centenário da República Portuguesa programado pela RTP1. Para a RTP2 coordenou a série temática “Encontros Imediatos”, dedicada ao fenómeno OVNI em Portugal.

Foi autor do guião e da apresentação do documentário “As Faces de Fátima”, produzido para o Canal História em 2017 e sobre o mesmo tema coordenou, com o historiador Joel Cleto, a série de seis episódios “Conversas do Centenário” para o Porto Canal.

Em 2014 foi consultor histórico da série “Mulheres de Abril”, de Henrique Oliveira para a RTP1 e publicou o seu segundo romance histórico “As Curandeiras Chinesas. Um motim que abalou a I República” (ed. Gradiva). Publicou em 2015 a obra “História Prodigiosa de Portugal. Mitos & Maravilhas”, sequência da linha de investigação da obra “História Prodigiosa de Portugal. Mitos & Maravilhas” (Quidnovi, 2012).

Seguiram-se, em 2016, as obras “Portugal Insólito” (2016) e, em 2018, “Ficheiros Secretos à Portuguesa”, ambos na editora Manuscrito.

Em 2019 coeditou a antologia “Fátima: mais além da Fé” (Porto, Bookcover), o primeiro grande estudo multidisciplinar internacional sobre o fenómeno das “aparições” de Fátima e um novo volume sobre “Portugal. Uma história de prodígios” (Book Cover)

Em 2021 publicou a obra “Apocalipses” (Lisboa, Contraponto) e outro ensaio sobre a temática “mariana”, intitulada “As Outras Fátimas” (Lisboa, Manuscrito).

Está biografado no Dicionário das Personalidades Portuenses do séc. XX” (Porto Editora, 2001).

APRESENTA “Apocalipses. Os “fins do mundo” na História de Portugal. Os terrores entre o Céu e a Terra: uma revisão antecipada de um presente ameaçado

País ligado aos céus desde a sua fundação, temeroso dos avisos e advertências divinas, Portugal foi sucessivamente atormentado pelas angústias dos “fins do mundo” que as crenças e superstições populares desde sempre reclamaram na hora de manifestações cósmicas: eclipses, cometas, epidemias, dilúvios, secas, terremotos, entre outras calamidades pressentidas, perfilam-se na galeria de eventos que ordinariamente levaram gerações de portugueses a pensar a iminência do “Juízo Final”.

Nesta súplica de acontecimentos transcendentais, extraordinários, registados na memória nacional, revisitaremos duas ordens de eventos potencialmente apocalípticos: as que tiveram origem fora de Portugal, mas não ilibaram o país de replicar e reviver a seu modo essas putativas ameaças; outras, nascidas em solo doméstico, alimentadas por predisposições culturais específicas e fecundada pela imaginação individual e coletiva.

Começaram bem cedo, antes de Portugal ser nação independente, os episódios marcantes dos nossos medos pânico com o Céu e a Terra. E foi esta que acordou em sobressalto, segundo os registos que em pleno ano de 309 d.C. com convulsões sísmicas alastradas a toda a Europa, num ciclo regular e frequente que haveria de culminar com o magno abalo duplo, terremoto e tsunami, de 1755, na região de Lisboa. Reinava D. Sancho I quando no ano de 1199 “*foram vistos sinais entre as horas sexta e nona, tendo o Sol ficado “escuro como pez”*”. Sintomas do descontrolado pânico coletivo foram recolhidos mais tarde pelo cronista Rui de Pina: “*pela qual coisa os homens e as mulheres, com grande temor, fugiam para as igrejas, esperando pelo momento da sua morte, bradando a Deus para que os ajudasse, assim aos clérigos como aos leigos. Todos estavam esmorecidos e maravilhados, pensando que o Mundo se queria fundir*”. À data, os nossos concidadãos ignoravam o que fosse um eclipse, fonte do seu aflitivo transe. Noutras instâncias e reinados que se seguem, há exemplos de eclipses que vão sendo vistos como sintomas de falência de soberanos e do estado da Nação.

No século XVI, o país agitou-se de novo com os aterradores prognósticos decorrentes da conjunção planetária de 1524: dela decorria a profecia de um inevitável “fim do mundo” diluviano para os dias 4 e 5 de fevereiro desse ano. A corte de D. João III desdobrou-se em ações pedagógicas para demonstrar as falácias da astrologia divinatória. Frei António de Beja destacou-se nessa campanha, negando com insistência a hipótese de um novo dilúvio vir a ocorrer no nosso país, sustentado nas relações entre os signos zodiacais e as localidades geográficas da Europa.

Uma nova série de expetativas celestes ocorre quando do fim do domínio castelhano e iminente Restauração da Independência com D. João V, o Duque de Bragança: os cometas e os eclipses que surgem nos céus portugueses são usados pelo jesuíta padre António Vieira para alertar os concidadãos das disposições dos céus neste debate político com os Filipes, vizinho espanhol.

É igualmente nesta conjuntura que ocorre um misterioso e singular ciclo de “partos místicos” entre mulheres humildes e singelas do povo no interior rural português, com alegados e aguardados nascimentos de novos “Redentores do Mundo” gerados na terra lusa e que marcariam o fim de um ciclo planetário e o emergir de um outro, a exemplo de uma “Segunda Vinda de Cristo”.

Mais tarde, já em 1759, perto de Mondim de Basto, deparemos com um espantoso caso de uma seita apocalítica, reunida em torno da ermida da Senhora da Graça. Ali se refugiaram homens e mulheres, crentes num “fim do mundo” causado por um dilúvio apocalítico de areia, ou de fogo, segundo outros. Dessa catástrofe planetária, como é norma, escaparia apenas o grupo de eleitos refugiados no templo. Uma das integrantes do grupo, Maria José, havia difundido a notícia de que “*o dilúvio deveria ser precedido pelo nascimento do Espírito Santo, entretanto encarnado no seu ventre*”...

O século XIX surge-nos neste roteiro prenhe de pavores associados a aparecimentos de cometas, fatalmente associados a “fins do mundo”. Na noite de Natal de 1842, perpassou pelo país mais profundo um “*grande terror difundido por algumas e muitas famílias plebeias da cidade e várias aldeãs*”. Surgem seitas milenaristas em pleno interior rural português, no rescaldo da revolta da Maria da Fonte, como os “Apóstolos dos últimos dias”, liderado por João Ribeiro, um enigmático forasteiro que proclamara o fim dos tempos para 1846.

Seguiram-se, em cortejo de temores replicados nas páginas dos jornais, os cometas de 1853, 1864, 1872, 1882 e o anunciado astro errante, previsto para 1897, em cujas asas se faria transportar o anjo da morte do nosso mundo. Antecipava a imprensa: “*segundo parece, um cometa que já atravessou o nosso sistema planetário em 1868, 1875 e em 1880, aproximar-se-á de tal forma, em 1897, que com o imenso calor extinguirá toda a vida à superfície da Terra. Homens, animais, plantas, tudo parecerá brasado*”.

Mas, o cometa mais assustador, digno de um cenário bíblico de Armagedon, foi naturalmente o de Halley, em maio 1910, como que prenunciando o advento da República. Os portugueses, e o mundo em geral, viveram momentos de pânico, com o rumor propagado pela imprensa internacional de que “*os gases do cometa iriam envenenar a atmosfera terrestre e assim terminar com toda as formas de vida no planeta*”... Já no século XX foi o país surpreendido com a assombrosa aurora boreal de 25 de janeiro de 1938, provocada por uma severa tempestade solar, e cuja magnitude justificou a sua associação ao chamado 2º “segredo de Fátima”, a que a Irmã Lúcia alude nas suas “Memórias”, em 1941. Esta “luz avermelhada” foi vista por toda a Europa e parte da África e Ásia, cobrindo uma área de 500.000 Km2 com extensão vertical de 400 km. “*Os raios chegavam a atingir 700 km e eram acompanhados por um estranho ruído semelhante à queima de relva ou mato*”. Milhões de pessoas entenderam e temeram que o mundo estava em chamas e agonizante...

A transição secular dos séculos XX/XXI não fica isenta de ameaças, como as do crash informático do ano 2000 ou a milenar profecia Maia que dava por extinta a vida no planeta em 2012. Fatalmente, estes prognósticos não deixaram de ter os seus ecos no nosso país.

Ocorre-nos hoje, imprevisível até há pouco, a hipótese ameaçadora de uma fatal trilogia que, ordinariamente se manifesta em contextos de crises provocadas pelas irracionalidades e intolerâncias humanas. A presente conjuntura assim o desenha na conjugação aparente de um novo ciclo despoletado pela peste (covid-19), prosseguido pela guerra e prenunciado pela fome que amenizada aqui e ali, em geografias mais resistentes, poderá alastrar com a vertigem de um vírus indomável. Por muito que a História se repita nem sempre – ou quase nunca – dela retiramos as devidas lições...

Até onde mereceremos essas (in)clemências do céu e da terra eis a incógnita. Há cerca de 70 milhões de anos também os dinossauros do “Parque Jurássico” reinavam neste pequeno orbe, situado num humilde sistema solar abandonado nos limites da nossa galáxia. Paradoxo de relevo neste particular, ironia gritante, o facto de os cometas serem igualmente pensados, à luz da Ciência de hoje, como potenciais portadores de “sementes de Vida”, mas capazes de a eliminar, como sugere o acontecimento atrás citado, popularizado pela cultura popular contemporânea através do cinema. Os gauleses, segundo Astérix e Obélix, já temiam que “o céu lhes caísse na cabeça”...

É neste sentido que as palavras de H.P. Lovecraft sobre o medo da Humanidade pelo Desconhecido relevam da maior atualidade: pelos arredores do nosso planeta vão rondando ameaças antigas e renovadas, velhas e novas epidemias, vagabundos cósmicos em eterna vigilância a este insignificante orbe. Debeladas ou iludidas passadas ameaças, externas ou internas, o planeta e a vida, débil e efémera, estarão sempre em risco, face à esmagadora infinitude do Cosmos, indiferente aos nossos pequenos/grandes dramas, impávido face à nossa existência...

Joaquim Fernandes

Videos:



18:31



8:09



5:31



1:35



57:04



0:39



1:07

1:02

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

19. JOSÉ DE ALMEIDA MELLO, CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA E SINAGOGA Sahar Hassamaim

José de Almeida Mello, nasceu na ilha de São Miguel / Açores, é formado em história e pós-graduado em Património, Museologia e Desenvolvimento Local, pela Universidade dos Açores.

Foi professor,
Secretário-geral da Fundação Sousa de Oliveira,
Assessor para a Cultura da Câmara Municipal de Ponta Delgada,
fundador de várias associações culturais.
Projetou e coordenou várias exposições e proferiu conferências dentro e fora de Portugal.
É autor de 33 títulos editados em livro, em torno dos Açores.
Coordenou todo o processo de recuperação da antiga Sinagoga de Ponta Delgada, ação que iniciou no ano de 2000 e decorre até à presente data.
Atualmente é dirigente da Unidade Orgânica de Património Cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada (assumindo a direção da Biblioteca Municipal, Centro Municipal de Cultura, Centro Natália Correia, Centro Cultural dos Fenais da Luz, Centro Cultural de Santo António e do Museu Hebraico Sahar Hassamaim de Ponta Delgada - Portas do Céu (Sinagoga).
Recebeu a Medalha da Herança, do Senado de Massachusetts, em reconhecimento pelo trabalho em prol da Sinagoga de Ponta Delgada, tendo em vista a ligação com judeus norte-americanos.



31º BELMONTE 2019



31º BELMONTE 2019

34º COLÓQUIO PDL 2021

BIBLIOGRAFIA JOSÉ DE MELLO

1 - A herança : domingo a domingo memórias / José de Almeida Mello. - [S.l.]: Letras Lavadas, 2018. - 319, [1] p.: il.; 22 cm
2 - Roteiro, Ponta Delgada : olhares e descobertas, história e património cultural / José de Almeida Mello. - [S.l.]: Letras Lavadas, 2018. - 80 p.: il.; 22 cm. - ISBN 978-989-735-172-3
3 - Relva, um olhar no presente / José de Almeida Mello ; pref. Eduardo Ferraz da Rosa ; fot. João de Medeiros, Orlando Medeiros, Paulo Medeiros. - Ponta Delgada, São Miguel: Junta de Freguesia da Relva, 2017. - 144 p.: il.; 16 cm
4 - Álbum micalense : memórias e factos / José de Almeida Mello ; pref. António Machado Pires. - [S.l.]: Letras Lavadas, 2017. - 168 p.: il.; 23 cm. - ISBN 978-989-735-141-9
5 - Ponta Delgada : álbum de memórias e factos / José de Almeida Mello ; pref. Gustavo Manuel Moura. - [Ponta Delgada]: Letras Lavadas, 2016. - 170 p.: il.; 23 cm. - ISBN 978-989-735-095-5
6 - Homenagem a António Augusto da Ponte Borges : Presidente da Junta de Freguesia de Santa Cruz, 1993-2013 / João Silvério Almeida Sousa ; pref. José de Almeida Mello. - Lagoa: Junta de Freguesia de Santa Cruz, D.L. 2014. - 99 p.: il.; 21 cm
7 - Ordem soberana e militar de Malta : cerimónias em Ponta Delgada, Açores: comemorações do nono centenário 1113-2013 / José de Almeida Mello ; pref. Augusto de Albuquerque de Athayde. - Ponta Delgada: Fundação do Jardim José do Canto, 2014. - 76 p.: il.; 16 x 22 cm
8 - Os Cabral de Mello e New Bedford (1893-1931) : álbum fotográfico / José de Almeida Mello ; pref. Filipe Folque de Mendóça ; trad. Pedro Amaral. - Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2014. - 135, [1] p.: il.; 15 cm. - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-989-735-047-4
9 - Santa Cruz Lagoa : memórias da terra e do homem / José de Almeida Mello ; pref. Phillip Rapoza ; [INTRO. António Augusto da Ponte Borges, João António Ferreira Ponte]. - Santa Cruz: Junta de Freguesia de Santa Cruz, 2013. - 453, [2] p.: il.; 25 cm. - Bibliografia, p. 433-450
<https://coloquios.lusofonias.net/XXXV/> 64

10 - Fundação Brasileira : memórias com sons musicais / José de Almeida Mello; pref. Augusto de Albuquerque de Athayde ; colab. Durval Viveiros [et al.]; fot. Paulo Jacob, José Antônio Rodrigues; rev. Luísa Silva. [Ponta Delgada]: Banda da Fundação Brasileira, 2013. - 260, [1] p.: il.; 25 cm. - Bibliografia, p. 255-256

11 - Segredos do convento : Nossa Senhora da Esperança / José de Almeida Mello ; pref. Vítor Melícias ; fot. José Antônio Rodrigues. - [Ponta Delgada]: Letras Lavadas, cop. 2012. - 91, [1] p. a 2 col.: il.; 20 x 25 cm. - Bibliografia, p. 87-89. - ISBN 978-972-8633-97-4

12 - Açores : Jesus, Menino presente / José de Almeida Mello ; fot. José Antônio Rodrigues... [et al.]. - Ponta Delgada: Publiçor, D.L. 2011. - 119, [1] p.: il.; 22 cm. - ISBN 978-972-8633-72-1

13 - Conhecendo melhor... : a cidade de Ponta Delgada / José de Almeida Mello; colab. Elsa Gouveia, José Leal, Igor França. [Ponta Delgada]: Publiçor, 2011. - 31 p.; 23 cm. - (Caderno de anotações; 1). - ISBN 978-972-8633-78-3

14 - Padre Ernesto Borges : índice dos artigos publicados nos jornais de Ponta Delgada, 1980-1991 / José de Almeida Mello ; pref. Miguel Soares da Silva. - Ponta Delgada: Publiçor, D.L. 2011. - 91p.; 21 cm. - ISBN 978-972-8633-77-6

15 - Casa Cabral de Mello : a gestão de uma coleção privada / José de Almeida Mello ; pref. Diogo Gaspar. - Ponta Delgada: Publiçor, D.L. 2011. - 95, [1] p.: il.; 21 cm. - ISBN 978-972-8633-76-9

16 - Remédios : a memória do lugar / José de Almeida Mello ; fot. José Franco... [et al.]; rev. Elsa Gouveia, Marco Vieira, José Leal. Santa Cruz: Junta de Freguesia de Santa Cruz, 2011. - 182, [1] p. : il. ; 23 cm. - Ed. comemorativa do V Centenário da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios. - Bibliografia, p. 179-182

17 - Memória e identidade : cemitério de São Joaquim de Ponta Delgada / José de Almeida Mello ; fot. José Antônio Rodrigues ; rev. cient. José Manuel Leal. - Ponta Delgada : Publiçor, D.L. 2011. - 115 p. : il. ; 23 cm. - Bibliografia, p. 109-111. - ISBN 978-972-8633-57-8

18 - Ponta Delgada : álbum da memória / José de Almeida Mello ; rev. científica José Manuel Leal. - Ponta Delgada : Publiçor, D.L. 2011. - 147 p. : il. ; 23 x 29 cm. - Bibliografia, p. 143. - ISBN 978-972-8633-50-9

19 - A ilha, o homem e a fé / António Tabico ; pref. José Andrade ; coord., sel. textos José de Almeida Mello. - Ponta Delgada : Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2010. - 123 p. ; 21 cm

20 - 7 dias 7 viagens / José de Almeida Mello ; il. Carlos Carreiro ; pref. Ângela Almeida. - Ponta Delgada : Publiçor, 2010. - 77 p. : il. ; 25 cm. - (Ficção). - ISBN 978-972-8633-39-4

21 - Sahar Hassamain synagogue in Ponta Delgada : history, restoration and conservation / José de Almeida Mello ; pref. Alberto Sampaio da Nóvoa ; trad. Ana Isabel Toste ; fot. José Antônio Rodrigues. - [Ponta Delgada]: Publiçor, 2009. - 112 p.: il.; 22 cm. - Bibliografia, p. 108-109. - ISBN 978-972-8633-04-2

22 - Nestor de Sousa : diretor do Museu Carlos Machado 1975-1985 / José de Almeida Mello ; fot. Museu Carlos Machado. - [Ponta Delgada]: Publiçor, imp. 2009. - 35, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 30-33

23 - Francisco d'Arruda Furtado : notas biográficas (1854-1887) / José de Almeida Mello. - 2ª ed. - Fajã de Baixo: Junta de Freguesia de Fajã de Baixo, 2009. - 47 p.: il.; 23 cm. - Ed. comemorativa do bicentenário do nascimento de Charles Darwin (1809-2009). - Bibliografia, p. 41-47

24 - João Paulo II : recordando a sua visita aos Açores / José de Almeida Mello ; pref. António Pinto da França. - [s.l.: s.n.], 2009 ([Ponta Delgada]: Nova Gráfica). - 113, [2] p.: il.; 23 cm. - Bibliografia, p. 101-113

25 - Francisco d'Arruda Furtado : notas biográficas (1854-1887) / José de Almeida Mello. - Fajã de Baixo: Junta de Freguesia de Fajã de Baixo, 2009. - 47 p.; 23 cm. - No âmbito das comemorações do bicentenário do nascimento de Charles Darwin (1809-2009)

26 - Salga : memórias do tempo e do lugar / José de Almeida Mello ; fot. José Antônio Rodrigues. - [Ponta Delgada]: Publiçor, 2009. - 255, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 243-249. - ISBN 978-972-8633-11-0

27 - Ponta Delgada, obviamente! : pintura de Carlos Carreiro / coord. Carlos Decq Motta ; comis. José de Almeida Mello; coord. Susana Melo Bettencourt; texto Berta Cabral, Fátima Sequeira Dias; fot. Carlos Decq Motta. - [Ponta Delgada]: ANIMA-Cultura: Câmara Municipal, [D.L. 2009]. - [28] p.: il.; 30 cm

28 - Lomba da Fazenda : traços de memórias / José de Almeida Mello. - [Ponta Delgada: Publiçor, 2009. - 110, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 107-110

29 - Sinagoga Sahar Hassamain de Ponta Delgada : história, recuperação e conservação / José de Almeida Mello ; pref. Alberto Sampaio da Nóvoa ; fot. José Antônio Rodrigues. - Ponta Delgada: Publiçor, 2009. - 112 p.: il.; 22 cm. - Bibliografia, p. 108-109. - ISBN 978-972-8633-04-2

30 - José Cabral de Mello : o poeta da saudade / José de Almeida Mello ; pref. Elsa de Almeida Mello Gouveia. - [Ponta Delgada]: Publiçor, D.L. 2009. - 69, [2] p.: il.; 24 cm. - ISBN 978-972-8633-12-7

31 - Forte de São Brás, diferentes olhares / Ana Pimentel... [et al.]; coord. Manuel da Silva, José de Almeida Mello. - Ponta Delgada: Comando da Zona Militar dos Açores, 2008. - 61, [2] p.: il.; 21 cm

32 - Retalhos de memórias : comemorações das bodas de ouro da freguesia da Nossa Senhora dos Remédios : povoação : 1957-2007 / José de Almeida Mello. - Nossa Senhora dos Remédios: Junta de Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios, 2007. - 274, [1] p.: il.; 23 cm. - Bibliografia, p. 267-271

- Monografia da Relva : subsídios para a sua história / coord. José de Almeida Mello, José da Costa Melo. - Relva: Junta de Freguesia de Relva, 2005. - 334, [1] p.: il.; 23 cm

Apresenta **LEGADOS HISTÓRICOS DA SINAGOGA DE PONTA DELGADA**

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS.

.JÁ PARTICIPOU NO 5º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE 2006 , 33º BELMONTE 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 35º BELMONTE 2022

20. **LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL AICL**

LUCIANO PEREIRA Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982, Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992. Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, 2004

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)

Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)

Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)



19º MAIA 2013



16º SANTA MARIA 2011



29º BELMONTE 2018



15º MACAU 2011



BIBLIOGRAFIA Comunicações e artigos:

- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*
- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
- *A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas*
- *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
- *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*
- *Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional*
- *A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica*
- *A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio*
- *Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução*
- *O mau-olhado na cultura popular*
- *A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila*
- *Referências e indícios hebraicos na literatura popular*
- *Contributos árabes na literatura popular portuguesa*
- *As mouras encantadas no imaginário galaico-português*

- A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro
2. *Ensaio*: A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.
3. *Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração)*: A cidade A língua.

DISCIPLINAS LECIONADAS: Globalização das Expressões, Literatura para a Infância, Introdução à Literatura Comparada, Retórica e argumentação, Culturas Populares, Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, ...



11º Lagoa 2009



13º Floripa 2010



16º SANTA MARIA 2011



13º Floripa brasil 2010



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019



23º FUNDÃO 2015



26º LOMBA DA MAIA 2016



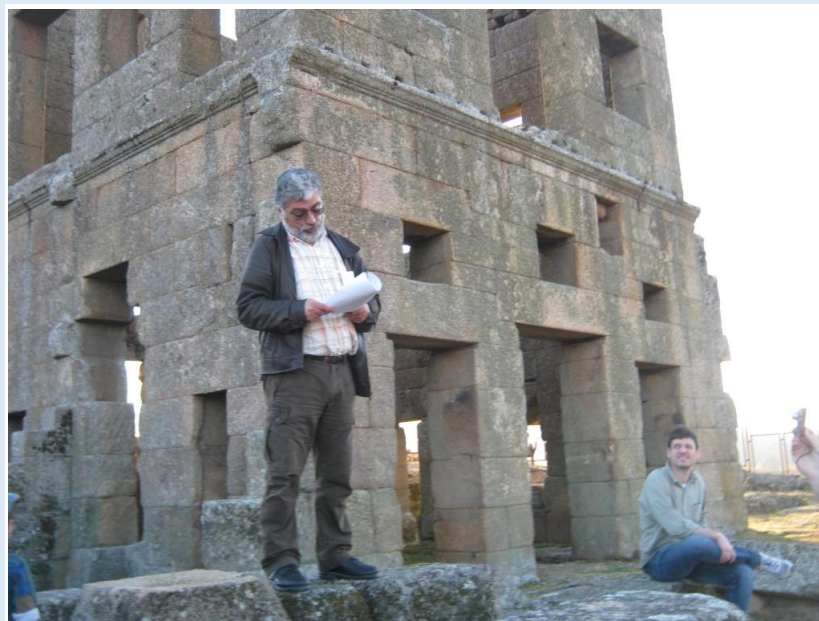
25º MONTALEGRE 206



13º FLORIPA 2010



29º BELMONTE 2018



23º Fundão 2015



25º MONTALEGRE 2016



25º graciosa 2015 21º Moinhos 2014



APRESENTA Os Açores na literatura infantojuvenil

1 – Sinopse

A literatura infantojuvenil desabrocha no coração da literatura tradicional de expressão oral, pois este manancial, embora não se destinando exclusivamente às crianças e jovens constituiu, de facto, a primeira forma literária que tanto encanta as crianças quanto lhes permite uma maturação cognitiva e psicossocial. Muitos foram os autores que se dedicaram ao levantamento e à publicação dos contos tradicionais açorianos. Sublinhemos a importância de que revestiram os *Contos tradicionais do povo português* de Teófilo Braga. As imagens dos Açores apreendidas e apreciadas pelas crianças também não se limitam à literatura escrita exclusivamente para elas, anexando a esse núcleo duro um conjunto de obras que obtiveram as boas graças de um público juvenil, em particular pela presença de alguns extratos em livros escolares e, mais recentemente, pelo impulso dado pelo plano nacional de leitura. Incluímos nesse conjunto a obra de Raul Brandão *As ilhas desconhecidas*, a obra de Ferreira de Castro *Pequenos mundos e velhas civilizações* e a de Jaime Cortesão *O romance das ilhas encantadas*. Autores continentais não deixaram de contribuir para uma construção dos Açores enquanto espaço encantado e heroico, salientemos a banda desenhada de José Ruy *Ilha Terceira – Açores. O heroísmo de uma vitória*. Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada não poderiam ter ignorado a sua intensidade simbólica e mítica em *Nos Açores*, da série juvenil *Uma aventura*. A Maria Eduarda Rosa já me mereceu, no contexto destes encontros, uma primeira reflexão entusiasmada. Nos últimos anos tem vindo a surgir um conjunto de obras de autores açorianos dedicadas às crianças, algumas bilingues e quase todas com uma qualidade gráfica e ilustrativa bastante sedutoras. As lendas açorianas continuam presentes em obras tal como, *Os cumes da atlântida* de Rui Leite Melo e Nina Medeiros. Susana Teles Margarido mergulha profundamente no género, percorrendo as nove ilhas, atenta às cores e paisagens dominantes, assim como, à relação psicossocial que une as gentes ilhoas às suas terras. *Ilha à vista* de Rita Bonanço e Sandra Pinheiro, mereceu um prefácio extremamente elogioso da professora Doutora Susana Goulart Costa. O livro apresenta os conceitos de ilha, de arquipélago, de vulcão, visitando fauna e flora, presente e passado e projeta-se no futuro uma vez que a obra se dedica aos mais pequenos. Quem imaginaria melhor para imortalizar um projeto de cidadania. Vários outros retratam momentos tradições e vivências específicos tal como, *O natal com sabor diferente* de Mariana Cymbron e Rita Bonança. A vida escolar, as referências ao mar e à América aparecem em Tomaz Conz: *A história de uma vida feliz* de Teresa Viveiros e Urbano. Não menos importante são obras que pretendem preservar a riqueza ambiental da ilha tal como a arte de reciclar de Martiana Cibron e Rita Bonança. É justo terminar com uma última referência aos autores que pelos Açores passaram e que se deixaram influenciar profundamente o seu imaginário tal como Anabela Mimoso em particular a sua obra *aquela palavra mar*.

2 – Da Literatura Tradicional açoriana à representação dos Açores na Literatura para a Infância

Aquando da comemoração do primeiro centenário da Implantação da República, Anabela Mimoso revisitou os Contos Tradicionais Açorianos de Teófilo Braga (1843-1924) e teve a generosidade de partilhar connosco (Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia) as suas reflexões e o seu trabalho. Teófilo era micaelense, e para além dos Contos Tradicionais do Povo Português, percebeu a importância de reunir o património cultural do arquipélago em os contos tradicionais açorianos: Contos Populares do Povo Açoriano (1869), reeditados pela Universidade dos Açores em 1982. Os contos referidos integraram os Contos Tradicionais do Povo Português, ordenados segundo um critério temático, mas sempre com a referência à sua origem geográfica. A edição de Anabela Mimoso inclui um estudo introdutório sobre a vida e obra do autor assim como a sua importância enquanto autor nacional e internacional. Várias são as fontes e os escritores regionais que deram corpo à obra apaixonada de Teófilo Braga, tais como vários foram os autores e as obras que deram corpo à obra para jovens *O Romance da Ilhas Encantadas* de Jaime Cortesão (1884-1960): “Este romance que ides ler, jovens amigos, não julgueis que de ponta a ponta o inventei, para depois vo-lo contar. Ele anda escrito, pedaço aqui, pedaço além, por velhos livros, onde se recordam histórias contadas pelo povo, nas idades antigas.” (Cortesão, 7)

Jaime Cortesão entrelaçou várias tradições marítimas e contos luminosos numa magnífica filigrana que remonta às míticas épocas da Atlântida, das mulheres marinhas que nos recordam as ondinas francesas e alemãs, e às velhas tradições mouras que referem atlânticas ilhas perdidas no nevoeiro. As memórias celtas da gesta arturiana articulam-se com os empreendimentos apaixonados de São Brandão e de uma multitude de monges que da Irlanda decidiram anunciar a boa nova a uma Europa ainda submissa às velhas crenças pagãs. A fuga cristã dos invasores muçulmanos, para norte, deu origem à lenda da Ilha das

Sete Cidades, sete bispos que embarcaram no Porto com as suas comunidades e terão aportado às ilhas da constante primavera. As lendas nobiliárquicas relacionadas com a fundação da nossa nação relatam-nos a ternurenta história dos Marinheiros, família descendente de Dom João Froiaz e da mulher Marinha que encontrara deitada na praia num colchão de algas:

De cabeleira solta e mal coberta com o seu vestido de algas, a filha do Mar esbracejava inutilmente entre as possantes mãos de Dom Froiaz.

Mas – coisa estranha! – nem palavra de queixa se lhe ouvia!

Por fim deixara de lutar. Contentes, os monteiros riam. Dom Froiaz subiu para o cavalo, e, com o auxílio dos seus homens, ergueu-a sobre a sela. E, sem tardar, maravilhado e satisfeito com tão nova caça, abalou direito a seu castelo. (Cortesão, 1988: 19)

Jaime Cortesão faz descender, de tão ilustre família, todo um povo, que neto do mar, mais do que qualquer outro povo o amava e o desejava, assim Machico desencantou as ilhas encantadas, e os seus lobos marinhos e as suas florestas de madressilva. O Infante Dom Henrique juntou na vila do Cabo de São Vicente os marinhos mais marinheiros do reino e daí desencantaram outras ilhas, outros mares e outros continentes:

E por fim, meus amigos, vos direi: Marinheiros, foram também Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e os irmãos. Corte-Reais que conseguiram arrancar aos mares os seus maiores segredos.

Mas, só quando os cristãos conquistaram o reino de Granada, última parte das Espanhas, que estava em mãos de moiros, então de todo se desencantaram as terras, as ilhas e os mares, que, havia tantos séculos, estavam escondidas no grande mar Oceano. (Cortesão, 1988: 48)

Embora Raul Brandão (1867-1930) não tenha escrito o seu diário de bordo: *As Ilhas Desconhecidas* (1927) para um público infantojuvenil, talvez fosse uma grave lacuna não o evocar, na medida em que todas as obras posteriores que representam os Açores, em particular para os mais jovens, nunca deixaram de o ter em conta. Urbano Bettencourt refere no prefácio da obra de Vasco Medeiros Rosa: *Raul Brandão e os Açores* que:

Quase cem anos após a sua publicação em 1927, *As Ilhas Desconhecidas* continuam um livro singular sobre os Açores e não apenas por causa das suas notáveis descrições, pelo modo sintético e denso como Raul Brandão nos deixa o registo de um fenómeno observado ou a anotação sobre o tempo e o homem insulares. Resultado de uma viagem de cerca de dois meses aos Açores, em 1924, incentivada pelo convívio do escritor com açorianos e conhecedores do arquipélago, *As Ilhas Desconhecidas* trazem como subtítulo a inscrição «notas e paisagens», o que poderá eventualmente ter atirado para uma espécie de limbo no interior da sua obra este livro de Brandão. E, no entanto, quem o souber ler há de encontrar nele alguns traços do escritor, o seu espanto perante a Dor e os abismos humanos; é uma obra que para lá do efémero e do transitório tenta desvendar o mistério íntimo dos homens nas suas relações mútuas e com o tempo, na sua compreensão da vida. (Rosa, 2019: 9)

Raul Brandão descreve o arquipélago com todos os seus sentidos e em particular com a sua exímia capacidade de poeta pintor, mestre de cores e tons, evocando aquarelas encharcas de brumas e neblinas, tal como no início dos tempos quando os elementos ainda não tinham sido separados pela mão do Criador:

“[MANHÃ TRANSPARENTE] (3)

Uma manhã transparente que hesita e flutua como um ser delicado, envolta em neblinas. Céu dum azul pálido, forrado no horizonte de nuvenzinhas claras. Mar desmaiado, que não foi feito para se ver, mas para respirar, esparso, quieto e fundido. Ao fundo uma mancha indecisa, envolta em névoa que logo se resolve em poeira esbranquiçada ... Há nas coisas uma hesitação, uma mescla, um abrir, como no princípio do mundo quando a água, a luz e a terra não estavam ainda separadas pela mão de Deus. A tinta é muito pouca – quase nada de cor e de sonho. Santa Maria desvenda-se entre as névoas: um monte alongado como uma parte mais baixa e a Vila do Porto saliente, tudo azul, emergindo do azul.” (Brandão in Santa-Ritta, 1982: 148-149)

As cores e os tons iluminam-se sob nuvens mágicas, formando filigranas de oiro de múltiplas tonalidades, magistralmente representando cada momento vivida na ilha das Flores:

“[A LUZ VAPORIZADA] (10)

Tenho a impressão de que há nas Flores a luz mais delicada dos Açores, a luz vaporizada que se sensibiliza a todos os momentos. É talvez da cor, que é única, do pó roxo, do verde dos pastos sempre tenro e uniforme – é talvez da mistura dos nervos do mar, da chuva de verão, do sol que se desfaz em oiro sobre tudo isto, e destas nuvens mágicas que intercetam a luz ruborizando-se como grandes velários de cor – para logo se desfazerem diante de meus olhos em arabescos, em fios ténues em farrapos (...) Todas as cores se fundem e acabam por se apagar em cinzento deixando só resquícios na atmosfera húmida. Nunca assim vi ambiente tão rico em prestígio sempre diverso e sempre em movimento. É o cinzento que predomina – mas um cinzento colorido onde boiam cores húmidas, principalmente o verde e o violeta – jorrando, atabafando em pardo e violeta montes verdes a escorrer.” (Brandão in Santa-Ritta, 1982: 156-157)

No Corvo, Gente e animais confundem-se numa mesma solidariedade solitário no meio do Atlântico: Os rostos das mulheres e os focinhos das vacas espreitam aqui e ali. Os homens e os bois trabalham lado a lado, os jovens cheiram a leite e a corte e o leite tem o sabor de cada uma das flores e ervas tenras graças a uma misteriosa humidade destilada lá mo céu:

[O CORVO] (11)

Às duas da madrugada, na noite funda, com um rebramir de mar sempre presente oiço a buzina do pastor que chama os outros lá do alto do portão. E partem juntos no escuro: vão ordenhar as vacas à Ribeira Funda, à Ribeira da Vaca, à Feijoa dos Negros, baldios a noroeste da ilha por montes e vales onde só crescem algumas faias e cedros. Cada lavrador tem dois boizinhos, os bois do carro ao pé da porta; os outros andam nos corrais ao ar livre até fevereiro. As vaquinhas, encantadora raça do corvo são mungidas nos pastos, e produzem este leite perfumado, que não me canso de beber e que sabe a todas as ervas rasteiras que cobrem o chão com um tapete, e que os pastores designam uma a uma pelo nome: sabem ao trevo enamorado de três folhinhas esguias em cada ponta, ao guedilhão, ao azevém, ao feno, à solda de florinhas amarelas, à mão-furada, à lia vaca, à lia vaquinha, à milhã, à erva estrelinha de flores brancas, e às variedades de fetos que eles distinguem pelos nomes de fetos serrim, feto rato e molar, feto porco e feto branco – que dão camadas sucessivas de pasto nesta humidade que destila do céu. (Brandão in Santa-Ritta, 1982: 157-158)

Ferreira de Castro (1898-1974) na sua insaciável sede de saber e de conhecer referiu-se à Madeira e aos Açores na sua obra *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, segundo volume. As semelhanças estilísticas com a obra de Raul Brandão são evidentes. Para além das emoções que terá vivido durante a sua viagem estas nossas ilhas Atlânticas, percebemos a sua admiração pelo talento de Raul Brandão:

Já vamos, porém, longe. O navio aproa aos Açores e a madeira transforma-se num sonho distante, num fulgor a esmaecer na negrura do Atlântico. Uma noite, um dia, mais uma noite anda, anda, no mar convulso – e entramos em águas Açorianas. Alguns rochedos, batidos raivosamente pela vaga, que hora os esconde, ora os descobre, prometem terra próxima. Está mais além a Ilha de Santa Maria, a primeira do arquipélago, a primeira das nove irmãs que Gonçalo Velho encontrou. (Castro, 1985: 192)

Em São Miguel, a caminho do vale das furnas, surgem as encostas rendilhadas onde se abandona a branca espuma do mais profundo azul:

[S. MIGUEL] (4)

Mal saímos da colmeia urbana em direção ao vale das furnas abra-se como leque de muitas varetas o cortejo fugaz dos panoramas. À direita, à esquerda, à frente onde quer que o olhar pose, surge uma paisagem nova que fulgura um momento e logo sede o lugar a outra, a outra, e outra, numa variedade assombrosa. (...) E quanto mais avançamos maior multiformidade apresenta. São as ribas escuras, rendilhadas, caprichosas, onde vem morre, em branca espuma, o azul do Atlântico, e são as encostas cheias de acidentes, de relevos imprevisto, heranças de vulcões, que, um dia, abriram as faces e surraram fogo e lava subitamente emudecido. Há penhascos ribeirinhos tão corroídos pelo sal das águas que nenhum cinzel alucinado faria, em pedra, obra mais surpreendente e fantasiosa. (Ferreira de Castro in Santa-Ritta, 1982: 149)

A Graciosa fervilha de beleza e história. A praça central, decorada de um luxuriante arvoredado, prolonga a memória de Fontes Pereira de Melo e a Caldeira da Praia continua a envaidecer-se, com pasmo de Alberto I que a considerou coisa única no mundo:

[GRACIOSA] (6)

Abalamos ao meio da noite, e ao dealbar, a Graciosa está em frente do navio. A vila de Santa Cruz, como quase todos os povoados açorianos, branqueja aos pés de alguns outeiros de suaves ondulações. Por entre a casaria irrompem rendilhadas araucárias e do Monte da Ajuda, contraforte natural, vigiam o burgo e a lonjura marítima três alvas capelitas, dispersas na soledade dos picotos verdes. Santa Cruz possui uma ampla praça dedicada a Fontes Pereira de Melo e decorada com arvoredado de soberbo porte. A grande curiosidade da Graciosa é porém a «Caldeira da Praia», fuma de enxofre que Alberto I, de Mônaco, andando aqui em estudos oceanográficos, proclamou ser coisa única no mundo ... Longa caverna a 25 metros sob o nível do mar, ocupa-a, em parte, vasta lagoa, coberta por fantasiosa abóbada. Um pertinaz vulcão, trabalhando ali, ferve a água, larga escórias e satura a atmosfera com emanações sulfúricas. (Ferreira de Castro in Santa-Ritta, 152-153)

3 – A representação dos Açores na Literatura Juvenil

A obra de Maria Eduarda Rosa, já me mereceu, no contexto destes encontros, um estudo autónomo. Tive a ocasião de a ter conhecido numa viagem de autocarro de Setúbal para Lisboa. Posteriormente um amigo comum voltou-me a falar dela em termos bastante elogiosos e entusiásticos. Voltei então à biblioteca da Escola Preparatória Luísa Todi, onde encontrei alguns dos seus colegas com os quais partilhei impressões e ideias. A professora responsável pela biblioteca, na altura, colocou-me à disposição os livros que me permitiram o trabalho referido. Posteriormente consegui entrar em contacto com ela. De uma extrema gentileza e generosidade, enviou-me exemplares da maior parte da sua obra e outras publicadas pela editora FaiAlentejo:

Cidadã empenhada na ternura e no amor pela natureza e pela terra, pessoa que nunca se acomodou e tantas vezes incomodou pela sua coragem, pelo seu talento e pelo seu bom gosto. Professora, amada e estimada por alunos, por colegas e amigos a quem dedica as suas obras que oferece generosamente com delicadas e ternurentas dedicatórias. Mulher de uma sólida cultura clássica, e possuidora de uma rara sensibilidade estética, não deixa de se enternecer pela simplicidade da cultura e da sabedoria popular como está bem patente em algumas quadras e alguns versos incluídos na sua obra. (Pereira, 2019: 295-296)

Relembremos apenas três das suas obras infantojuvenis:

A guardadora do tesouro e da guarda de ouro (Edições BLU, 1998), obra de memórias viradas para o futuro. Sito apenas o fim da obra, concluída em Setúbal no Equinócio da primavera de 1996:

O imperador perguntou ao sábio músico:

- Como puseste a tocar esta harpa com tanta facilidade, quando os melhores músicos da corte as experimentaram durante semanas sem nada conseguirem?
- É simples, falei-lhe do seu vale, daquele que a viu nascer, da erva que crescia a seus pés, do chilrear dos pássaros seus amigos, da corrente da água que refresca os seus pés no verão, da torrente de luar nos seus ramos... (Rosa, 1998: 90-91)

Coração do Mar (FaiAlentejo, 2007), que nos fala da longa viagem marítima realizada por uma semente de uma árvore autóctone do continente americano até chegar à areia vulcânica dos Capelinhos onde foi encontrada por um casal que ali costumava caminhar. O feijão do mar contou então a sua história.

Part & Ilha (FaiAlentejo, 2008), a obra relata-nos oito contos exemplares em torno de imagens femininas de uma grande força interior. Maricota, o primeiro dos contos evoca-nos o movimento migratório do Brasil para Portugal e a vulnerabilidade particular das mulheres confundidas, no velho imaginário com sereias, objetos de desejo e de perdição. O último conto, Natal Solitário, Natal Solidário, de uma grande coragem autobiográfica conta a história de uma mãe que se preparava para passar a noite de natal com a sua filha, mas enquanto o bacalhau estava na panela, tocou a campainha e apareceu o pai para levar a filha passar o natal com a sua numerosa família. A mãe ficou gelada: “Estou viva! – gritou para dentro de si – irmã de todos os sós.” (p. 105)

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada não podiam de deixar de viajar para os Açores e desenvolver uma das suas aventuras juvenis com a típica estrutura de tipo policial, nesta obra o famoso detetive não é nada mais nada menos que o Eduíno não de Jesus mas Eduíno Amaral, investigador em todo o arquipélago com máximo rigor e confidencialidade total. A mãe das gémeas surgiu carregada de livros e decidida a questionar os amigos sobre o arquipélago dos açores. Pois, sem saberem já estavam a preparar para uma fabulosa viagem aos açores. Aterraram no aeroporto da Terceira:

Estar numa ilha é sempre uma experiência de sonho. Assim que puseram os pés em terra, deixaram-se arrebatados por uma espécie de euforia coletiva. Até os cães pareciam contagiados. Ladravam e abanavam o rabo, distribuindo lambidelas em redor.

A cidade ficava bastante longe do aeroporto. Pelo caminho não houve diálogo. Toda a gente fazia os mesmos comentários soltos:

- Que bonito!
- A vista é deslumbrante.
- De toda a parte se vê o mar!
- Sinto-me como os navegadores que descobriram a ilha Terceira – exclamou João.
- Para nós a Terceira foi a primeira!
- É verdade, que giro! (Magalhães; Alçada, 1993: 32)

Tony, um dos amigos, irá descobrir Praia da Vitória a ilha dos seus antepassados com indisfarçável orgulho:

Tony não escondia o entusiasmo pela terra dos seus antepassados. Ao passar na cidade da Praia da Vitória, tirou o chapéu numa alegre saudação e pôs-se a falar de guerras:

- Nesta costa houve uma batalha como nunca se viu outra igual. Foi a batalha da Salga. Participaram homens, mulheres, vacas e toiros, e sabem quem saiu à frente? Uma mulher! Chamava-se Brianda. lupi! Grande mulher [...] (Magalhães; Alçada, 1993: 54)

As piscinas naturais fazem parte, hoje de um dos patrimónios naturais mais apreciados de ilhéus e veraneantes:

Quando chegaram às piscinas naturais de Biscoitos tornou-se muito mais difícil manter-se a vigilância porque o grupo de dispersou. (Magalhães; Alçada, 1993, 55)

Os arcos da cidade de Ponta Delgada são um monumento à resiliência e à resistência contra todo o tipo de adversidades:

- Estes arcos eram as antigas portas da cidade de Ponta Delgada -explicou-lhes um dos fotógrafos. – Toquem nas pedras e sintam a força contida numa construção que resistiu a tremores de terra, ataques de piratas, vendavais, e sobretudo à fúria destruidora dos homens. São pedras com duzentos anos! (Magalhães; Alçada, 1993: 62)

A lenda da Atlântida é evocada por um estranho casal que parece estar de regresso às famosas ilhas encantadas, onde ainda sobrevivem as memórias de uma cultura embalada nas brumas do mar:

- Vocês com certeza já ouviram contar que as Ilhas dos Açores são o que resta do antigo continente que havia a meio do Oceano. Afundou-se por causa de um grande tremor de terra e só ficaram de fora os cumes das montanhas. São as ilhas.

Pedro conhecia a história, mas tomara-a por lenda.

- Lenda? Todas as lendas têm um fundo de verdade. E neste caso até há documentos escritos. As informações mais antigas a respeito dos atlantes têm vinte e cinco séculos e foram dadas a um filósofo grego chamado Platão, que ficou famoso por ser muito inteligente e sabedor. (Magalhães; Alçada, 1993: 67)

Em São Miguel, o coração da terra revela-se por entre cortinas gasosas, cheiro de enxofre, cantos de pássaros, águas de todas as temperaturas, maciços de verdura e tufo de cores florais:

Era um vale estranho, onde a terra parecia viva porque o chão emitia ruídos surdos. Aqui e além charcos de lama ferviam, borbulhavam, expelindo nuvens de vapor ora muito finas ora tão grossas que as pessoas mais próximas desapareciam envoltas numa cortina gasosa. Cheirava a enxofre. Centenas de pássaros cantavam, acompanhados pelo gotejar alegre de vinte e duas pontes, cuja água era fria, morna ou quente.

Maciços de verdura aconchegavam o vale num abraço amigo. Por toda a parte irrompiam tufos de flores vermelhas e brancas.

«Isto é uma experiência mágica», pensava a Luísa, de novo arrebatada pelo desejo de escrever, agora versos, versos lindos sobre o que a rodeava.

O coração da Terra

Espreita cá para fora

Estou maravilhada

Não quero ir embora. (Magalhães; Alçada. 1993: 94 e 96)

A Horta recorda a sua primitiva povoação flamenga e o terror provocado pela erupção do vulcão do Capelinhos que tanta gente cuspiu lá para as Américas:

Ainda não tinham aterrado e já estavam encantados com a ilha por causa do vulcão. Sobrevoaram-no a baixa altitude e ficaram impressionadíssimos porque era uma verdadeira montanha de cinzas com a cratera e tudo. Visto de cima lembrava um monstro marinho de goela aberta.

Tony emocionou-se:

- Isto é o vulcão dos Capelinhos. Quando explodiu foi um horror. O fogo saía do mar aos borbotões. Levantou-se m jato de vapor de água com quatro mil metros de altura e depois houve chuva e cinza. Mas não pensem em salpicos. Foram toneladas de cinza preta a cair sobre os campos em redor. As casas mais próximas ficaram soterradas, as pessoas fugiam aos gritos julgando que iam morrer todas e em dois dias houve quinhentos tremores de terra. A descrição era arrepiante só que as coisas arrepiantes fascinam. (Magalhães; Alçada, 1993: 138)

- Então? gostavam da Horta? Olhem que nada tem a ver com alfaces. O nome da cidade deve-se ao primeiro povoador, que era estrangeiro e se chamava Huertere. Vejam lá se conseguem pronunciar a palavra sem fazer caretas: Huertere [...] Conduziu-os até à beira mar para que vissem o enorme paredão coberto de desenhos, pinturas e inscrições feitas pelos muitos homens e mulheres que por ali pararam a repousar das canseiras sofridas na travessia do Atlântico. (Magalhães; Alçada, 1993: 139-140)

A obra termina com uma pequena antologia de História e lendas dos Açores, de grande proveito para os mais novos: A lenda dos nove irmãos, A ilha do Corvo: Ali, o feiticeiro, Ilha das flores: o povoamento, Ilha Graciosa: o casamento do pirata, Ilha de São Jorge: o borrego das festas, Ilha do Faial: o cavaleiro do silêncio, Ilha do Pico: O talismã da Ilha do Pico, Ilha Terceira: A batalha da Salga, Ilha de São Miguel: Lenda das Sete Cidade, Ilha de Santa Maria. Bei! Bei! Bei!, e a lenda da Atlântida.

José Ruy, deu-nos três magníficos álbuns em banda desenhada em torno da açorianidade, o primeiro terá sido Peter café Sport e o Vulcão do Faial (2006), o segundo, A Ilha do Corvo que venceu os piratas (2018) e o terceiro a Ilha Terceira – Açores O Heroísmo de uma Vitória (2020):

Localizada na extremidade ocidental do arquipélago, a ilha do Corvo esteve, durante muito tempo, na mira dos piratas e corsários que navegavam aquelas águas, o que originou alguns episódios de conflito, e curiosamente, algumas relações de proximidade.

Com base num documento histórico do século XVII que narra a resistência dos corvinos a um ataque de piratas, José Ruy imaginou uma história que integrou contribuições das pessoas do Corvo tornando-se uma aventura partilhada que consciencializa para a valorização do património e cultura local. (In sinopse editorial)

Há 200 anos, Portugal acertava agulhas com os ideais da liberdade e da igualdade. Em 1820 ocorre a revolução liberal originando um conjunto de confrontos entre os adeptos da liberdade e do absolutismo. A ilha terceira desempenha, uma vez mais um lugar de relevo na história de Portugal e Angra e Praia revelam-se centrais numa parte desse percurso de Portugal em direção à liberdade. Da centralidade da terceira e das peripécias e personagens que se destacaram nessa primeira metade do século XIX dá conta esta obra da autoria de mestre José Ruy, que a narra com a mestria de traço e forma que há muito se lhe reconhecem. Obra que nasceu no seio do Instituto Açoriano de Cultura e a que muito nos orgulhamos de estar associados. (Carlos Bessa, Presidente da Direção do Instituto Açoriano de Cultura, in Ruy José, 2020, badana)

A presente obra vem trazer ao público amante da banda desenhada, em que se inclui boa parte dos mais jovens, mas não só, a memória de um período em que a cidade de Angra foi determinante na construção da modernidade. As ideias saídas da Revolução Francesa que abalaram a Europa nas décadas anteriores entraram nos Açores através de um grupo de denodados liberais, uma verdadeira elite no sentido mais nobre do termo, que encontrou em Angra o bastião, primeiro de resistência como «rochedo da salvação», mas depois a base segura a partir da qual o ideário liberal de liberdade, igualdade e fraternidade se expandiu pelas ilhas e depois pelo resto do país. Lembrar esses tempos é trazer à ribalta uma das páginas mais gloriosas da nossa história, que mereceu à nossa cidade o epíteto «do Heroísmo», que hoje orgulhosamente ostenta. (Guido Teles, Vereador da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo in Ruy José, 2020, contracapa)

Susana Teles Margarido, socióloga, estudiosa de Sophia de Mello Breyner Anderson e autora de ensaios sobre a questão de género, escreveu Luna e as Ilhas fantásticas dos Açores. A obra é um hino de amor ao arquipélago que a viu nascer. Conta-nos uma aventura protagonizada por uma vaquinha e por um golfinho voadores. Visitamos as nove ilhas com as suas fantásticas paisagens onde a autora projetou duendes, gnomos e monstros. A aventura inicia-se na Ilha de Santa Maria onde tinha nascido a vaquinha chamada Luna nascida numa linda noite de luar. Aprendeu a voar com uma gaivota que já havia ensinado um golfinho. O cagarro Simpático será o grande cicerone. Para além de mostrar todas as maravilhas também se revela um excelente contador de histórias, lendas e costumes. Seguem-se as outras ilhas, São Miguel, A Ilha Esmeralda, sobrevoaram igrejas, as Portas da cidade, os Paços do Concelho e vários monumentos. Encontraram uma avestruz provaram a gastronomia e a doçaria da ilha e maravilharam-se com as hortênsias, estrelicias, azáleas, camélias, próteas, rosas e malmequeres variados. Sentaram-se a tomar o famoso chá da ilha, espreitaram as estufas de ananases, as fajãs, as furnas, as lagoas e as várias vilas, assim como

algumas das poucas manchas de laurissilva que resistiram a milhões de anos e a várias glaciações. Seguiram para a Terceira, a terceira ilha encantada, seguiu-se a Graciosa, São Jorge, como um dragão no atlântico, o Pico, a ilha misteriosa, o Faial a ilha cor do céu, as flores, a ilha dos cubres, de águas cristalinas correndo pelas escarpas em direção ao mar e a mais pequena, o Corvo, a ilha solitária.

Rui Leite Melo apresenta os Açores como *Os cumes da Atlântida* (Lendas dos Açores). A obra, magnificamente ilustrada por Nina Medeiros, tem um mérito de ser bilingue português e francês e de aproveitar a lenda de Platão para uma descrição fantasiosa, colorida e enamorada:

Muitos e muitos anos passados, essas agora pequenas ilhas, restos da grandiosa Atlântida, acolheriam gentes vindas um pouco de toda a parte.

Um após outro, foram os nove pedaços de terra verdejante redescobertos pelos aventureiros navegadores portugueses, que delas fizeram parte da sua pátria. A eles chamaram de ilhas dos Açores, em referência às muitas aves de rapina que resistiam em tão ermos territórios.

Anabela Mimoso, ofereceu aos mais pequenos uma obra deliciosa intitulada *aquele palavra mar*. Toda a obra respira ilha e mar, sem, todavia, nunca mencionar diretamente o Arquipélago dos Açores. Aqueles que melhor a conhecem reconhecem, no entanto em toda a sua obra a influência que os Açores tiveram nesta sua magnífica criação. Não podia ela deixar de a dedicar a um casal, ilhéu, de coração e alma:

A todos os que são obrigados a estar longe das suas terras (como os Chrystellos), a todos os que aprenderam a conjugar, a todos os modos e tempos, a única palavra que não sendo verbo também é conjugada: saudade...

Na primeira década deste século as edições Letras Lavadas tomaram a iniciativa de publicar várias obras destinadas às crianças açorianas e a todas as crianças com a curiosidade de descobrir a especificidade de realidade contemporânea dos Açores. Surgiu assim, a *Ilha à Vista* (2011) de Rita Bonança com a ilustração de Sandra Pinheiro. Trata-se de uma obra bilingue (Português e Inglês), é uma apresentação da ilha para os mais pequenos, das suas paisagens, da sua história e da sua cultura. Esta obra é fruto de um projeto coordenado pela educadora de infância Rita Bonança, o que a reveste de uma especial importância pedagógica.

"Tomaz com z - a história de uma vida feliz" é a justa homenagem ao pintor e escritor Tomaz Borba Vieira. Foi lançado na Biblioteca Municipal Tomaz Borba Vieira, no Concelho da Lagoa, Ilha de São Miguel. É uma bibliografia escrita com muita sensibilidade para os mais novos, ensina o amor pelos livros, pelas culturas, pelas artes, pelas histórias, pelas plantas e pelas paisagens. As ilustrações de Urbano dão-lhe a dimensão artística que Tomaz, ao longo da sua vida, não teria desdenhado. A obra termina com uma componente educativa e algumas páginas em branco que convidam à criatividade. A bibliografia em muitos aspetos comove por tanto se assemelhar às aventuras de tantos ilhéus que procuraram a sua realização, prestígio e fortuna para além do mar:

Aprendeu e voltou para a ilha para o seu berço. (2013)

O Natal com um sabor diferente é uma obra de Mariana Cymbron e Rita Bonança ilustrada por Martim Cymbron a obra apresenta as várias tradições natalícias do arquipélago e termina com um livro de receitas para um natal com um sabor diferente:

- *Hoje trago-lhe um chá preto, Orange Pekoe, o ideal para servir por volta das cinco horas, que acompanha muito bem uns suspiros da ilha do Corvo, umas espécies tradicionais da ilha de São Jorge e umas queijadas da Graciosa. Entrando no mês de dezembro começo com a ementa das minhas ilhas – relembrou Carminda, soltando um suspiro que parecia afagar-lhe as saudades da sua casa.*

O Pai Natal de barriguinha cheia, inspirou-se e começou por contar um pouco do que é o Natal neste arquipélago. E assim começaram várias tardes de recordações... (2012)

Para terminar esta breve resenha gostaria de sublinhar a pertinência cultural e pedagógica do livro, bilingue de Mariana Cymbron e Rita Bonança ilustrado por Sofia Carolina Botelho *Arte de Reciclar* que reflete as problemáticas ambientais, desenvolvendo comportamentos e hábitos de uma cidadania responsável e de uma comunidade com os olhos postos no futuro:

Malaquias interrompeu a professora, sugerindo:

- *Era interessante fazermos uma visita a uma gráfica.*

- *Excelente ideia! Vou falar com o Ernesto, um grande amigo e dono de uma gráfica aqui nos Açores. Ele melhor do que ninguém poderá explicar-nos o funcionamento de uma gráfica. (2012)*

Bibliografia

Bastos, Glória (1999) *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bonança, Rita (2012) *Ilha à vista*. Açores: Letras Lavadas.

Braga, Teófilo (1999) *Contos Tradicionais do Povo Português*. vol. I. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Braga, Teófilo (1999) *Contos Tradicionais do Povo Português*. vol. II. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Brandão, Raul (1998) *As Ilhas Desconhecidas*. Lisboa: Veja.

Castro, Ferreira (1985) *Obras Completas. Pequenos mundos e velhas civilizações*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Cortês, Jaime (1998) *O Romance das Ilhas Encantadas*. Lisboa: Vega.

Cymbron, Mariana; Bonança, Rita (2012) *A arte de reciclar*. Açores: Letras Lavadas.

Cymbron, Mariana; Bonança, Rita (2012) *O Natal com um sabor diferente*. Açores: Letras Lavadas.

Magalhães, Ana Maria; Alçada Isabel (1993) *Uma aventura nos Açores*. Lisboa: Caminho.

Margarido, Susana Teles (2007) *Luna e as ilhas fantásticas dos Açores*. Lisboa: Artes e Letras.

Melo, Rui Leite (2014) *Os Cumes da Atlântida*. edições Vieira da Silva

Mimoso, Anabela (2010) *aquele palavra mar*. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

Mimoso, Anabela (org.) (2010) *Contos Tradicionais Açorianos de Teófilo Braga*. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

Parafita, Alexandre (1999) *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Plátano.

Pereira, Luciano (2019) *Lusofonografias: Ensaios pedagógico-literários*. Tübingen: Calepinus Verlag.

Rosa, Maria Eduarda (1998) *A Guardadora do Tesouro e a Vara de Ouro*. Açores: BLU edições.

Rosa, Maria Eduarda (1998) *Part & ilha*. Açores: FaiAlentejo.

Rosa, Maria Eduarda (2007) *Coração do Mar*. Açores: FaiAlentejo.
Rosa, Vasco Medeiros (2019) *Raul Brandão e os Açores*. Açores: Livros em boa Companhia.
Ruy, José (2006) *Peter café Sport e o Vulcão do Faial*. Marginália.
Ruy, José (2018) *A Ilha do Corvo que Venceu os Piratas*. Lisboa: Âncora editora.
Ruy, José (2020) *Ilha Terceira – Açores. O Heroísmo de uma Vitória*. Lisboa: Âncora editora.
Santa-Ritta, Gonçalo (1982) *Portugal. A expressão da paisagem*. Lisboa Terra Livre.
Santos, Avelino; Santos Lúcia (2011) *As lendas no Imaginário Açoriano*. Açores: Blu.
Tales, Azorean (2014) *Os Cumes da Atlântida*. Açores: edições vieira da silva.
Viveiros, Teresa (2013) *Tomaz com z a história de uma vida feliz*. Açores: Letras Lavadas.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL,
– PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL DESDE 2019 –
PERTENCEU AO CONSELHO FISCAL DESDE 2010,
PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE,
TOMA PARTE DESDE O PRIMEIRO NO PORTO 2002, 2º BRAGANÇA 2003, 3º BRAGANÇA 2004, 4º BRAGANÇA 2005, 5º RIBEIRA GRANDE 2005, 6º BRAGANÇA 2006, 7º RIBEIRA GRANDE 2007, 8º BRAGANÇA 2007, 9º LAGOA 2008, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO 2011, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 35º BELMONTE 2022

21. LUÍS FILIPE BORGES, coautor de Mal-Amanhados – Os Novos Corsários das Ilhas



Luís Filipe Borges tem 42 anos, uma licenciatura em Direito que não usa, uma cadela, um gato e um sinal saliente no pescoço a pedir consulta médica. Argumentista, benfiquista, comediante, formador de escrita criativa, locutor publicitário, apresentador, desilude sistematicamente a família desde 1977. É autor, produtor e coanfitrião de “Mal-Amanhados – Os Novos Corsários das Ilhas”.

LUÍS FILIPE BORGES, também conhecido pela alcunha de “boinas” por usar sempre uma boina preta, é uma multifacetada figura pública, com grande visibilidade mediática. Para além de guionista, humorista, ator, autor e coautor, colabora em diversas publicações e é um dos cinco apresentadores do programa “5 para a meia-noite”, na RTP 2. É essencialmente sobre a sua já vasta obra literária que vai incidir a sessão de “A conversa com...” a 18 de março na Biblioteca Municipal.

Para além das histórias por detrás dos seus livros, não deixarão de ser abordadas outras relacionadas com a sua diversificada experiência profissional em áreas como o teatro e a televisão.

Nota biográfica:

Luís Filipe Borges nasceu em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, Açores em 1977. Licenciou-se pela Faculdade de Direito de Lisboa entre 95/2000, com um louvor do Conselho Diretivo, um 1º prémio por equipas no *Moot Court/99* e um artigo publicado na Revista Jurídica. É apresentador e guionista de televisão, apresentou o programa de stand-up comedy *Sempre em Pé* na RTP2. Antes, foi o anfitrião das 4 séries do talk-show sobre Portugal, "A Revolta dos Pastéis de Nata", grande êxito do mesmo canal.

Conhecido por andar sempre com uma boina (daí ter alcunha de 'Boinas') já trabalhou nas mais diversas áreas desde ator a coautor em Teatro e Cinema

Para além de apresentar o programa *5 para a meia-noite* participa também em diversos projetos humorísticos, está ligado à empresa *Produções Fictícias*, colabora com a imprensa e tem livros publicados em vários géneros.

É também Formador pelas PF em workshops de escrita.

Editou *Mudaremos o Mundo depois das 3 da Manhã* (poesia) e está ainda publicado nas antologias *Ventana a la nueva poesia portuguesa* (México), Antologia das Cerejas e Caminhos do Mar – antologia poética açoriano-catarinense (Brasil).

Em teatro, é coautor de *Stand-Up Tragedy*, obra pela qual recebeu a Bolsa de Nova Dramaturgia da Fundação Calouste Gulbenkian.

É também autor de *Café do Fim do Mundo*, de uma adaptação de *Reservoir Dogs* (Quentin Tarantino), e outra de *An Immaculate Misconception* (Carl Djerassi), coautor dos espetáculos *Manobras de Diversão Produções Fictícias*) e autor das pequenas peças *Eu e Tu não Somos Nós* e *Última Chamada* (que integraram o espetáculo coletivo *Urgências* e se encontram publicadas pela Cotovia). Publicou, no domínio do humor, *Sou Português, e Agora?* (Esfera dos Livros) e integra como autor os livros *Desejo Casar*, *Choque de Gerações*, *Frases para Ter na Carteira*, *Manobras de Diversão e Inimigo Público*. Foi um dos autores de *Zapping* (a 2:, 2000) e o anfitrião e coordenador-criativo do programa da 2: *A Revolta dos Pastéis de Nata*.

Colabora com o RCP, a revista Maxmen, o jornal A Bola e o semanário SOL.

Alguns dos seus trabalhos mais conhecidos são os seguintes:

Televisão

Fenómeno, como jornalista. (2001) Revolta dos Pastéis de Nata e Sempre em Pé, como apresentador. Liberdade 21, como Guionista. (2008)

Teatro

Ópera Orfeu nos Infernos como ator, Teatro de S. Carlos. (1998) Manobras de Diversão Coautor em 5 espetáculos. Stand-Up Tragedy Coautor conjuntamente com Nuno Costa Santos. (Este monólogo valeu aos Autores uma bolsa para Nova Dramaturgia da Fundação Calouste Gulbenkian). (2003)

Cinema

A Morte do Artista onde foi Ator e coautor. (2007)

A arte de roubar, participação especial num filme de Leonel Vieira. (2008)

Second Life, como ator. Fez de Polícia neste filme da Utopia Filmes (2009)

Ator e coautor em "A Morte do Artista" (curta-metragem, Cinemor, 2007

“Emprestou" ainda a voz a anúncios de empresas como CGD, BES, Fnac, Feira Nova.

Publicou ainda vários livros, uns em parceria outros a titulo próprio, dos quais se destacam:

- Mudaremos o Mundo Depois das 3 da Manhã (2003)
- Sou Português, e Agora? (2006)
- O Playboy que Chora nas Canções de Amor (2007)

BORGES, Luís Filipe - Playboy que Chora nas Canções de Amor. Lisboa: Verso da Kapa, 2007. ISBN: 9789728974374

Sinopse: Este livro inclui confissões, comédia, drama, crónicas e contos inéditos — todos de Luís Filipe Borges — e ainda um prefácio escrito por Vicente Jorge Silva para outro livro, que nunca chegou a existir. «Luís Filipe Borges consegue em textos curtos, sincopados, quase orais, sem parágrafos, em que as conexões temáticas são muitas vezes estabelecidas pelos seus famosos e assumidos "entretantos", transmitir-nos um olhar extremamente fresco, acutilantemente irónico e de uma candura quase adolescente (e que falta, santo Deus!, nos faz a adolescência) sobre a espuma dos dias na "comédia sentada" portuguesa.

BORGES, Luís Filipe - Desejo Casar. Lisboa: Verso da Kapa, 2006. ISBN: 728974114

Sinopse: Um livro com um conceito inovador e totalmente oposto ao habitual - o verdadeiro e único livro PRETO. As páginas foram impressas a preto e o texto é aberto a branco. Este livro é o resultado de uma compilação e seleção de textos, do blogue Desejo Casar, efetuada por Luís Filipe Borges. É na sua essência, o testemunho de 10 meses de encantamento com a blogosfera, onde 13 pessoas das áreas mais diversas: do Direito ao Jornalismo, passando pelo Teatro, pela Música, pelo Design e pela Arquitetura, se reuniram e partilharam ideias e opiniões sobre: a sociedade, política, economia, entre outras - na grande maioria das vezes com humor! A seleção de textos teve como critério a escolha de temas que sobrevivessem ao efémero e onde predominam reflexões, histórias e entretenimento à volta do casamento, da família, das relações e da paixão.

BORGES, Luís Filipe - Sou Português e Agora? Lisboa: Esfera dos livros, 2006. ISBN: 9789896260002

Sinopse: Tudo começou com D. Afonso Henriques a bater na própria mãe.

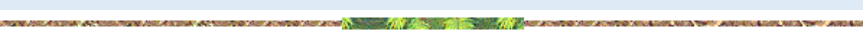
Como é que um país que nasce de um episódio destes poderia ter alguma hipótese de se sair bem?

Luís Filipe Borges arregaçou as mangas e partiu à descoberta do que afinal é ser português.

Um espécime único, com uma relação conflituosa e ambígua com o futebol, o sexo, o trânsito, o telemóvel, etc.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 34º EM PDL 2021 E NO 35º BELMONTE 2022



22. LUÍS FILIPE SARMENTO, ESCRITOR convidado

LUÍS FILIPE SARMENTO nasceu a 12 de outubro de 1956, escritor, tradutor, jornalista, editor, realizador de cinema e televisão, professor de escrita criativa, de História dos Modernismos e da Estética, estudou Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É um dos principais poetas, prosadores e cronistas contemporâneos portugueses, com livros e textos traduzidos para o inglês, espanhol, francês, italiano, árabe, mandarim, japonês, romeno, macedónio, croata, turco e russo.

Produziu e realizou a primeira experiência de vídeo livro feita em Portugal no programa «Acontece» para a RTP (Radio e Televisão Portuguesa), durante sete anos assim como para outros programas de televisão. Produziu e realizou conteúdos para o programa «Em Português Nos Entendemos» numa coprodução da RTP e da TV Cultura de São Paulo.

Já publicou vinte e duas obras e traduziu mais de cem livros.

É Membro do International P.E.N. Club, da Associação Portuguesa de Escritores e do International Comitee of World Congress of Poets.

Foi Coordenador Internacional da Organization Mondial de Poètes (1994-1995) e Presidente da Associação Ibero-Americana de Escritores (1999-2000).

Alguns dos seus textos encontram-se traduzidos em inglês, espanhol, francês, italiano, árabe, mandarim.

.Iniciou sua carreira literária aos 18 anos com a obra «A Idade do Fogo» (1975); seguida por «Trilogia da Noite» (1978); «Nuvens» (1979); «Orquestras & Coreografias» (1987); «Galeria de um Sonho Intranquilo» (1988); «Fim de Paisagem» (1988); «Fragmentos de Uma Conversa de Quarto» (1989); «Ex-posições» (1989), «Boca Barroca» (1990); «Matinas Laudas Vésperas Completas» (1994), «Tinturas Alquímicas» (1995); «A Ocultação de Fernando Pessoa, a Desocultação de Pepe Dámaso» (1997); «A Intimidade do Sono» (1998); «Crónica da Vida Social dos Ocultistas» (2000); «Gramática das Constelações» (2012); «Ser tudo de todas as Maneiras, ensaio e antologia da obra de Fernando Pessoa», Lisboa (2012); «Como Um Mau Filme Americano» (2013); «Efeitos de Captura» (2015); «Repetição da Diferença» (2016); e «Gabinete de Curiosidades» (2017). Como tradutor destacam-se a «Torah em português», uma edição luxuosa com o nome hebraico das perashiot, tradução apoiada em La Torá do Rabi Daniel ben Itzhakm na Torá e Lei de Moisés do Rabi Meir Matzliah Melamed e em outros textos de Theo Klein, A. Falk e Y. Azoulay; «101 Dias em Bagdá», de Åsne Seierstad; «Erec e Enide», de Manuel Vázquez Montalbán; «O Regresso dos Cátaros», de Jorge Molist; «O Luxo Eterno - Da Idade Sagrada ao Tempo das Marcas», de Gilles Lipovetsky e Elyette Roux; «Biblioteca de Nag Hammadi - III: A Revelação de Pedro e Outros Textos Gnósticos», apresentação e edição de António Piñero, José Montserrat Torrents e Francisco García Bazán; «Madeiro de Buxo», de Camilo José Cela, dentre outras obras.



Alguma bibliografia

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE –
 PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ, NO 33º BELMONTE 2021

23. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL

LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO

Natural de Luanda, 1948. Doutor em Sociologia (Pós-colonialismos e Cidadania Global) pela Faculdade de Economia/Centro de Estudos Sociais da U. Coimbra, Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais (U.Lusófona) e licenciado em Filosofia e Humanidades (U.Católica).

Foi Adido Cultural em Luanda e Luxemburgo, diretor dos Centros Culturais nessas cidades e Adido Cultural em Bruxelas.

Foi cooperante na formação da DGEX (Direção-Geral de Educação de Adultos) em Cabo Verde.

Foi assessor pedagógico no Gabinete do Ministro da Educação Roberto Carneiro, formador do Projeto Entreculturas e do ACIDI.

Professor aposentado (História de Portugal e Português), do Ensino Básico.

Escritor, ensaísta, investigador em pós-colonialismos, com incidência nas epistemologias do Atlântico Sul e Angola, pensamento descolonial e na obra do escritor angolano Manuel Rui.

Participa em seminários e conferências e é agente cultural (curador de exposições) com relação à arte angolana.

Autor dos textos de vários livros artísticos de desenho e texto, com o artista plástico Luís Ançã.



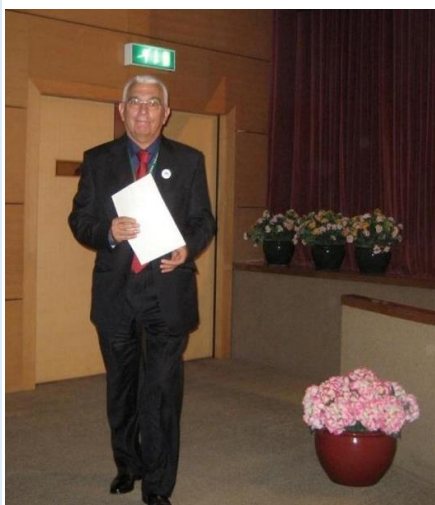
16º SANTA MARIA 2011



16º SANTA MARIA 2011



25º MONTALEGRE 2016



15º MACAU 2011



19º maia 2013

18º Galiza 2012



16º SANTA MARIA 2011



Ana Loura

Bibliografia:

1987 – História de Portugal em disparates. Lisboa: PEA (Publicações Europa-América (11 edições).

1990 – Nova e Inédita História de Portugal em Disparates. Lisboa: PEA (Publicações Europa-América (4 edições).

1990 – Animais Políticos, por Natureza. Lisboa: Editorial Notícias.

1991 – Monstros do Desporto. Lisboa: Editorial Notícias.

2004 – Estórias de Angola. Lisboa: Prefácio Editora.

2008 – História Desatinada de Portugal. PEA (Publicações Europa-América).

2010 – CPLP, a cultura como principal fator de coesão". Lisboa: U Lusófona, dissertação de mestrado. On-line.

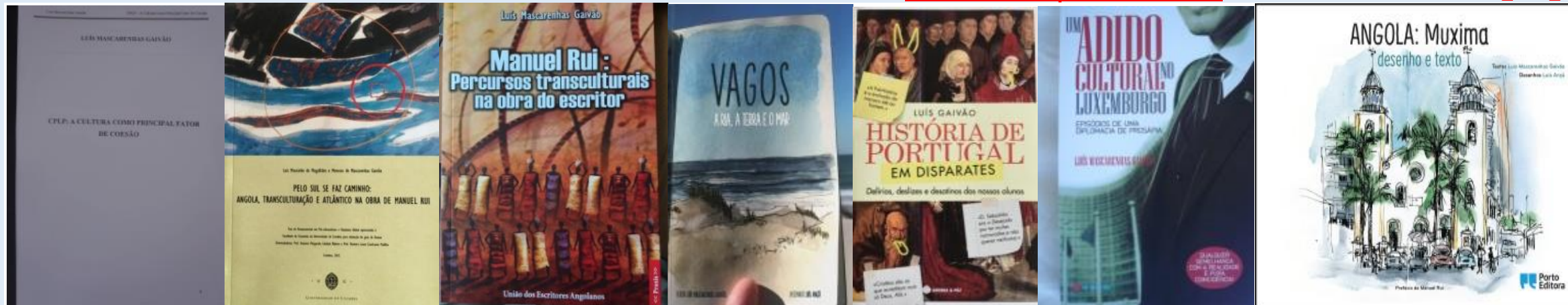
2011 – Um Adido Cultural no Luxemburgo – episódios de uma diplomacia de prosápia". Lisboa: Guerra e Paz.

2015 – Pelo Sul se faz caminho: Angola, transculturação e Atlântico, na obra de Manuel Rui. Coimbra, tese de doutoramento. Estudo Geral. On line.

2015 – Angola: Muxima, desenho e texto. Porto: Porto Editora. Coautoria com Luís Ançã (desenho)

2017 – Vagos: a ria, a terra e o mar. Praia da Vagueira: edição dos autores. Coautoria com Luís Ançã (desenho).

2019 – Lagoa, desenho e texto. Câmara Municipal de Lagoa. No prelo. Coautoria com Luís Ançã (desenho).



32º GRACIOSA 2019

Algumas publicações em revistas e intervenções recentes:

- 2019 – “Angola: colonialismo, colonialidade e epistemologia descolonial”. Graciosa (Açores), XXXII Colóquio da Lusofonia.
- 2019 - “Colonialidade, a sombra do colonialismo: como reconstruir o futuro?” (a publicar RAS, Revista Angolana de Sociologia).
- 2018 - “O percurso literário de Manuel Rui: do anticolonial e nacionalista ao descolonial”. VI Jornadas de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas na Europa Central e de Leste. Universidade Jaguelónica de Cracóvia.
- 2018 - “O Atlântico descolonial no romance Kalunga de Manuel Rui”. UNILAB, Ceará, Brasil.
- 2018 – “Oratura nas geografias iberófonas – o caso angolano de Manuel Rui”. In CULTURA (Jornal Angolano de Artes e Letras), nº 159, maio Luanda, e Studia Iberystyczne, nº 15, 2016. Krakow.
- 2018 – “O diálogo intercultural na construção da angolidade”. UBI (Universidade da Beira Interior e Centro Cultural Português no Luxemburgo).
- 2017 – “Manuel Rui, o soba dos escritores angolanos” – Póvoa de Varzim. Correntes d'Escritas.
- 2015 – “Lugares do Sul – Espaços da Lusofonia: fronteiras, tradução cultural e globalização contra-hegemónica”, in Estudos (AIL – Associação Internacional de Lusitanistas).
- 2015 – “O «outro» e a identidade angolana: incorporações e transculturalidades no Sul, segundo Manuel Rui”. Graciosa Açores: XXIV Colóquio da Lusofonia)

2014 – “O Discurso Reinventado: a Viagem das Palavras pelos Mares sem Lados”, in Cabo dos Trabalhos, revista dos doutorandos da Universidade de Coimbra.
 2013 – “Angola: Identidades, tradução cultural, transculturação”, in Mulemba, Vol III, Nº 5 (Revista Angolana de Ciências Sociais). Maio. Luanda.
 2013 – Os caminhos do Sul: transculturalidades na literatura angolana e em Manuel Rui”. São Miguel, Maia, Açores: XIX Colóquio da Lusofonia).
 2012 – “A criatividade literária na obra de Manuel Rui”. In “Manuel Rui: Transculturalidades na obra do Escritor”. Luanda: UEA (União dos Escritores Angolanos)
 2012 – “Janela de Sónia (2009) de Manuel Rui: do realismo ao maravilhoso através de um romance genuinamente angolano. In “Manuel Rui: Transculturalidades na obra do Escritor”. Luanda: UEA (União dos Escritores Angolanos)
 2011 – “Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque: as Luzes, as Guerras Liberais e o Pensamento” in Insulana LVII (Revista do Instituto Cultural de Ponta Delgada).
 2016 – “Transculturação e Atlântico, na obra de Manuel Rui”, in CULTURA (Jornal Angolano de Artes e Letras), nº 109, junho. Luanda.

Artes Plásticas:

2014 - “Artangola 90's” – curadoria da exposição de pintura, escultura, máscaras e artesanato angolano, comemorativa do 39º aniversário da independência de Angola.
 Luxemburgo: Centro Cultural Português.
 2017 – “**ANGOLA: MUXIMA, DESENHO E TEXTO**”. Exposição itinerante, a partir do livro do mesmo nome
 2018 – Covilhã (UBI - Biblioteca da Universidade da Beira Interior); Luxemburgo (Centro Cultural Português); Portimão (Casa Manuel Teixeira Gomes).
 2019 – Luanda (Angola) (Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde); Cracóvia (Universidade Jaguelónica de Cracóvia, Polónia).
 2019 – “Angola: um Universo Diverso”. Praia da Vagueira (Espaço cultural Farmácia Giro).

APRESENTA A EXPOSIÇÃO Angola: Muxima, desenho e texto

Exposição itinerante, a partir do livro do mesmo nome. Curadoria e acompanhamento: Porto (Montepio, atmosfera m); Braga (Universidade do Minho); Póvoa de Varzim (Festival Literário “Correntes d’Escritas”, Teatro Garrett); Carapinheira (Montemor-o-Velho – Escola C+S Santos Bessa); Aveiro (Universidade de Aveiro - biblioteca); Oeiras (Galeria Verney).

[Angola: Muxima, desenho e texto tem, neste texto polifónico, um objetivo limpo e claro: expressar pelo desenho de um urban sketcher e pelo texto localizado de um natural, os múltiplos modos com que os angolanos constroem a nação angolana. Esta nação é hoje o resultado transcultural de uma mobilidade intensa que a História testemunha. O legado africano bantu e não bantu, as realidades pluriétnicas em convivência, a influência da longa presença colonial portuguesa e brasileira e o resultado da vontade de ser Nação afirmam uma identidade plural, como desejavam os nacionalistas e o Presidente Agostinho Neto: um só povo, uma só nação, sempre plural.

Os autores, Luís Mascarenhas Gaivão (texto) e Luís Ançã (desenho), estiveram 15 dias mergulhados sociologicamente em Luanda e nos seus municípios. E construíram esta homenagem, pelo desenho natural que finta o turístico e o convencional e pelo texto que fala "aluandado", à natureza e humanidade dos irmãos angolanos.

Aprenderam com eles como se constroem sonhos, como se conquista a vida, dura, implacável, mas com o trunfo secreto da alegria e do recomeço.

Por isso, é um texto de amor, que, tal como o tempo africano, nunca acaba e se prolonga nos corações que também os cazumbis vêm ocupar. "Escrita que se desenha e desenhos que se escrevem num livro que entrega a arte à nossa calma, fantasia e paz]

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

TOMA PARTE DESDE 2010 BRAGANÇA, 2011 EM MACAU E SANTA MARIA, 2012 LAGOA E GALIZA, MAIA, SEIA 2013, SEIA 2014, GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, VILA DO PORTO 2017, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 35º BELMONTE 2022

24. MARGARETE SILVA, TRADUTORA FREELANCE,



LOMBA DA MAIA 2016

Margarete Isabel de Almeida Silva nasceu em Angola, e cedo soube o que era viver em países multiculturais e multilinguísticos.

Valeu-lhe um estágio académico na Secção de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, onde teve o privilégio de imergir num ambiente plurilinguístico por excelência.

Seguiram-se novas experiências profissionais não menos interessantes como Guia-Intérprete nas Caves de Vinho do Porto e outras incursões no mundo das línguas no continente americano.

Mestre em “Línguas Estrangeiras Aplicadas” (2 anos), pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2016).

Licenciada em “Línguas e Literaturas Modernas – ramo Tradução” (5 anos), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1998).

Tradutora-intérprete em regime *freelance* desde 1998, atividade que exerce a tempo inteiro.

Formadora de PLE e outras línguas para fins empresariais e aprendizagem individual, com certificação do IEF, desde 2001.

Sócia da APTRAD – Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes, desde 2015.

Sócia da AICL – Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, 2016-2019.

Gosta de palavras, da sonoridade linguística e dos diferentes sotaques. Aprecia a escrita como forma de partilhar o que lhe vai na alma. Tem particular interesse pelas línguas minoritárias e a sua preservação enquanto legado do património linguístico e identidade cultural de um povo.



BELMONTE 2017



SANTA MARIA 2017



APRESENTOU LIVRO HISTÓRIA (de)VIDAS DE FRANCISCO MADRUGA -TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

PARTICIPOU NO 26º LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 28º SANTA MARIA 2017, 29º BELMONTE 2018, 35º BELMONTE 2022

25. MARGARIDA MARTINS VILANOVA, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, presencial



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019



É SÓCIA DA AICL. - - PARTICIPOU NO 14º EM BRAGANÇA 2010, 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 27º EM BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO, 29º BELMONTE, 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 35º BELMONTE 2022

26. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUENTAL, S MIGUEL, AÇORES. AICL

Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa Franco nasceu em Ponta Delgada, São Miguel - Açores, em 1965. Completou os estudos secundários no Liceu Antero de Quental, onde leciona Português há trinta e três anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês – via ensino).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região (crónica, conto e escrita memorialística) e em revistas como a *Insulana* (Instituto Cultural de Ponta Delgada). Tem colaborado, igualmente, em diversas edições coletivas (autores da Macaronésia e autores luso-brasileiros, entre outros). Tem, igualmente, prefaciado alguns livros.

Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – numa coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas Almeida. Dois anos depois, publicou, juntamente com o marido, o fotógrafo José Franco, o livro Sentir(es) a Preto e Branco, uma simbiose de texto com fotografia. Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia. Em 2017, publicou o 1º volume do seu próprio Diário, que já vai numa segunda edição – *Um Punhado de Areia nas Mãos* – numa edição das Letras Lavadas.

É membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada e secretária da Comissão de Toponímia e Património da Câmara Municipal da mesma cidade, pertencendo à Comissão Consultiva da candidatura desta cidade a Capital Europeia da Cultura.



27º BELMONTE 2017



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



17º Lagoa 2012



17º LAGOA 2012



30º PICO 2018



32º GRACIOSA 2019

Bibliografia:

Um Punhado de Areia nas Mãos – Diário I. Ed. Letras Lavadas. Ponta Delgada, 2017

Colaborações em Publicações conjuntas:

“Andamentos de um Diário”, in *Insulana* LXVIII, 2012 – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada

Sentir(es) a Preto e Branco – Fotografias (José Franco) e Textos (Maria João Ruivo). Letras Lavadas, 2013

“Antero de Quental – Esboço de uma abordagem para os alunos de hoje”, in *Antero 125 anos Depois* – Eudino de Jesus, João Paulo Constância, José Andrade, Maria João Ruivo. Ed. Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental. Ponta Delgada, 2016

“O Exame”, in *Açores-Porto Alegre: Contistas Geminados II* – António Soares (coord.) e outros. Turiscon Editora – Porto Alegre / Brasil, 2018

“Era uma vez...aquele tempo”, in *O Livro da Amizade* – João Carlos Abreu (coord.). Ed. O Liberal - Funchal, 2018

“A Casa” e “Abraço Atlântico”, in *Abraço Atlântico* – João Carlos Abreu (coord.). Edições Fraternitas – Funchal, 2020

“Minha casa, minha brasa”, in *Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfos* – António Soares (coord.) e outros. Edição Autor Luso-Brasileiro – Brasil, 2020

“Memórias Soltas de uma Novela do Minho”, in *Avós: Raízes e Nós* – Aida Batista (org.) e outras. Ed. Alma Letra. Lisboa, 2020

“Entre-Margens” in *Avenida Marginal – Ficções*, Ponta Delgada, Maria Helena Frias (coord.). Artes e Letras, 2022

No Prelo:

“Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)” in *Teoria da Educação e Formação de Professores: Conceções, Perspetivas e Práticas*, Emanuel Oliveira Medeiros (Coord.) Ed. MIL, 2021



Apresenta Apreciação Crítica sobre o Tenuíssima Espuma de Luz, de Eduíno de Jesus

No meu trabalho, começarei por falar brevemente no rigor da linguagem poética do Eduíno de Jesus.

Em seguida, farei uma viagem pelo livro em busca do percurso poético que nele é feito, de certa forma semelhante ao da própria vida. **Nascimento, Crescimento** e uma quase **Morte** da própria criação poética, mas que deixa em aberto um claro **Ressurgir**. Finalmente, deter-me-ei no Poema que apresenta, a meu ver, a síntese possível da Teorização Poética que preside a esta obra. Trata-se de “O SOPRO” cujo primeiro verso dá o título ao livro. Nele, o Poeta busca, a meu ver, a origem do Poema, como quem busca a origem de Tudo. Ele apresenta ao nosso olhar de leitores aquele breve momento em que, do Nada, surge o Universo, tal como do caos das palavras possíveis surgirá o Poema. Assim, tal como a vida, que não havia ou não se havia revelado, surge nessa explosão inicial, esse *big bang* de que tudo descende, também o Poema se ergue “esplêndido” e se torna revelação pela Palavra.

A Propósito de Como Tenuíssima espuma de Luz, de Eduíno de Jesus -

No Princípio Era o Verbo

Apresentar uma obra do Eduíno é uma responsabilidade. Ele é um autor complexo, com um longuíssimo percurso, que exigiria um estudo apurado e consistente. Aceitei o desafio, mas queria começar por dizer que o que aqui apresento é uma leitura minha dos poemas deste livro, em que assumo o risco de estar longe daquilo que o Poeta pretendeu dizer, mas a leitura também é isso. Cada livro é um desafio à nossa apreciação e entendimento das coisas. O Poeta faz nascer a obra da página em branco e a nós, leitores, cabe desvelá-la.

Atrevo-me a dizer que a Literatura surgiu para ele na infância, nos serões em família, nos quais a mãe entoava poemas do romanceiro ou narrava contos populares e fábulas por ela inventadas. Julgo que, desde então, a Poesia foi uma constante na sua vida, de uma forma ou de outra.

Ponta Delgada viu-o crescer. Ele e outros jovens da sua geração, entre os quais se contavam alguns companheiros do Liceu Nacional de Ponta Delgada, onde estudava então, fundaram o Círculo Literário Antero de Quental, também conhecido pelo Grupo do Jade, o que lhes permitiu partilhar sonhos e ideais de mudança, que foram ganhando consistência com os anos. Numa entrevista dada ao Nuno Costa Santos para a sua revista *Grotta*, ele afirma: «Esses jovens, quando, em 1945-46, fundaram aquele Círculo, já constituíam uma pequena tertúlia extraescolar, sem-mestres, à margem do programa de estudos que os professores nos ofereciam nas aulas; isto desde os doze-treze anos de idade. Unia-nos o gosto de ler. Gostávamos de livros, cada um de nós por seu próprio acaso ou tradição familiar, e reuníamos-nos em tertúlia para falar disso.»⁵⁴ Constituíam este grupo Fernando Aires (meu Pai), Eduíno de Jesus, Jacinto Soares de Albergaria, Fernando de Lima, Eduardo Vasconcelos Moniz, entre outros.

Mas nem tudo surgia à margem dos ensinamentos dos mestres. Eles tinham os seus mentores literários, que os ajudaram a refletir sobre o seu tempo e os introduziram num quadro de referências estéticas e literárias que os fizeram vanguardistas, nessa longínqua Ponta Delgada, desse também longínquo ano de 46: Ruy Galvão de Carvalho, Armando Côrtes-Rodrigues, Diogo Ivens e, mais que tudo, o espírito inquieto de Antero, que começou a pairar sobre eles, que deu nome ao Círculo e os despertou para a importância da indagação.

Cedo o Eduíno começou a praticar as formas poéticas que ia aprendendo nas aulas. Essa prática precoce das regras formais e rítmicas permitiu-lhe tomar o pulso da arte poética e começar a interiorizar a linguagem da poesia e os virtuosismos da palavra. Esse exercício da composição poética, seguindo cânones mais clássicos e exigentes, foi fundamental para ele ganhar uma personalidade artística própria e uma linguagem que o define como o Poeta que hoje conhecemos, extremamente exigente consigo, de um enorme rigor e, por isso mesmo, sempre renitente em publicar. Por essa razão, aqui estamos hoje a celebrar o nascimento deste livro.

⁵⁴ *Grotta*- n.º 2, Nuno Costa Santos (Dir.) – Letras Lavadas, 2017

O seu trabalho de pensamento e de escrita é de um enorme rigor e exigência e está longe de ser pacífico. Há nele um silêncio recolhido, momento em que dialoga consigo e com o mundo que o rodeia e que o leva a uma constante indagação sentindo, por vezes, que não há as palavras certas para configurar todo esse universo reflexivo, o que o conduz à angústia frequente, talvez quase permanente, de sentir que fala uma linguagem que nem sempre é apreendida pelos outros.

Exímio no uso que faz da palavra, cada frase, cada ideia que lhe sai das mãos é um processo que se adivinha quase doloroso, pela busca da forma perfeita para os significados que quer transmitir. É um fascínio observá-lo nesse processo de criação, porque tomamos consciência da potencialidade da linguagem ao vê-lo selecionar, meticolosamente, a palavra certa para o lugar que lhe é destinado, como faz um ourives, que escolhe, com uma infinita paciência, imaginação e habilidade, a pecinha milimétrica para o seu trabalho de filigrana. É isso que o Eduíno faz em cada frase que escreve – uma peça de filigrana linguística. E creio que isto é bem visível neste livro que temos nas mãos.

Um bom exemplo desse labor é o poema “Anunciação” (p. 24), que revela o surgimento da Poesia. É difícil explicá-lo aqui, porque é um texto que vive também do visual, da disposição dos versos na página, como quem compõe uma pauta. É um conjunto de sons visuais, que se vão distribuindo em versos, quase todos de uma ou duas sílabas, num ritmo único e rimas inesperadas, tão subtis, que quase nos escapam, mesmo numa leitura atenta. Tudo - sons, palavras, elementos visuais - remete para a ideia de que a Poesia surge ao de leve (sendo essa leveza dada pela repetição dos ss), quase impercetivelmente, fugidia, sem aviso, flutuando no som vago de uma “ambígua melodia”, que uma “frágil semente de vento” origina. O poema termina com a palavra “Poesia”, caindo pela página como um som harmonioso que escorre de mansinho.

O Poeta faz um uso hábil das potencialidades das palavras. Não só dos seus significados, mas dos significantes, mostrando que o poema, mais do que um elemento semântico, é uma peça de arte formal. Deste modo, cria rimas e ritmos inesperados, como podemos ver no poema “A Palavra”, (p. 32):

*que dentro
do teu silêncio
só silêncio
havia*

*todavia
havia toda
a sabedoria
do Mundo*

Quem o conhece sabe que uma das suas angústias enquanto poeta reside na busca da forma ideal para revelar “a Beleza que não morre”, por achar que nunca alcança a palavra exata para definir e plasmar essa Beleza como valor absoluto. Uma vez que ele valoriza o **silêncio** como momento privilegiado de apreensão de conteúdos e faz uso dele para criar sentidos, sugere mais do que diz, cria elipses e seduz o leitor, deixando-o sempre em suspenso, tentando dar **som** ao poema, em busca dos sentidos sugeridos.

Esta obra está dividida em cinco partes, sendo dessa divisão que partiu a minha análise. Ao percorrermos estas páginas, vislumbramos um percurso poético de certa forma semelhante ao da própria vida. **Nascimento, Crescimento** e uma quase **Morte** da própria criação poética, mas que deixa em aberto um claro **Ressurgir**.

Desta forma, **na primeira parte**, busca-se a origem, a própria génese da criação poética. Aqui a Poesia surge, frequentemente, como algo volátil, na forma de um apelo que se ergue de um “imemorial silêncio”, como um “frémido de asa” fugidio e que flutua como uma “brisa leve”, como se vê em “Asa flutuante”. Talvez seja essa mesma fugacidade que obriga o Poeta ao trabalho árduo de tentar dominar a Palavra, fazendo com que dela surja o Poema. Esse trabalho doloroso é bem visível em “Artesania Poética”, onde se trabalha a Palavra até se “perder os sentidos”.

Ao mesmo tempo, em “Gaia Ciência”, por exemplo, o Poeta compara-se à aranha que tece a sua teia. Desta forma, o seu desejo consistiria em atingir “a frágil teia/do poema” na página branca onde poderá vir a surgir, de repente, a Poesia (pág.28).

Na Parte II, constituída por dois poemas – “Da Poesia o Corpo I” e “Da Poesia o Corpo II” – ergue-se uma forte sensualidade. Dir-se-ia que o Poeta, na sua árdua tentativa de conquistar a pulso a Palavra da qual se irá erguer a sua Poesia, toma, finalmente, posse da mesma, como quem desflora uma rapariga, num impulso idêntico ao da conquista da própria arte. Essa “súbita hora / de tentação”, em que o Poeta vê na criação poética o seu fim e a sua origem, é a própria essência do desejo do artista que, na volúpia do ato criativo, encontra na Poesia a sua máxima completude.

Nessa conquista feita a pulso, numa espécie de êxtase, de delírio, o Poeta encontra por momentos alguma harmonia, sublimando, assim, a sua arte. Esta ascendeu do plano da conquista quase carnal a uma elevação que buscaria a harmonia cósmica. Desta forma, **na terceira parte**, Poesia e Música surgem, então, claramente associadas na procura, quem sabe, da perfeição estética. Aqui temos um encontro com o Universo através dos sentidos quando em “Sinfonia Cósmica” o eu poético anuncia

“às estrelas/por música/ o teu nome” (p. 47)

ou na composição “Tema para um Quadro de António Dacosta” (p. 49), se erguem fortes imagens visuais e auditivas sugerindo pinceladas, como

*flocos de harpa sono-
lenta*

ou o

*delicado
aroma de açucenas*

que se ergue no ar.

Em “Alegoria da Ave” (p. 52), o Poeta como que se identifica com uma ave cuja sombra simboliza, de alguma forma, a sua própria vida. Está presa numa gaiola que ele bem conhece e da qual se libertará pela música, isto é, pelo poder da arte. Depois de um prolongado canto noturno, a ave morreu, deixando o poeta de luto por si próprio, esperando, certamente, uma ressurreição através da Poesia.

Encontramos, ainda, música na frescura do poema “Loas à Cantiga de 4 Versos”, num regresso à pureza das origens. É uma “cantiga criada no campo”, uma “cantiga rapariga”, “de corpo moreno e casto”. Mais uma vez, vemos o eu poético enleado nessa poesia-rapariga que lhe surge de madrugada, em botão, e se desfolha na sua noite dolorosa.

Mas, a provar que a Poesia constrói e se reconstrói a partir do caos, esse breve momento de harmonia cósmica é rapidamente destruído pelo confronto com a realidade crua do mundo e entramos num universo poético de contrastes entre vida e morte, abismo e elevação. Em “Simples Apontamento Coreográfico” (p. 48), por exemplo, há um projétil que cai no meio da cidade e, por entre o caos dos destroços e dos corpos, há uma rapariga que canta e dança, tentando sustentar o mundo pelo poder da beleza.

Da mesma forma, no expressivo poema “Guitarra Portuguesa” (p. 62), de caráter narrativo, temos o retrato de uma noite que poderia ser de uma qualquer viela lisboeta. A noite é povoada por figuras duvidosas que, no entanto, se humanizam, de algum modo, pela música: um marujo bêbedo que canta, um rufia, de navalha afiada, que trauteia uma música de amor. E, pelo meio dessa noite algo sórdida, surge um bêbedo que chega a casa e faz um amor à pressa, num gesto desencantado. A acompanhar tudo isto, temos o som persistente de uma guitarra. Ao passarmos por esta **terceira parte**, sentimos que poesia e música são artes afins e que, na sua ligação à vida, nos dão conta desta nas suas mais variadas facetas.

Nesta parte, há um apelo da vida e da força genesiaca da Arte, mas também o anunciar de desencantos que se vão agudizar na **quarta parte** do livro. No seu percurso reflexivo, o Poeta mergulha na mágoa, na dor, na saudade e na sensação de declínio.

Em “Saibam Quantos” (p. 73), por exemplo, temos um canto triste e magoado. O Poeta canta como uma “ave presa”, tentando, nesse impulso, construir um poema que acaba por não lhe sair das mãos. São inúmeras as imagens de desalento e incompletude como a da Poesia comparada a uma árvore sem frutos, na qual ninguém repara, ou à imagem de uma flor a boiar na água que é vazia porque não tem “dentro” e rapidamente se desfaz com um sopro de vento. É uma imagem extremamente expressiva, esta, que nos deixa a sensação da mágoa e do desalento do Poeta, que tanto luta e se sente de mãos vazias. E é desse desalento que surge uma saudade magoada das “palavras nunca ditas” de nomes, músicas e aromas vagos, indefiníveis. Uma irremediável “saudade de Nunca Mais”.

Nesse balanço que é feito de todo um percurso Poético, inevitavelmente surge o Poeta como um sonhador que quer ainda reconstruir a sua torre de marfim, mas sente que as palavras se lhe escapam transformando-se tudo num

“frémio de asa
entre o desejo
e a renúncia.” (“Frémio” p. 86).

Há ainda um sopro de desejo que o anima para, de imediato, recair no desalento e na desistência, reconhecendo, no entanto, que

“O que hei sonhado
é o pouco que ainda presto.”.
(poema “Definição”)

A última parte é perpassada pela ideia de desistência, vazio, destruição e morte.

No poema “Já Não São Precisas as Vossas Ferramentas” (p. 93), sentimos perto o fim, no apelo que é feito ao Homem moderno para que abandone tudo. E este “tudo” é, afinal, aquilo que contribuiu para a própria desumanização. Negócios, paixões, guerra e paz, crimes e engenharia genética são elementos que surgem num balanço desalentado e doloroso do mundo atual. “Deixai tudo isso”, diz ele. E, numa amarga ironia, questiona para que terá servido a própria Poesia. “Deixai tudo isso para uma próxima eternidade” é o apelo, como se tivesse o desejo desesperado de que a Humanidade comesse do zero no cumprimento da lei do eterno retorno, mas na esperança de que ao menos se mantenha a capacidade de sonhar:

*Deixar tudo
e seguir no rasto
de um sonho*

é o “Programa” do Poeta. “Não esperar nada”, diz ele.

Ao mesmo tempo, em “Capitulação” (p. 100), num cenário apocalítico de destruição e morte, em que parece baixar os braços e aceitar resignadamente esse destino, há um apelo desesperado para que deixem ao menos

*o Poeta abraçado
à sua nuvem...*

como se a salvação possível estivesse nesse sonho da criação.

Este percurso, que representa, no fundo, a busca existencial do Poeta, que encontra na própria arte da Palavra a forma possível de uma qualquer salvação, este percurso, dizia eu, de Nascimento, Completude e Morte, deixa no final, “neste árido e agreste descampado do Mundo”, uma possibilidade de Ressurgimento, numa outra primavera que venha

*acender, no negrume
da Noite, para os Poetas, a Lua.*

Não queria terminar sem, antes, me deter num Poema que apresenta, a meu ver, a síntese possível da Teorização Poética que preside a este livro. Trata-se do Poema “O SOPRO” (p. 20).

1

*como tenuíssima espuma de luz
eco perdido
da primeira vibração*

*algures
no imo do infinito
Nada*

2

*como um fogo
ainda não e
jamais acendido*

*frémto de nenhuma
coisa ou alma
digamos*

3

*súbito
explode no âmago da Palavra
irrompe indomável
em todos os sentidos do Sentido*

*e
o corpo do poema
ergue-
-se*

e s p l ê n d i d o !

1992

Neste poema, cujo primeiro verso dá o título a este livro, o Poeta busca, a meu ver, a origem do Poema, como quem busca a origem de Tudo. Ele apresenta ao nosso olhar de leitores aquele breve momento em que, do Nada, surge o Universo, tal como do caos das palavras possíveis surgirá o Poema.

No primeiro verso, tudo aponta para algo ténue, volátil, nessa fragilidade de um começo que é, por isso mesmo, quase invisível, ideia evidenciada pelo adjetivo “tenuíssima”, que surge no superlativo, e na metáfora “espuma de luz” – algo frágil que se desfaz com um sopro, mas que é, todavia, animado pela luz, que remete para a origem, essa “primeira vibração”, espécie de esboço do que virá a ser a vida, esse frémto primeiro, vindo do âmago do Nada, que se anima e que deixou um “eco perdido”, que vem da lonjura do Começo e que o homem anseia encontrar, achando que nele estarão as respostas para os enigmas ligados a esse Nada que deu origem a Tudo e que os homens buscam desde sempre.

Ao mesmo tempo, surge “um fogo” ainda não e / jamais acendido // frémto de nenhuma / coisa”, remetendo, pelos próprios termos da negação – “não”, “jamais” e “nenhuma” – para o mesmo Nada, mas “frémto”, apesar de tudo, confirmando essa “primeira vibração” que, de súbito, surge do mais fundo da Palavra, dando origem ao Poema. Assim, tal como a vida, que não havia ou não se havia revelado, surge nessa explosão inicial, esse *big bang* de que tudo descende, também o Poema se ergue “esplêndido” e se torna revelação pela Palavra.

Esta ideia remete para o Apóstolo João: “No princípio era o Verbo”, ideia que implicaria que, sem a Palavra (o Verbo), nada poderia existir. Do Nada, tudo surge pelo poder ativo da Palavra. Aliás, quando São João afirma que “no princípio era o verbo”, a expressão “no princípio” remete para o Génesis - “No princípio criou Deus o céu e a terra”. Poderemos ter em conta que essa expressão remeterá para o começo material do universo ou, pelo menos, para a noção espaciotemporal. Além de que, se no princípio *era* o Verbo, poderíamos achar que, antes de o mundo existir, já o Verbo existia.

Não pretendo resvalar aqui para um terreno que não domino, mas, ao ler este “Sopro”, não pude deixar de pensar nessa questão, por difícil que seja entendê-la efetivamente e cujo aprofundamento deixarei para quem sabe. De qualquer modo, achei ver aqui colocada esta problemática da origem. De uma outra forma, esta ideia está também presente no poema “As Palavras” (p.37), que o autor dedica a Fernando Aires, em que mostra, mais uma vez, esse poder iniciático da Palavra. E cito:

*Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,
elas lá ficam na página branca
à espera de um Levanta-te e caminha
de qualquer voz humana.*

A poesia do Eduíno leva-nos por caminhos imensos, não fáceis de trilhar, e torna -se uma procura e uma descoberta permanentes, pois sugere, mais do que diz, deixando algum caminho aberto ao leitor. Ele encontra nas virtualidades da Palavra uma forma de busca, de indagação permanente. E a busca é uma forma de vida sonhada, pois o mundo é um grande mistério ainda por desvelar. Sendo assim, a Palavra transforma-se em Poema, dando, então, ao Poeta, o privilégio de buscar a origem ao mesmo tempo que vai criando a eternidade possível.

*As palavras, meu Deus, como são
Imprecisas, volúveis. No entanto,
elas só (enquanto os homens passam)
guardam para sempre o sinal do tempo.* (“As Palavras”, pág. 37)

Para terminar, gostaria apenas de concluir que, se atentarmos nos poemas de abertura e de fecho deste livro, respetivamente, “Lápide” e “A Mensagem do Poeta”, veremos que há um percurso, pelo meio, em busca de algo. Partiu-se da ideia de que a Palavra do Poeta é “vã” e “inútil como o silvo / de (...) uma flecha disparada ao infinito.”, mas ao longo da sua caminhada, o Poeta, qual Dom Quixote, procurou avidamente a Palavra certa e perfeita, fechando um ciclo de criação, mas deixando a semente que germinará de novo, num eterno retorno poético. É o que nos diz a “Mensagem do Poeta” (o último poema) e cito:

*na margem
do grande estuário do rio
que anuncia
o fim da viagem*

cresce

*(ainda) a árvore meta-
física em cujos ramos a mensagem
do poeta*

floresce

Belmonte, abril de 2022 (35º Colóquio da Lusofonia)
Maria João Ruivo

*Fez a pré-apresentação de crónica do quotidiano inútil, 50 anos de vida literária de chrys chrystello,
[ler aqui](#)*

**É SÓCIA DA AICL. –
- VOGAL SUPLENTE DA DIREÇÃO
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE, -
PARTICIPOU EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA, NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021 35º
BELMONTE 2022**

27. MÁRIO MELEIRO, (UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, ESE, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA)



LOMBA DA MAIA 2016

LOMBA DA MAIA 2016.

MÁRIO JOSÉ SILVA MELEIRO Nasceu em Soutelo – Mogadouro (Trás-os-Montes), em 1974 e reside na Guarda, onde fez o estágio profissional na Escola Secundária Afonso de Albuquerque. Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre em Linguística Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Católica – Polo de Viseu e doutorado em Linguística (Linguística Histórica) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, É docente da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda, desde 2000. Além da docência, desenvolveu a sua atividade como formador do Programa Nacional do Ensino do Português (PNEP), da Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário (TLEBS), do Acordo Ortográfico (AO 1990) e das Metas Curriculares de Português (MCP). Com participação em diversos congressos, em alguns deles com apresentação de comunicação, a área de investigação centra-se na morfologia e no léxico da língua portuguesa, embora com algumas incursões pela literatura, área de investigação atual.



SEIA 2014



APRESENTA José Saramago, escritor de textos dramáticos, Mário José Silva Meleiro (Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior, Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, Instituto Politécnico da Guarda)

Pretende-se dar a conhecer uma outra faceta do escritor português galardoado com o Prémio Nobel da Literatura (1998).

Se José Saramago ficou sobretudo conhecido do grande público como ficcionista, com romances como *Memorial do Convento* (1982), ele é também autor de várias outras tipologias textuais, como contos, poesia, livros infantis e textos dramáticos, além de crónicas, diários, memórias e um livro de viagens.

Apesar de ser mais conhecido como um exímio prosador, oriundo da classe trabalhadora, que só atingiu a celebridade quando cumpriu os 60 anos, é um autor multifacetado, com cinco peças teatrais que é também importante divulgar.

Assim, esta apresentação pretende resgatar esta tipologia textual e dar a conhecer os textos dramáticos escritos por Saramago, sobretudo *A Noite* (1979).

Será apresentada uma breve contextualização histórico-política de Portugal para melhor se entender a criação artística desta obra, cuja ação se desenrola numa noite de extrema importância para a democracia portuguesa (24-25 de abril de 1974), levada à cena em 2013 no Teatro da Trindade. A luta contra o regime é uma máquina em movimento que já não podia ser parada.

1. Introdução

José Saramago tem mais de 40 obras publicadas, mas, como refere ainda Maria Alzira Seixo (1987), o teatro não é, certamente, a forma privilegiada da manifestação artística de José Saramago. Talvez por isso, a sua obra dramática ainda não tenha recebido da crítica o mesmo apreço dos seus romances. O próprio Saramago manifesta algum descrédito nesta sua vertente na dedicatória de *A Noite*, obra que marca a sua estreia na dramaturgia, publicada em 1979: *À Luzia Maria Martins, que me achou capaz de escrever uma peça*.

Igualmente na entrevista a Carlos Reis (2015:114), Saramago reconhece essa veia menos artística: “o facto de ter escrito quatro peças de teatro [*Don Giovanni* ou *O dissoluto absolvido* ainda não tinha saído] 55 não só não me leva a considerar-me dramaturgo, como não me dispõe a escrever qualquer outra coisa sob a forma teatral. Seja como for, eu não podia ter escrito romances de nenhuma destas histórias”.

Como refere ainda Fernando Mendonça, na recensão a *A Noite*, “só se escreve teatro por irresistível vocação”. De facto, escrever teatro pode ser uma tentação, mas é, também, um perigo. E são alguns os “dramaturgos por acidente”, aqueles que se desviaram do romance ou da poesia para tentar a sorte no drama. À cabeça poderá estar Camões, com as suas três peças: o *Auto do Enfriões*, o *Auto d’El Rei Seleuco* e a *Comédia de Filodemo*.

Não é, contudo, este o objetivo aqui pretendido, classificar Saramago como dramaturgo por acidente ou por ocasião. Pretende-se, acima de tudo, contribuir para a divulgação da dramaturgia saramaguiana. Embora alvo de algumas críticas, *A Noite*, sobretudo no Segundo Ato, e mesmo já sabendo do desfecho da Revolução dos Cravos, pelo menos nós, os portugueses, não deixa de ter momentos em que apressamos a leitura para um virar de página mais rápido para chegar lá, para chegar à confirmação do que já esperávamos.

A peça *A Noite* de Saramago foi já levada a palco algumas vezes. A primeira, como nos é referido logo no início do livro, foi representada pelo Grupo de Teatro de Campolide, em maio de 1979, com encenação de Joaquim Benite, cenário de António Alfredo e direção musical de Carlos Paredes. Mais recentemente, foi representada no Teatro da Trindade, escolhida para assinalar o 15º aniversário da atribuição do Prémio Nobel da Literatura ao autor português. Conta com um elenco bem conhecido do público português (Vitor Norte, Paulo Pires, João Lagarto, Sofia Sá da Bandeira, Joana Santos, Filipe Crawford, Pedro Lima, Samuel Alves e Fábio Alves) e foi encenada por José Carlos Garcia, com texto adaptado de Paulo Sousa Costa. A mais recente representação, no Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo, acontece neste mês de abril de 2022 e faz parte das comemorações do centenário do nascimento do escritor. O destaque vai para a sessão noturna, às 23.00 horas do dia 24 de abril, e transporta-nos para o último suspiro da ditadura em Portugal.

E porque “existem dias que mudam o rumo da História... e noites ainda mais fulcrais que os antecedem. Regressemos à madrugada de 24 de abril de 1974” 56.

2. A Noite

A peça *A Noite* reproduz, em dois atos, a “profunda impressão de tédio, de rotina, de noite igual a outras” (Saramago, 2014:11-12) 57, vivida em um qualquer jornal da década de 70 em Portugal. Disso mesmo nos dá conta o próprio Saramago antes da entrada no Primeiro Ato: “A acção passa-se na redação de um jornal, em Lisboa, na noite de 24 para 25 de abril de 1974. Qualquer semelhança com personagens da vida real e seus ditos e feitos é pura coincidência. Evidentemente.” (Saramago, 2014:11-12).

Sem resumir pormenorizadamente a peça, ela assenta, principalmente, no conflito entre dois grupos, o de Valadares, que conta com a proteção das chefias, e o de Torres, personagens que têm posições diferentes face ao regime vigente em Portugal. Poder-se-ão ainda considerar outros pequenos grupos que se vão formando, mas sempre com posições de apoio ou condenação aos dois principais grupos, como o de jornalistas, o da tipografia e, como referido no final da peça, o grupo de Pinto, o único sem posição definida. Por outras palavras, os que apoiam, mais direta ou menos diretamente, um governo ditatorial, e os que se lhe opõem, sempre na esperança de um dia o jornal cumprir a sua verdadeira missão, informar. Do lado dos primeiros, encontramos não só as chefias, o administrador (Figueiredo), o diretor do jornal (Máximo Redondo) e o chefe de redação (Abílio Valadares), mas também alguns dos funcionários do jornal (Esmeralda, Fonseca, Guimarães...). Por sua vez, os que acreditam numa mudança do poder político, o redator da província, Manuel Torres, a estagiária Cláudia e alguns funcionários da tipografia, Jerónimo, Afonso e Damião.

O Primeiro Ato começa com um telefonema de Valadares para o coronel Miranda, do exame prévio, para saber quais os cortes nas notícias a publicar. A submissão de Valadares às chefias e do próprio jornal à censura é evidente:

Valadares

Como estamos de provas? Vistas até à 85. Ótimo. E cortes? Temos muitos? Ainda bem. Então diga. 13, 17, 22, 26. Não é 26? Ah, 27. Diga, diga. Estou a tomar nota: 35, 52, 53, 54, 55... (Saramago, 2014:14).

Valadares

O senhor diretor nunca atrasa o jornal, o senhor diretor é o jornal (Saramago, 2014:17).

55 São cinco as peças escritas por José Saramago: *A Noite* (1979), *Que farei com este livro?* (1980), *A segunda vida de Francisco de Assis* (1987), *In Nomine Dei* (1993) e *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido* (2006).

56 Cf. <https://espalhafactos.com/2013/11/28/a-noite-de-jose-saramago-ate-os-melhores-se-deixam-contaminar-pela-corrupcao/> (consultado a 19-03-2022).

57 Todas as referências à obra serão a partir da edição da Porto Editora (2014).

Valadares

Pois, nós demos a notícia... Com o relevo que merecia... Foi uma grande manifestação de solidariedade com a política do governo... (Saramago, 2014:90).
A proteção dos superiores permite a Valadares uma postura autoritária, que, paulatinamente, irá perder ao longo da peça. Para Torres:

Valadares

Você não me vem ensinar o direito que eu tenho. Nesta Redação quem manda sou eu (Saramago, 2014:23).
Por outro lado, Torres mostra-se sempre destemido:

Torres

(...) a razão é não querer eu escrever uma linha só que seja que, diretamente ou indiretamente, faça o joguinho do regime, pois é para isso que existe este jornal... (Saramago, 2014:54).

Valadares

Você está a fazer insinuações? (Saramago, 2014:55).

Torres

Vejo que não me compreendeu. Estou a fazer afirmações. (Saramago, 2014:62).
Para o grupo de Torres, a realidade é bem clara:

Jerónimo

Deixa lá, não te rales tanto. O verbo é sempre o mesmo: eu obedeco, tu obedeces, ele manda. E para quê? Para fazer uma coisa que de jornal só tem o nome e o papel... (Saramago, 2014:24).
Há, porém, ao longo da peça uma constante tentativa de Valadares para disfarçar este apoio ao regime, tentando mostrar, sobretudo através de palavras, a independência do jornal:

Valadares

Isto não é uma folheta de província, é um grande jornal. (...) Já viu missão mais responsável que a do jornalista? A objetividade, o rigor, o respeito pelo público... (Saramago, 2014:60).

Valadares

Isto é um jornal responsável, não é nenhuma folha de couve... (Saramago, 2014:86).

Valadares

Sou um profissional da informação, não sou um político. Defendo a objetividade da imprensa, não estou comprometido com o poder... (Saramago, 2014:95-96).
A luta de Torres parece, no entanto, ser inglória, pois a crítica não é apenas contra o jornal e os coronéis da censura:

Torres

Aquele tipo a falar-me de objetividade, de ideal, de isenção, de respeito pelo público, quando nos limitamos a assinar aqui um jornal que já vem feito das mãos dos coronéis da censura!... Os maviões, os suaves coronéis, ternos avós dos seus netinhos... Fica sabendo que os verdadeiros, os autênticos jornalistas deste país desgraçado são os coronéis da censura: nós somos simples copistas, passamos a limpo. (Saramago, 2014:70).

mas estende-se ao público, que se mostra acéfalo, pouco crítico:

Torres

A quem tudo isto deveria ser explicado, não era a você, era a toda essa gente que anda na rua, que compra o jornal e o lê, e acaba por acreditar mais no que ele diz do que naquilo que os seus próprios olhos veem. (Saramago, 2014:64).

Com as suspeitas de uma revolução a transformarem-se em provas, o nervosismo de Valadares aumenta. Submisso às chefias, assume a falta de pulso na gestão do jornal. Foram várias as frases feitas que, ao logo da peça, indicavam o caminho a seguir, mas que nem sempre Valadares foi capaz de percorrer, o autoritarismo:

Valadares

Mas sabe como são os jornalistas, com um pormenor de nada, uma insignificância, enchem-se de vento, e depois é difícil agarrá-los. Dá-se-lhes a mão, tomam logo o pé... (Saramago, 2014:37-38).

Diretor

As línguas andam demasiado soltas, isso é verdade, mas por enquanto a política é travá-las, não é cortá-las. (Saramago, 2014:41).

Diretor

Não admita, não admita. Corte a direito. Processo disciplinar, suspensão. Se não lhes apara as asas, eles começam logo a voar alto. O Torres é incorrigível, e o Jerónimo é um velho problema... Mas são competentes. Vá aguardando, Valadares. Um dia resolveremos esses casos. Os furúnculos só devem ser espremidos quando estiverem maduros. (Saramago, 2014:43).

Valadares revela-se, efetivamente, um fraco, uma marioneta não só nas mãos dos jornalistas:

Valadares

Um momento, ó Fonseca, deixa-me tratar do assunto. Que diabo, não te metas. Essas perguntas, ia eu justamente fazê-las. Responda-me a elas, Jerónimo. (Saramago, 2014:84).

Fonseca

Este jornal está a precisar de um pulso forte, ou vai tudo por água abaixo. (Saramago, 2014:101).

mas também das chefias:

Diretor

Isto é uma guerra, e na guerra não se pode estar a poupar o inimigo.

Valadares

Sim, senhor diretor.

Administrador

Precisamos de salvaguardar a nossa autoridade, senhor Valadares. Tem de compreender.

Valadares

Sim, senhor administrador. (Saramago, 2014:122).

Numa última tentativa, desesperada, de proteger o regime e não informar o público do que se está a passar, o diretor do jornal tem ainda uma ideia brilhante:

Diretor

E se nós não fizéssemos sair hoje o jornal? (Saramago, 2014:110).

Esta ideia depressa cai por terra, mas não pelas melhores razões, as do dever de informar. O administrador está, de facto, preocupado, mas com outras questões... os anunciantes, o lucro:

Administrador

Aconteça o que acontecer, amanhã é dia de vender muito papel. Vamos perder a oportunidade? (Saramago, 2014:119).

Não deixa de ser curioso que é na voz da estagiária, da nova geração, que Saramago coloca uma resposta objetiva, firme. Mesmo sendo constantemente ameaçada:

Valadares

Olhe, menina, tenha lá cuidado, que às vezes, quando menos se espera, sucedem desgraças, cai um vaso do telhado. (Saramago, 2014:32).

Valadares

Quanto à Cláudia, é estagiária, está com um pé dentro e outro fora. É só esperar a oportunidade. (Saramago, 2014:61).

e criticada:

Esmeralda

Vêm para o jornalismo estas lambisgoias de blue jeans, ainda a cheirar à mãezinha delas. Malcriadas. Se calhar, até se drogam. Não me admiraria nada. (Saramago, 2014:103).

Todas estas intimações não a vencem para proferir a frase certa no meio do dilema:

Cláudia

A nossa primeira e única obrigação é ir averiguar o que se passa e dizer. Não temos outro dever. (Saramago, 2014:114).

Há, no final da peça, uma clara desorientação do grupo de Valadares. Perante o entusiasmo vivido na redação por parte do grupo de Torres, já nem o diretor consegue pôr em prática os concelhos que tanto pregou a Valadares nem os que o administrador lhe dá neste momento:

Administrador

Fale-lhes com firmeza.

Diretor

Eu mandei chamar apenas o chefe da tipografia. Os outros dois voltam para o serviço.

Jerónimo

Não voltam para o serviço, senhor diretor, porque justamente estão em serviço. Se nos encontramos aqui os três, não é por capricho nosso, mas porque representamos a tipografia. Ou prefere que a Oficina venha toda para aqui? Tem de escolher: ou nós três, ou a tipografia em peso.

Diretor

Fique sabendo, Jerónimo, que não costumo ceder a ameaças... só para não perdermos tempo é que permito que fiquem. (Saramago, 2014:124-125).

A confiança dos do grupo de Torres é inabalável. Depois da tentativa falhada de um golpe de estado a 16 de março, classificado como “um pequeno cismo imediatamente dominado” (Saramago, 2014:18), as senhas da revolução já foram transmitidas pelo transístor da redação:

Voz do locutor

Faltam cinco minutos para as onze horas. Paulo de Carvalho canta “E depois do adeus”. (Saramago, 2014:47).

E, num segundo momento e num ato desajeitado, Faustino, em vez de desligar o transístor, aumenta-o para se ouvir, bem alto, novamente a voz do locutor:

Voz do locutor

Grândola, vila morena / Terra da fraternidade / O povo é quem mais ordena / Dentro de ti, ó cidade”. (Saramago, 2014:65).

O momento da mudança está iminente:

Afonso

Temos feito jornais passivamente, às vezes a chorar de raiva, temos transformado a vergonha em lágrimas de chumbo, e temos derretido as linhas de chumbo à espera que chegasse o dia em que fundiríamos novas linhas. Linhas novas, entende? Chegou esse dia. É hoje. (Saramago, 2014:126).

Na verdade, e como refere Jerónimo, “a máquina já está a andar”. A revolução não pode ser parada, mesmo com o desejo do grupo do administrador “Há de parar! Há de parar”. No meio deste duelo, há ainda o grupo do Pinto que levanta algumas dúvidas: “E se parar? E se parar?”. A resposta é imediata: “Tornará a andar!” O barulho da rotativa cresce constantemente até ao corte súbito para se ouvir a última fala: “Tornará a andar!”

3. Conclusão

Na verdade, podemos afirmar que *A Noite* não nos arrebatava pela sua ação, pela capacidade de nos empolgar, e o Primeiro Ato é verdadeiramente responsável por essa situação. De facto, tudo é exageradamente parado, não há movimento, apenas conversas que, no fundo, servem para catalogar grupos, para definir as forças do poder e da oposição. Servem para qualificar os arrogantes, os protegidos, os submissos. Servem ainda para evidenciar os competentes, os desejosos de exercer um verdadeiro jornalismo, os desejos de um 16 de março convertido num 25 de abril, que viria a acontecer.

Assim sendo, *A Noite* tem, sobretudo, um carácter documental. De episódio fictício numa redação de um qualquer jornal antes do 25 de abril, passa a possível realidade do que poderia ter acontecido nessa redação, com a descrição das emoções, dos dois lados das divergências ideológicas, antes da confirmação de uma revolução indesejada por uns, mas tão esperada por outros.

Como refere Amorim-Mesquita (2011), *A Noite* não é, de facto, um drama histórico, limitando-se a reproduzir os factos históricos, mas sim um drama de tendência histórica, que se apropria da História apenas como pano de fundo para a sua criação estética.

Tem, para mim, um mérito inegável: mesmo sabendo de antemão o desfecho da peça, o Segundo Ato provoca, página a página, um primeiro esboço de um sorriso no rosto que entusiasma, que vai crescendo, que faz acelerar a leitura, para culminar no sorriso triunfante de orelha a orelha.

A satisfação é inegável. Os maus perderam.

Bibliografia

- Maluly, L. & Venâncio, R. (2020). *A noite e a Internet: O que José Saramago pode nos ensinar sobre o jornalismo digital?* (ebook). São Paulo: ECA-USP.
- Mendonça, F. (1980). “Recensão crítica a *A Noite*, de José Saramago” in *Colóquio/Letras*. n. 58. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mesquita, I. (2011). “*A Noite*”, de José Saramago: uma revisitação da história pelo viés da ficção dramática” in *Memento*, v.2, n.2, ago-dez. Belo Horizonte: Universidade Vale do Rio Verde.
- Reis, C. (2015). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, J. (2014). *A noite*. Porto: Porto Editora.
- Seixo, M. A. (1987). *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa: INCM.

É SÓCIO AICL,

TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM SANTA MARIA 2011, NO 22º SEIA 2014, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 29º BELMONTE 2018, 33º BELMONTE 2019, 35º BELMONTE 2022

28. PEDRO PAULO CÂMARA, AICL, UNIVERSIDADE DOS AÇORES, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, AICL - autor a homenagear em 2022

Pedro Paulo Câmara, licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, com Curso de Especialização em Estudos Interculturais – Dinâmicas Insulares, também pela Universidade dos Açores, É professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação Circum-Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação; Portefólio Reflexivo de Aprendizagem; Cultura, Comunicação e Media; Culturas de Urbanismo e Mobilidade; Língua Estrangeira-Inglês (Iniciação e Continuação) e Aprender com Autonomia. Desde setembro de 2019 leciona Inglês na Academia Sénior da Universidade dos Açores. É mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares, com a classificação de 19 valores, por unanimidade, com a dissertação Violante de Cysneiros: o outro lado do Espelho de Armando Côrtes-Rodrigues?”.

É autor das obras *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), *Na Casa do Homem Sem Voz* (Poesia, 2016), *Contos da Imprudência* (2020) ed. Letras Lavadas e colaboração em coletâneas a Luz de Natal, da Editora Sui Generis. que visa a promoção da leitura em ambiente prisional, em 2015, em *Coletânea Literária I* da Academia de Letras e Artes de Portugal e em *O Livro da Amizade*, uma obra que visa promover a aproximação literária entre os Arquipélagos da Madeira e Açores.

É culturalmente bastante ativo, tendo dinamizado diversos encontros literários e conversas literárias dentro e fora da Região Autónoma dos Açores.

Apresentou, ainda, diversas obras de escritores regionais e nacionais e é autor de diversos prefácios, sendo frequentemente convidado para realizar palestras em escolas.

Durante o período da sua existência, foi colaborador da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Ainda no que diz respeito a revistas, em 2017, foi convidado a participar na revista *Sem Equívocos*, e, ainda, em 2017, assinou uma crónica quinzenal na *Bird Magazine*.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro, e, em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela MiratecArts, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, colaborou na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e tem participado em diversos eventos do mesmo. Em 2018, foi o vencedor do Concurso Literário “Até que a Vida nos Separe”, promovido pela editora Papel d’Arroz, com o conto “Não te quero Assim”.



32º GRACIOSA 2019

Em 2016 foi reconhecido pela Junta de Freguesia de Ginetes, na Gala “Prémios Evidência”, na categoria Arte, com atribuição de Troféu, em reconhecimento pelo “importante contributo na dinamização cultural e promoção cultural local e regional”.

Em 2016, recebeu, ainda, a distinção Cruz de São Jorge – 3ª classe – Bronze, do Corpo Nacional de Escutas, em reconhecimento pelos serviços prestados. É, desde 1993, membro do Agrupamento 1065 – São Sebastião, do Corpo Nacional de Escutas, tendo assumido, em 2015 as funções de Chefe de Agrupamento, imprimindo uma nova dinâmica ao Agrupamento.

Foi, em 2014, colaborador do magazine local *O Poente* e, nos anos de 2014, 2015 e 2016, o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”.

De 2006 a 2010 foi membro da Assembleia de Freguesia de Ginetes e membro da Direção da Casa do Povo de Ginetes.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural, na freguesia de Ginetes, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte. Foi, em 2017, representante, em São Miguel, da Chiado Editora. Desde 2015, é membro da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, tendo sido em 2017, secretário do Conselho Fiscal. Em 2018 passou a assumir funções de Adjunto da Direção, tendo apresentado, já, diversas comunicações nos Colóquios organizados pela Associação e sido responsável pelos serviços de Secretariado dos mesmos Colóquios. Tem desempenhado funções, ainda, de moderador de diversos painéis. É, desde julho de 2017, Académico Correspondente da Academia de Letras e Artes de Portugal, vulgo ALA, com sede em Cascais. É, desde abril de 2018, Académico da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas.

Participou, anteriormente, na coletânea *Entre o Sono e o Sonho*, da Chiado Editora, em 2013, em *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto



27º BELMONTE 2017

29º BELMONTE 2018

30º MADALENA DO PICO 2018

32º GRACIOSA 2019

Em 2016 foi reconhecido pela Junta de Freguesia de Ginetes, na Gala “Prémios Evidência”, na categoria Arte, com atribuição de Troféu, em reconhecimento pelo “importante contributo na dinamização cultural e promoção cultural local e regional”. Em 2016, recebeu, ainda, a distinção Cruz de São Jorge – 3ª classe – Bronze, do Corpo Nacional de Escutas, em reconhecimento pelos serviços prestados. É, desde 1993, membro do Agrupamento 1065 – São Sebastião, do Corpo Nacional de Escutas, tendo assumido, em 2015 as funções de Chefe de Agrupamento.



26º LOMBA DA MAIA 2016



27º Belmonte 2017



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018

BIBLIOGRAFIA PEDRO PAULO CÂMARA - Breves elementos literário-culturais

2011 – Lançamento da obra *Perfumes*
 2011 – Vencedor de menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro
 2011 – setembro – Organização de Roteiro Anteriano e declamação de poesia ao público
 2012 – janeiro – Declamação de Poesia de Autores Açorianos (Escola Profissional APRODAZ)
 2012 – Visita orientada ao Cemitério de São Joaquim e declamação de poesia de Antero de Quental e Alice Moderno
 2013 – junho – Sessão de Poesia (Os mundos da PENA) – Ateneu de Ponta Delgada
 2013 – Vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela MIRATECARTS, com o conto *(Re)Descobrir Açores*
 2013 – Lançamento da obra *Saliências*
 2013 – setembro – Palestra SALIÊNCIAS EM MOVIMENTO COMEMORAÇÕES - DO 90º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE NATÁLIA CORREIA
 2013 – novembro – Participação no Serão Cultural “da Poesia à Prosa, com Pedro Paulo Câmara e Patrícia Carreiro (Biblioteca Tomaz Borba Vieira)
 2013 – novembro – Curador da exposição de pintura “Na Raiz das palavras”, da autoria de Daniel Fernandes (Biblioteca Tomaz Borba Vieira)
 2014 – março – Palestra Natália Correia: mulher de lava - Escola Secundária da Lagoa
 2014 – abril – Palestra Comemoração do Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor – Escola Básica Integrada de Ginetes
 2014 – maio – Palestra Natália: Hoje e Sempre - Escola Secundária da Povoação
 2014 – junho – Lançamento da obra *Cinzas de Sabrina*
 2014 – junho – Entrevista 105fm
 2014 – junho – Entrevista Programa de rádio AgriDOCE
 2014 – junho – Apresentação da obra *Reflexões de uma Adolescência*, de João Pedro Couto
 2014 – julho – Declamação de Poesia Ateneu Criativo de Ponta Delgada
 2014 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava I
 2014 – junho – Participação no Azores Fringe Festival
 2014 – setembro – Participação no 22º Colóquio da Lusofonia (presencial) – Seia
 2014 – outubro – Apresentação da obra *Esvaziamento Precoce*, de Tiago Vieira Andrade
 2014 – dezembro – Organização e gestão do Acantonamento “Literatura Radical”
 2015 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
 2015 – maio – Participação no jornal o Poente - LETRA SOLTA
 2015 – junho – Participação no Azores Fringe Festival
 2015 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava II
 2015 – junho – Apresentação da obra *Naquele Tempo*, de Carolina Cordeiro
 2015 – junho – Participação e Organização e de Declamação: “Poesia: palavra que cura”, no Festival da Luz (Solar do Loreto)
 2015 – setembro – Organização do Percorso Cidadino “Na Rota dos Autores” (Ponta Delgada)
 2016 – abril – Participação no 25º Colóquio da Lusofonia (orador) – Montalegre
 2016 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
 2016 – junho - Participação no Azores Fringe Festival
 2016 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava II
 2016 – agosto – Atribuição do Prémio de Mérito Cultural pela Filarmónica Minera e Junta de Freguesia de Ginetes
 2016 – setembro – Participação no 26º Colóquio da Lusofonia (orador e moderador) – Lomba da Maia
 2016 – outubro – Lançamento da obra *Na Casa do Homem Sem Voz*
 2016 – dezembro - Apresentação da obra *Se os Carvalhos Falassem* e organização de tertúlia, da autoria de Concha Roussia (Junta de Freguesia de Ginetes)
 2016 – dezembro - Apresentação da obra *Fortuna*, da autoria de Anamar (Casa Hintze Ribeiro)
 2016 – dezembro – Colaboração no jornal *Correio dos Açores*, com o poema *Um Sonho Colorido Nasceu Virgem*
 2016 – dezembro – Vencedor do Troféu “Artes” na Gala “Prémios Evidência”, promovida pela Junta de Freguesia de Ginetes
 2017 - Representante, em São Miguel, da Chiado Editora
 2017 - Eleito Secretário do Conselho Fiscal da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia
 2017 – Contribuição para a Bird Magazine (crónicas)
 2017 – Contribuição para a revista *Sem Equívocos*
 2017 – abril – Participação no 27º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte
 2017 – abril – Declamação de poesia judaica na Sinagoga “Portas do Céu”, de Ponta Delgada
 2017 – abril – Convidado especial Termas da Ferraria (discurso Dia do Livro) e inauguração da biblioteca

2017 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
 2017 – junho – Participação no Azores Fringe Festival
 2017 – julho – membro Académico Correspondente, na área de Letras, da Academia de Letras e Artes de Portugal.
 2017 – setembro – Apresentação da obra *Olhos nas Letras*, de Adelaide Vilela
 2017 – setembro – Participação no 31º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Vila do Ponto (Santa Maria)
 2017 – outubro – Apresentação na Casa dos Açores do Norte em “À conversa com os escritores micaelenses Pedro Paulo Câmara e Carolina Cordeiro”
 2017 – outubro – revisão da obra *Olhos nas Letras*, de Adelaide Vilela
 2017 – novembro – Criador, Dinamizador e Moderador da Sessão “À Conversa com o Escritor”, com a presença das escritoras Manuela Bulcão e Liliana Ribeiro
 2018 – Vencedor do Concurso Literário “Até que a Vida nos Separe”, promovido pela editora Papel d’Arroz, com o conto “Não te quero Assim”
 2018 – fevereiro – Apresentação da obra *Tatuagem: uma das artes móveis*, de Rodrigo Moniz
 2018 – abril – Participação nos Colóquios da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte
 2018 – abril – Instituído Adjunto da Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia
 2018 – abril – Membro da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas
 2018 – maio – Colaboração no jornal *Correio dos Açores* com o texto Mães-mil
 2018 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
 2018 – junho – Participação no Azores Fringe Festival
 2018 – outubro – Participação nos Colóquios da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Madalena (Ilha do Pico)
 2018 – novembro – Participação na coletânea *O Livro da Amizade* (Casa Hintze Ribeiro)
 2018 – novembro – Autor do texto do catálogo da exposição Lena Gal
 2018 – novembro – Intervenção na Abertura da Exposição Lena Gal (Palácio do Egito – Oeiras)
 2018 – dezembro - Participação na coletânea *Luz de Natal – Coletânea Lusófona* (Editora Sui Generis)
 2019 – fevereiro – Palestra Livros Humanos: não me julgues pela capa (Escola Profissional da Câmara do Comércio de Ponta Delgada)
 2019 – abril – Participação no 31º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte
 2019 – abril – Declamação de Poesia / Sessão Pedagógica, a convite da CMPDL, na Escola Secundária das Laranjeiras
 2019 – junho – Sessão Pública e Conversa Aberta na Feira do livro da Ribeira Grande
 2019 – julho – Participação e apresentação de palestra no encontro internacional *Disquiet* (Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada)
 2019 – julho – Apresentação da obra *As Casas do Povo da Ilha do Pico*, da autoria de José Carlos Costa (Casa do Povo do Pico da Pedra)
 2019 – outubro – Participação no 32º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Ilha Graciosa
 2019 – novembro – Participação na coletânea *Ideários*
 2019 – novembro – Membro do Júri Contos da Montanha, Festival Montanha Pico Festival
 2019 – novembro – Apresentação da obra *12 Meses 12 Histórias*, de Flávia Medeiros
 2019 – dezembro – Apresentação da coletânea *Ideários* e declamação de poesia, no Palácio do Egito, Oeiras
 2019 – dezembro – Defesa da Dissertação de Mestrado Violante de Cysneiros: o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues?
 2020 – fevereiro – Lançamento da obra *Contos da Imprudência*
 (2021 “Violante de Cysneiros: O Outro Lado do Espelho de Côrtes-Rodrigues? Ed. Câmara Municipal de Vila Franca do Campo

Côrtes-Rodrigues: crónica de uma exposição anunciada, Pedro Paulo Câmara

Armando Côrtes-Rodrigues é uma personalidade do panorama literário açoriano e nacional, escassa em notoriedade, mas fértil em obra e qualidade criativa. Conscientes da sua importância cultural e reconhecendo a riqueza da sua produção no que diz respeito à diversidade de géneros trabalhados, às temáticas abordadas e aos “*outros*” criados, bem como admitindo a significância da sua ação ao nível da recolha etnográfica e da salvaguarda da identidade açoriana, investiu-se na concretização de uma exposição que dignificasse o legado do homem e do autor. Num tríptico metafórico, pretendeu-se a criação de um espaço expositivo que conciliasse área, objeto e homem-visitante, contemplativo e agente de cultura, produto e produtor, consciente. A mostra expositiva almeja exibir os objetos; apresentar um conceito e preservar uma memória. Deste modo, esta intervenção pretende, em primeiro lugar, apresentar o processo de criação da mesma e exibir, discutindo a pertinência da sua escolha, parcelas do espólio selecionado para a mesma, constituintes das coleções da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e do Museu Carlos Machado, entidades parceiras, e, em segundo lugar, convidar, não só à visita à mesma, como à discussão acerca da vida e obra deste autor, contribuindo para uma mais eficaz difusão do seu legado.

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML#>
<https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/1538/CADERNOS-ACORIANOS-32-PEDRO-PAULO-CAMARA.PDF>

SÓCIO DA AICL. –

VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL,

- MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA,

FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

- SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU 22º COLÓQUIO SEIA 2014, 25º MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022

29. RENATO EPIFÂNIO – Presidente do MIL - Movimento Internacional Lusófono

Professor Universitário, Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira.

Dirige a NOVA ÁGUIA: Revista de Cultura para o Século XXI.

Preside ao MIL: Movimento Internacional Lusófono desde a sua formalização jurídica (2010).

É, desde 2021, Membro do Conselho Supremo da SHIP: Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

- Bibliografia

- [Agostinho da Silva](#) e o pensamento luso-brasileiro. Lisboa: Âncora, 2006
- Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa (2007),
- Perspetivas sobre Agostinho da Silva (2008),
- Visões de Agostinho da Silva. Sintra: Zéfiro, 2008
- A reação contra o Positivismo e o Movimento da Renascença portuguesa. Sintra: Zéfiro, 2008
- Harmonias e dissonâncias. Sintra: Zéfiro, 2008
- Via aberta: de Marinho a Pessoa, da Finisterra ao Oriente (2009), Sintra: Zéfiro, 2009
- A via lusófona: um novo horizonte para Portugal, Sintra: Zéfiro, 2010
- [Fernando Nobre](#) - *Diário de uma campanha*. Sintra: Zéfiro, 2011
- Convergência Lusófona (2012)
- *Convergência lusófona*. Sintra: Zéfiro, 2014
- (Im)possíveis (trans)posições. Sintra: Zéfiro, 2014
- *A via lusófona II*. Sintra: Zéfiro, 2015
- *A obra e o pensamento de Eudoro de Sousa*. Sintra: Zéfiro, 2015
- Convergência Lusófona (2016)
- *A via lusófona III*. Sintra: Zéfiro, 2017
- *Tabula rasa*. Sintra: Zéfiro, 2017
- A Via Lusófona IV (2019),
- Pensar de novo, pensar o novo: em tempos de pandemia (2021/ Brasil)
- A Via Lusófona V (2022).



- Bragança 2009

APRESENTA A REVISTA NOVA ÁGUIA: Revista de Cultura para o Século XXI, nº 29 (1º semestre de 2022) Renato Epifânio
Diretor da NOVA ÁGUIA, Presidente do MIL: Movimento Internacional Lusófono



No vigésimo nono número da NOVA ÁGUIA, começamos por dar destaque a Lima de Freitas, uma das figuras maiores da cultura lusófona do século XX – sobretudo, nas artes plásticas, onde mais se notabilizou –, publicando uma série de desenhos e poemas de juventude, devidamente enquadrados por três ensaios e um testemunho, desenhos em que se antecipa já o artista que todos nós viemos depois a conhecer e a admirar.

Em 2019, por ocasião dos cinquenta anos do falecimento de António Sérgio, o Instituto de Filosofia da Universidade do Porto promoveu um Colóquio sobre a sua Obra. Publicamos aqui quatro dos textos então apresentados, que, no seu conjunto, expressam bem o quanto António Sérgio continua a ser, meio século depois da sua partida, uma figura polarizadora.

Figura ainda mais polarizadora, para não dizer fraturante, foi a de Olavo de Carvalho, entretanto falecido a 24 de janeiro deste ano. Ainda em 2019, por ocasião do lançamento em Portugal da sua obra *Aristóteles em nova perspetiva*, foram apresentadas algumas perspetivas que, não ignorando toda essa polarização (sobretudo por razões políticas), procuraram ver mais além. Publicamos aqui seis dessas perspetivas então apresentadas – que, de facto, nos procuram dar uma visão mais ampla deste autor brasileiro.

Depois, evocamos uma dezena e meia de “Outros Vultos” – estes, mais consensuais – da cultura lusófona, nomeadamente de alguns que nos deixaram há pouco tempo – falamos de António Osório, Fernando Echevarría, José-Augusto França, José Carlos Rodrigues, Pedro Tamen e Manuel Ferreira Patrício (já em destaque no número anterior). Em “Outros Voos”, publicamos mais de uma dúzia de textos sobre as mais diversas temáticas e, em “Extravoo”, publicamos uma entrevista a Pinharanda Gomes, um dos Vultos de sempre da NOVA ÁGUIA.

De seguida, no “Bibliáguio”, damos destaque a algumas obras lançadas recentemente com a chancela do MIL – falamos, desde logo, de *A Vida Imaginada: textos sobre teatro e literatura; Interrogação e Discurso: estudos sobre filosofia luso-brasileira e ibérica; A saudade na poesia lusófona africana e outros estudos sobre a saudade*, de António Braz Teixeira; e de *Os Irmãos Arriaga: Filosofia, História e Literatura*, obra resultante do V Colóquio do Atlântico, entretanto lançada no final de 2021, no VI Colóquio, sobre “Antero de Quental e os seus Intérpretes”, a par de outra obra aqui apresentada: *Estudos sobre Antero*, de Joel Serrão. Isto sem esquecer os dois mais recentes títulos da Coleção NOVA ÁGUIA: *A Via Lusófona V* e *Tabula Rasa III*.

Por fim, na nova secção inaugurada no número anterior (“Moradas: Caderno Poético e Visual”), publicamos uma série de poemas de José Carlos Pereira, ilustrados por desenhos de Filipe Romão. Isto sem igualmente esquecer os outros poemas publicados ao longo deste número da revista (no “Poemáguio”), nem a recordação de alguns dos momentos mais marcantes no último semestre (no “Memoriáguio”). Em suma: prestes a chegar ao seu trigésimo número, a NOVA ÁGUIA continua, cada vez mais, a cumprir o seu voo, a sua promessa. Gratos a todos vós, por isso.

TOMOU PARTE NO 12º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2009 E 35º BELMONTE 2022

30. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA

ROLF KEMMLER, Nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, Rolf Kemmler atualmente é desempregado, sendo membro integrado e Secretário do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD. É agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro desde 9 de abril de 2014 e possui dos graus de doutor. Desde 6 de julho de 2005 é *Doktor der Philosophie* (Dr. phil.) pela área das Ciências da Linguagem e da Literatura Universidade de Bremen (Alemanha). Recentemente, em 9 de novembro de 2018, defendeu com máximo sucesso na Universidade de Vigo (Galiza) a sua tese de doutoramento dedicada aos inícios da aprendizagem e do ensino do alemão em Portugal. A sua formação académica básica na Eberhard-Karls-Universität Tübingen (Alemanha) terminou com o grau de *Magister Artium* (M.A.) em Filologia Românica em 1997. Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX. Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre a aprendizagem e o ensino das línguas modernas em Portugal (línguas alemã, francesa e inglesa). Sócio Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa, pertence ainda a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, sendo sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores). É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (Lomba da Maia, São Miguel, Açores). Curriculum Vitæ na plataforma CiênciaVitae: <https://www.cienciavitae.pt/pt/E316-9F0E-D49> Curriculum Vitæ na plataforma ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4389-6551> 175-190.



20º SEIA 2013



24º GRACIOSA 2015



19º MAIA 2013



25º MONTALEGRE 2016



32º GRACIOSA 2019



MONTALEGRE 2016



MACAU 2011



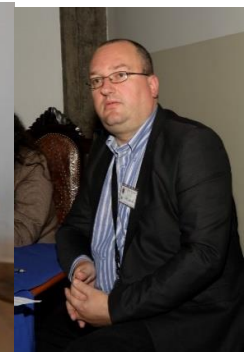
BELMONTE 2017



GALIZA 2012



28º VILA DO PORTO 2017



19º MAIA 2013



25º FUNDÃO 2015



27º BELMONTE 2017



15º MACAU 2010 17º LAGOA 2012



George Lloyd Hodges e os Açores em *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 (1833)*

Em 1833, o futuro diplomata britânico George Lloyd Hodges (1790-1862) publicou a sua *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 under the Orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza*, uma obra em dois volumes que se baseia nas experiências do autor no âmbito da presença a expedição montada pelo rei D. Pedro IV (1826-1828, reinou em Portugal de 26 de Abril a 2 de Maio de 1826). Na nossa comunicação pretendemos apresentar a obra e o seu autor, assim como identificar as observações mais relevantes que este autor britânico tece sobre a ilha de São Miguel e os seus habitantes.

Rolf Kemmler (Vila Real) *

George Lloyd Hodges e os Açores em *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 (1833)*

1 Introdução

Em 1833, o militar e futuro diplomata britânico George Lloyd Hodges (1790-1862) publicou a sua *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 under the Orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza*. Trata-se de uma obra em dois volumes que se baseia nas experiências do autor no âmbito da presença a expedição montada pelo rei D. Pedro IV (1798-1734, rei de Portugal de 10 de março a 2 de maio de 1826, imperador do Brasil de 1822 até 1831) como regente da sua filha D. Maria II (1819-1853, reinou de 1826 até 1828 e desde 1834) para dar bom termo às Guerras Liberais. Em seguida, pretendemos apresentar a obra e o seu autor, assim como identificar as observações mais relevantes que este autor britânico tece sobre os Açores e os seus habitantes.

2 George Lloyd Hodges (ca. 1790-1862), vida e obra

A esquadra de voluntários ingleses foi constituída nos Açores no âmbito da Guerra Civil Portuguesa de 1832 a 1834, sendo inicialmente comandada pelo Vice-Almirante George Rose Sartorius (1790-1885), de quem era secretário o capitão Edward Boid, autor da obra *A Description of the Azores or Western Islands* (1834)⁵⁸ que já estudámos em Kemmler (2013). Quanto às forças terrestres da expedição luso-inglesa, estas foram comandadas pelo nosso autor, o Coronel George Lloyd Hodges, de quem o único esboço biográfico suficientemente completo foi o seguinte obituário, publicado pouco depois da sua morte:

COLONEL SIR GEORGE LLOYD HODGES, K.C.B,

This very distinguished military officer and diplomatist was the eldest son of George Thomas Hodges, Esq., of The Abbey, in the county of Limerick, by his wife, Anne, daughter of Edward Lloyd, Esq., of Ballincollig, in the county of Cork, and Castle Mahon, in the county of Limerick. He was born at The Abbey, in the county of Limerick, in 1792, and entered the British Army as Ensign in 1806. He served in the Peninsula from 1806 to 1814, including the battles of Vittoria and the Pyrenees. He was also in the campaign of 1815 and was at the battles of Quatre Bras and Waterloo. In these ever-memorable engagements he was three times wounded. In 1832 he was given the command of the British and Foreign Legion in Portugal, under the orders of his Imperial Majesty Dom Pedro. In this expedition he achieved a high martial reputation, particularly in the operations for the defence of Oporto, when attacked by the Miguelite forces. In January 1837, he was Consul in Servia, and in December, Consul-General. In 1839 he was appointed Diplomatic Agent and Consul-General in Egypt and acted a conspicuous and distinguished part in the struggle between Mehemet Ali and the Sublime Porte, for which he received the marked approval of his Government. In 1840 he assisted in the hostile operations by sea and land on the coast of Syria and was present at the attack on the Egyptian forces under Ibrahim Pacha by the Turkish army and the forces commanded by Commodore Sir Charles Napier on the heights above Beyrout. In May 1841, he was appointed Consul-General in the circle of Lower Saxony and for the free cities of Hamburg, Lubec, and Bremen, and in August was promoted to the rank of Chargé-d'affaires. In 1843 he was made Minister Plenipotentiary to conclude a commercial treaty with the Grand Duchies of Mecklenburg Schwerin and Strelits, and in 1849 Commissioner, in conjunction with the Commissioners of Denmark and Prussia, for the Government of Schleswig and Holstein. In 1841 he received her majesty's license to accept and wear the insignia of a Knight Commander of the Royal Portuguese Military Order at St. Benedict d'Ávia, conferred on him by the Queen of Portugal. For his service with the British and Turkish forces the Sultan

⁵⁸ É da seguinte maneira que Silva (2012: 218) contextualiza os contributos dos três autores britânicos que se dedicaram à expedição inglesa: «Todavia, enquanto Lloyd Hodges pretendeu fundamentalmente construir um relato histórico, assumindo uma posição relativamente imparcial face aos acontecimentos descritos, já o comandante Peter Mins, que ocupava o segundo posto no comando da expedição, lança um libelo acusatório a Sartorius e ao seu secretário particular, Edward Boid. O seu objetivo era defender-se publicamente dos ataques pessoais contra ele proferidos pelas duas personagens em causa e denunciar as injustiças e prepotências por eles cometidas contra os oficiais ingleses e as tripulações durante toda a viagem».

conferred on him the Order of the Grand Nisham, with the rank of General of Division and a sword of honour which favour he also received with her Majesty's permission to accept In 1851, on the termination of his mission to Schleswig-Holstein, he was created a C.B., and on his retirement from the public service, in 1860, a K.C.B. The Senate of Hamburg also conferred upon him their gold medal of honour, we believe not before given to any British subject. Sir George Hodges married Miss Turrell, eldest daughter of James Turrell, Esq., of New Grove, in the county of Dublin, which lady is deceased (*ILN* 1863: 126).

Fica imediatamente evidente que Hodges não era um estranho para a Península Ibérica ou para Portugal, tendo já servido o exército britânico no nosso país mesmo antes da primeira invasão por Junot em Novembro de 1807, permanecendo com as forças aliadas na Península Ibérica sob o comando de Arthur Wellesley, 1º Duque de Wellington (1769-1852) até ao fim da guerra em 1814, e tendo mesmo continuado a servir na importantíssima batalha de Quatre Bras em Waterloo, na Bélgica, a 16 e 18 de Junho de 1815.

Depois da sua atividade como voluntário na esquadra inglesa, Hodges voltou ao serviço da coroa britânica como diplomata na Sérvia, no Egito, e nos territórios da Baixa Saxónia alemã, bem como nas cidades livres de Hamburg, Lübeck e Bremen. Entre várias ordens que recebeu devido às suas diversas atividades, foi agraciado com a ordem militar de São Bento de Avis por D. Maria II em 1841.

No que diz respeito às suas datas de vida, deve infelizmente notar-se que estas não são indisputadas. Enquanto *ILN* (1863: 126) dá 1792 como o ano do nascimento de Hodges, a edição de abril de 1863 da importante revista contemporânea *The Gentleman's Magazine and Historical Review*, que é apenas ligeiramente posterior, afirma que « [...] he was born at Old Abbey, Limerick, in 1790» (*GMHR* 1863: 517).

Ao passo que *ILN* (1863: 126) não oferece qualquer informação relativa à data da óbito, *GMHR* (1863: 517) afirma que Hodges terá falecido em «Dec. 14, 1862. At Brighton, aged 73 [...]». **59** Com efeito o registo britânico de heranças *National Probate Calendar* de 3 de janeiro de 1863 confirma que foi nessa data que George Lloyd Hodges faleceu perto de Norfolk Square no centro de Brighton, no condado inglês de Sussex, mais exatamente na sua casa em 60 Lansdowne Place em Hove (Dod 1862: 321), deixando uma fortuna de algo menos de £9000 (cf. *NPC* 1863: 281-281). Como informa o respetivo assento de enterro (1862, December 18th) o registando de 72 anos de idade chegou a ser sepultado quatro dias depois da sua morte no cemitério da *St Andrew's Church* em Hove em East Sussex, então nas proximidades da cidade de Brighton (de que esta terra faz parte desde 1997).

Para além da monografia histórica a que nos iremos dedicar em seguida, o nosso autor publicou ainda uma obra intitulada *A Collection of Peninsular Melodies*. Trata-se de uma coleção *in-folio* de peças musicais da Península Ibérica (no tamanho de 38 x 27 cm, com [III], iii, 4, iv, 61 páginas), que consta ter sido publicada em 1830 no semianonimato sob o nome do editor 'G. L.H.' (e não C. L. H. como testemunha a recensão crítica anónima na revista *Harmonicon* (1830: 199, 200). **60**

3 Narrative of the Expedition to Portugal in 1832

Sob o título programático *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 under the Orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza*, a obra de Hodges foi publicada em Londres pelo editor escocês James Fraser (1804-1841), tendo sido impressa pelo tipógrafo James Moyes (*fl.* ca. 1816-1840?). Nos dois volumes da sua obra de XIV, 333 e [IV], 384 páginas, o autor tenta, sobretudo, oferecer uma narrativa histórica da expedição liberal, prescindindo, porém, de dividir o conteúdo da sua obra em capítulos. A seguir ao «PREFACE» (Hodges 1833, I: [v]-xiii) e uma página em branco não paginada (Hodges 1833, I: [xiv]) encontramos a única gravura da obra, intitulada «MAP OF THE COUNTRY ROUND OPORTO to illustrate the *Narrative of the Expedition to PORTUGAL IN 1832. by Col. G. Hodges*», com destaque para o local do desembarque na praia do Mindelo (Vila do Conde) em 8 de julho de 1832 (Hodges 1833, I: entre [XIV] e 1).

No início do seu prefácio, o autor atribui a génese da sua obra a uma predisposição romântica para registar para a posteridade as experiências da expedição das forças militares estrangeiras organizadas por D. Pedro IV em prol da causa liberal:

THE inducements which have led the Author to the composition of the following Narrative are to be found as well in the romantic character, and the variety of incident, pertaining to the subject, as in the zealous desire of attempting some commemoration of what his own countrymen and others (forming that little band of foreigners, who have filled so conspicuous a part in the Expedition of Dom Pedro in defence of the liberties of Portugal) were enabled, under difficulties of no common description, to sustain and accomplish.

The Work here presented to the Public embraces the chief movements of an enterprise which, whether eventually it succeed or fail, will prove interesting in the annals of our own times, after the actors of the scene itself shall themselves have ceased to exist. It has, therefore, been written with a view not so much to gratify momentary curiosity, as that it may serve as a memorial of events at a future day. It has been undertaken by the Author, not in consequence of any pretension to literary ability in himself, but in consequence of his position having enabled him to ascertain with accuracy the facts which it narrates (Hodges 1833, I: [v]-vi).

Ao publicar assim a sua obra em 1833, ou seja, numa altura em que a aventura militar iniciada em 1832 ainda não tinha sido concluída, Hodges explica ter estado principalmente preocupado em relatar as suas próprias observações e os acontecimentos históricos vivenciados, uma vez que ele próprio, como participante na expedição, podia atestar a veracidade dos factos relatados. Nos parágrafos seguintes, insiste em particular em pretender abster-se de uma descrição mais detalhada das circunstâncias que acabaram por levá-lo ultimamente a demitir-se do cargo de coronel das forças liberais em 9 de Outubro de 1832. Mesmo assim, tanto os acontecimentos que levaram à sua demissão como os documentos trocados com a casa real encontram-se em Hodges (1833, II: 216-222 e 374-175).

Desde pelo menos junho de 1833 surgiram várias recensões críticas contemporâneas mais ou menos extensas, entre as quais são de destacar os contributos contemporâneos bastante detalhados em quatro das mais influencias revistas da altura, nomeadamente em *Athenæum* (1833: 415), *Fraser's Magazine for Town and Country* (*Fraser's* 1833: 231-247), *The Monthly Review* (*MR* 1833: 129-146) e *The Gentleman's Magazine* (*GM* 1834: 407-410).

59 Na secção 'Deaths' o diário de Belfast confirma a data no seguinte obituário: «Hodges – December 14, at Brighton, Colonel Sir George Lloyd Hodges, K. C. BV., aged 73 years» (*BN* 1862). Os nossos agradecimentos vão para a Senhora Beatrice Burst (Gomaringen, Alemanha) que nos forneceu este e outros elementos valiosos, provindos da base informática Ancestry.org.

60 Infelizmente não conseguimos ter acesso a esta obra rara, referenciada em WorldCat sob os números OCLC 20914994, 29479677, 1088366435 e outros. Há presentemente um exemplar à venda na plataforma www.abebooks.com. Uma das peças da coleção, intitulada «Epigram, "Mary's Glance", From a "Collection of Peninsular Melodies, Selected by C. L. H., the Words by John Bowring, Esq. LL.D.» encontra-se reproduzida na mesma revista (cf. Hodges 1830b: 200-202).

No que respeita ao impacto internacional da obra, é de destacar que o então major austríaco Johann Baptist Schels (1780-1847) começou, em 1833, com a publicação de uma tradução parcial na revista *Österreichische militärische Zeitschrift* [Revista militar austríaca, RK] (Schels 1834, 1835), sendo a mesma terminada em 1840 pelo seu conterrâneo, o então tenente Albrecht von Roretz (1846-1884, cf. Roretz 1840a, 1840b).

Para além desta tradução oitocentista para a língua alemã, entre 1950 e 1956 o professor micalense João Hickling Anglin (1894-1975) publicou seis traduções de extratos da obra de Hodges no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* (Hodges 1950, 1951, 1952, 1954, 1955, 1956).⁶¹

4 Os Açores em *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832*

Para além do que mencionámos *supra*, no que respeita à narração das ações bélicas das Guerras Liberais por Hodges (1833, I/II) – publicadas bem antes do fim das mesmas –, o investigador João Emanuel Cabral Leite oferece a seguinte comparação das duas obras contemporâneas de Hodges (1833, I/II) e Boid (1834):

No ano de 1832, dois oficiais ingleses, o Coronel Lloyd Hodges e o Capitão Boid, acompanharam D. Pedro IV numa vinda ao arquipélago, em missão relacionada com a causa liberal. Ambos deixaram a sua presença assinalada com descrições publicadas em Londres nos anos de 1833 e 1835 respetivamente: a obra de Lloyd Hodges, em dois volumes, focando essencialmente o período histórico que então se vivia e a de Boid, incidindo mais na realidade e vivência açorianas, nos usos e costumes e no caráter e temperamento do povo do arquipélago [...] (Leite 1991: 18).

Ao historiar eventos ocorridos meses antes da chegada da expedição liberal aos Açores,⁶² o nosso autor relata alguns problemas na dotação da mesma e mesmo a influência exercida pelos miguelistas portugueses sobre alguns políticos ingleses. Parece-nos bastante elucidativa a seguinte passagem de «OBSTACLES IN PORTUGAL», em que o autor explica o atraso social, intelectual e espiritual do povo português com o fanatismo e a dependência do sacerdócio católico:⁶³

Hodges (1833, I: 8)	Hodges (1952: 109)
The Portuguese people will remain uninstructed by events, so long as their minds are prostrated by the influence, not of what can be called religion and piety, however exceptionable or erroneous in kind, but of mere bigotry and priestcraft. The downfall of this influence, which cannot be immediate, must precede their political regeneration; and <i>then</i> we may expect to see Portugal occupy that station in Europe to which, by her geographical position, and <i>some</i> portion of her past history, she is indisputably entitled.	Os acontecimentos deixarão o povo português na mesma ignorância enquanto o seu espírito continuar abatido pela influência, não do que se poderia chamar religião e devoção, embora de natureza censurável ou errónea, mas do simples fanatismo e manobras clerical. A queda desta influência, que não pode ser imediata, tem de preceder a regeneração política do país; só então poderemos esperar ver Portugal ocupar aquela situação na Europa a que lhe dão indiscutível direito a sua posição geográfica e alguns factos da sua história.

Como se sabe, a esquadra inglesa esteve no arquipélago dos Açores entre 22 de fevereiro e 27 de junho de 1832. Este período, que ocupa a maior parte da narrativa do primeiro livro do nosso autor (Hodges 1833, I: 127-291) foi traduzido 'em excertos' por João Hickling Anglin (Hodges 1951: 1-69).

Em conjunto com a sua breve introdução aos Açores e à sua história desde a sua colonização (Hodges 1833, I: 132-135), o nosso autor assinala a seguinte rutura entre Pombal como representante do Absolutismo Iluminado e a onda de tirania religiosa que se seguiu:

Hodges (1833, I: 134-135)	Hodges (1951: 5)
To that great luminary of Portuguese politics, the Marquis of Pombal, the Azores were mainly indebted for the state of prosperity they acquired; but like all other portions of the dominions of Portugal, they have experienced many a blight of adverse fortune. Numerous nests of ecclesiastical hornets infested these little islands, and with the most arbitrary and unrestrained tyranny trampled upon the industrious people, and by degrees reduced them to a state of unbridled superstition, ferocious bigotry, and licentiousness of the most degrading nature. A state of moral depravity to this day exists in the convents and monasteries in the Azores, happily unknown, in its extent, in even the mother country in the Peninsula.	Ao grande luminar da política portuguesa, o Marquês de Pombal, devem principalmente os Açores o estado de prosperidade que alcançaram. Mas, tal como aconteceu a todos os outros territórios da soberania de Portugal, têm eles também experimentado muitos golpes da adversidade. Numerosos ninhos de vespas eclesiásticas infestaram estas pequenas ilhas e com a mais arbitrária e ilimitada tirania calcaram aos pés a laboriosa população, reduzindo-a pouco a pouco a um estado de desenfreada superstição, feroz fanatismo e devassidão da mais degradante espécie. Nos conventos e mosteiros dos Açores existe atualmente um estado de depravação moral felizmente desconhecida, na sua extensão, mesmo na mãe-pátria, na Península.

61 Note-se que a ordem das traduções de João Hickling Anglin não é sequencial. Assim, a terceira parte de Hodges (1952) inclui eventos narrados pelo autor britânico ao longo de algo mais do primeiro terço do primeiro volume da sua obra (Hodges 1833, I: 1-127). Dento das traduções portuguesas não se encontram quaisquer referências às páginas originais de que o tradutor tirou os seus 'excertos'.
 62 No primeiro terço de Hodges (1833, I: 1-127) encontramos (entre muitos outros assuntos) apontamentos detalhados sobre o equipamento da expedição, a contratação dos soldados, a sua embarcação em dezembro de 1831 e o seu transporte), a visita de Hodges a D. Pedro IV em Paris em 10 de janeiro de 1832, a sua opinião sobre a comitiva real, o encontro com a esquadra que se vinha formando na ilha francesa Belle-Île-en-Mer (perto de Quiberon, na Bretanha), o juramento de fealdade a D. Maia II em 5 de fevereiro, a saída da esquadra para os Açores na manhã de 10 de fevereiro, assim como o avistamento da ilha de São Miguel em 21 de fevereiro de 1832.
 63 Uma vez que a maior parte relevante das observações de Hodges sobre a sua estadia no arquipélago foi traduzida para o português por João Hickling Anglin, reproduzimos em seguida a tradução correspondente em confronto direto com o texto original inglês.
<https://coloquios.lusofonias.net/XXXV/> 98

Como evidenciam as palavras-chave como a identificação de Pombal como 'luminary' [luminar], os 'nests of hornets' [ninhos de vespas] e a 'moral depravity' [depravação moral], este parágrafo de Hodges não é senão um aproveitamento parcial do seguinte parágrafo bastante mais extenso da obra *History of the Azores, or Western Islands*, em que escritor irlandês Thomas Ashe (1770-1835) manifesta a sua irritação com a religiosidade católico-açoriana que, no seu entendimento, representa um retrocesso em relação às ideias progressistas de Pombal, que também tinham sido introduzidas nos Açores no século XVIII:

On this gloom, one luminary arose; and the Azores worshipped it with Persian idolatry. POMBAL was that luminary. Pombal was the first Portuguese minister whose wisdom extended to these Islands, and whose plans for their advantage was remedial for the present, and warning for the future. He first taught the Azoreans that they might become a people, and Portugal that she might cease to be a despot. During his mission, the islands were improved by his authority, adorned by his munificence, and extolled by his praise. A sullen and bigoted ministry succeeded the administration of Pombal. The Queen of Portugal was the cause of this. She became a fanatic in religion and appointed the most furious of her churchmen to direct the helm of the state. A cabinet so formed soon destroyed the foundations of whatever prosperity had been erected in the islands and impeded and entangled the course of those efforts which had operated towards their emancipation and advancement. Nor was this a solitary evil. Numerous nests of ecclesiastical Hornets were settled throughout the islands: shoals of locusts and swarms of drones, who, to this day, overspread the land, crawl about the streets of the cities, towns, and villages, and glut themselves in feasting upon the labour of the industrious part of the community. These men, who tread upon the necks of the people, and who rob the public in every form, to support themselves in an overgrown state of tyranny, prodigality, and luxury, have established that system of policy, which I have reprobated in a former letter, as the cause of the degeneracy of these islands, and of the ignorance of mankind, as to their capacity and value. It is a system of unbridled superstition and ferocious bigotry; a system of incessant hypocrisy and religious outrage; of moral depravity and of brutal ignorance; of wanton tyranny and worse than savage barbarity; of impiety, too, and of atheism; a system which brings, as subordinate evils in its train, the annihilation of principle, the destruction of commerce, the extinction of Arts and Sciences, and all the horrors of indigence, famine, and disease (Ashe 1813: 35-36).

Logo a seguir, é da seguinte forma que o nosso autor apresenta a 'sua' primeira impressão da ilha de São Miguel:

Hodges (1833, I: 135-136)	Hodges (1951: 5)
<p>The first view of the island of St. Michael's from the north has more of the sublime than the beautiful. Stupendous mountains appear at first to promise a total absence of agriculture, while the beach presents enormous pieces of rock detached from one another. Some few trees are, however, here and there visible; and a close inspection shews certain picturesque clean white cottages, inserted at intervals up to the very summits of the mountains. This aspect presents itself for several miles. The nearer you approach this beautiful and romantic island, the more are you gratified on discovering that the work of nature is not all of the rough kind which it appears from a distance, and that the more pleasing part of it is not unaided by the efforts of man. A luxuriant vegetation meets the eye. The abundant pasture-land is well stocked with a remarkably fine breed of cattle; and woods, vineyards, and corn-fields, interspersed with orange-groves, please and surprise the beholder, insomuch that nature might be said to have made this spot her favourite amongst the Azores islands.</p>	<p>Estupendas montanhas logo nos aparecem, a anunciar a ausência total da agricultura, ao passo que a costa apresenta enormes blocos de rocha separados uns dos outros. Algum arvoredado se observa, porém, aqui e além e um exame atento revela algumas pitorescas e asseadas cabanas brancas, surgindo a espaços até ao cimo dos montes. Este aspeto mantém-se por algumas milhas de distância.</p> <p>Quanto mais nos aproximamos desta formosa e romântica ilha, mais nos agrada o descobrir que nem todo o trabalho da natureza é rude, como nos parecia a distância, e que o esforço do homem veio em auxílio daquela, na sua zona mais atraente. O olhar observa uma vegetação luxuriante. Nas pastagens abundantes pasce numeroso gado bovino de raça notavelmente fina. E o observador ainda se deleita e surpreende com as matas, vinhedos e campos de sementeira, entremeados por laranjais, a tal ponto que se pode afirmar que a Natureza fez deste ponto o seu lugar predileto entre as ilhas dos Açores.</p>

Hodges afirma aqui que a primeira vista da ilha a partir do norte seria muito mais impressionante do que bonita, uma afirmação à qual se seguem outras reflexões sobre a topografia e o uso agrícola da ilha. Neste contexto, a primeira questão que se coloca, é o que o autor quer dizer quando se refere ao 'norte', uma vez que o esquadrão avistou uma parte indeterminada de São Miguel a 21 de Fevereiro, ancorando a 22 de Fevereiro « [...] within about two miles from the town [...] » (Hodges 1833, I: 129), onde a armada foi recebida com tiros de canhão do Forte de São Brás – isto significa que o primeiro olhar e o primeiro desembarque na costa micalense provavelmente tiveram lugar no lado sul da ilha e não a norte. Por outro lado, uma vez que o molhe do porto de Ponta Delgada não foi concluído antes de 1861, Hodges (1833, I: 129) ainda declara: «The anchorage is an open roadstead, and therefore dangerous». Obviamente, estes factos não se enquadram com as observações *supra* reproduzidas sobre a geografia física e humana de São Miguel, o que nos leva a pensar, mais uma vez, que Hodges poderia ter sido guiado por observações já existentes. Vejamos o que Ashe tem a dizer duas décadas antes:

I cannot say that the observations I had to make, on first viewing the northern extremity of the island, were by any means favourable; no; nothing appeared but mountains of a stupendous height and bulk, and of a nature and disposition that bid defiance to all the arts that have been introduced by human industry, for the improvement of agriculture and the comfort of society. The beach appeared like many ramified pillars of basaltes, and the trees, with which it was crowned, were produced by a soil so shallow and indigent, that their growth was stunted, and their roots compelled to extend themselves horizontally along the surface of the ground. The impression, however, made by this scene of rough and craggy cliffs, either piled on each other, or separate, was soon dissipated by the pleasing contrast of the southern coast; which presented, for several miles, the prospect of an inclined plane composed of a soil which appeared peculiarly favourable to luxuriant vegetation. Open pasture, bounded by woods and vineyards, and corn fields, interspersed with orange gardens, every where met the eye, and in points of view that shewed the soil to be fertile and productive. The more I approached this delightful region, the more I discovered that Nature and Art went hand in hand, and that a certain degree of wildness was suffered to pervade the whole, which, as it resembled Nature in its beauty, resembled it also in its use and benefit to society. Nature might be said to have made this a favourite spot, to which she was more than ordinarily kind and liberal of her bounties; and which bespoke improvement by leaving, if the paradox may pass, so little room for improvement (Ashe 1813: 40-41).

Também em Thomas Ashe, encontramos o lado norte da ilha como ponto de partida para as observações, que o autor carateriza como desfavorável. Fica evidente que a sua descrição das montanhas do lado norte da ilha como 'stupendous' [impressionante] é uma descrição posteriormente aproveitada por Hodges, assim como a impressão da pouca idoneidade desta área para fins agrícolas e os comentários sobre a praia. Em concordância semelhante, ambos os autores registam uma vegetação e um desenvolvimento cada vez mais agradável 'for several miles' [por vários quilómetros] e concordam em encontrar a 'luxuriant vegetation' [vegetação luxuriante]. Também as informações adicionais sobre as terras agrícolas coincidem, o que é igualmente o caso da afirmação de que a natureza em São Miguel deve ser um 'favorite spot' [local favorito] dentro do arquipélago dos Açores.

Das poucas observações do nosso autor sobre os Açores, a maioria é dedicada à Ilha Terceira. Mas enquanto Ashe (1813: 280) atesta a aptidão da ilha para a agricultura e o pasto de forma algo genérica, as notas de Hodges são algo mais pormenorizadas:

Hodges (1833, I: 228-229)	Hodges (1950: 22)
Having said little hitherto of the local characteristics of Terceira, I will here offer a few particulars on that head. It is one of the richest islands of the Azores. A superabundance of grain of all kinds is produced there; and a large quantity is therefore usually exported not only to the neighbouring islands but also to the mother-country. Fruits multifarious, both tropical and European, are in profusion. Of these, one of the most grateful is a small strawberry, of peculiarly fine flavour, which may be gathered in abundance on the sides of the sloping hills. The cattle are large and fine, but the sheep, a species of the Merino breed, are small though numerous. The pasture being good, fresh butter is easily procurable, but, from its being badly made, it becomes spoiled after four-and-twenty hours' keeping.	<p>Pouco tenho dito sobre as características locais da Terceira. Vou pois referir-me agora a esta ilha com maior individuação</p> <p>A Terceira é uma das mais férteis ilhas dos Açores, produzindo superabundância de cereais de toda a espécie, grande quantidade dos quais é exportada todos os anos não só para as ilhas vizinhas senão também para a mãe-pátria. Ali se encontram frutas variadas, tanto tropicais como europeias. Destas, uma das mais apreciadas é um pequeno morango, de sabor extremamente agradável, que se colhe em larga quantidade nas vertentes dos montes. O gado bovino é corpulento e de boa qualidade, mas os carneiros, uma espécie de merinos, são pequenos, ainda que numerosos.</p>

No início deste excerto, Hodges explica que a Ilha Terceira dos seus tempos é uma das ilhas mais ricas dos Açores, sendo aí produzidas grandes quantidades de cereais, de onde são exportadas para as outras ilhas e mesmo para o continente.**64** Além disso, o autor menciona a ocorrência de grandes quantidades de frutos europeus e exóticos, entre os quais destaca curiosamente um pequeno morango selvagem devido ao seu sabor especial.**65** No que diz respeito ao gado da Terceira, Hodges atesta aos bovinos um desenvolvimento normal, ao passo que julga que as variedades de ovinos pequenos que observou parecem pertencer a raças mais pequenas. Finalmente, constata que a manteiga produzida se conservava apenas por um curto prazo de umas meras 24 horas (provavelmente por falta de meios de refrigeração).

Na caraterização dos habitantes da Terceira, encontramos o seguinte resumo de qualidades que Hodges, como britânico, deve ter reparado em particular (embora aqui pareça questionável se estas caraterísticas eram realmente válidas só para os habitantes da Terceira):

Hodges (1833, I: 229-230)	Hodges (1950: 23)
The inhabitants are for the most part comely in person and mild in character. They are sociable in their habits, hospitable, and very communicative. A certain generosity forms an animating trait in their disposition, but by its warmth lays them sometimes too open to the seductions of party-spirit. Their want of due instruction conduces likewise to the same effect, besides leaving them exposed to the errors of superstition, which flourish among them in mischievous luxuriance, promoted by the system of priest-rule so long existing there. The blind and degrading nature of some of their religious ceremonies must be witnessed in order to convey adequately the notion of its extent in absurdity and licentiousness.	<p>Os habitantes são na sua maior parte esbeltos de corpo e de génio brando, de hábitos sociáveis, hospitaleiros e muito comunicativos.</p> <p>A generosidade é, em certa medida, traço caraterístico do seu caráter; – leva-os, porém, às vezes, por seus excessos, à situação de vítimas das seduções do espírito de partido.</p> <p>A este mesmo efeito os conduz a falta de conveniente instrução, além de os deixar expostos aos erros da superstição, que entre eles florescem e vicejam perniciosamente, promovidos pelo sistema do domínio sacerdotal, que há muito ali impera.</p> <p>Só observando a natureza cega e degradante de algumas das suas cerimónias religiosas se poderá obter a noção adequada do profundo absurdo e da devassidão que as caracteriza.</p>

Assim, o nosso autor descreve os Terceirenses como graciosos e de temperamento suave, que são também sociáveis, hospitaleiros e muito comunicativos. Considera que a generosidade generalizada é apenas em parte uma vantagem, pois julga particularmente problemático (parecendo a seguir nestas considerações a Ashe 1813: 223) aquilo que identifica como 'erros da superstição', que podem ser explicados pela falta de educação, sendo que estes em última análise tornam possíveis os abusos do sacerdócio católico, o que aos olhos de Hodges é intemperado e absurdo.

O seguinte extrato faz parte da descrição das Festas do Divino Espírito Santo na Terceira por Hodges, tal como as observou a seguir à Páscoa, celebrada em 22 Abril de 1832:

Hodges (1833, I: 230-232)	Hodges (1950: 23-24)
I will attempt, however, a brief account of one of the most striking of their observances, that of the "Santo Spirito".	Vou tentar, porém, narrar de forma breve uma das suas observâncias mais notáveis, a festa do Espírito Santo.

64 No seu estudo sobre a história da economia açoriana no século XIX, João (1991: 44) afirma o seguinte sobre a produção açoriana de trigo: «O trigo era uma exportação tradicional do arquipélago, porque desde o início do povoamento se tinha desenvolvido a sua cultura com o objetivo de abastecer as praças do Norte de África e compensar o défice do continente. Mas, ao longo do século XIX, a respetiva exportação vai perdendo importância, porque tende a depreciar-se nos mercados europeus, devido ao aumento geral da sua produção e à concorrência do trigo americano. Por isso, em particular na ilha de S. Miguel, o trigo acaba por ter um peso irrisório no total das exportações». Com efeito, a interpretação de Hodges sobre a produtividade de cereais no arquipélago confirma-se à luz do «Quadro 2.1 – PRODUÇÃO DE CEREAIS NOS DISTRITOS AÇORIANOS» em João (1991: 44).

65 Julgamos que este fruto será provavelmente a variedade autóctone do morangueiro ou morangueiro-bravo (lat. *Fragaria vesca*), que ainda hoje é endémica nos Açores, especialmente nas ilhas do Grupo Central.

<p>Every year, on the day of Pentecost, an individual from each of the villages throughout the islands (for this fete is general in the Azores) is chosen" <i>Emperor</i>", as he is termed, for the occasion. In his house there is established an altar dedicated to the Holy Spirit, and a figurative saint is placed thereon. On every Sunday after Ash-Wednesday, up to Trinity Sunday, there are fetes at this "Emperor's" house; and it is considered as a want of respect to the conventional majesty of this person not to pay him frequent visits, and partake of his fare, however frugal it may chance. to be. The magnificence of the fete increases, or is meant to increase, in regular gradation from Easter to Whitsunday. On the Saturday evenings, at the" Emperor's" house, the <i>dance</i> of the "Santo Spirito" takes place. In this both males and females join, to the sound of their own discordant voices, aggravated sometimes by the metallic accompaniment of a wire-strung sort of guitar. The gestures of this dance have as little of ideal grace as of personal delicacy; and the extemporary effusions of the performers have any thing but sanctity to recommend them. On the Sunday, the "Emperor" walks at different periods of the day in procession, He wears a crown of massive silver, which, by the by, is taken off the head of some convenient <i>santo</i> in one of the churches, and then left in <i>His Imperial Majesty's</i> holy keeping for the prescribed period of his reign. He is attended by a suite of (no doubt) officers of state, and by six bare-legged, unwashed, little urchins, representing angels. The majority of the <i>cortège</i> are pranked out in faded silk cloaks, and bedizened with artificial flowers, the ingenious manufacture of the nuns. The beating of a small-sized drum, and discharges from old rusty fire-arms, generally furnish the close to these processions, except on the day of Pentecost, when all the clergy, secular as well as monastic, are present at the solemnity.</p>	<p>Todos os anos, em dia de Pentecostes, é escolhido em todas as aldeias dos Açores, pois a festa é comum a todas as ilhas, certo indivíduo a quem, para o efeito, passam a designar por «Imperador».</p> <p>Em casa deste arma-se um altar dedicado ao Espírito Santo, sobre o qual se põe uma imagem simbólica.</p> <p>Todos os domingos, depois de Quarta-feira de Cinzas até ao Domingo da Trindade, realizam-se festas em casa do «Imperador» sendo considerado falta de respeito à majestade convencional deste personagem não lhe fazer frequentes visitas e não tomar parte na sua refeição, por mais frugal que ela seja.</p> <p>Aumenta, ou supõe-se que deve aumentar, a magnificência da festa, em gradação regular, desde a Páscoa até ao Pentecostes.</p> <p>Aos sábados à noite há danças do Espírito Santo na residência do «Imperador», nas quais tomam parte homens e mulheres em conjunto, ao som das suas próprias vozes desafinadas, às vezes agravadas com o acompanhamento metálico de uma viola de arame.</p> <p>As posições destas danças tem tão pouca graça ideal como delicadeza pessoal e as efusões extemporâneas dos executantes nada têm de piedoso que as recomende, No Domingo anda o «Imperador» em cortejo, em diferentes partes do dia. Traz uma coroa de prata maciça, que, diga-se de passagem, é tirada da cabeça de determinado santo, numa igreja, e depois fica à sagrada guarda de <i>Sua Majestade Imperial</i> durante todo o período do seu reinado. Este é acompanhado por um cortejo de funcionários públicos e por meia dúzia de rapazinhos de pernas nuas, sujos, representando anjos.</p> <p>Os indivíduos que compõem o cortejo ataviam-se com capas de seda, desbotadas, e com flores artificiais habilmente confeccionadas pelas freiras, fechando em geral a festa com o bater de um pequeno tambor ou com descargas de velhas e ferrugentas armas de fogo, exceto no dia de Pentecostes, em que todo o clero, tanto o secular como o regular, toma parte na solenidade.</p>
--	--

Embora esta seja uma manifestação muito especial da religiosidade popular terceirense, como é bem conhecido, o nosso autor limita-se a oferecer aqui uma descrição dos costumes que ele próprio observou, aproveitando provavelmente outros detalhes que lhe terão sido explicados na ocasião. É particularmente notável que Hodges se abstenha aqui de qualquer juízo de valor sobre o festival popular religioso, já que habitualmente costuma tecer comentários negativos aos restantes aspetos da atuação da igreja no arquipélago.

Sabe-se que mesmo depois da dissolução das ordens monásticas por D. Pedro IV em 17 de maio de 1832 continuaram a existir uns poucos conventos para recolher aquelas monjas e freiras que não queriam sair da clausura. Embora Hodges (1833, I: 166) considere extemporânea a altura da dissolução forçada dos mosteiros e conventos açorianos por ordem do próprio D. Pedro IV (já que a expedição e a regência tinham outros problemas), nas suas considerações sobre o Convento de Nossa Senhora da Luz na Praia da Vitória dedica as seguintes reflexões à vida das suas freiras:

Hodges (1833, I: 239-240)	Hodges (1950: 27-28)
<p>It is hardly necessary to say that education, whether intellectual or moral, has been scantily, or almost not at all, introduced within these abodes of vice and infamy. The manufacture of artificial flowers, made with feathers, and of great beauty, far surpassing those of France or England, is amongst their modes of occupation, as is likewise embroidery on muslin, fine linen, and silk. Nor must their sweetmeats and preserves be forgotten, which are much esteemed in England. Music is sometimes cultivated amongst them; and a few of the nuns at the other convent, at Angra, possess splendid voices, and evince taste and science in their singing. I have also heard overtures of Rossini and other composers admirably executed by them on the organ.</p>	<p>Desnecessário se torna dizer que nestas habitações do vício e do crime, a educação, quer intelectual, quer moral, tem tido pouco ou nenhum acolhimento.</p> <p>Dentre os modos de ocupação das monjas tem lugar primacial a confeção de flores artificias, de penas, de grande beleza, muito superiores às que se fazem em França ou Inglaterra, bem como os bordados em musselina, linho fino e seda. Também não devemos esquecer os doces e compotas, altamente apreciados na Inglaterra.</p> <p>Algumas cultivam a música e várias freiras de outro convento de Angra possuem esplêndidas vozes, demonstrando gosto e ciência na arte do canto.</p> <p>Ouvi aberturas de Rossini e de outros compositores, admiravelmente executadas por elas ao órgão.</p>

Se Hodges realmente chegou mesmo a testemunhar a alegada decadência moral dos costumes nos conventos femininos várias vezes constatada dentro da sua obra parece-nos duvidoso. Mas o que é interessante aqui é que inicialmente atesta às freiras a falta de educação a qualquer nível, enfatizando, por outro lado, a qualidade do seu artesanato e também da sua produção de doces conventuais. Para além disso, uma vez que ele próprio gostava particularmente de música, é especialmente interessante neste contexto que menciona ter ouvido que as freiras do convento remanescente em Angra não só tinham grande interesse pela música, mas informa que também eram dotadas de um talento especial.

4 Conclusões

Como voluntário britânico, o oficial naval George Lloyd Hodges (ca. 1790-1862) relatou em 1833 na sua obra de dois volumes *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 under the Orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza* a história da esquadra inglesa e outros acontecimentos históricos que ele próprio vivenciou neste contexto. Em contraste com a obra contemporânea de Boid (1834), que é largamente dedicada ao próprio arquipélago, em Hodges (1833, I: 127-291) há só poucos excertos em que aborda os Açores ou aspetos relacionados com habitantes da ilha Terceira.

Basicamente, pode dizer-se que Hodges é muito crítico em relação à grande maioria dos aspetos da religiosidade portuguesa. Neste aspeto, encontra-se em boa companhia com a maioria dos outros autores de livros de viagens sobre os Açores que foram publicados em língua inglesa no século XIX. Isto porque, por um lado, o catolicismo em geral e, por outro, a religiosidade particular dos Açores foram alvos de intolerância por parte da maioria dos autores anglicanos ou protestantes da Grã-Bretanha e da América. Assim, também Hodges explica aquilo que identifica como o particular atraso dos Açores através do jugo intelectual e social da Igreja Católica no arquipélago.

Contudo, é de notar neste contexto que uma das secções-chave de Hodges (1833, I: 134-135) a este respeito parece ser retirada da obra *History of the Azores, or Western Islands*, do escritor irlandês Thomas Ashe (1813: 35-36). O mesmo se passa com a 'primeira impressão' da ilha de São Miguel, descrita em pormenor por Hodges (1833, I: 135-136). Também esta passagem não parece passar de uma adaptação atualizada da narrativa de Ashe (1813: 40-41).

Em grande parte, as semelhanças com a obra mais antiga da literatura de viagens anglófona sobre os Açores terminam aqui. As observações sobre a agricultura e o pasto e sobre as plantas cultivadas na Terceira em geral levam-nos a concluir que estas são observações do nosso próprio autor (embora feitas de maneira muito seletiva).

Aos terceirenses, Hodges (1833, I: 229-230) atesta qualidades humanas maioritariamente boas, que podem, no entanto (como provavelmente afirma seguindo Ashe 1813: 223) facilmente ser transformadas em negativas, devido à influência nefasta do sacerdócio católico, o que é igualmente o caso do retrato do artesanato e das realizações intelectuais dos conventos de mulheres na Praia e Angra em Hodges (1833, I: 239-240). Uma vez que a base da representação aqui é lugar-comum do preconceito, parece-nos surpreendente que a representação das Festas do Espírito Santo de 1832 em Hodges (1833, I: 230-232) seja redigida de forma neutra, uma vez que o autor se absteve dos habituais juízos de valor negativo.

Finalmente, no que diz respeito às traduções dos elementos textuais de Hodges por João Hickling Anglin, apenas os reproduzimos aqui ao prescindir de qualquer investigação adicional, remetendo para este efeito, por exemplo, para o estudo de Silva (2010: 62-82). Não por último na senda do jovem investigador portuense, entendemos que o contributo do tradutor micaelense na obra de Hodges merece uma intervenção mais pormenorizada, uma vez que, para só indicar uma questão, não fica claro se (ou em que medida) os seis artigos publicados entre 1950 e 1956 verdadeiramente refletem o conteúdo de Hodges (1833, I: 127-291), para não falar de outras questões não menos importantes, tais como a adequação linguística da tradução, a divisão do texto original em novos parágrafos ou aspetos semelhantes.

5 Referências bibliográficas

1862, December 18th – Hove, *Burial of George Lloyd Hodges of Brighton, 72 years*, Parish registers, England, Sussex, Hove, St. Andrews, 1813-51 item 4, volume PAR-386/1/5/1, p. 139, n.º 1126, image 322 of 659, in: "England, Sussex, Parish Registers, 1538-1910", database, www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-X4X8-B2?i=321&cc=1465706 (última consulta: 18 de março de 2022).

A[she], T[homas] (1813): *History of the Azores, or Western Islands: containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants, and demonstrating The Importance of these Valuable Islands to the British Empire*, Illustrated by maps and other engravings, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones; and sold by all booksellers. [cf. Açores]

Athenæum (1833) = «*Narrative of the Expedition to Portugal in 1832, under the Orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza*. By G. Lloyd Hodges, Esq. 2 vols. 8vo. London: Fraser», recensão crítica em: *The Athenæum: Journal of English and Foreign Literature, Science, and the Fine Arts* 296 (Saturday, June 29, 1833), pág. 415.

BN (1862) = «Deaths», em: *The Belfast News-Letter* (Friday Morning, December 19, 1862), sem paginação.

Boid, E[dward] (¹1834): *A Description of the Azores or Western Islands: From personal observation, comprising remarks on their peculiarities, topographical, geological, statistical, etc., and on their hitherto neglected condition*, By Captain Boid, late of H. M. F. Majesty's Navy, Knight of the most noble order of the Tower and Sword, Corresponding member of the Antiquarian Society of Caen, Author of "Travels Through Sicily and the Lipari Islands", and of "A History of the Various Styles of Architecture", London: Bull and Churton. [cf. Açores]

Dod, Robert P[hipps] (1862): *The Peerage, Baronetage, and Knightage of Great Britain and Ireland for 1862, including All the Titled Classes*, London: Whittaker and Co.

Fraser's (1833) = «Hodges' Narrative of the Expedition to Portugal», recensão crítica em: *Fraser's Magazine for Town and Country* 8/44 (August, 1833), págs. 231-247.

GM (1834) = «*Narrative of the Expedition to Portugal in 1832, under the orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza*. By G. Lloyd Hodges, esq. late Colonel in the service of His Imperial Majesty, &c. 2 vols. 8vo. map.», recensão crítica em: *The Gentleman's Magazine* 1/155 (New Series; April, 1834), págs. 407-410.

GMHR (1863) = «Obituary: Sir George Lloyd Hodges, K.C.B.», em: *The Gentleman's Magazine and Historical Review* 14/214 (New Series; April, 1863), pág. 517.

Harmonicon (1830) = «Review of Music: A *Collection of* PENINSULAR MELODIES; The English words by MRS. HEMANS, MRS. NORTON, JOHN BOWRING, Esq., and other eminent poets. The AIRS selected and compiled by C. L. H. No. 1 (Goulding, D'Almaine, and Co., Soho-Square», em: *The Harmonicon: A Monthly Journal of Music* 29 (New Series – May, 1830), págs. 199-200.

H[odges], G[eorge] L[loyd] (ed.) ([1830a): *A Collection of Peninsular Melodies*, The English words by Mrs. Hemans, Mrs. Norton, John Bowring, Esq. and other eminent poets, The Airs selected and compiled by G. L. H., London, Goulding, D'Almaine & Co.

H[odges], G[eorge] L[loyd] (ed.) (1830b): «Epigrama, "Mary's Glance", From a "Collection of Peninsular Melodies, Selected by C. L. H., the Words by John Bowring, Esq. LL.D.», em: *The Harmonicon: A Monthly Journal of Music* 29 (New Series – May, 1830), págs. 200-202.

Hodges, G[eorge] Lloyd (1833, I/II): *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 under the Orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza*, By G. Lloyd Hodges, Esq. late Colonel in the Service of Her Most Faithful Majesty the Queen of Portugal, In two volumes, Vol. I, London: James Fraser. [Vol. II com as mesmas referências].

Hodges, G[eorge] Lloyd (1950): «A Terceira na Época da Expedição Liberal: Excerto de um capítulo da obra *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832, por G. Lloyd Hodges*, Tradução de João H. Anglin», em: *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* 8, págs. 22-34.

Hodges, G[eorge] Lloyd (1951): «O Batalhão Britânico nos Açores na Época da Expedição Liberal (*Excerto da obra* Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 *por G. Lloyd Hodges, Esq. (London, 1833)*, Traduzido por João H. Anglin», em: *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* 9, págs. 1-69.

Hodges, G[eorge] Lloyd (1952): «De Belle-Isle aos Açores (*Excerto da obra* Narrative of the Expedition to Portugal in 1832, *por G. Lloyd Hodges, Esq. (London, 1833)*, Traduzido por João H. Anglin», em: *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* 9, págs. 105-166.

Hodges, G[eorge] Lloyd (1954): «Dos Açores às Praias de Portugal I: Excerto da obra *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832*, por G. Lloyd Hodges, Esq. (London, 1833), Traduzido por João H. Anglin», em: *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* 12, págs. 1-72.

Hodges, G[eorge] Lloyd (1955): «Dos Açores às Praias de Portugal II: Excerto da obra *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832*, por G. Lloyd Hodges, Esq. (London, 1833), traduzido por João H. Anglin», em: *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* 13, págs. 65-117.

Hodges, G[eorge] Lloyd (1956): «Dos Açores às Praias de Portugal II: Excerto da obra *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832*, por G. Lloyd Hodges, Esq. (London, 1833), traduzido por João H. Anglin (*Conclusão da página 117 do n.º 13 do Boletim*)», em: *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* 14, págs. 277-313.

ILN (1863) = «Obituary of eminent persons: Colonel Sir George Lloyd Hodges, K.C.B.» *The Illustrated London News* 42/1186 (Saturday, January 31, 1863), pág. 126.

João, Maria Isabel (1991): *Os Açores no século XIX: economia, sociedade e movimentos autonomistas*, Lisboa: Edições Cosmos.

Kemmler, Rolf (2013): «Notas sobre a perceção dos Açores no mundo anglófono novecentista III: Edward Boid e *A Description of the Azores or Western Islands* (1834)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2013b): *Atas / Anais do XX Colóquio da Lusofonia (Seia): 15 -18 de outubro de 2013*, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-02-7), ficheiro Atas Anais Seia 2013, págs. 232-244, versão atualizada em http://www.lusofonias.net/doc_download/1709-atas-seia-2013-20o-coloquio.html, págs. 253-265.

Leite, João Emanuel Cabral (1991): *Estrangeiros nos Açores no Século XIX*, Ponta Delgada: Eurosigno, em: http://hdl.handle.net/10216/19462 (última consulta: 18 de março de 2022).

MR (1833): «Art. XI. – *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832, under the Orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza*. By G. LLOYD HODGES, Esq., late Colonel in the service of Her Most Faithful Majesty the Queen of Portugal. In 2 Vols. 8vo., with a map. London: Fraser. 1833», recensão crítica em: *The Monthly Review* 3 (September, 1833), págs. 129-146.

NPC (1863): «Hodges, Sir George Lloyd K.C.B.», em: *National Probate Calendar (Index of Wills & Administrations)* 1863, págs. 281-282, em: www.ancestry.de/discoveryui-content/view/2263772:1904?tid=&pid=&queryId=7e48923c6b58ce3042e5eeeb86190294&_phsrc=FKU603&_phstart=successSource (última consulta: 18 de março de 2022).

Roretz, Albrecht von (1840a): «III. Skizze der Expedition nach Portugal 1832, Nach dem Englischen des Oberst Lloyd Hodges frei bearbeitet (Fortsetzung des zweiten Theiles), Von Albrecht von Roretz, Lieutenant vom k. k. Linien=Infanterie-Regimente Baron Langenau», em: *Österreichische militärische Zeitschrift* 1/1, págs. 86-98.

[Roretz, Albrecht von] (1840b): «III. Skizze der Expedition nach Portugal 1832, Nach dem Englischen des Oberst Lloyd Hodges frei bearbeitet, Schluß», em: *Österreichische militärische Zeitschrift* 1/2, págs. 217-232.

Schels, Joh[ann] Bapt[ist] (1833): «III. Skizze der Expedition nach Portugal 1832, Nach dem Englischen des Oberst Lloyd Hodges frei bearbeitet von Joh. Bapt. Schels, k. k. Major», em: *Österreichische militärische Zeitschrift* 4/10, págs. 57-93.

Schels, Joh[ann] Bapt[ist] (1834): «II. Skizze der Expedition nach Portugal 1832, Nach dem Englischen des Oberst Lloyd Hodges frei bearbeitet von Joh. Bapt. Schels, k. k. Major, Zweiter Theil», em: *Österreichische militärische Zeitschrift* 1/3, págs. 21-40.

Silva, Ivo Rafael Gomes da (2010): «Contributos da Tradução para a Historiografia Portuguesa: Reflexões pré e para-tradutivas em torno da "Narrativa da Expedição a Portugal em 1832» Dissertação de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, Porto: Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, em: hdl.handle.net/10400.22/143 (última consulta: 18 de março de 2022).

Silva, Ivo Rafael [Gomes da] (2012): «*Orgulho e Preconceito*: A visão de um vitoriano acerca de Portugal e dos Portugueses», em: *Polissema* 12, págs. 129-148. DOI: 10.34630/polissema.v0i12.3072.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. -

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

– VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL. -

- FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022

31. SÃO JOSÉ MARQUES, BELMONTE, PRESENCIAL convidada



34º PDL 2021

ESTEVE PRESENTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 30º NA MADALENA DO PICO, PRESETE NO 33º BELMONTE 2021, 34º PDL 2021M, 35º BELMONTE 2022

32. SÉRGIO REZENDES, HISTORIADOR, VEREADOR DA CULTURA C M PONTA DELGADA, HISTORIADOR, IHC – Instituto de História Contemporânea, Investigador Integrado História, Territórios e Comunidades srezendes@hotmail.com

Sérgio Alberto Fontes Rezendes nasceu em Ponta Delgada, Açores, e é Licenciado em História e Ciências Sociais (Via Ensino); Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento e Doutor em História Insular e Atlântica (séculos XV-XX) pela Universidade dos Açores, onde já lecionou.

Entre 2000 e 2010 foi subdiretor do Museu Militar dos Açores, tendo transitado pelo Museu Militar de Lisboa e Arquivo Histórico Militar.

Desde 2010, é docente de História no Colégio do Castanheiro em Ponta Delgada.

A sua produção museológica e bibliográfica centraliza-se na I metade do século XX, articulando a Etnografia e a História regional com a nacional e internacional, nomeadamente durante as Guerras Mundiais e enquanto destino de degredo e prisão política.

Pelo despacho n.º 1311/2014 de 30 de julho de 2014 da Secretaria Regional da Educação e Cultura do Governo Regional dos Açores, foi nomeado membro da Comissão Científica e Pedagógica responsável pelas orientações curriculares e metodológicas da disciplina de “História, Geografia e Cultura dos Açores” e pelo despacho n.º 30/SEADN/2014 da Defesa Nacional, vogal da Comissão de Turismo Militar dos Açores.

Como Presidente do Núcleo dos Açores da Liga dos Reservistas de Portugal, é representante nacional junto do DEFSEC - Defense Attitudes and Security Issues Committee do CIOR – NATO e Embaixador desta, junto às escolas. Da vasta bibliografia produzida, destacam-se as duas edições da Grande Guerra nos Açores: Memória e Património Militar (Letras Lavadas, 2014; Caleidoscópio, 2016); Ponta Delgada, no Centenário de todas as Mudanças (CMPD, 2017); Receios, privações e miséria num ambiente de prevenção armada: a II Guerra Mundial nos Açores (Caleidoscópio, 2019) e o Depósito de Concentrados Alemães na ilha Terceira: a História de uma reclusão forçada (Caleidoscópio, 2019), para além da coordenação de outras obras como A Grande Guerra e os Açores – da Estratégia Naval à Gripe Espanhola (Letras Lavadas, 2019). Já em 2020, “Açores e Macaronésia, Terras de Degredo Político em 1930” em Questões de Identidade Insular na Macaronésia (Coord. DUARTE, N., Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM).

A 04 de setembro de 2020 iniciou Pós Doutoramento na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a tese “Revirvalho e Pós Reviralhismo nos Açores: Deportação e Prisão na I República e Estado Novo (1913 – 1945)”.

BIBLIOGRAFIA SÉRGIO REZENDES

Áreas de Investigação - História Militar Açoriana:

- Fortificação da Idade Moderna;
- I Guerra Mundial nos Açores;
- II Guerra Mundial nos Açores;
- A Guerra Fria nos Açores;
- Campos de prisioneiros nas ilhas.

- Património e Museologia:

- O Património Imaterial das ilhas: crenças, medos e religiosidade;
- O Património Imóvel e Religioso das ilhas: repercussões na emigração Santacatarinense (Brasil);
- O Património Imóvel e Móvel: a constituição de roteiros por freguesias e a construção de núcleos museológicos locais.

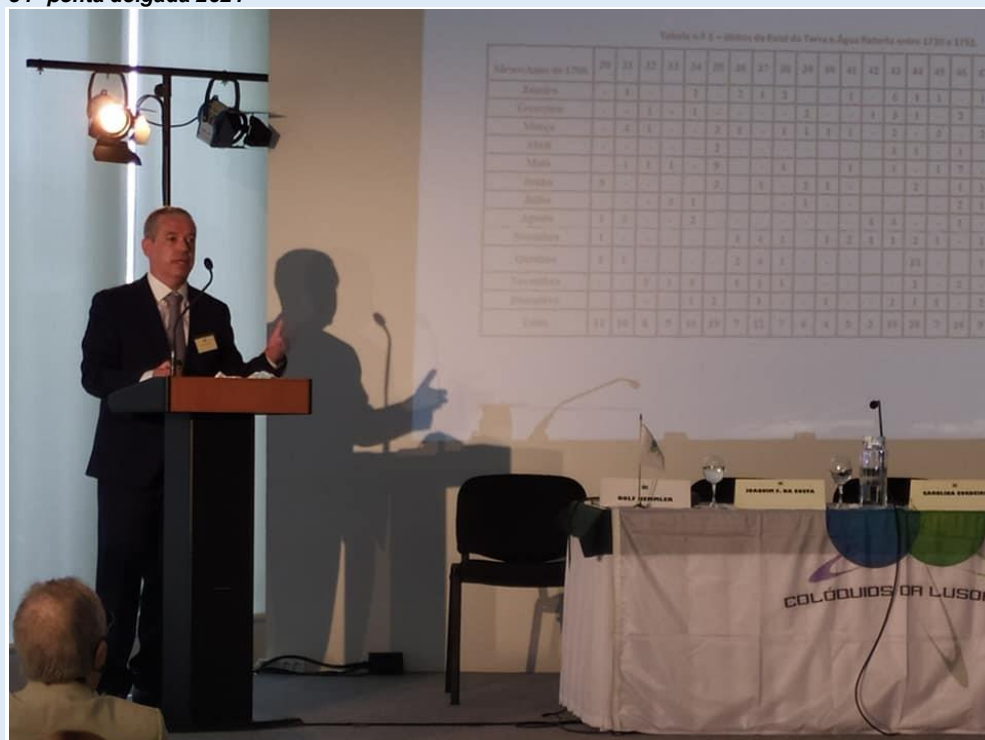
Registo ORCID [0000-0002-8821-709X](https://orcid.org/0000-0002-8821-709X) 2017/2018 - em atualização

Alguma bibliografia:

- (1999). “O Depósito de Concentrados Alemães na Ilha Terceira, as memórias de uma reclusão forçada,” *Insulana* vol. LVII. Ponta Delgada, ICPD: 67-143
- (2003), “O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo”. *Jornal do Exército* nº 524 dezº 16-18.
- (2004), “A História de uma mudança atual: a transferência do B.I.I. nº 18 para o quartel dos Arrifes em S. Miguel”. *Boletim do Regimento de Guarnição* nº 2, nº 2- II Série, junº: 89-96
- (2004), “Anais da História do Regimento de Guarnição nº 2: o 2º Batalhão Independente de Infantaria nº 18, Expedicionário a Angola 1946”. *Boletim do Regimento de Guarnição* nº 2 II Série, junº 97-105.
- (2004), “A Bateria de Costa de Ponta Delgada”. *Jornal do Exército* nº 525 janº: 12-16
- (2004), “O Alto da Mãe de Deus em Ponta Delgada”. *Atlântida* vol. XLIV. Angra do Heroísmo, IAC: 93 a 122
- (2005). “O convento de S João”. *Insulana*. ICPD nº 61: 15-38
- (2006). “Ao serviço da Nação”. *Motociclismo* jan.º nº 177. Motopress Lisboa
- (2007). “O património fortificado na ilha Terceira: o passado e o presente”, *Conferência Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, 25 julº*,
- (2008). “A bateria da Castanheira em Ponta Delgada: da II Guerra à atualidade”. *Atlântida* vol. LIII. Angra do Heroísmo IAC: 207 a 222
- (2008). “A Grande Guerra nos Açores. Memória Histórica e Património Militar”. *Tese de Mestrado. Texto Policopiado. Universidade dos Açores.*
- (2009). “A fortificação da idade moderna nos Açores: O caso específico das ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge”, *V Bienal de Turismo Rural Atlântico* 15-17 outº
- (2010). “O Museu Militar dos Açores e a fortaleza quinhentista de São Brás em Ponta Delgada”, *VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas, 1º Encontro Técnico de Gestores de Fortificações, Univ. Federal de Santa Catarina, Floripa, 31 mar - 2 abr,*
- (2010). “A fortificação da idade moderna nos Açores: o caso específico das ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge”, *VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas, Universidade Federal de Santa Catarina, Floripa, Brasil, 31 mar a 2 abr,*
- (2010). “As fortificações militares da idade moderna: as ilhas dos Açores como ponto de transição para o Brasil”, *palestra de Mestrado, Universidade de Univille, em Joinville, Santa Catarina, 2 abr.*



34º ponta delgada 2021



34º ponta delgada 2021

- (2010). “Memórias de uma avó: Água Retorta nos tempos de uma menina”, *II Congresso Internacional A voz dos Avós: Migração e Património Cultural, Fundação Pró Dignitate*
- (2010). “A Grande Guerra nos Açores”, *Palestra na Biblioteca Municipal de Ponta Delgada 9 junº*
- (2010). “O depósito de concentrados alemães na ilha Terceira 1916-1919: Memórias de uma reclusão forçada”, *I Jornadas Luso-alemãs, 12 novº, Universidade dos Açores.*
- (2010). “A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, *Congresso A República e as ilhas: História e Memória, 17 dezº CEGF e Universidade dos Açores.*
- (2010). “Em memória de um Ás da aviação nos Açores”. *Jornal do Exército* nº 592, fevº, *Exército Português*: 20-23
- (2010). “O motociclo militar”, *Frontline*, nº 22, maio, *HV-Press, Lisboa*, 42-46
- (2010). “Um hospital da II Guerra Mundial, nos Açores”, *Frontline* nº 19, fevº, *HV-Press, Lisboa*, 42-46.
- (2010), “A fortificação da Idade Moderna nos Açores: o caso específico das Ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge”, *Insulana*, ICPD
- (2011). “Ou–139 e a odisseia dos marinheiros do Augusto De Castilho: A Grande Guerra Nos Açores no âmbito das II Jornadas Luso-alemãs”, *palestra 11 novº, Dept.º de Línguas e Literaturas Moderna. Universidade dos Açores*

(2011). “A Grande Guerra Nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, Palestra 5 abr, Colóquio Internacional “Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto Internacional”, Angra Do Heroísmo, Terceira.

(2011). “O Farol Da Ferraria na senda do futuro: do passado ao presente”, Palestra 27 novº, Comemorações dos 110 anos Marinha de Guerra Portuguesa

(2011). “Os Açores na II Guerra Mundial: a ação da 5ª coluna e o tiroteio nas Capelas”. Boletim Do Regimento De Guarnição nº 1, III Série, junº: 61-68.

(2012). “A Arquitetura Militar Dos Açores”, palestra 15 junº Turismo Cultural e Arqueologia, org. Direção Regional do Turismo, Arqueomac, Madeira



30º MADALENA DO PICO 2018

(2012). “Os Açores nos primórdios da aviação: dos primeiros contactos às viagens de exploração alemãs, palestra 18 maio”. 3ª Jornadas Luso-alemãs, Univ. dos Açores

(2012). “O Jornal O Templo: o papel de uma mulher no tempo das nossas avós”, III Congresso Internacional “A Voz dos Avós: Gerações e Migrações”, Univ. dos Açores

(2012). “Memória de uma avó: Água Retorta nos tempos de uma menina”. A Voz Dos Avós. Migração, Memória e Património. Cultural. Colóquio; Fundação Pro Dignitate, Gráfica de Coimbra 2, Lisboa: 193-208

(2012). “As fortificações militares na idade moderna, os casos de São Miguel e Santa Maria”. Palestra 15 ago. Biblioteca Municipal de Vila do Porto

(2012). “As fortificações militares na idade moderna. as ilhas dos Açores como ensaio da experiência portuguesa: o caso da Graciosa”. Palestra 21 ago Centro Cultural da ilha Graciosa.

(2012). “German Tecnology in the Azores between the two World Wars”, Seminário Internacional “German Science in Southern Europe” FCSH-UNL

(2012). “Os Açores a ligar o mundo: do cabo telegráfico do séc. XIX À TSF da 1ª metade do séc. XX”, Seminário Internacional “Ligar o Mundo”, IHC, FPC.

(2013). “Os Açores, A 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional”, 1º Congresso 1ª República e Republicanismo, org. CEIS 20, Universidade de Coimbra, IHC, FCSH-UNL

(2014). “Os Açores, A 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional, seminário internacional "As relações transatlânticas entre a Europa, a América e as ilhas do Atlântico", Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea, Vila do Porto, Açores.

(2014). “Os Açores entre Guerras”, II Encontro A Europa no Mundo, A Europa entre Guerras 1919-1939, UNL

(2014). “A Lagoa e a I Guerra Mundial nos Açores: ecos e memória da I república nas relações transatlânticas”, Jornadas De História Local, Cineteatro Lagoense, Lagoa

(2014). “A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, “Small power is a power? the role and resilience of small and medium powers during the Great War 1914-1918”, Palestra 30 setº, Instituto De Defesa Nacional, Lisboa.

(2014). “A Gripe Espanhola nos Açores: Memória e património durante a grande Guerra”, 2º Congresso 1ª República E Republicanismo, Biblioteca Nacional, Lisboa

(2014). “A grande Guerra nos Açores e a concentração de prisioneiros alemães na ilha Terceira”, Prisoners of war in the twentieth century, actors, concepts and changes, FCSH-UNL, Lisboa

(2014). O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo, Açores, Prisoners of war in the twentieth century, actors, concepts and changes, FCSH-UNL, Lisboa

(2014). A Tecnologia Alemã nos Açores entre as duas guerras mundiais, A angústia da influência. política, cultura e ciência nas relações da Alemanha com a Europa do Sul 1933-1945. Frankfurt. Peter Lang Edition

(2014). “A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar" Anais do Clube Militar Naval, julº dezº, Lisboa: 521 - 567.

(2014). A Grande Guerra Nos Açores: Memória Histórica e Património Militar, Letras Lavadas, Ponta Delgada.

(2015). “A Fortificação da idade moderna nos Açores: o caso da ilha das Flores, das fortificações militares ao Geoturismo: Património Histórico, Cultural e Ambiental da ilha das Flores”, 9.º Encontro Cultural, Associação dos Amigos da Ilha das Flores.

(2015). “A Grande Guerra nos Açores e a concentração de prisioneiros alemães na ilha Terceira”, palestra 20 junº Museu Militar dos Açores, Ponta Delgada

(2015). “Lieutenant Walter S. Poague, of the US Marine Corps: an American view of Azores in 1918”, Seminário Turismo, Lazer E Guerra, IHC, FCSH-UNL, Lisboa

(2015). “A I Guerra Mundial nos Açores: aspetos da evolução político-militar”, palestra 4 julº Museu da Graciosa, Açores

(2015). “A Ilha Graciosa durante a II Guerra Mundial 1939-1945”, palestra 6 julº. Museu da Graciosa, Açores.

(2015). “À Conversa...Santa Maria nas duas guerras mundiais”, palestra 23 julº Biblioteca Municipal de Vila do Porto

(2015). “O bombardeamento de Ponta Delgada na Grande Guerra”. Debater a História nº 7, Vila Nova de Gaia: 50-58.

(2015). “Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional”, in República e Republicanismo, Lisboa, Ed. Caleidoscópio: 221-226.

(2016). “Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional”, Congresso Internacional A Guerra no Mar: combates e poder naval nos sécs. XIX e XX, IHC, Centro Cultural de Cascais.

(2016). "Os Açores na II Guerra Mundial", A Rádio de ontem, a rádio de hoje, Colóquio comemorativo dos 75 anos do Emissor Regional dos Açores (RDP), SATA, BPARPD

(2016). "A Emissora Nacional e os Açores na II Guerra Mundial", Seminário de Investigação Permanente Grupo Economia, Sociedade, Património e Inovação, IHC

APRESENTA “Os Açores na Atlanticidade do mar Português (1914-1991).

Trabalho final não-recebido

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

ESTEVE PRESENTE NO 13º COLÓQUIO EM FLORIANÓPOLIS, BRASIL 2010 QUANDO O CONGRESSO DO PROJETO FORTALEZAS SE REALIZOU EM SIMULTÂNEO COM O 13º COLÓQUIO. PARTICIPOU NO 30º COLÓQUIO NA MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 35º BELMONTE 2022





35º colóquio da lusofonia - abril 2022 - Belmonte



ISBN 978-989-8607-18-8



9 789898 607188

ISBN 978_989_8607_18_8